



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE

ENTRE VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS:
bixas pretas em uma escola pública de Salvador

por

AILTON SENA DE JESUS

ORIENTADOR: PROF. DR. LEANDRO COLLING

SALVADOR-BA
2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CULTURA E SOCIEDADE**

**ENTRE VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS:
bixas pretas em uma escola pública de Salvador**

por

AILTON SENA DE JESUS

ORIENTADOR: PROF. DR. LEANDRO COLLING

Dissertação apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial do título de Mestre.

SALVADOR - BA

2020

Jesus, Ailton Sena de.

Entre violências e resistências: bixas pretas em uma escola pública de Salvador / Ailton Sena de Jesus. - 2020.

186 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Colling.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2020.

1. Educação - Aspectos sociais. 2. Identidade de gênero na educação. 3. Discriminação de sexo na educação. 4. Discriminação na educação. 5. Homossexualidade e educação - Salvador (BA). 6. Racismo na educação - Salvador (BA). 7. Violência na escola - Salvador (BA). 8. Homofobia nas escolas - Salvador (BA). 9. Estudantes de grupos sexuais minoritários - Salvador (BA). I. Colling, Leandro. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. III. Título.

CDD - 371.8266

CDU - 37:316.647.82



Universidade Federal da Bahia

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos



Ata da Reunião da Apresentação Oral da Dissertação de AILTON SENA DE JESUS

Intitulada: “ENTRE VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS: BIXAS PRETAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SALVADOR”.

Aos 14 (catorze) dias do mês de setembro de dois mil e vinte, por meio de webconferência, foi instalada a Banca Examinadora da Apresentação da dissertação intitulada: “ENTRE VIOLÊNCIAS E RESISTÊNCIAS: BIXAS PRETAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE SALVADOR”. Após a abertura da sessão, foi composta a Banca Examinadora formada pelos professores: **Prof.(a) Dr.(a) Leandro Colling** – Orientador(a) - e pelo(a) examinador(a) externo(a): **Prof.(a) Dr.(a) Amanaiara Conceição de Santana Miranda** e interno(a) do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade: **Prof.(a) Dr.(a) Leandro de Paula Santos**. Conforme o Regimento Interno do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade foi dado o prazo de trinta minutos para que o/a mestrando/a fizesse a exposição do seu trabalho e trinta minutos para que os membros da Banca realizassem a arguição. Primeiro falou o/a avaliador (a) externo/a **Prof.(a) Dr.(a) Amanaiara Conceição de Santana Miranda**. Após o/a examinador(a) externo(a), fez suas arguições o/a **Prof.(a) Dr.(a) Leandro de Paula Santos**, avaliador(a) interna/o. Depois que os membros da Banca falaram, foi dado um prazo de trinta minutos para que o/a mestrando/a fizesse a sua réplica. Concluída a exposição, arguição e réplica, a Banca Examinadora se reuniu e considerou a dissertação de **AILTON SENA DE JESUS** como **APROVADA COM DISTINÇÃO**. Nada mais havendo a tratar, eu, **Prof.(a) Dr.(a) Leandro Colling** – Orientador(a) lavrei a presente ata que será por mim assinada, pelos demais membros da Banca e pelo/a mestrando/a.

Salvador, 14 de setembro de 2020.

Prof.(a) Dr.(a) Leandro Colling -

Prof.(a) Dr.(a) Amanaiara Conceição de Santana Miranda -



Universidade Federal da Bahia

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos



Prof.(a) Dr.(a) Leandro de Paula Santos

Mestrando(a) AILTON SENA DE JESUS -

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria José Sena de Jesus e Armando Cândido de Jesus. Obrigado por todo o investimento que vocês fizeram na minha educação mesmo quando não entendiam exatamente o que eu estava fazendo. Obrigado por confiarem e apostar em mim.

Aos meus amigos, que me incentivaram e torceram por mim desde a primeira tentativa de ingresso no mestrado. E nos momentos de desânimo, aflição e cansaço me transmitiram a confiança que eu havia perdido e me encheram de alegria. Obrigado, Jeferson Nicácio, Milena Anjos, Paula Souza, Alles Alves, Anderson Miranda, Matheus Cabral, Wesley Mota, Daniela Aquino, Lysia Ayana, Jéssica Lemos, Rodrigo Tsêdec.

Ao meu companheiro, Paulo Dhom, meu grande incentivador, que me acolheu e me deu conforto nas noites de angústia, ansiedade e medo de falhar. Me encheu com a confiança que ele tem em mim e me serviu com o amor mais genuíno e caridoso que eu poderia encontrar na vida. E, além disso, desempenhou um papel importantíssimo na primeira revisão dos meus textos.

À professora Edilene Sena e toda a equipe do Colégio Estadual Bolívar Santana. Obrigado por autorizar a realização da pesquisa nessa instituição, por intermediar o contato com os alunos, pelo apoio na impressão e divulgação dos jornais.

Aos quatro jovens que aceitaram contribuir com este trabalho. Obrigado pela confiança em compartilhar um pouco de suas histórias, suas dores e suas conquistas. Obrigado pelo tempo que dispenderam para me atender. Obrigado por terem possibilitado que esta dissertação fosse possível.

À Leandro Colling, pela orientação, pela troca, pela paciência. Obrigado por todo o apoio prestado na elaboração e condução deste trabalho, pela leitura atenciosa e revisão preciosa.

Aos/às colegas do NuCuS, em especial aos/às integrantes da linha de pesquisa e extensão em Gênero e Sexualidade na Educação.

RESUMO

Este trabalho analisa os modos como quatro estudantes não-heterossexuais e negros experienciam o ambiente escolar a partir dos marcadores de raça e sexualidade. A pesquisa foi realizada com alunos e ex-alunos da Colégio Estadual Bolívar Santana que, por meio de entrevistas, relataram suas vivências no ambiente de ensino e fora dos muros da instituição. As análises aqui apresentadas foram realizadas à luz dos estudos de gênero, raça e sexualidade a partir de uma perspectiva interseccional. A investigação aponta violências sofridas pelos informantes no ambiente escolar e, principalmente, as ressignificações e formas de enfrentamento que eles adotaram. Nesse sentido, as relações estabelecidas com outras pessoas que partilham experiências semelhantes e a arte desempenharam grande relevância para enfrentar a homofobia e o racismo.

Palavras-chave: Educação; Raça; Gênero; Sexualidade; Interseccionalidade; Arte

RESUMEN

Esta disertación analiza las formas en que cuatro estudiantes no heterosexuales y negros experimentan el ambiente escolar basado en marcadores de raza y sexualidad. La investigación se llevó a cabo con estudiantes y ex alumnos del Colégio Estadual Bolivar Santana, quienes, a través de entrevistas, informaron sobre sus experiencias en el ambiente de enseñanza y fuera de los muros de la institución. Las análisis presentadas aquí se llevaron a cabo a la luz de los estudios de género, raza y sexualidad desde una perspectiva interseccional. La investigación señala la violencia sufrida por los informantes en el entorno escolar y, principalmente, las renuncias y las formas de afrontamiento que adoptaron. En este sentido, las relaciones establecidas con otras personas que comparten experiencias similares y la arte han jugado un papel importante en la lucha contra la homofobia y el racismo.

Palabras clave: Educación; Raza; Género; Sexualidad; Interseccionalidad; Arte.

SUMÁRIO

I - APRESENTAÇÃO	9
II. VIADO PRETO PESQUISADOR	12
1. INTRODUÇÃO	20
1.1 INSTRUMENTOS METODOLOGIAS E COLETA DOS MATERIAIS DE PESQUISA.....	23
1.1.1 O jornal como metodologia de pesquisa	27
1.2 O BOLIVAR SANTANA.....	35
1.2.1 Você está liberado para todas as turmas? Limitações no trabalho investigativo	37
1.2.2 Os colaboradores	39
2. INTERSECCIONALIDADES	43
2.1 O FEMINISMO NEGRO E A INTERSECCIONALIDADE NO CONTEXTO NORTE-AMERICANO.....	44
2.2 PERSPECTIVAS E ABORDAGENS INTERSECCIONAIS.....	48
2.3 O PENSAMENTO INTERSECCIONAL NO CONTEXTO BRASILEIRO.....	50
2.4 MASCULINIDADES, RACISMO E HOMOFOBIA: ARTICULAÇÕES PARA PENSAR O GAY NEGRO.....	53
2.5 INTERSECCIONALIDADES E A PESQUISA SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA.....	60
3. UMA ESCOLA TRANQUILA?	65
3.1 GÊNERO E SEXUALIDADE.....	68
3.2 BULLYING E PRECONCEITO.....	72
3.3 VIGILÂNCIA E CONTROLE.....	79
3.4 ENFRENTANDO A VIOLÊNCIA EXPLÍCITA.....	86
3.4.1 Cena 01 – O cabelo como política	87
3.4.2 Cena 02 – Um corpo vírus na escola	90
3.4.3 Cena 03 – Preto demais	92
3.4.4 Cena 04 - “Por isso essa raça apanha”: justificativas para a violência	96
4. AGENCIAMENTOS E RESSIGNIFICAÇÕES	99
4.1 A VIOLÊNCIA É UMA CONSTANTE E NÃO UM DADO DA ESCOLA.....	101
4.1.1 Piadas, piadas, piadas	102
4.1.2 Muita gente não aceita que eu seja bissexual	104
4.2 UMA BICHA EMPODERA A OUTRA.....	109
4.2.1 As Winx: um estrutura o outro	110
4.2.2 A gente ocupa os espaços	113

4.2.3 As gays comandavam o colégio.....	116
4.3 A ARTE E A PROMOÇÃO DE PROCESSOS DE CURA	119
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
APENDICE A – Termo de Cessão de Informações para Fins Acadêmicos	132
APENDICE B – Entrevista com André.....	134
APENDICE C – Entrevista com Caique	144
APENDICE D – Entrevista com Cleiton	156
APENDICE E – Entrevista com Danilo	163
APENDICE F – Entrevista com Karen.....	172
APENDICE G – A VOZ DO BOLIVAR Edição de Março	178
APENDICE H – A VOZ DO BOLIVAR Edição de Abril	180
APENDICE I – A VOZ DO BOLIVAR Edição de Maio	182
APENDICE J - A VOZ DO BOLIVAR Edição de Junho/Julho	184

I - APRESENTAÇÃO

No decorrer deste trabalho, eu vou falar bastante de mim. Talvez mais do que eu gostaria de me expor, já que, depois de escrito e publicizado, eu não tenho domínio de quantas e quais pessoas terão acesso a informações tão íntimas ao meu respeito. Mas a premissa que me move nessa escrita diz que essa é uma forma de denunciar os sistemas de violências que permeiam as experiências e sentimentos aqui narrados. Essa exposição também tem como objetivo explicitar minha conexão pessoal, afetiva, política, subjetiva e corporal com este texto dissertativo e com as pessoas que ajudaram a construí-lo. Que me possibilitaram acesso às suas dores, angústias, desejos, conquistas, alegrias, enfim a parte de suas histórias. Um pouco de tudo isso a meu respeito também está diluído nas páginas que se seguem.

Contudo, lançando mão da palavra que dá nome a esse tópico, vou usar um pouco desse espaço para trazer aspectos sobre mim e minha trajetória até esse trabalho. Quero começar dizendo que essa dissertação é fruto dos investimentos feitos para ampliação do acesso ao ensino superior para as pessoas que têm sido, historicamente, excluídas dos espaços de poder, especificamente pessoas negras e pobres. Eu sou filho de um casal de agricultores, que apesar de terem tido pouco acesso ao sistema de educação formal, sempre me incentivaram para ter o conhecimento como meu maior bem. Mas ainda que tenham me apoiado e munido do essencial para que eu concluísse os primeiros níveis de formação, eles não podiam garantir, imaginar ou sequer sonhar que um dia eu poderia ingressar no ensino superior.

Somos nove irmãos. E para minhas sete irmãs, todas mais velhas, ir além da conclusão do chamado segundo grau era inimaginável. Dentre os fatores que impossibilitaram esses voos, estão questões de gênero e raça presentes tanto no ambiente escolar, quanto no seio de nossa família. Soma-se a isso a falta de oportunidades para que pessoas vindas de onde viemos e com os recursos financeiros que tínhamos. Como é muito comum em famílias pobres com muitos irmãos, são os mais novos que conseguem encontrar um cenário que lhes permite galgar melhores oportunidades. Foi o que aconteceu comigo, que não tinha irmãos menores de quem deveria cuidar, afazeres domésticos ou trabalho na roça para fazer. Além disso, ainda tive a sorte de concluir o ensino médio em um período da história do Brasil em que haviam possibilidades para pessoas negras e pobres adentrarem no ensino superior.

Durante minha vida inteira, estudei em escolas públicas. E, talvez, se não fosse pela reserva de vagas, não tivesse ingressado na UFBA. Sequer tivesse ousado sonhar com a possibilidade. Não tenho como prever o futuro, mas dificilmente teria ingressado na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom/UFBA), onde se contava nos dedos os alunos negros em sala de aula. Na minha turma, não chegávamos a um terço dos 30 novos estudantes. Contava-se com os dedos de uma mão. Foi por conta das cotas, um cursinho pré-vestibular organizado por voluntários e meses de estudo solitário, que consegui ingressar na UFBA. E foi devido aos serviços de assistência estudantil que consegui me manter.

Antes mesmo da matrícula, já tinha buscado informações sobre o serviço de residência. E foi em uma residência universitária que vivi durante quatro anos da minha graduação. Isso possibilitou que eu estivesse mais próximo da universidade e da diversidade de pessoas que ela passava a comportar a partir de determinado período. Foi na residência que conheci pessoas e histórias que apresentavam grandes semelhanças com a minha. E também tive a oportunidade de me reinventar. Ao me libertar dos olhos familiares, me senti livre para ser quem sou, gostar do que e de quem gosto. Ser um desconhecido para os outros, era tudo o que precisava para me conhecer, ou melhor dizendo, deixar sair tudo que tentei esconder.

Morar na residência universitária também me possibilitou criar as conexões que precisei para me manter na universidade. Nos intervalos de aula, a maior parte das conversas tratavam de viagens, festas, marcas e espaços que eu não tive e não tinha acesso. E estampavam o quanto eu estava deslocado naquele universo. Na residência, por outro lado, me conectava com pessoas que também vivenciavam realidades similares com seus respectivos colegas de curso. E nos fortalecíamos para reivindicar nosso direito de acesso ao conhecimento que aquelas pessoas socialmente abastadas iriam ter. Foram poucas as pessoas com quem tive amizade na Faculdade de Comunicação, menor ainda é o número daquelas com quem mantenho contato nos dias de hoje.

O acesso à pós-graduação também perpassou a reserva de vagas para pessoas negras. E, depois de matriculado, foi preciso lembrar ao programa que somente o acesso não era suficiente. Era necessário garantir a permanência dos alunos cotistas e isso implicava na revisão dos critérios adotados para distribuição das bolsas. Mesmo se tratando de um programa que estuda cultura e sociedade, o entendimento pelo colegiado com relação a esse dado não se deu sem que houvesse pressão por parte dos estudantes. Por conta dessa nova consciência, em 2018, as

bolsas do programa foram distribuídas dando prioridade aos estudantes cotistas. E em seguida os critérios de distribuição de bolsas foram revistos.

Ainda em 2018, a ciência de que era necessário rever os critérios meritocráticos de distribuição de bolsas a fim de criar um discurso coerente com a criação de reserva de vagas na pós-graduação para pessoas socialmente excluídas fez com que a Pró-Reitoria de Ensino de Pós Graduação da UFBA divulgasse edital para distribuição de bolsas com base na situação de vulnerabilidade social. Esse instrumento garantiu que este trabalho pudesse ser concluído sem que eu tivesse de dar prioridade a questões mais urgentes, como garantir renda para alimentação e moradia.

O projeto de pesquisa que me traz a essa dissertação está estruturado na concepção de que o pessoal é político, slogan popularizado pelo Movimento de Libertação das Mulheres. Graças a ele, promovi uma mudança de campo de estudo no momento em que resolvi continuar minha trajetória acadêmica após a conclusão da graduação em Comunicação. Eu queria falar das questões que me tocavam íntima e pessoalmente. Queria dar continuidade a um processo que esbocei iniciar em 2013, quando elaborei o anteprojeto de monografia intitulado *A construção do LGBT no Grupo A tarde: estudo comparativo dos jornais A Tarde e Massa!* A investigação estruturada no projeto nunca foi executada, pois me interessei por outras questões e guardei o desejo de encabeçar discussões ligadas a gênero e sexualidade para outro momento: que se concretiza neste trabalho dissertativo.

A ideia de atrelar o pessoal com a dimensão política chama atenção para a necessidade de reconhecer que aquilo que marca as nossas experiências “individuais” pode ter sido definido pelas estruturas que agenciam a vida pública. E deve ser tomado como agente de mudança a partir do reconhecimento dos laços que unem essas “individualidades”. Ao me aproximar do pensamento feminista, passei a vislumbrar a possibilidade de produzir conhecimento científico sem me afastar de mim, sem lançar mão de uma lógica de raciocínio e de escrita que atua no sentido de anular o indivíduo para ressaltar o que ele diz, como se um não tivesse relação com o outro. Neste trabalho dissertativo, valho-me dessa epistemologia para estruturar conhecimento científico que também é conhecimento de mim. E que só foi concebido por conta de sua extrema ligação com a pessoa que escreve. Por isso, considero importante apresentar o sujeito que fala.

Mais que um exercício de demarcar meu lugar de fala – expressão popularizada dentro dos movimentos sociais e sobre a qual a filósofa Djamila Ribeiro (2017) escreveu um livro – penso que o diálogo aqui se dá mais a partir da ideia de sujeito encarnado. O conceito, presente em trabalhos como o de Amanaiara Conceição De Santana Miranda (2018), aponta para uma conexão indissociável entre as experiências corporal e vivencial na determinação do exercício da pesquisa. Acredito que ela seja mais adequada para pensar a configuração que adoto neste trabalho porque o lugar social a partir do qual estou posicionado para falar de qualquer assunto é, de algum modo, mais ou menos fixo. E, ao dizer isso, não desconsidero os fluxos identitários e relacionais, mas ressalto que, caso estivesse produzindo conhecimento acerca de qualquer outro tema, meu lugar de fala perante ele não apresentaria diferenças significativas do que tenho perante esta pesquisa. Contudo, minha relação afetiva, corpórea e subjetiva seria outra. E é justamente essa afetividade, corporeidade e subjetividade que aciono para pensar, em 2016, o projeto de pesquisa que submeto pela primeira vez, sem aprovação, na seleção de mestrado; aciono para produzir conexões com os informantes que possibilitam a obtenção de material para construção do texto; e aciono para construção das análises que aqui estão postas.

II. VIADO PRETO PESQUISADOR

Diferente da maioria dos/as pesquisadores/as que se debruçam a estudar temas ligados à educação, eu não sou educador. Até cursar o componente de Tirocínio à Docência, eu só havia estado em sala de aula desempenhando o papel de aluno. Não comungo dos saberes de profissionais que atuam, diariamente, em unidades de ensino, sejam elas públicas ou privadas. Não vivencio as dinâmicas existentes nos corredores das escolas, tampouco estou a par do que é ser professor/a ou qualquer outro/a funcionário/a que integra uma comunidade escolar. Contudo, não creio que isso seja um impeditivo para que, como pesquisador, eu possa falar sobre esse lugar. Obviamente, o discurso que produzo sobre a escola e as relações que analiso são diferentes do que seria elaborado por um/a educador/a, técnico/a ou gestor/a da instituição. A noção de lugar de fala, sintetizada por Ribeiro (2017), aqui poderia ser tomada para explicar as distinções entre os sujeitos de discurso e as limitações e potencialidades que as variadas posicionalidades conferem a cada um deles.

A autora exemplifica que “uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa” (RIBEIRO, 2017, p.84). Não há dúvidas de que a representatividade e a luta pelos espaços sociais de poder é a questão central trazida pelo exemplo. Contudo, ele também deixa subjacente a noção de que existem lugares de fala distintos, mas legítimos para produção de conhecimento sobre um mesmo tema. Nesse trabalho, o lugar que ocupo não é de profissional da educação, mas de alguém que chega à escola/educação como ambiente de pesquisa, principalmente, por conta de sua identificação com a raça e orientação sexual dos colabores com os quais se propõe a dialogar. Desse modo, acredito que o lugar de escrita que assumo nessa dissertação corresponde ao que Conceição Evaristo (2017) descreve como “escrevivência”. Trata-se de “uma escrita que nasce das vivências, vivendo para narrar, narrando o que vive” (2017, p.7-8). Por isso, peço licença aos profissionais da educação ao traçar reflexões sobre o seu espaço.

Costumo dizer que sou um gay de auto identificação tardia. É somente quando deixo a cidade de Amélia Rodrigues (BA), no interior baiano onde cresci, que consigo me afirmar como homem gay, a partir de um processo no qual a representatividade tem papel fundamental. É quando encontro outros jovens gays que consigo elaborar os sentimentos que, por medo, vergonha e não aceitação, vinha tentando sufocar dentro de mim. Me reconhecer em outros indivíduos e contar com a solidariedade deles foi crucial para essa aceitação pessoal e externalização do indivíduo aprisionado. Eu já sabia que era gay. Acho que em 2005, aos 15 anos, quando acompanhei a história de Júnior, personagem interpretado por Bruno Gagliasso, na novela *América*, da Rede Globo, tive certeza do porquê não conseguia me enturmar plenamente com os outros garotos. Não era só um problema de timidez, eles já sabiam disso e alguns expressavam essa distinção que havia entre nós por meio de comentários jocosos, apelidos e “brincadeiras”.

Enquanto acompanhava o desenrolar da trama do personagem Júnior - um adolescente exemplar, de quem a mãe morria de orgulho, mas que sofria por saber que não atenderia às expectativas que a genitora tinha sobre ele – eu me via representado. Os medos, dilemas e anseios daquele personagem, de alguma forma, falavam de mim. Não se tratava de uma representação mimética, não era eu quem estava na TV todas as noites, não era minha história que estava sendo contada. Mas os textos e significados presentes naquela história estavam, de alguma forma, ligados a mim. Os problemas advindos de uma dissidência sexual e de gênero,

ou melhor, a estrutura social existente para essa dissidência, estabeleciam a conexão entre mim – um jovem negro, filhos de agricultores, morando na zona rural de Amélia Rodrigues – e de Júnior – o jovem branco, de olhos azuis, filho de fazendeiros, em Barretos (SP).

Tomaz Tadeu da Silva (2012), refletindo sobre a produção da identidade e da diferença, afirma que a representação tem um papel fundamental nesse processo. Segundo ele, a identidade e a diferença adquirem sentido por meio da representação. Pensando a partir dessa premissa, sou levado a acreditar que, quando as questões que me atravessavam se materializaram a partir do personagem Junior, pude entender, mais nitidamente, quais eram as dimensões da diferença que me afastavam dos outros meninos e de que forma isso se estruturava em uma identidade. Por meio da história de um jovem que enfrentava uma série de dilemas por não performar a masculinidade hegemônica, pude examinar a mim mesmo através de um outro ponto de vista. Talvez, a representação tenha sido tão importante nesse processo porque, naquele momento, eu não tinha desejo afetivo sexual por garotos e as construções sociais de gênero/sexualidade eram tão presentes subjetivamente que eu desejava uma família tradicional.

O modo como Tadeu da Silva pensa a representatividade advém de uma perspectiva pós-estruturalista, por isso, é desprovida dos pressupostos realistas e miméticos presentes na filosofia clássica. Em vez disso, ela é compreendida em sua instabilidade e indeterminação como um sistema de significação cultural ligado a relações de poder. Isso significa dizer que “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, 2012, p. 91). É por isso que a representatividade se torna tão importante para os movimentos sociais e, ainda que muitas vezes sua defesa se dê dentro de perspectivas miméticas e, por conseguinte, inatingíveis, ela é fundamental para pensar a produção de novos discursos sobre os grupos subalternizados, autorreconhecimento e enfrentamento às violências estruturais.

Stuart Hall (2012) complementa essa reflexão sobre representação ao afirmar que ela tem papel fundamental para pensar a questão das identidades na modernidade tardia. Segundo ele, identidades na sociedade globalizada tem a ver tanto com tradições, mitos e criações que as estruturam a partir de um discurso de coletividade e pertencimento quanto com as formas de representação e seus impactos nos modos como os sujeitos podem representar a si mesmos. Nesse sentido, o personagem Júnior foi importante pois ofereceu, em uma das poucas vezes na televisão brasileira, a possibilidade de retratar o homossexual fora dos estereótipos que servem

de alívio cômico nas narrativas, mas sim como um indivíduo complexo, com anseios, desejos, amores, angústias etc.

Por outro lado, ele representava também a figura do gay asséptico, que cumpria as exigências da sociedade branca heteronormativa e, por isso, poderia ser aceito. Desse modo, a identificação com esse personagem implicava na negação de figuras homossexuais tidas como espalhafatosas e que, muito antes de Júnior, já estavam nos canais de televisão abrindo portas para outros gays. O Jorge Lafond foi uma dessas figuras. Gay, negro e afeminado, ele deu vida à personagem Vera Verão, que conheci aos 11 anos no humorístico *A Praça é Nossa*, do SBT. Durante todos os anos em que estive à frente das câmeras, sem medo de se mostrar, Lafond operacionalizou política para a existência de corporeidades dissidentes. No entanto, acredito que a identificação com o personagem de *América* se deu porque vivíamos momentos semelhantes de descoberta e angústia pela sexualidade. Mas não posso desconsiderar que, tendo em vista a cultura e os valores sociais atribuídos a pessoas como Vera Verão, minha identificação com a personagem, naquele momento, não era uma possibilidade. Desse modo, Junior serviu para reiterar uma performance de gênero e sexualidade que poderia ser associada a valores normativos. Nos cruzamentos entre as diferentes identidades, a ideia da representação evidencia suas lacunas, pois não consegue dar conta das complexidades dos indivíduos.

A partir de uma leitura da obra de Frantz Fanon (2008), o fato de me sentir representado por Júnior pode ser pensado como reflexo do apagamento de referências negras. Em *Pele negra, máscaras brancas*, o psiquiatra afirma que os códigos positivos acerca do branco aos quais nós negros temos acesso desde a infância, através dos distintos tipos de mídia, faz com que adotemos subjetivamente uma atitude de branco. Contudo, é a partir das interações que as ilusões de simetria se desfazem. “O preto, diante da atitude subjetiva do branco, percebe a irrealidade de muitas proposições que tinha absorvido como suas. Ele começa então a verdadeira aprendizagem” (FANON, 2008, p. 133). Comigo, o processo de perceber a negritude como elemento que me distinguia dos outros homossexuais aconteceu quando iniciei a busca por sexo ou afeto.

Em Salvador, a “cena gay” contrastava completamente com o que existia em Amélia Rodrigues. Parecia não haver armários e, se havia, eram quebrados desde muito cedo. Os adolescentes, sobretudo nos pontos de ônibus com uniforme escolar, pareciam estar muito bem resolvidos com sua sexualidade. Ver aqueles meninos fardados nos pontos de ônibus, shoppings

e praças da cidade falando sobre suas experiências, andando de mãos dadas, se tratando como “bicha” e “viado” me causava certa nostalgia da minha época de escola. Viver minha sexualidade no período colegial, assim como para grande parte dos corpos dissidentes como o meu, era inimaginável. É a partir de então que surgem os questionamentos: como é ser, assumidamente, um gay na escola? Esses meninos sofrem violências dos colegas, professores, funcionários? Ou será que essa liberdade ocorre apenas fora dos muros da escola?

Essas foram algumas questões que me trouxeram a este trabalho, que considero uma escrita de mim mesmo. Uma tentativa de acertar contas com o passado de menino comportado e estudioso que tentava se camuflar entre os colegas heterossexuais; adolescente que justificava com “dedicação aos estudos” a falta de “namoradinhas” para a família; se policiava nos gestos, olhares, modo de falar e temas sobre os quais falava para não ter sua sexualidade questionada. Mas, apesar de tanto esforço, não conseguia se livrar de apelidos como caneco¹, entre outras insinuações sobre a sexualidade, mesmo quando nem ele mesmo a elaborava.

Naquele momento, a raça também estava presente, mas não parecia algo importante. Não era uma “grande questão” para mim. Ela indicava os meninos e meninas em quem via beleza e possibilidade de atração, ao mesmo tempo em que dizia que eu não fazia parte desse grupo. Ela estava no quadro de professores das duas escolas, ambas públicas, nas quais estudei, majoritariamente composto por pessoas de pele clara. Ela dizia, que na comemoração do folclore brasileiro, eu podia ser o Saci, jamais o Curupira. E as duas meninas de cabelo liso podiam alternar no papel da Iara. A raça sempre esteve presente. Mas não era tensionada, as coisas pareciam estar do jeito que deveria. No entanto, sentir-se ou ser apontado como um menino feio está longe de ser algo confortável. Olhar no espelho e não gostar do tamanho e formato do nariz, buscar métodos para promover o afilamento; crescer sem conhecer o próprio cabelo, pois ele precisa ser cortado mensalmente para se enquadrar num padrão de beleza, são coisas que denotam construções racializadas acerca do belo e que produzem subjetividades e estima (ou falta de) para alguns corpos e sujeitos.

Olhando agora em retrospectiva, me arrisco a dizer que a prisão subjetiva na qual as pessoas negras são colocadas em virtude de todo o discurso inferiorizante acerca de sua cor dificulta sua associação com outras identidades subalternizadas. Como eu poderia querer me assumir gay, quando já era preto, pobre e “da roça”? Obviamente, as pessoas têm subjetividades

¹ Gíria usada para designar ânus, cu e insinuar a homossexualidade daquele a quem se refere.

distintas e respondem de maneiras distintas às situações nas quais são colocadas. Contudo, me atrevo a dizer que a posituação dos marcadores aos quais se está estruturalmente associado unificam as diferentes possibilidades de agenciamento.

Aqui gostaria de ressaltar a relevância dos livros *Apartamento 41* e *O terceiro travesseiro*, ambos de Nelson Luiz de Carvalho. Esses foram os primeiros textos literários nos quais encontrei existências não heterossexuais e que, de alguma forma, contribuíram para a produção de outras formas de inteligibilidade para minha própria sexualidade. Outro trabalho que vale atenção especial foi o livro *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha. O romance entre o marinheiro negro ex-escravizado e o marinheiro branco me fascinava, ao mesmo tempo em que me cegava para uma série de questões ali presentes sobre as quais é importante fazer uma reflexão crítica. O título foi o primeiro livro da literatura brasileira a apresentar um protagonista homossexual e negro, talvez, justamente por isso, esteja repleto das fantasias coloniais brancas sobre o homem negro.

Amaro, embora seja a principal personagem da obra de Caminha (1985), tem sua humanidade questionada ao longo de todo o livro e descrições como “rude como um selvagem” (p.18), “pedaço de bruto” (p.20), “um animal inteiro” (p.20), “animal selvagem” (p. 21), “Hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera” (p. 38), “um animal feroz” (p. 54) são utilizadas para justificar a vigilância constante a que estava sujeito, bem como sua dificuldade em viver em sociedade. (OLIVEIRA, 2017, p. 42)

A análise do livro feita por Megg Rayara Gomes de Oliveira também aponta que a sexualidade de Amaro, o *Bom-Crioulo*, era o fator que fazia com que ele fosse visto como um sujeito obsessivo e com sentimento de posse sob o parceiro. Apesar das questões problemáticas presentes na obra, junto com os outros títulos mencionados, ela constitui um ambiente de referência para as identidades que eu passava a assumir a partir de um dado momento. Ao mesmo tempo, apontava uma dimensão histórica da sexualidade humana que dizia não ser coisa nova o desejo de um homem por outro.

O racismo presente no texto de Adolfo Caminha também não era um aspecto isolado, mas um traço da sociedade do séc. XIX. E um fenômeno presente em outros contextos além do brasileiro. Observando o contexto francês, o martinicano Frantz Fanon (2008) converteu em produção acadêmica as implicações do racismo nas subjetividades de negros e brancos e afirmou que a busca do negro pelo amor branco é uma tentativa de obtenção da humanidade. E é justamente quando passo a investir nas relações afetivo amorosas que o cruzamento entre raça e sexualidade se tornou mais evidente em minha trajetória. Nos aplicativos de relacionamento,

as mensagens de “não curto negros” e “não curto afeminados” minavam uma autoestima já fragilizada e indicavam que o meu corpo não era digno de desejo, muito menos afeto. Quando havia desejo, ele findava em si mesmo e a relação se resumia ao sexo.

É na busca por aceitação e afeto que, lá pelos anos de 2012, começo a fazer musculação. A essa altura, já tinha entendido qual o perfil do negro que tinha mais chances na disputa no escasso mercado afetivo sexual dos aplicativos de relacionamento para gays. O cabelo liso e a pele clara dos perfis mais disputados eram uma realidade impossível para mim, mas havia a possibilidade de trabalhar o corpo e me encaixar no perfil do “negão gostoso”. Esse investimento na adequação do porte físico é uma estratégia bastante comum entre homens negros. No artigo *Hipersexualização, autoestima e relacionamento inter-racial*, Caio César (2019) compartilha experiência semelhante vivida por ele e afirma ter ouvido relatos de outros homens negros que buscaram na construção do corpo musculoso refúgio para a escassez afetiva criada pelo racismo. Essa apropriação do estereótipo do “negro gostoso” pode ser pensada como assimilação e aceitação de um projeto de masculinidade. Contudo, como bem nos lembra Caio César, essa adequação está posta dentro da lógica racista e está relacionada aos padrões de beleza que ela determina e à construção da autoestima dos sujeitos excluídos dessa estrutura.

Em certa medida, essa estratégia me trouxe resultados. Usando fotos de um corpo definido nos perfis do *Grindr* e *Scruff*, passei a receber muito mais mensagens de respostas e início de conversas do que recebia antes. Os usuários que manifestavam sua gordofobia e racismo explicitamente continuavam lá, mas existiam outros que passavam a ver meu corpo (não necessariamente a mim) como desejável. Mas agora o conflito se dava com outra armadilha racial: a hipersexualização. Eu tinha me tornado um “negão gostoso” e, não sem razão, a busca pelo termo ou pelo correlato “negro gostoso”, no Google, resulta numa lista de vídeos pornô, majoritariamente gays. Nesses conteúdos, geralmente, o gay negro é sexualmente ativo (penetrante), tem corpo definido ou musculoso, pênis avantajado e o sexo é violento, quase animalesco, remontando a construção racial do negro como animal selvagem.

A experiência construída nos roteiros desses filmes pornô parecia ser, muitas vezes, buscada pelas pessoas que estabeleciam contato comigo nos aplicativos. As imagens de corpo que eu utilizava no ícone eram chamariz para abordagens que se concentravam em saber “tamanho do dote”, ver imagens, e confirmar o fato que já era implícito para meu interlocutor: eu era sexualmente ativo. Os resultados dessas interações, em grande parte das vezes, foram

feridas que se criavam todas as vezes em que uma interação era interrompida depois do envio da foto de rosto, geralmente depois das imagens de corpo, especialmente do pênis. Esses eventos demonstravam o quanto o corpo era desejado, mas não o sujeito. Ou era desejado na medida em que atendesse as expectativas do outro com relação ao tamanho do pênis e papel no intercurso sexual. Eu também já tinha internalizado as construções sociais acerca do belo, do desejável e digno de afeto no que tange à performatividade de gênero e isso interferiu nos movimentos de busca e recusa afetiva.

Nesse trabalho, o interesse por pautar raça e sexualidade condiz com o que é apontado por João Bôsco Hora Góis (2003) acerca do perfil dos pesquisadores que se interessam em discutir homossexualidades a partir da década de 1970. Segundo ele, os estudos começam a ser produzidos por “pessoas homoeroticamente inclinadas e/ou que assumiam uma postura positiva em relação ao homoerotismo” (GÓIS, 2003, p. 290). A partir desse momento, a busca pelas causas, origens e consequências maléficas da homossexualidade perderam espaço para investigações sobre a construção social dos significados a ela associados e dificuldades enfrentadas por homossexuais na sociedade brasileira.

Centralizar a pesquisa no âmbito da educação, de alguma forma, é uma maneira de evidenciar como esse tipo de debate no espaço escolar faz diferença na trajetória dos indivíduos e teria feito diferença na minha. Esse tipo de destaque faz-se necessário, sobretudo, diante de um cenário aterrador para as pessoas comprometidas com o enfrentamento às desigualdades de gênero, raça, sexualidade e classe. Esse contexto se acirra com a eleição ao cargo máximo do poder executivo de um homem que se assumia abertamente homofóbico, fazia referência ao peso de pessoas negras usando unidade de medida para animais, defendia que mulheres ganhassem menos que homens pelo simples fato de engravidar, entre outras barbaridades. Na escola que resolvi analisar, via o que parecia ser um protótipo de como as relações entre as diferenças poderiam se dar e foi por isso que resolvi dedicar meses de estudo e pesquisa para entender como esse espaço era possível e em que medida ele era real não só pra mim, mas, principalmente, para as pessoas que rotineiramente estavam ligadas a ele.

1. INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa que desemboca neste texto é uma versão atualizada do material que foi submetido ao mesmo programa de mestrado no ano anterior. Por razões que nunca ficaram inteiramente elucidadas para mim, fui reprovado na última etapa da seleção de 2017. Durante a entrevista, fui acusado, por um dos membros da banca, de oportunismo por usar minha identidade racial como uma das justificativas do projeto e, repetidas vezes, questionado acerca do motivo de não o ter indicado como um dos possíveis orientadores para o trabalho, já que ele era um dos poucos integrantes do quadro de professores permanentes que discutia a questão racial no Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade. Essa situação evidencia que a academia tem ritos e processos, inclusive seletivos, nos quais as subjetividades, egos e desejos pessoais falam mais alto. Não que eu queria aqui fazer a defesa de qualquer ideia de objetividade (a justificativa principal da minha pesquisa não me autoriza a isso), mas é importante que estejamos atentos aos modos como as subjetividades emergem e interferem nos processos.

De volta às motivações para o desenvolvimento desta pesquisa, é importante pontuar o debate sobre o Escola Sem Partido, um movimento político que embasa projetos de leis municipais, estaduais e federal contra aquilo que eles entendem por “doutrinação ideológica” nas salas de aula. No seu site oficial², o movimento afirma que, “a pretexto de transmitir aos alunos uma ‘visão crítica’ da realidade, um exército organizado de militantes travestidos de professores prevalece-se da liberdade de cátedra e da cortina de segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo”. Sob a máscara de um discurso de neutralidade no processo de ensino aprendizagem, o movimento tenta impedir a discussão, na escola, de temas associados à política de esquerda, como questões de raça, gênero e sexualidade. Nesse sentido, o projeto que tramitava na Câmara dos Deputados propunha que os pais intervissem na educação recebida pelos filhos, a fim de fazer com que ela estivesse de acordo com suas convicções morais e religiosas.

Como informa Ana Letícia Bonfanti e Aguinaldo Rodrigues Gomes (2018), o objetivo presente nas ações do Movimento Escola sem Partido era impedir o debate que problematiza as hierarquias, desigualdades e violências de gênero que estrutura a família patriarcal que, junto

² Ver: <https://www.programaescolasempartido.org/movimento> - Acesso em: 25 abr 2019

com a heterossexualidade compulsória e a cisgeneridade, legitima opressões contra todos os corpos que escapam dessas estruturas. Para isso, é necessário que o poder do patriarca esteja legitimado em todos os espaços sociais, inclusive a escola. Nesse processo, a dimensão racial também está presente, uma vez que a configuração de família e relações sociais eram diferentes em comunidades anteriores à colonização. De acordo com a pesquisadora nigeriana Oyèrónkè Oyèwùmí (2017), a categoria gênero inexistia no contexto da sociedade Yorubá pré-colonial. As relações eram organizadas em conformidade com o que ela chama de senhoridade – idade relativa. E, nesse contexto, algumas práticas não-monogâmicas faziam parte da cultura.

Em caso de impotência do companheiro sexual conjugal, a esposa podia ter relações sexuais com outro integrante da família ou com alguém de fora. Os filhos dessa relação seriam considerados do companheiro, uma vez que a paternidade não dependia de que ele fosse o pai biológico. (OYÈWÙMÍ, 2017, p 104, tradução nossa)³

Ao reconstruir a cosmologia e instituições socioculturais da sociedade Yorubá pré-colonial, a pesquisadora evidencia como o discurso de gênero sobre aquele contexto se deu a partir de uma construção interpretativa por parte de sujeitos nos quais as hierarquias de gênero estavam internalizadas. E, desse modo, produziu leituras viciadas.

Até o final de julho de 2016, um levantamento feito pelo site de notícias G1, junto a assembleias legislativas e no Congresso Nacional, apontava a existência de nove estados brasileiros, além do Distrito Federal, com pelo menos um projeto de lei semelhante ao que tramitava na Câmara dos Deputados. Tudo isso, acontecia num contexto político em que a presidente Dilma Rousseff havia sofrido um processo de impeachment juridicamente⁴ questionável. E, durante seu julgamento, os/as deputados/as justificavam os votos favoráveis com “defesa da família, moral e bons costumes” e exaltação a torturadores da ditadura. Nesse cenário, a aprovação de um projeto de lei como o Escola sem Partido era uma possibilidade que assombrava educadores/as e pessoas comprometidas com uma educação pautada nos princípios listados no artigo 206 da Constituição Federal, nas diretrizes e bases instituídas pela Lei de

³ En caso de impotencia del compañero sexual conyugal, la aya podía tener relaciones sexuales con un integrante de la familia o con un fuereño. Las criaturas se consideraban de su compañero ya que la paternidad no dependía de haber sido el padre biológico. (OYÈWÙMÍ, 2017, p. 104)

⁴ Contra a presidente pesava a acusação de ter feitos manobras fiscais, conduta que vinha sendo realizada por todos os governos com base na interpretação dominante da Lei de Responsabilidade Fiscal. Contudo, ela foi inocentada no Ministério Público e, se sua prática fosse considerada crime, a maior parte dos governos estaduais também deveriam responder por ela. Dois dias após o impeachment, o presidente da Câmara dos Deputados, no exercício de presidente interino, sancionou a Lei 13.332/2016, que torna aceitáveis as tais manobras fiscais.

Diretrizes e Bases da Educação Nacional e outros documentos que versam sobre a educação no Brasil.

As implicações advindas do silenciamento que o Escola Sem Partido produziria para as questões de raça, gênero e sexualidade na escola também me preocupavam, pois sei, por experiência própria, como a invisibilidade pode promover sofrimento. Além disso, eu já estava engajado nos estudos sobre as mencionadas categorias. Ainda na graduação, em 2011, ingressei no Centro de Comunicação, Cidadania e Democracia (CCDC/UFBA) para trabalhar em uma pesquisa que investigava a violação de direitos humanos na mídia baiana; em 2017, iniciei um curso de especialização em Educação em Gênero e Direitos Humanos, oferecido pela Superintendência de Ensino à Distância da UFBA; e já fazia parte do antigo grupo de pesquisa em Cultura e Sexualidade (CuS), que se converteu, em 2018, no Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCuS), com cinco linhas de pesquisa, entre elas Gênero e Sexualidade na Educação, da qual faço parte.

Todo o cenário descrito me levou ao projeto de pesquisa do qual resulta este trabalho. A ideia inicial era entrevistar estudantes de escolas públicas de Salvador, autodeclarados homossexuais negros e, a partir desse material, refletir sobre a importância de discussões sobre gênero, raça e sexualidade no contexto escolar. Com esse intuito, entrei em contato com alguns amigos compartilhando o meu projeto de pesquisa e solicitando o contato de estudantes que pudessem colaborar com a pesquisa. A iniciativa deu frutos e, por meio delas, consegui conversar pessoalmente ou virtualmente com alunos de cinco instituições de ensino de Salvador, mas foi ao conhecer dois alunos do Colégio Estadual Bolívar Santana⁵ que tive a certeza de que precisaria focar o trabalho nessa unidade de ensino.

Durante a conversa, me chamou atenção o cenário de “tranquilidade” que eles relatavam viver na escola, que segundo eles, tinha um grande número de estudantes assumidamente gays. O cenário era totalmente diferente do que é preconcebido no que diz respeito às relações de raça, gênero e sexualidade na escola e do que os demais estudantes com quem tive contato relataram viver na unidade em que estudavam. Outro fator que contribuiu para uma revisão do projeto original foram as críticas que recebi por não definir uma escola para a pesquisa e por propor a análise de um contexto ao qual, como pesquisador, não tinha tido acesso direto. Além

⁵ A unidade escolar integra a rede pública estadual de ensino e está localizada no Centro Administrativo da Bahia (CAB).

disso, passou a me incomodar a ideia de realizar uma investigação na qual o contato com os colaboradores se daria de forma esporádica, apenas para que eu coletasse aquilo que era de meu interesse sem garantir que aquelas pessoas teriam algo em troca. Essas inquietações me levaram não só a melhor delimitar meu âmbito de pesquisa, como também a estruturar a metodologia para seu desenvolvimento.

1.1 INSTRUMENTOS METODOLOGIAS E COLETA DOS MATERIAIS DE PESQUISA

Como não sou membro da comunidade à qual me propus pesquisar, senti necessidade de criar algum mecanismo que possibilitasse minha inserção naquele contexto e acesso, ainda que parcial, à realidade vivida pelos alunos do Bolívar. É nesse processo que surge a ideia de criar um jornal escolar junto com os estudantes que se identificassem como homossexuais negros. O veículo deveria ser operacionalizado como meio de criar um vínculo menos fortuito com os meus colabores e, principalmente, como metodologia de pesquisa. O jornal mensal pautou temas transversais ao projeto educacional e tentou contribuir para que os participantes aprimorassem e desenvolvessem habilidades comunicacionais, sobretudo de escrita textual.

O projeto do jornal foi apresentado aos/às professores/as e alunos/as das turmas de ensino médio da escola como sendo parte de minha pesquisa e destinado, preferencialmente, aos alunos que se identificassem como homossexuais negros. E de início, contou com a inscrição de dois alunos – diferentes daqueles dois primeiros com os quais eu havia feito contato – que demonstram interesse em participar do jornal e da pesquisa. Na terceira semana de produção do jornal, a pesquisa, que inicialmente se restringia aos homossexuais negros, ganhou novos contornos a partir da revelação da bissexualidade de um dos colaboradores:

[20:22, 20/3/2019] Danilo: Vem cá queria tirar uma dúvida sobre o nosso projeto do jornal sobre o sexualismo e porque o senhor tinha falou que estava procurando jovem homossexual, tipo no meu caso sou bissexual, tem algum problema eu falar sobre isso?

[20:24, 20/3/2019] Danilo: Mas sou aquele bissexual que gosta mas de homens e um pouco de mulher.

[20:25, 20/3/2019] Danilo: *Queria falar pessoalmente mas Tava com vergonha*⁶

A mensagem de Danilo⁷ desestruturou aquilo que tinha sido pensado para o projeto: trabalhar com homossexuais negros. E meu primeiro pensamento foi: “perdi um colaborador da pesquisa”. Ao mesmo tempo, ele demonstrou que o recorte proposto pelo trabalho não dá conta das expressões da sexualidade presentes naquela escola e evidenciou a dinamicidade do trabalho de campo, que apresenta suas próprias demandas não previstas pelo pesquisador. Danilo lançou luz sobre a bissexualidade que, no senso comum, é vista como uma fase de indecisão na qual o sujeito não se assume enquanto gay por medo dos estigmas, preferindo se manter numa linha em que as práticas sexuais com o sexo oposto (ou a possibilidade de que elas possam acontecer) proporcionam certo conforto. A bissexualidade atravessa Danilo e ele gostaria de falar sobre isso, como deixa transparecer em suas palavras.

Esta dissertação é fruto do trabalho de imersão na escola, iniciado em fevereiro de 2019, quando o projeto foi apresentado na Semana Pedagógica. Nele estão presentes as análises que desenvolvi a partir do que observei naquela escola e a partir do que me foi relatado por quem vivenciou aquela realidade diariamente e, assim como eu, estão cientes do que é ser um corpo negro não heterossexual numa sociedade racista e LGBTfóbica. A ideia era encerrar as observações de campo em novembro do mesmo ano, com a produção da última edição do jornal *A Voz do Bolívar*, mas as demandas de meus colaboradores - que lhes deixaram incapacitados de continuar com a produção - e a minha necessidade de finalizar o trabalho antes que a política de desmonte da educação reverberasse na bolsa que recebia para realizar a pesquisa, fizeram com que a publicação do jornal fosse interrompida em setembro. O trabalho de observação e coleta de material para escrita deste texto conta com as entrevistas semiestruturadas feitas com os quatro alunos que se dispuseram a participar da pesquisa - sendo dois deles já egressos quando a investigação começou a ser feita na escola e dois ainda estudantes. A observação e as entrevistas foram realizadas entre fevereiro e junho de 2019.

⁶ Texto copiado de mensagem recebida via WhatsApp com nome do contato remetente alterado.

⁷ Em consonância com o que diz resoluções 466/12 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) acerca da garantia de sigilo e da privacidade dos participantes em todas as fases da pesquisa, os colaboradores são referenciados com nomes fictícios.

Enquanto desenvolvia a pesquisa, a fim de conhecer melhor a proposta educacional da escola e entender como as questões de raça, gênero e sexualidade apareciam ou não naquilo a que a instituição se propunha, fiz consulta ao Projeto Político Pedagógico⁸ da escola. O documento também serviu de base para reconstrução da história da instituição e apontou como as categorias de raça e classe estão imbricadas na estrutura daquele espaço. Esse procedimento de pesquisa atribui a esse trabalho dissertativo aspectos da análise documental, uma técnica de pesquisa qualitativa que considera os documentos escritos como fontes de informação, buscando nelas questões e hipóteses de interesse (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38). No meu caso, a procura por documentos era impulsionada pelo desejo de entender em que medida o reiterado discurso de pacificidade para as questões de raça e sexualidade naquela escola estava sintonizado com as normas da instituição.

As entrevistas tiveram como finalidade conhecer as histórias dos colaboradores e perceber como raça e sexualidade se articulam em suas vivências, especialmente as inerentes ao espaço escolar. Tentei identificar o quanto esses marcadores são importantes para aqueles sujeitos e de que forma são agenciados ou agenciam suas vidas. Busquei resgatar memórias, sensações e percepções do ambiente escolar, mas também conhecer suas vivências para além desses muros, uma vez que não admito a vida escolar separável da vida em sua concepção mais ampla. As perguntas bases que estruturaram as entrevistas estão nos anexos deste trabalho.

Contudo, apenas perguntar não me parecia ser suficiente para obter as informações que precisava. Por isso, durante o processo de investigação, especialmente nas entrevistas, me questionei se compartilhava com meus informantes o mesmo entendimento sobre violências. Se eles entendiam racismo e homofobia além da agressão física e dos xingamentos que evidenciam o desprezo pela pele negra e pela orientação sexual. A saída que encontrei para tornar essas informações e entendimentos mais evidentes foi falando sobre minhas experiências. Desse modo, poucas foram as vezes em que uma pergunta feita durante as entrevistas ou uma conversa sobre um determinado tema ligado a pauta do jornal não tenha perpassado pelo relato da minha vivência com aquilo. Nesse processo, falei sobre como foi para mim deixar o cabelo crescer, sobre andar nas ruas de mãos dadas com meu namorado e perceber os olhares de julgamento, sobre ser chamado de caneco na escola, sobre tentar usar aplicativos

⁸ Trata-se de um documento público previsto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) que deve ser construído por todas as escolas e constitui o eixo central de sua atuação, instrumentalizando um planejamento que define o que ensinar e o que aprender.

de relacionamento para gays e outras experiências que evidenciavam a presença do racismo e da homofobia em minha trajetória sem que isso se desse em decorrência de um soco, empurrão ou xingamento.

Durante o período de produção do jornal, me encontrei com os colaboradores que ainda eram estudantes, nas dependências da escola, pelo menos três vezes a cada mês, com duração média de 1 hora por encontro. Esses encontros se constituíram como momentos importantes para construção de uma relação que possibilitou uma maior fluidez durante as entrevistas. Além disso, vivenciar o ambiente escolar com o status de pesquisador de gênero e sexualidade foi imprescindível para que eu me defrontasse com situações que muito têm a dizer acerca dessas temáticas, suas percepções e trato com os profissionais ali presentes.

O período em que estive na escola me possibilitou desvendar e tensionar discursos, sobretudo com relação à sexualidade, presentes no Bolívar, que talvez não me teriam sido trazidos pelos colaboradores. Foi por estar lá que eu pude aplicar sentidos às situações vividas, dinâmicas e estruturas daquela escola. E esses sentidos me levaram, de alguma forma, a discordar da percepção dos alunos de que aquele seja um espaço tranquilo no que diz respeito às relações permeadas pelos marcadores de gênero e sexualidade e, ao mesmo tempo, buscar compreender quais fatores contribuem para que esse seja o discurso inicial de todos os colaboradores deste trabalho.

Foi por estar na escola, ocupando o papel social de pesquisador, que pude perceber como as discussões sobre sexualidade são urgentes naquele espaço. Essa percepção é corroborada por situações como a que aconteceu na apresentação do projeto do jornal na Semana Pedagógica da escola que, inclusive, definiu novos contornos para a pesquisa. E pelo reconhecimento, por parte da coordenação pedagógica, da importância do projeto de pesquisa, ao mesmo tempo em que lamentava a ausência de alunas que ela acreditava ter “problemas” com a própria orientação sexual por conta da relação com os pais. Essas e outras situações me mostraram o quanto a sexualidade é uma questão latente naquela instituição e o quanto os/as profissionais que ali atuam se eximem da responsabilidade de colocar o tema em discussão. Acerca disso, voltarei a tratar no terceiro capítulo deste trabalho.

1.1.1 O jornal como metodologia de pesquisa

A elaboração de um jornal em parceria com os colaboradores da pesquisa possuiu, desde o início, um papel central no desenvolvimento da investigação. Como não sou professor da instituição e não possuía com ela qualquer vínculo anterior à pesquisa, o periódico foi o instrumento que me possibilitou acesso ao espaço escolar. E, desde o primeiro momento, ele foi apresentado à instituição como recurso pedagógico útil para desenvolvimento e aprimoramento de capacidades de leitura crítica e escrita por parte dos sujeitos participantes. Além de ser uma mídia que possibilitaria o aprimoramento da comunicação na escola, já que veicularia informações de interesse daquela comunidade, como vagas de estágio, oportunidades de cursos, oficinas e palestras gratuitas, informes da direção, entre outras.

Desse modo, a elaboração do jornal era algo relevante para minha pesquisa, mas que comungava com possíveis interesses dos estudantes e da escola. Como recurso pedagógico, Patrícia Regina Kloster (2013, p. 6) informa que “o jornal tem um papel fundamental nos processos de modernização e democratização das práticas de ensino”. Segundo ela, o valor da produção de um informativo por estudantes reside no fato de proporcionar-lhes a oportunidade de produzir enunciados e demonstrar sua capacidade de comunicação e diálogo com um público real. Nessa perspectiva, o/a professor/a assume os meios de comunicação como aliados no processo formativo dos/as alunos/as. No âmbito da produção científica, a utilização de jornais como fonte e objeto de pesquisa também é um recurso largamente conhecido, especialmente nos trabalhos desenvolvidos na História e Comunicação.

Neste trabalho, o *A Voz do Bolívar* foi pensado como um recurso metodológico que possibilitaria a emergência de debates acerca de questões de interesse da pesquisa que poderiam desembocar em relatos de situações vivenciadas na escola. Nesse sentido, foram propostas como temática para a reportagem principal de cada edição pautas ligadas a raça, gênero e/ou sexualidade. Os temas foram pensados tendo em vista datas importantes presentes em cada mês, como Dia Internacional da Mulher, em março; o Dia do Orgulho LGBTI, em julho; e o Dia da Consciência Negra, em novembro. A proposta temática para cada mês constava no projeto apresentado à instituição de ensino e foi apresentada aos colaboradores da pesquisa, que foram convocados a opinar sobre os temas e fazer suas contribuições.

No processo de discussão, produção e elaboração dos textos que comporiam cada edição, esperava-se (como de fato aconteceu) que os estudantes se implicassem no processo, trazendo suas histórias pessoais, fortalecendo os laços entre pesquisador e colaboradores e produzindo insumos para análise e exploração nas entrevistas individuais. Além disso, era esperado que o cidadão crítico, consciente e participativo, descrito por Sebastião da Silva Vieira e Sergio Paulino Abranches (2016), resultante das dinâmicas de produção de um veículo informativo, pensasse criticamente sobre sua trajetória na instituição no momento das entrevistas.

Assim como Vieira e Abranches (2016), que produziram dados a partir da realização do jornal *Folha Gercina* pelos discentes da Escola Estadual Gercina Fernandes (Itapissuma-PE), esperava o mesmo a partir do *A Voz do Bolívar*. Mas diferente deles, os dados que eu buscava não estavam, necessariamente, ligados ao processo de produção do jornal, mas às vivências anteriores que poderiam ser lembradas durante a elaboração de cada edição do periódico. Foi nesse sentido que, antes da realização das entrevistas, produzimos três edições do informativo.

O jornal tem aqui papel fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Além de me colocar dentro da instituição e em contato com os colaboradores da investigação, ele, por meio dos temas abordados, era a semente plantada em busca de informações. Informações que deveriam vir dos colaboradores, mas também de como a instituição receberia os temas discutidos. Ao produzir o informativo sobre as questões de interesse para minha pesquisa, que mais tarde vim a saber serem pouco abordados naquela escola, eu atuo no contexto que proponho a investigar. Atuo porque estimulo meus colaboradores a resgatar na memória as lembranças e histórias que me interessam e atuo, principalmente, pois quero provocar debate acerca das questões que estão envoltas na minha pesquisa.

Dentro da literatura sobre metodologia, esse tipo de prática de pesquisa é descrito como um pesquisa-ação. Conforme nos conta Baldissera (2001), esse tipo de investigação, de carácter qualitativo participante, envolve uma atuação das pessoas implicadas no processo de pesquisa, uma ação que, longe de ser despreziosa, visa promover alterações no cenário investigado. Em suas palavras, “na pesquisa-ação acontece simultaneamente o ‘conhecer’ e o ‘agir’, uma relação dialética sobre a realidade social desencadeada pelo processo de pesquisa” (BALDISSERA, 2001, p.25). É esse processo que me proponho a executar quando passo a desenvolver a pesquisa no Bolívar Santana.

Na primeira edição do jornal, em decorrência do 8 de março, propus “Mulheres” como tema da matéria principal daquela edição. Para a reportagem, conversamos acerca do significado político do Dia Internacional da Mulher e propus que os estudantes conversassem com algumas mulheres a fim de entender com a condição de ser mulher interferia em suas vidas para construirmos um texto sobre a luta pela igualdade de gênero. O material coletado suscitou discussões sobre como as experiências de mulheres negras se diferem das de mulheres brancas, assédio e a negação das características tidas como femininas nos corpos masculinos.

Durante a revisão dos textos que foram produzidos pelos colaboradores após nosso primeiro encontro, eles me trouxeram relatos sobre suas infâncias afeminadas e como a orientação sexual era questionada por conta disso. Nesse processo, a figura paterna se fazia presente em suas experiências como alguém que se propunha a interdita-los, corrigir os trejeitos e garantir que seus corpos performassem a masculinidade hegemônica. Nesse encontro, percebi que eles me davam abertura para conhecer suas histórias e também compartilhei um pouco mais da minha. Conte sobre minha experiência na escola, de como já era apontado como diferente pelos outros meninos, vítima de xingamentos homofóbicos e da minha tentativa de me “comportar como menino”, performando o gênero⁹ que me foi atribuído no nascimento.

Figura 1 - Edição de Março do A Voz do Bolívar



Fonte: Imagem feita pelo autor/pesquisador, 2019

⁹ O conceito de performatividade de gênero foi criado pela filósofa Judith Butler (2003) para quem gênero não é um ato intencional, mas resultado de atos performativos que produzem significados e, reiterados pela repetição de gestos e signos, do âmbito cultural, reforçam a construção dos corpos masculinos e femininos.

A edição que produzimos no mês de março foi distribuída na primeira semana de abril. O jornal foi impresso pela diretora da escola e entregue para que os colaboradores fizessem a distribuição entre os/as colegas e professores/as. Além de elevar a autoestima dos alunos, que já estavam eufóricos por ver impresso o resultado do trabalho ao qual haviam se dedicado durante um mês inteiro, a ação também visava incentivar que mais estudantes se interessassem em participarem do projeto que acontecia na escola. Entre os leitores, o tema da matéria principal prendia atenção, especialmente, das alunas e professoras, que olhavam o material com maior cuidado e tentavam reconhecer os rostos publicados nas fotos em preto e branco.

E foi de um dos professores da escola que veio o comportamento masculino mais sintomático quando se refere à pauta de gênero. Depois que lhe entreguei o periódico, ele olhou rapidamente, identificou o tema do texto principal e logo passou o jornal para a professora que encontrara. “Toma. É sobre vocês o jornal”, ele disse. A atitude do professor é a manifestação de sua total indiferença quanto às questões de gênero por pressupor que elas se restringem à dimensão do feminino. Além disso, evidencia que aquele educador não se interessa pelos trabalhos realizados por seus alunos fora de sua aula, já que, nem mesmo para incentivar que mais estudantes se desafiem à escrita de um jornal, parabenizar ou criticar os alunos envolvidos no projeto, ele se predispôs a ler o informativo.

Para a edição produzida durante o mês de abril, a proposta do texto principal era um tema mais próximo da realidade dos colaboradores e que dialoga diretamente com a pesquisa: “Geração Tombamento”. O termo é utilizado para designar uma geração da militância negra que articula discursos, estética e produções culturais para discutir e combater racismo e outras formas de opressão, como machismo, misoginia, LGBTfobia e gordofobia. Desde o primeiro momento em que souberam que o tema estava entre os sugeridos para tratar no jornal, os colaboradores ficaram eufóricos, por sentirem que seria um texto no qual falariam de si mesmo, já que se consideram parte da chamada geração tombamento. Para complementar o jornal, eles também propuseram a falar sobre a dança, já que no mês de abril é comemorado o Dia Internacional da Dança (29 de abril).

Para produção do texto principal, foram entrevistadas pessoas que se consideram integrantes da geração tombamento. Elas falaram sobre as formas que adotam para denunciar e enfrentar as violências que sofrem por conta dos marcadores sociais que as atravessam. O colaborador Cleiton também quis se colocar na matéria e falou do grupo de amigos que o ajudou

no processo de construção e fortalecimento identitário como gay negro e lhe deu abrigo quando foi expulso de casa pelo pai.

Figura 2- Edição de Abril do A Voz do Bolívar



Fonte: Imagem produzida pelo autor/pesquisador, 2019

Para o mês de maio, senti a necessidade de pautar algo mais diretamente ligado à escola. O tema previsto para essa edição era “Trans, homo e lesbofobia”, já que este mês é marcado pela luta pelos direitos das pessoas LGBT por conta do Dia Internacional da Luta Contra a LGBTfobia celebrado no dia 17. Contudo, ao perceber que talvez o segundo jornal não tivesse sido recebido com bons olhos pela direção, propus noticiar ações e projetos da própria instituição. Desde o primeiro jornal, a direção do Bolívar apoiou o projeto: viabilizou espaço para as reuniões, que aconteciam na sala da coordenação pedagógica em virtude da ausência de um laboratório de informática; autorizou o uso do notebook da coordenação pelos estudantes colaboradores; e se comprometeu com a impressão dos exemplares do jornal. Para a primeira edição foram feitas cerca de 120 cópias. Na segunda edição, apenas 30 exemplares foram impressos. A justificativa dada foi a possibilidade de cortes na educação, alegação respaldada pelo corte de 30% dos repasses para as universidades federais promovido pelo Ministério da Educação.

A queda no número de exemplares de uma edição para outra não passou despercebida por mim, muito menos pelos alunos que estavam empolgados com o resultado do trabalho e ávidos

por compartilhar com o maior número de pessoas possíveis o jornal que eles produziram. Preocupados com a redução no número de impressões, chegaram a questionar o que aconteceria com o projeto caso a direção se negasse a continuar imprimindo o informativo. Para verificar em que medida a flutuação no número de exemplares refletia a simpatia da instituição pelo tema, a terceira edição do jornal tratou de “Educação para Pessoas com Deficiência” e apresentou a Sala de Recursos Multifuncionais instalada na instituição e que presta atendimento educacional especializado para 12 estudantes. No mesmo periódico, falamos sobre a Sexta-feira Cultural, um evento que acontece às sextas-feiras, no intervalo das aulas, e que possibilita aos/as alunos/as apresentarem poesias, danças, músicas ou outras produções artísticas.

Figura 3- Edição de Maio do A Voz do Bolívar



Fonte: Imagem produzida pelo autor/pesquisador, 2019

O tema pareceu agradar a direção da escola que logo tratou de apontar outras iniciativas da instituição que poderiam ser pautas para o jornal. A professora responsável por acompanhar os alunos que precisam de educação especial também ficou animada em falar sobre sua atuação na escola. Os colaboradores, contudo, pareciam não estar muito motivados pela pauta. Eles não chegaram a verbalizar desinteresse ou descontentamento, mas apesar de estarem diariamente no mesmo espaço com as pessoas que deveriam ser ouvidas para produção dos textos, eles demoraram mais que nas edições anteriores para fazer as entrevistas. Alegavam não encontrar

a professora responsável pela Sala de Recursos Multifuncionais, por isso fiz a entrevista e as fotos para a matéria.

A terceira edição do jornal não foi impressa no dia acertado para distribuição na escola. Por isso, não vi a quantidade de exemplares que foi impressa, nem de que forma a comunidade escolar reagiu ao periódico. Os jornais foram impressos e entregues aos colaboradores da pesquisa para distribuição no dia seguinte ao que estive na escola. Segundo eles, foram impressas não mais que 40 cópias. Mas, diferente da edição anterior, esta foi colada na sala da coordenação pedagógica.

Figura 4 - Edição de Março e de Maio do A Voz do Bolívar na parede da sala da coordenação



Fonte: Fotografia feita pelo autor/pesquisador, 2019

Para a edição do mês de junho, sugeri o tema “Sexualidades”. Era a oportunidade de falarmos sobre o motivo pelo qual, nesse mês é celebrado o Dia do Orgulho LGBT, conversarmos sobre a luta do movimento, conquista de direitos, compartilhar minhas experiências e, quem sabe, ouvir um pouco deles sobre situações vivenciadas dentro do ambiente escolar. O tema foi abraçado pelos estudantes, que sugeriram tratar também sobre gravidez na adolescência, pois percebiam que muitas meninas estavam deixando de estudar por conta de gestação precoce. Esse jornal deveria ter sido distribuído em julho. Mas em decorrência do recesso junino e de algumas atividades avaliativas aplicadas pela escola, os

colaboradores não conseguiram escrever os textos em tempo. Com o avançar do mês de julho, resolvemos publicar um único jornal que contemplaria os meses seis e sete.

Essa acabou se tornando a última edição que fizemos do A Voz do Bolívar. O periódico de agosto foi planejado. Deveria falar da parceria que a escola tem com a igreja católica Ascensão do Senhor, localizada no CAB, através das quais são oferecidas aulas de canto e espanhol para os alunos. E também deveria trazer uma matéria com os estudantes da instituição que foram selecionados para os festivais estudantis da Secretaria de Educação do Estado. Dessa vez, meus informantes disseram estar com pouco tempo e excesso de atividades. Um deles era membro da comissão que planejava a festa de formatura, conclusão do terceiro ano. Em seguida, começaram a se envolver com as atividades referentes à gincana que aconteceria em novembro e integra o planejamento do Mês da Consciência Negra na escola. Ao mesmo tempo, meu prazo para escrita ia se findando. E resolvermos não fazer o último jornal e encerrar nossos trabalhos.

Figura 5 - Edição Junho/Julho A Voz do Bolívar



Fonte: Imagem feita pelo autor/pesquisador, 2019

1.2 O BOLIVAR SANTANA

Segundo as informações que constam no Projeto Político Pedagógico, o Bolivar Santana surgiu a partir da extinção do Centro de Educação Integrada Ieda Barradas Carneiro, que funcionou no atual prédio da Fundação Luís Eduardo Magalhães, na 3ª Avenida do Centro Administrativo da Bahia (CAB). A instituição tinha por finalidade atender os filhos dos funcionários públicos que trabalhavam no CAB. Sua estrutura era composta de quadra de esportes poliesportiva, piscina semiolímpica, sala especial para aulas de balé e música, salas-ambiente, climatização em todas as salas, corredores amplos, refeitório, auditório. Em suma, era um espaço ideal para o processo de ensino-aprendizagem.

Com a publicação da Portaria 1969/SEC/BA DOE 16 e 19/03/1989 foi dada outra destinação às instalações do extinto Centro de Educação e os/as alunos/as que ali estavam matriculados/as foram transferidos/as para a Escola Democrática de 1º Grau Bolivar Santana¹⁰, construída do outro lado da mesma avenida, a 150 metros da anterior. Contudo, a instituição para onde os/as estudantes foram transferidos/as não era mais destinada, preferencialmente, aos/às filhos/as dos/as funcionários/as públicos/as lotados/as no CAB. Talvez por isso, tenha menos espaço físico, menor número de salas de aula, nenhuma delas climatizada, sem espaço para atividades, como aula de canto ou dança, muito menos auditório. Inicialmente, a escola atendia às turmas de Nível I (1 a 4ª séries) e Nível II (5ª a 8ª séries), atual Ensino Fundamental. O Ensino de 2ª grau (atual Ensino Médio) passou a ser oferecido em 2002, quando o nome da instituição foi alterado para Colégio Estadual Bolivar Santana. Atualmente, o Bolivar atende apenas as turmas do Fundamental II (6º a 9º ano) e Ensino Médio (1º a 3º ano).

O processo que deu origem ao Bolivar evidencia os impactos das marcações de classe e raça em sua estrutura. A indissociabilidade desses marcadores tem sido apontada historicamente pelo movimento negro e pelas pesquisas no campo das ciências sociais, que demonstram como, no contexto brasileiro, a população negra ocupa os estratos sociais mais baixos e, por conseguinte, são os principais usuários dos serviços públicos (saúde, educação, transporte etc.). O racismo institucionalizado preconiza que os bens e serviços destinados à população pobre,

¹⁰ O nome dado à instituição homenageia Bolivar Sant'Anna Baptista (1922-1969), um político baiano natural de Juazeiro-BA, que exerceu mandato como deputado estadual entre 1963 e 1967.

que é majoritariamente negra¹¹, podem ser precários, sem qualquer tipo de conforto. Essa lógica está inscrita na desumanização a que nós, como povo negro, estamos submetidos desde o sequestro colonial. E são, justamente, pessoas negras e pobres que ocupam as salas de aulas e corredores da escola.

De acordo com estimativa feita pela própria unidade de ensino, trazida no Projeto Político Pedagógico elaborado em 2017, 80% dos/as estudantes eram moradores/as do bairro de Sussuarana, uma das localidades vizinhas do CAB. O bairro é um dos que compõe a região administrativa Prefeitura-Bairro VIII Cabula/Tancredo Neves¹². De acordo com dados do Painel de Informações¹³, produzido pela Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER) em parceria com a Prefeitura de Salvador e UFBA, 83,84% da população dos 22 bairros que integram a região são negras (30,39% preta, 53,45% parda). E o rendimento médio dos/as responsáveis por domicílios, em 2010, era de R\$ 1.394,52. Ainda segundo o levantamento apresentado no Projeto Político Pedagógico do Bolivar, as famílias dos/as educandos/as são de renda baixa e média, alguns/mas moradores/as de favelas, cujas ocupações mais comuns são o emprego doméstico e trabalhos na construção civil (como ajudante de pedreiro, por exemplo).

Raça e classe estão no bojo do Colégio Estadual Bolivar Santana, como também estão na maioria dos bens e serviços públicos. Essas categorias se articulam na estrutura da unidade de ensino e nas vivências e relações dos sujeitos que transitam e ocupam seus espaços. Os meninos e meninas que ali estudam o fazem porque moram nos bairros próximos, locais esses cuja população é majoritariamente negra e pobre, e são pobres porque a história colonial brasileira reservou às pessoas negras esse lugar. Essas articulações estão subjacentes na descrição do colégio e de seus/suas estudantes, feitas pela própria instituição e precisam ou deveriam ser

¹¹ De acordo com dados da PNAD 2017, o rendimento médio de todos os trabalhos é de R\$ 2814,00 para pessoas brancas; R\$ 1606,00, pardos; e 1570,00 negros. Análises das estatísticas que demonstram as desigualdades por raça foram publicadas na revista Retratos, de 11 março de 2018, do IBGE. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/17eac9b7a875c68c1b2d1a98c80414c9.pdf> - Acesso em 06 de jun de 2019

¹² As prefeituras-bairro foram criadas através da Lei nº 8.376/2012, que estabelece em seu Art. 13 a criação das 10 prefeituras-bairro do município de Salvador. A prefeitura-bairro, portanto, substituiu as áreas de Serviço Integrado de Atendimento Regional (SIGA), que, por sua vez, substituiu as antigas Regiões Administrativas.

¹³ Disponível em <http://www.informs.conder.ba.gov.br/wpcontent/uploads/2016/10/1_INFORMS_Painel_de_Informacoes_2016.pdf> Acesso em 06 de jun de 2019

acionadas na prática pedagógica dos profissionais que ali atuam, mas sobre isso eu voltarei a falar no segundo capítulo desta dissertação.

Além dos marcadores mencionados, os sujeitos que me ajudam a construir este trabalho dissertativo são perpassados por sexualidades que os colocam em situação de vulnerabilidade, mas que precisam ser agenciadas para promover enfrentamentos e resistências. Acredito que esses marcadores não podem ser pensados a partir de uma estratificação. Ainda que, em momentos, um pareça se sobrepor ao outro, eles estão juntos, indissociados ou, como preferem determinados/as autores/as, interseccionados. (AKOTIRENE, 2018; BRAH, PHOENIX, 2017; CRENSHAW, 2002;)

1.2.1 Você está liberado para todas as turmas? Limitações no trabalho investigativo

A abertura da escola para este projeto de pesquisa e, por conseguinte, para as discussões sobre gênero, sexualidade e raça, começou a ser tensionada ainda nos meus primeiros contatos com a instituição, ou mais precisamente, com o corpo de pessoas que a compõe. O projeto do jornal apresentado na Semana Pedagógica dava margem à participação de qualquer aluno/a da instituição, que conta com turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Contudo, os/as professores/as demonstraram insatisfação com a possibilidade de que os/as alunos/as do fundamental pudessem participar. E não se tranquilizaram mesmo sabendo que os menores de idade necessitariam do aval dos/as responsáveis, mediante assinatura do Termo de Cessão de Uso de Informações para fins Acadêmicos. Afirmaram que os meninos na faixa de idade entre 12 e 16 anos não possuíam uma identidade sexual definida e, muitas vezes, afirmavam uma identidade por modismo. Outro argumento para que a pesquisa fosse limitada aos alunos do Ensino Médio foi o conservadorismo de algumas famílias que impediriam a concessão de autorizações.

Os argumentos apresentados pelos/as professores/as não me convenceram a promover o fechamento do público da pesquisa, pois não os vi como impedimento para o processo investigativo. Pelo contrário, a investigação tensionaria em que medida as preocupações dos/as educadores/as eram válidas. Também vi ali a possibilidade de, confirmada a impossibilidade de trabalhar com estudantes do Ensino Fundamental, promover uma discussão acerca dos fatores limitadores. De todo modo, estava convencido de que não era razoável abrir mão da

possibilidade de conhecer as experiências dos/as alunos/as do 6º ao 9º ano e assim enriquecer a análise. Por isso, essa questão foi retomada pela coordenadora pedagógica da escola quando voltei para divulgar o projeto nas salas de aula. Decidimos, então, que eu não passaria nas salas do Fundamental II, mas que os/as alunos/as de 5º a 9º ano que ficassem sabendo do projeto e se tivessem interesse poderiam participar, mas isso não se daria através de uma explanação minha em sala de aula. O título dessa seção remete à pergunta que me foi feita por uma das professoras que, ao me ver passar pelo pavilhão onde ficavam as turmas do fundamental, quis saber se eu podia falar do projeto para as turmas que ali estavam.

Toda essa situação aponta para questões importantes para refletir sobre a escola e o debate de gênero e sexualidade. Existe uma idade em que os sujeitos fixam uma identidade? É possível pensar em termos de identidades fixas? Assumir uma identidade homossexual é moda? Estaria o atual contexto político e social interferindo no receio dos/as professores/as em relação à reação dos pais por seus filhos/as estarem sendo expostos às temáticas de gênero e sexualidade?

O receio dos/as professores/as de que a pesquisa fosse ao menos apresentada aos/as alunos/as do fundamental II evidenciou a existência de algo naquele contexto que não deveria ser tocado, uma situação “problemática” que eles/elas preferiam manter na invisibilidade. Essa percepção pode ser obtida através dos discursos de que os/as estudantes daquela faixa etária reivindicavam determinadas identidades por “modismo” e de que há pais conservadores que jamais autorizariam seus filhos/as a participar de uma pesquisa sobre sexualidade, ainda que fosse da vontade do/a aluno/a. O relato feito por uma professora de que uma mãe havia impedido seu filho, um menino de 14 anos, de vestir-se de baiana para apresentação de um trabalho do Dia da Consciência Negra contribui para a ideia de que há um vespeiro no qual a escola não quer se meter.

Por coincidência, o referido aluno, após a impressão da primeira edição do jornal, quis participar do projeto. Foi então que a coordenadora pedagógica relatou que, no evento da Semana da Consciência Negra, a mãe do estudante chegou a chorar em sua sala, pois acreditava que o menino era gay e não conseguia aceitar o fato. Por isso, a coordenadora pedagógica enfatizou a necessidade de que eu conversasse com a mãe do aluno. Contudo, depois que expliquei ao estudante o intuito do jornal e questionei se ele se identificava com as categorias de sujeito apto para a pesquisa, ainda que não fosse pré-requisito para o periódico, ele desistiu de participar. Sua desistência, mesmo ele tendo negado se identificar como homossexual negro,

razão pela qual ele não entraria na pesquisa e não seria necessária a anuência de sua mãe, parece evidenciar um mecanismo de defesa. Uma tentativa de resguardar-se dos conflitos que a suspeita de sua homossexualidade lhe causa no contexto familiar.

Outra questão a ser pensada acerca do que os professores disseram é a ideia de afirmação de uma identidade por “modismo”. Apesar de vivermos num momento em que as identidades sociais são reivindicadas cada vez mais cedo, não creio que vivamos num contexto em que assumir-se homossexual possa ser entendido como moda. As expectativas e imposições impostas pela heterossexualidade compulsória¹⁴ ainda aprisionam nossos corpos e produções subjetivas. E a falta de discussões acerca da variedade de relações afetivas possíveis mantém a heterossexualidade como natural, fazendo com que o processo de se assumir fora da “normalidade” seja mais complexo do que transitar entre modas. Creio que, para muitos dissidentes de gênero e sexualidade, principalmente na adolescência, assumir uma identidade que difere daquela que lhe é imposta produz um intenso sentimento de medo. Medo da violência, medo da rejeição, medo do apagamento, medo de aniquilação do futuro.

A blindagem que a escola infringiu aos/às alunos/as do Ensino Fundamental II também evidencia um desafio para a execução de pesquisas com pessoas menores de idade, mesmo quando há garantias de que aquele estudo não causará danos aos sujeitos. Os corpos infanto-juvenis, bem como suas produções subjetivas e intelectuais, estão sempre sob a tutela de um adulto, que quase sempre fala em seu nome, sem sequer considerar a possibilidade de que ele seja, minimamente, implicado no processo. “O adulto antecipa respostas, projeta ideias e interpretações, em suma, racionaliza a experiência infantil sem que para tal a criança seja perspectivada como a informante válida e legítima” (PALOS, 2018). A pessoa com menos de 18 anos de idade é um incompetente submetido ao poder e autoridade do adulto que o autoriza a falar por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ou afirma se ele tem ou não maturidade para assumir uma identidade diferente daquela que já lhe foi imposta.

1.2.2 Os colaboradores

Para o desenvolvimento da pesquisa e escrita deste trabalho dissertação, contei com a colaboração de quatro jovens que estudaram ou estudavam no Bolívar Santana no momento em

¹⁴ Conceito é apresentado pela poeta, ensaísta e professora lésbica estadunidense Adrienne Rich (2010). A heterossexualidade é pensada como uma instituição política que retira o poder das mulheres. Aqui essa noção é ampliada para pensar a subordinação de todas as pessoas que não se identificam como heterossexuais.

que a investigação foi realizada. Para garantir do sigilo de suas identidades, todos eles são referenciados neste trabalho com os nomes fictícios que escolheram no momento de realização das entrevistas. Os dois primeiros colaboradores, André e Caique, são aqueles a quem conheci quando divulguei o projeto de pesquisa entre meus amigos e pedi indicações e contatos de pessoas que poderiam participar do trabalho. Através deles, cheguei ao Bolívar Santana e, conseqüentemente, a Cleiton e Danilo, que abraçaram a proposta de construir um jornal e contribuir com a investigação.

André é um jovem de 21 anos, morador do bairro de Novo Horizonte e estudou no Bolívar do 6º ano do Ensino Fundamental até o 2º ano do Ensino Médio, quando fez o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) e deixou a escola. Seus primeiros anos no colégio coincidem com o período em que sofria pressão dos outros alunos para assumir-se homossexual, orientação com a qual ainda não se identificava, o que veio a acontecer somente aos 16 anos, quando teve sua primeira experiência afetiva com outro rapaz. A auto identificação como negro foi, por algum tempo, uma questão para o jovem. Da família, ele é o mais retinto e sofria algumas violências por conta disso. Afirma ter tido uma boa relação na escola, tanto com o corpo docente quanto com os/as outros/as colegas, pois conseguiu o respeito de todos/as. André é candomblecista e bailarino integrante do coletivo AfroBapho¹⁵.

Caique tem 19 anos e, assim como André, é morador de Novo Horizonte. Estudou no Bolívar do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, foi presidente do Grêmio Estudantil e representante discente no colegiado. Caique é assumidamente gay desde os 14 anos, não pratica nenhuma religião e há dois anos é coreógrafo e bailarino do coletivo Afrobapho. Se identificar como negro nunca foi uma questão para o jovem, que afirma se ver como negro desde o nascimento. Com relação à sexualidade, conta que o apoio da mãe lhe deu tranquilidade de expressá-la. Ele afirma ter tido uma boa relação com a direção, outros/as alunos/as e professores/as e relata se lembrar apenas de um caso em que um professor fez um comentário preconceituoso contra alunos gays.

¹⁵ O coletivo surgiu a partir de um grupo no WhatsApp criado em 2015 por Alan Costa com o intuito de discutir questões relativas às vivências de jovens, gays, negros, moradores de periferia. O grupo migrou para uma página no Facebook e, em 2016, começou a produzir a festa AfroBapho. Desde seu surgimento na rede social, o coletivo congrega trabalhos de forte apelo cênico e estético junto à notável militância visual e textual. Todos os produtos versam sobre temáticas como identidade LGBTQ+, genocídio da juventude negra, ancestralidade afrobrasileira e afrofuturismo. (SANTOS, FREITAS, 2019). Disponível em periodicos.ufes.br/contexto/article/download/23026/15559>

Cleiton tem 18 anos, é gay e morador de Sussuarana. Estudou no Bolívar o 2º e o 3º ano do Ensino Médio. Sua antiga escola foi fechada e, por isso, teve que ser transferido. Sua orientação sexual e identidade racial já estavam definidas quando chegou na instituição. Seu processo de conexão com a negritude aconteceu a partir das aulas de dança afro que fez por conta de um projeto desenvolvido na instituição em que estudava. Foi a partir da dança que ele se conectou com a religiosidade de matriz africana e deixou de alisar os cabelos. Ele acredita que o Bolívar é uma das instituições onde as relações permeadas por raça e sexualidade são mais tranquilas, embora afirme que, sempre que visita a escola no turno oposto ao que estuda, precisa se posicionar contra alguns insultos dos outros estudantes. Cleiton é poeta, escreve a partir de suas experiências permeadas pelos marcadores de raça e sexualidade, principalmente, e apresenta suas obras em saraus e nos ônibus.

Danilo tem 19 anos, é bissexual e morador de Sussuarana. Estudou no Bolívar Santana apenas no Ensino Médio (1º a 3º ano). Assim como Cleiton, já tinha sua orientação sexual e identidade racial definidas quando ingressou na instituição. Mas, por ser retinto, sofria algumas violências no contexto familiar que fizeram com que tivesse dificuldade para encarar sua cor de pele e traços fenotípicos como algo positivo. Embora sua bissexualidade seja algo resolvido consigo mesmo, Danilo nunca falou sobre isso para sua família, nem mesmo para sua mãe, que mantém um relacionamento com outra mulher. Na escola, sua orientação sexual é sabida por alguns amigos, mas a maioria acredita que ele seja gay por ser afeminado. Danilo frequenta uma igreja evangélica em seu bairro, na qual sua orientação é conhecida por algumas pessoas. Ele acredita que o Bolívar seja um ambiente tranquilo no que diz respeito às relações permeadas pelos marcadores de raça e sexualidade.

A proposta deste trabalho é entender como esses jovens negros e não heterossexuais ressignificam as suas experiências escolares permeadas pelos marcadores de raça e sexualidade. Para isso, faz-se necessário identificar como racismo e homofobia se manifestam no contexto escolar e quais são as estratégias de resistência empreendidas por esses sujeitos. É nesse sentido que faço uso dos recursos metodológicos que foram anteriormente mencionados. E de uma produção científica que discute relações raciais, relações de gênero e sexualidade e suas articulações.

No capítulo *Interseccionalidades* apresento a elaboração teórico conceitual que aponta para a inseparabilidade dos marcadores sociais da diferença nas experiências vividas pelos sujeitos, sendo, portanto, as análises que os articulem essenciais para complexificar e se aproximar da realidade vivida pelos sujeitos. É a partir desse entendimento academicamente

descrito pela interseccionalidade que me proponho a refletir sobre as vivências dos colaboradores desta pesquisa. O capítulo reconstrói a trajetória do conceito teórico-metodológico desde a prática feminista negra, atravessa o pensamento sobre masculinidades negras e termina com seus usos nos estudos sobre gênero, sexualidade e educação.

No capítulo seguinte, *Uma escola tranquila?*, centralizo as discussões em torno da estrutura escolar do Bolívar Santana e reflito sobre como os marcadores de raça e sexualidade se manifestam na instituição, em seus discursos e, principalmente, nas práticas. Para isso, são centrais as observações e experiências vividas por mim, durante o período em que estive na instituição, e os relatos trazidos pelos colaboradores durante as entrevistas. Neste capítulo, a ideia de que aquela escola seja um local tranquilo para estudantes não heterossexuais negros é desconstruída.

Por fim, em *Agenciamentos e ressignificações* me proponho a compreender quais são os fatores que possibilitam que os quatro garotos que colaboram com a pesquisa tenham o mesmo entendimento sobre a escola. Para isso, tendo entendido que não está na escola a estrutura que justifica sua identificação como espaço seguro, reflito sobre as experiências, relações e trajetórias desses sujeitos fora do contexto escolar. Aqui eu discuto os modos como meus colaboradores enfrentam as violências e como a arte emerge em suas trajetórias criando outras possibilidades de vida.

2. INTERSECCIONALIDADES

Neste capítulo, me proponho a fazer uma discussão acerca da interseccionalidade que, dentro da literatura, é tratada como teoria, conceito e, por vezes, como ferramenta teórico-metodológica. Através de uma revisão de literatura, pretendo situar minha dissertação dentro do conjunto de trabalhos que fazem uso dessa ferramenta para tentar dar conta da complexidade das experiências vividas pelos sujeitos atravessados por distintos marcadores sociais das diferenças.

A interseccionalidade ofereceu suporte para a realização de lutas conjuntas, como chegou a ser rascunhado, no contexto norte-americano, pela Associação de Direitos Iguais, em 1867, que tentou transformar as lutas pelo voto dos negros e das mulheres numa pauta coletiva. Contudo, essa tentativa de união foi dissolvida por conta do racismo manifestado por mulheres brancas que viam os negros e imigrantes como inferiores, a extensão do direito de voto para os homens negros (as mulheres não estavam implicadas nesse processo) como reflexo do privilégio masculino, e pela cooptação da pauta do sufrágio negro pelos republicanos, que viam ali a certeza de votos para seu partido (DAVIS, 2013).

As mulheres brancas que se opuseram à extensão do voto aos negros foram incapazes de ver que, mesmo pós-escravatura, aquele povo ainda lutava pela vida e a conquista do voto naquele momento constituía uma demanda por poder político que, acreditava-se, seria útil para produzir progressos, sobretudo econômicos. É no intuito de romper com o ciclo de opressões que são infringidas por quem não reconhece seus privilégios que Patrícia Hill Collins (2015) nos convida a pensar raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. Esse processo perpassa o abandono de análises somatórias de opressão e reconhecimento das diferenças de poder e privilégios para coalização em torno de causas comuns por meio da empatia. A tentativa de unificação das lutas sufragistas negra e feminista contada por Angela Davis evidenciam que esses processos não foram executados.

O olhar interseccional desestabiliza abordagens que tentam dar conta dos problemas enfrentados pelos sujeitos a partir de análises limitadas a um determinado marcador, seja ele classe, raça, gênero, sexualidade ou geração. Denuncia sua insuficiência e aponta para a necessidade de criação de articulações entre os conhecimentos produzidos nos diferentes campos de estudos. A noção de interseccionalidade promove um alargamento identitário ao

mesmo tempo em que situa os sujeitos dentro da lógica relacional da estrutura do poder, através da qual ele desempenha, simultaneamente, os papéis de oprimido e opressor. Nesse sentido, a indiferença aos modos como violências e opressões se inter cruzam pode constituir uma forma de colaborar com a subjugação.

2.1 O FEMINISMO NEGRO E A INTERSECCIONALIDADE NO CONTEXTO NORTE-AMERICANO

Embora o termo interseccionalidade tenha sido criado apenas no ano de 1989 pela teórica feminista negra Kimberlé Crenshaw, o entrelaçamento entre os diferentes sistemas que criam desigualdades já era denunciado muito antes do surgimento do conceito. Avtar Brah e Ann Phoenix (2004) indicam que o discurso proferido por Sojourner Truth¹⁶, abolicionista afro-americana e ativista dos direitos das mulheres, na Convenção dos Direitos das Mulheres, Akron, Ohio, em 1851, “captura perfeitamente todos os elementos principais do debate sobre interseccionalidade” (p. 662). E antecede em um século discussões desenvolvidas em textos como *Am I that name?* (Denise Riley, 2003/1998) e *Gender Trouble* (Judith Butler, 1990).

Em sua fala, Sojourner Truth desafia as noções essencialistas de mulher pautada na branquura, a partir de sua experiência como afro-americana e vítima das violências da escravidão. Ela denuncia que, apesar do discurso de que as mulheres devem ser ajudadas a subir em carruagens e merecerem o melhor lugar, ninguém nunca tinha feito isso por ela. Em vez disso, “poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também” (TRUTH, 2014, sp).

O discurso proferido por Truth verbaliza as interações entre raça, gênero e classe que são experienciadas diariamente pelos sujeitos subalternizados. E aparece na entrevista concedida por Caique quando ele afirma que “ser uma bixa preta afeminada é ter um enfrentamento a cada dia” e provar ser duas vezes melhor naquilo que se pretende fazer, pois quando se está fora do padrão as oportunidades são escassas. Esse discurso evidencia como os cruzamentos entre as estruturas racistas, machistas e homofóbicas são uma constante em sua

¹⁶ O discurso *Ain't I a Woman?* foi traduzido pelo Professor Dr Osmundo Pinho e publicado no Portal Géledes em 8 de janeiro de 2014. Disponível em < <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/> > Acesso em 15 de abril de 2019.

vida, ao mesmo tempo em que revela sua postura combativa que é atualizada em encontros diários.

Em 1867, com o discurso *Keeping the Thing Going While Things Are Stirring*, Sojourner Truth denunciou o machismo dos homens negros, que conquistaram o sufrágio omitindo qualquer referência às mulheres negras. E os conflitos nas relações com patroas brancas e maridos negros, desempenhando o papel de burro de carga para ambos ao mesmo tempo em que eram infantilizadas: “Eu quero que você considere que sou uma criança de alguém e eu tenho idade suficiente para ser mãe de todo mundo aqui” (TRUTH *apud* AKOTIRENE, 2018, p. 21).

O posicionamento político e epistemológico que mais tarde viria a ser chamado interseccionalidade também está presente no manifesto, de 1977, do *Combahee River Collective*, organização negra lésbica, nascida em Boston, Massachusetts. O texto postula a experiência combinada de entrelaçamento de opressões por sexo, raça, classe e sexualidade e advoga a necessidade de desenvolvimento de uma análise e prática baseada no fato de que as formas de opressão estão entrelaçadas.

A declaração mais geral sobre a nossa política atual seria que estamos comprometidas ativamente na luta contra a opressão racial, sexual, heterossexual, e de classe, e que vemos como a nossa tarefa particular o desenvolvimento de uma análise e de uma prática integradas, baseadas no fato de que os grandes sistemas de opressão são interligados. A síntese dessas opressões cria as condições das nossas vidas. (COMBAHEE RIVER COLLECTIVE, 1977)

A luta antirracista e antissexista é colocada no documento como uma postura ideológica do feminismo negro advinda das experiências de desilusão dentro dos movimentos de libertação promovido por mulheres brancas e por homens negros. A mesma desilusão que é apontada no contexto brasileiro por Luiza Bairros (2008). Talvez, por esse imbricamento entre categorias de análise ser inerente ao feminismo negro e anterior à criação do conceito, Carla Akotirene (2018) advogue em favor de que a interseccionalidade seja interpretada como fruto do pensamento feminista negro e não como a denominação do movimento, demarcando, assim, o protagonismo da intelectualidade negra. “Para nós, mantermos o feminismo negro é dizer que a interseccionalidade denota riqueza epistêmica, que desta vez não será tirada da diáspora africana.” (AKOTIRENE, 2018, p. 46)

Apesar de sua potência, o pensamento feminista negro teve pouca repercussão dentro do feminismo hegemônico: reflexo da resistência do movimento feminista em dar peso a outras

diferenças por acreditar que fragilizaria a identidade entre mulheres, criando cisões no movimento¹⁷; e de sua supressão no processo de validação do conhecimento. Este último trata-se de um mecanismo que, historicamente, tem negado às pessoas pertencentes a grupos subalternizados a possibilidade de serem reconhecidas como autoridade intelectual. Isso acontece porque o conhecimento produzido a partir das periferias costuma desafiar crenças básicas que estruturam a credibilidade da comunidade de “experts”. É nesse contexto que se estrutura a epistemologia feminista negra, com seus próprios critérios de validação, a saber: experiência vivida como critério de significado; uso do diálogo no acesso a demandas de conhecimento; ética do cuidado e ética da responsabilidade pessoal (COLLINS, 1990).

Como vimos, o pensamento interseccional já era uma chave analítica e instrumento político dentro do pensamento feminista negro quando foi nomeado por Kimberlé Crenshaw em suas críticas às leis antidiscriminação. Contudo, é após a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Conexas de Intolerância, em Durban, na África do Sul, em 2001, que o conceito se populariza na academia, “passando do significado originalmente proposto aos perigos do esvaziamento” (AKOTIRENE, 2018, p.14).

Segundo Crenshaw:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as **consequências estruturais** e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classe e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, construindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (2002, p.177, grifo nosso)

A concepção de sujeito constituído por uma multiplicidade de marcações identitárias e estruturas que se articulam na sua formação e em suas vivências trazida pelo conceito de interseccionalidade, de alguma forma, também está presente no pensamento de Stuart Hall (2006). Em sua reflexão sobre a identidade cultural na pós-modernidade, o autor afirma que o sujeito é marcado por várias identidades e desfruta de uma fluidez identitária maior que o sujeito do Iluminismo e o sujeito sociológico. Para o autor, são as condições da sociedade pós-moderna, em especial a globalização, que estão "fragmentando as paisagens culturais de classe,

¹⁷ Quando existiu o reconhecimento de outro marcador que deveria ser articulado a gênero, classe era o privilegiado pelo pensamento feminista ligado ao marxismo e ao socialismo.

gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais" (HALL, 2006, p. 9).

O que as feministas negras colocam em evidência, a partir de sua teorização, é que as múltiplas identidades não são uma realidade possível apenas a partir da pós-modernidade. Essa constituição do sujeito está inscrita dentro do processo colonial no qual um grupo de sujeitos foi subalternizado, teve sua humanidade e todo o seu quadro de referência cultural, estética e religiosa negados e compulsivamente substituído por outro no qual não se encaixava. Ao questionar “E eu não sou uma mulher?”, Sojourner Truth evidencia justamente essa fragmentação e como ela se manifesta em sua trajetória vivida. Partindo de lugares distintos, Hall e o feminismo negro apontam que os sujeitos são marcados por várias identidades, que são fluídas. Analisando minha própria relação com a fluidez da identidade racial – desconsiderando-a num dado momento da vida, a tomada de consciência e o exercício de posituação – percebo seus limites dentro da estrutura racial brasileira para um negro de pele escura, já que para qualquer canto que me desloque geograficamente, a marcação racial me antecipa os espaços de subalternidade. Pessoas de pele clara, por outro lado, podem experimentar essa fluidez também na posicionalidade estrutural, passando a ser considerado branco em determinados contextos e usufruindo privilégios dessa pretensa branquitude.

Através da lente interseccional, é possível superar a limitação da política de identidade que possibilita que as diferenças intragrupo sejam ignoradas, o que contribui para a tensão entre os subgrupos. Essa deficiência é expressa em abordagens superinclusivas e subinclusivas que resultam em ações ineficientes para solucionar os problemas enfrentados pelo grupo, uma vez que não dão conta da complexidade dos sujeitos (CRENSHAW, 2002). Outra potência interseccional consiste na ruptura das oposições binárias e assimétricas que estruturam as identidades em termos dicotômicos: masculino/feminino; branco/negro; heterossexual/homossexual. Essa lógica tem sido reiterada nas políticas baseadas na afirmação da identidade, que impossibilitam verificar as relações entre as categorias, estruturando a produção de análises somatórias de opressões que determinam quem é o mais e o menos oprimido. Essa linha de raciocínio dificulta a produção de coalisões entre movimentos políticos, que são possíveis apenas a partir de um entendimento de que poucos são aqueles puramente vítimas ou opressores, pois a maioria de nós desempenha, simultaneamente, os dois papéis (COLLINS, 2015).

2.2 PERSPECTIVAS E ABORDAGENS INTERSECCIONAIS

A adoção da perspectiva interseccional para análise das articulações entre as múltiplas diferenças e desigualdades pode acontecer de formas diferentes daquela descrita e sugerida por Crenshaw (2002). Baukje Prins (2006) defende a existência de duas vertentes entre as teóricas que trabalham com esse conceito. Essas vertentes seriam estruturadas, principalmente, a partir de distintas concepções de poder, agência e estrutura/sistema e poderiam ser nomeadas como abordagem sistêmica/estrutural e abordagem construcionista. A utilização da primeira estaria localizada nos trabalhos de teóricas norte-americanas, a exemplo de Kimberlé Crenshaw (1991) e Patrícia Hill Collins (2000[1990]), ao passo que a segunda seria característica dos trabalhos desenvolvidos por Anne McKlinctock (1995) e Avtar Brah (2004; 2007) (HENNING, 2015).

A abordagem sistêmica seria aquela que dá maior atenção aos impactos do sistema ou estrutura (raça, classe e gênero) na formação das identidades, impactos que poderiam ser estruturalmente observáveis. Nessa perspectiva, os marcadores sociais da diferença são percebidos a partir de um olhar estratificado como estruturas de dominação que debilitam tentativas de resistência. A abordagem construcionista, por sua vez, estaria ancorada numa concepção mais dinâmica e relacional de poder, que leva em conta a agência e a identidade social. Nesse tipo de abordagem, haveria uma percepção mais holística do sujeito em sua relação com outros sujeitos e com os marcadores, possibilitando uma modificação da identidade como resultado de uma prática articulatória.

O excessivo destaque dado às estruturas na formação das identidades, o entendimento do poder como propriedade de alguns grupos em detrimento de outros e a produção de sujeitos subalternizados e carentes de agência são os principais pontos de críticas à abordagem sistêmica (HENNING, 2015). Adriana Piscitelli (2008) também pontua o equívoco na fusão das ideias de diferença e desigualdade. A adoção de uma análise pautada por essa perspectiva nos levaria a um entendimento de como as opressões se manifestam na vida dos sujeitos, sem que eles tenham a possibilidade de agir sobre elas ou, inclusive, reproduzi-las. A interseccionalidade aqui é metaforizada pela ideia de um cruzamento de avenidas no qual os sujeitos que acumulam distintos marcadores são, repetidas vezes, atropelados. Na abordagem sistêmica, diferença e desigualdade estão intrinsicamente ligadas.

A abordagem construcionista é marcada pelas “distinções entre categorias de diferenciação e sistemas de discriminação, entre diferença e desigualdade” (PISCITELLI, 2008). Desse modo, seriam possíveis contextos como o apontado por Oyèrónkẹ Oyěwùmí, na obra *A invenção das mulheres*¹⁸ (1997), de um mundo Yorubá pré-colonial em que as distinções anatômicas sexuais não implicavam em desigualdade, muito menos estruturavam a sociedade naquele período. Outra marca dessa abordagem é que os efeitos coercitivos e violentos das relações de poder são pensados a partir das articulações entre categorias de diferenciação, mas ao mesmo tempo, preocupa-se com os pontos de fuga e resistências que a própria interseccionalidade possibilita.

Uma maior complexidade acerca dos usos e teorizações do campo interseccional é realizada pelo trabalho de Sylvia Walby (2007), segundo o texto de Henning (2015). A partir das vertentes propostas por Prins, ela apontaria outras cinco abordagens: (1) de crítica às super-generalizações; (2) reducionismo a um único eixo de desigualdade; (3) microreducionismo ou rejeição das relações raciais; (4) rejeição das categorias de conjunto; (5) reducionismo segregacionário. Não vou detalhar cada uma dessas vertentes pois não creio que sejam importantes para o propósito deste trabalho, me interessa mais evidenciar que a adoção de uma perspectiva interseccional pode se dar por meio de diferentes perspectivas ou até mesmo das articulações entre as diversas abordagens. Para Cristiano Rodrigues (2013), “essa maleabilidade e ambiguidade teórica fornece um campo aberto de novas possibilidades de pesquisa e intervenção” (p.10).

Pensando a partir do contexto latino-americano, a partir de uma bibliografia que inter-relaciona gênero, raça e sexualidade, Mara Viveros Vigoya (2008) aponta a existência de duas principais perspectivas nesses trabalhos: uma foucaultiana, envolvendo principalmente seu conceito de biopoder e revisada por teorias pós-coloniais e subalternas; e uma perspectiva de orientação feminista (do feminismo negro e teorias de interseccionalidade). A primeira, segundo a autora, realiza uma operação de descentramento e reescrita das histórias nacionais que põe em evidência a gramática racial subjacente nos regimes sexuais da cultura burguesa

¹⁸ Na obra, Oyěwùmí defende que gênero é uma categoria colonial que não poderia ser usada para pensar o mundo Yorubá pré-colonial. As obras que usam gênero para explicar as relações sociais naquela sociedade seriam fruto de uma interpretação de mundo a partir da transposição de categorias ocidentais, feita por pesquisadores que não conheciam a organização e idioma falado naquela sociedade. Senhoridade é apontada como categoria capaz de fazer pensar o funcionamento do mundo Yorubá pré-colonial.

européia. A segunda evidencia a impossibilidade de entender classe, raça e desigualdade social sem considerar o gênero e vice-versa.

Vigoya também apresenta uma importante classificação em três eixos temáticos que orientam os trabalhos que analisa. O primeiro, *Mestiçagem, Nação, Raça e Sexualidade*, “analisa a sexualização da raça e racialização do sexo no contexto da mestiçagem”. *Sexualidade e Desejos em Contextos Racializados* mostra que muitas pesquisas que analisam as relações de sexualidade com raça são centradas na população negra e analisam os vínculos entre racismo e heterossexismo. E, por fim, *Multiculturalismo e Sexualidade Racializada* se detém aos impactos da política multicultural na percepção das interrelações.

No mapeamento realizado pela colombiana, o Brasil aparece representado, como tema de pesquisa, nos trabalhos de Sueann Caulfield (1998), que analisa a regulação da prostituição no Rio de Janeiro do final do século XIX, e Jane Marie Collins (2008), que afirma existir uma carência de análises críticas do processo histórico que conduziu ao mito da democracia racial brasileira. Laura Moutinho (2008) é a única brasileira entre os trabalhos selecionados por Vigoya. Ela aparece entre as autoras cujas investigações examinam as dificuldades experimentadas por homens negros para alcançar a estrutura imposta pelo discurso da masculinidade hegemônica. Contudo, a produção intelectual brasileira que articula diferentes categorias de diferenciação é anterior às obras mencionadas.

2.3 O PENSAMENTO INTERSECCIONAL NO CONTEXTO BRASILEIRO

No Brasil, a luta de mulheres negras contra as múltiplas formas de opressão a que estão sujeitas tem início no período escravocrata. Nomes como Luiza Mahin, Aqualtune, Acotirene, Zeferina, Maria Felipe e Dandara dos Palmares fazem parte de uma historiografia de resistência negra ao projeto colonial, que tinha em sua estrutura demarcações de gênero com violências específicas contra as mulheres percebidas como coisas, que se atualizam nas figuras da mulata e da empregada doméstica. Contudo, é no início da década de 1980, bem antes da estruturação do conceito de interseccionalidade nos Estados Unidos, que a produção intelectual de mulheres como Luiza Bairos, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Edna Roland, Jurema Weneck, Nilza Iraci e Maltide Ribeiro vai ressaltar “a importância de se pensar gênero

articulado ao pertencimento racial, apontando que racismo e sexismo devem ser trabalhos juntos” (RODRIGUES, 2013, p. 02).

Esse pensamento que evidencia a necessidade de articular diferentes marcadores surge a partir das vivências das mulheres negras no Movimento Negro e no Movimento Feminista, que ressurgem nos anos 1970, ainda no contexto da ditadura cívico-militar. Em ambos os movimentos, as demandas que articulavam gênero e raça eram invisibilizadas pois elas não representavam os interesses dos grupos dominantes. No Movimento Negro, ao perceberem a contradição entre a importância da mulher negra dentro da comunidade - como chefe de família, transmissora de valores culturais e até mesmo na luta contra a escravidão na defesa e formação de quilombos - com sua posição nas estatísticas socioeconômicas; elas começaram a pensar sobre sua própria condição. Mas esse deslocamento encontrou resistências: “sofremos uma discriminação muito violenta por parte dos militantes homens, que não aprofundam a questão da mulher, apenas a constata, desenvolvendo um processo de boicote da militância feminista dentro do Movimento Negro” (BAIRROS, 2008, p. 140).

Ao buscar embasamento no Movimento Feminista para discutir suas especificidades, as mulheres negras se deparam com o racismo ali presente. O mito da democracia racial existente no contexto brasileiro e assimilado pelas feministas, a necessidade de construção de uma identidade universal de mulher em volta da qual todas estivessem unidas e a subestimação da questão de classe dentro do Movimento Feminista são fatores que nos ajudam a entender a dificuldade de aliança das mulheres negras com o feminismo (BAIRROS, 2008).

Em um dos primeiros trabalhos acadêmicos publicados sobre as especificidades da mulher negra, Lélia Gonzalez (1984) se interessa em mostrar que a articulação entre racismo e sexismo funciona como um dos operadores simbólicos que estrutura o modo como elas são vistas e tratadas na sociedade. Ela aponta o carnaval como o momento de encenação do mito da democracia racial, momento em que os corpos negros ganham protagonismo, especialmente através da figura da mulata que contrasta com o lugar comum no qual a mulher negra é inscrita socialmente: doméstica. “Os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas” (GONZALEZ, 1984, p.228).

O pensamento de Lélia Gonzalez também oferece insumos para pensar o sujeito historicamente subalternizado fora do lugar de vítima. Ao apresentar a ideia do “pretugues”, ela inscreve um olhar sobre o sujeito africano como aquele capaz de promover alterações na

linguagem e na cultura daquilo que viria a se chamar Brasil. O mesmo viés de raciocínio está presente na ideia de que a “mãe-preta” é a verdadeira mãe dos filhos do senhor de escravo. “A branca, a chamada legítima esposa, é justamente a outra que, por impossível que pareça, só serve para parir os filhos do senhor. Não exerce a função materna. Esta é efetuada pela negra. Por isso, a ‘mãe preta’ é a mãe” (GONZALEZ, 1984, p. 235).

As rasuras apresentadas pelo pensamento de Lélia Gonzalez e a agência dos sujeitos pautada pela perspectiva construcionista da interseccionalidade são importantes para pensar as articulações de marcadores para além do lugar da subordinação, mas principalmente como estruturação de formas específicas de resistências e enfrentamentos. Por isso, tendo a adotar a perspectiva interseccional filiando-me à proposição feita por Henning (2015):

[...] proponho uma noção de interseccionalidade compreendida como relativa às formas de entrelaçamento entre os marcadores sociais da diferença e suas potenciais decorrências em termos de desigualdades sociais, assim como relativa ao desenvolvimento de táticas de resistência, questionamento e desconstrução da desigualdade, sobretudo sob distintas formas de agência interseccional (p. 117).

Apesar da interseccionalidade como prática política ser agenciada há quase 40 anos pelas intelectuais negras, essa perspectiva teve pouca adesão entre as feministas brasileiras. Segundo Cristiano Rodrigues (2013), três são as razões que ajudam a explicar esse baixo interesse. A primeira é a já apontada por Luiza Bairros (2008) como empecilho para aliança das mulheres negras com o Movimento Feminista: a afirmação do “ser mulher” como uma identidade universal através da qual se defendia a solidariedade intragênero num processo que invisibilizava as diferenças e desigualdades entre as mulheres. Essa premissa é duramente contestada quando se propõe análises que colocam em evidência as articulações entre distintos marcadores.

A segunda razão deriva do fato de que feministas brasileiras fizeram uma apropriação parcial dos aportes teóricos desenvolvidos em outros contextos. O que seria motivado por uma concepção de que a articulação entre racismo e sexismo cabe apenas às mulheres negras e à falta de tradução das obras norte-americanas que teorizam as interconexões entre os marcadores sociais. À época do surgimento dos primeiros núcleos de estudos de gênero nas universidades brasileiras, livros como *Ain't I a Woman: Black Woman and Feminism Women*, de bell hooks; e *Race and Class*, de Angela Davis, ainda não tinham sido traduzidos para a língua portuguesa. Outros, como *This Bridge Called my Back: Writings by Radical Women of Color*, de Cherríe

Moraga e Glória Anzaldúa e *Black Feminist Thought*, de Patrícia Hill Collins, continuam sem tradução até o momento (junho de 2019).

Por fim, Rodrigues aponta a baixa inserção de mulheres negras na academia, como discentes e docentes, como outro fator determinante para a pouca mobilização da interseccionalidade como perspectiva necessária aos estudos de gênero. “Com a maior entrada de mulheres negras na academia tem havido uma mudança, pequena, porém contínua, nas pesquisas sobre gênero, raça e classe no país” (RODRIGUES, 2013, p. 09). Nos três fatores apontados pelo pesquisador, é visível como a articulação entre as categorias de diferenciação dificulta a produção de saberes dissonantes.

Dialogando com Sueli Carneiro (2005), que, em sua tese de doutorado, discute o conceito de epistemicídio, acredito que podemos pensar o desinteresse pela produção feminista negra como reflexo desse mecanismo que inferioriza a produção intelectual do/a negro/a ou sua anulação enquanto sujeito/a de conhecimento. Um processo que é paralelo e retroalimentado pela consolidação da supremacia intelectual branca. Negar a pertinência de análises que articulem as diferentes categorias de subordinação que perpassam a vida dos sujeitos, além de constituir uma desonestidade acadêmica, despreza toda a produção intelectual de mulheres negras que evidencia a urgência desse tipo de abordagem.

2.4 MASCULINIDADES, RACISMO E HOMOFOBIA: ARTICULAÇÕES PARA PENSAR O GAY NEGRO

Em Frantz Fanon (2008) também é possível verificar distinções do racismo feitas a partir do sexo/gênero. Embora ele aponte que os negros e as negras busquem na relação com pessoas brancas a inserção na esfera da humanidade restrita à brancura, a estrutura patriarcal autoriza ao homem branco acessar os corpos de várias mulheres, inclusive negras, sem que com elas firmem qualquer compromisso; enquanto o homem negro, sujeito às violências provenientes da negrofobia, necessita da autorização do branco (pai, irmão, tio), para quem ele é um animal redutível ao pênis, para se relacionar legalmente com uma mulher branca. O homem racializado está subordinado pelo racismo e pela masculinidade branca.

As articulações e efeitos das interações do racismo na produção de masculinidades, historicamente, ficou a reboque nas produções intelectuais que discutem gênero. Talvez isso

seja reflexo de um entendimento que limita a categoria gênero a mulher, conduzindo a uma centralidade das pesquisas nas relações entre homens e mulheres, ou ao fato de que são elas quem protagonizam as discussões do campo, pensando sobre suas próprias questões. Contudo, as feministas apresentam insumos para produção de reflexões sobre o lugar do masculino. Em sua discussão sobre as dimensões simbólicas da opressão, Collins (2015) aponta como as características culturalmente atribuídas ao homem, como liderança, racionalidade e inteligência, possuem uma demarcação racial e são aplicáveis a um pequeno grupo de sujeitos: homens brancos.

Embora não tenha tido igual peso nas discussões encabeçadas pelas feministas, é o interesse delas de amenizar o peso do machismo que promoverá a desconstrução crítica do lugar naturalizado do masculino. “No campo da psicologia e da antropologia social, começou a se apresentar uma relativização histórica da figura masculina, até então entronizada e vendida como monolítica, imutável, essencial eterna e, eventualmente, divina ou metafísica” (PINHO, 2004, p. 65). Esse processo conduziu a um entendimento acerca da existência de diferentes masculinidades caracterizáveis como hegemônicas ou subordinadas a partir das interações entre os diferentes sistemas de poder – classe, raça, sexualidade.

Ora, a diferenciação dos corpos, e sua hierarquização colonial, demandaram a regulação de corpos sexuados e racializados. O homem branco, como o colonizador heterossexual, ocupou o lugar discursivo do macho penetrador e civilizador, ativo sexualmente e produtor de história e cultura, reservando para negros, índios, mulheres e “pervertidos” sexuais, o lugar passivo de objeto da dominação e do disciplinamento, assim como o lugar da sexualidade indomável, abjeta e perigosa, num paradoxo claro, que revela a estrutura da contradição sexual, na formação de corpos coloniais. (PINHO, 2008, p. 273)

O homem negro é inscrito no sistema colonial como subalternizado pelo padrão hegemônico das sociedades ocidentais: homem branco, adulto, de classe média e heterossexual. E inscrito como um corpo, fundamentalmente, para o trabalho e sexuado, fragmento em partes:

a pele; as marcas corporais da raça (cabelo, feições, odores); os músculos ou força física; o sexo, genitalizado dimorficamente como o pênis, símbolo falocrático do plus de sensualidade que o negro representaria e que, ironicamente, significa sua recondução ao reino dos fetiches animados pelo olhar branco (PINHO, 2004, p. 67)

A produção feminina recupera os estereótipos construídos a partir do olhar colonial sobre seus corpos e denuncia as articulações entre racismo e sexismo presentes, por exemplo, no mito da mulata e na hipersexualização de seus corpos. Mas quando se trata das políticas corporais empreendidas pelos homens negros, Osmundo Pinho (2004) se pergunta: “Em que medida se afastam das fantasias sexistas e naturalizantes ligadas ao corpo, à sexualidade e às

prerrogativas de poder de homens negros?” Me parece que, em certa medida, os estereótipos sobre sexualidade, força e algumas prerrogativas que lhes são atribuídas têm sido agenciadas para construção de uma masculinidade precária que outorga vantagens sociais com as mulheres brancas, principalmente, e com as negras.

Desse modo, é a partir das produções de sujeitos que não se beneficiam das vantagens assentidas aos heterossexuais que a reconstrução do homem negro se estabelece. Esses trabalhos denunciam as articulações entre racismo e homofobia e, para a pesquisadora Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017), são possibilitados pela emergência de pesquisadores homossexuais negros. Megg aponta que o conceito de interseccionalidade tem sido acionado por alguns teóricos negros homossexuais brasileiros “que têm fornecido elementos para uma análise das experiências de gays afeminados, viados e bichas pretas em diversos espaços” (OLIVEIRA, 2017, p. 53). Entre eles, estão Ari Lima (2006), Alex Ratts (2007) e Osmundo Pinho (2008).

A ausência ou baixa incidência de estudos sobre a sexualidade do homem negro também pode ser entendida como reflexo do racismo e da homofobia nos campos de produção intelectual política e acadêmica aos quais as produções sobre suas experiências poderiam estar atreladas.

Embora haja consenso de que os movimentos negro e gay representem avanços na luta por direitos de pessoas historicamente marginalizadas, também é visível que reproduzem posturas opressoras ao silenciar a respeito de demandas consideradas menos importantes, como questões de gênero e sexualidade pelo movimento negro e questões de raça pelo movimento gay (OLIVEIRA, 2017, p.129)

Como vimos, o homem negro construído pelo discurso colonial detém certas vantagens sociais atreladas à heterossexualidade. E a negação das dissidências de gênero nos contextos racializados ou sua atribuição ao mundo branco foi agenciada na construção de uma inteligibilidade, pautada num sentimento de orgulho e valorização do povo negro. Em Fanon (2008), a prática homossexual aparece como algo negativo e, por isso, não condiz como uma prática passível à comunidade negra. Ele afirma que, embora exista, na Martinica, o que se chama de “homens vestidos de mulher”, eles possuem uma “vida sexual normal” e não são “insensíveis ao charme das mulheres”. Em contrapartida, na Europa, “encontramos alguns colegas que se tornaram pederastas passivos. Mas não era a homossexualidade neurótica, mas sim, para eles, uma atividade como era para outros a de proxeneta” (FANON, 2008, p. 154).

Para o autor, há uma associação entre a prática homossexual por negros e o interesse financeiro, uma vez que “há homens, por exemplo, que frequentam ‘castelos’, para serem

chicoteados por negros; há homossexuais passivos que exigem parceiros negros” (FANON, 2008, p. 152). Ao discutir a negrofobia, ele afirma que esse fenômeno está associado aos desejos homossexuais do homem branco pelo negro. Em suas palavras, “o negrófobo é um homossexual recalcado” (FANON, 2008, p.138) que, por sentimentos de pecado, culpa e paranoia condena seus instintos sexuais com relação ao homem negro que, sob o olhar branco, existe apenas no plano genital.

Ao refletir sobre esse tipo de construção discursiva sobre a sexualidade do homem negro, Tatiana Nascimento (2018), afirma que:

(...) nessa visão estereotipada e homogeneizante, há uma sexualidade própria ou correta da negritude; e sua manutenção enquanto sistema ideológico, político, econômico, afetivo de controle dos corpos e sexualidades negras se dá na base de perseguição e morte, chacota, anulação existencial física e simbólica, enfim, fincada no não-reconhecimento à autodeterminação sexual preta lgbtqi tanto na diáspora quanto no continente (NASCIMENTO, 2018, s/p).

A construção da narrativa da heterossexualidade negra que classifica as dissidências sexuais e de gênero como defeito branco ignora, inclusive, os itans - mitos, histórias e canções componentes da cultura iorubá - que dão conta de pensar a ancestralidade da dissidência. Entre eles, aquele no qual Oxum seduz Iansã, dando conta de que a relação da primeira com o rio seria consequência de um sexo lésbico com a segunda. E o itan acerca da acolhida de Otim por Oxóssi, uma narrativa que poderia ser interpretada na cultura ocidental como referente à transexualidade de Otim (NASCIMENTO, 2018).

Esse apagamento das dissidências de gênero e sexualidade da história, cultura e experiências negras pode ser interpretado como um dos reflexos da internalização de uma moral cristã muito bem difundida pelo projeto colonial da Europa. E seu resultado imediato é a construção de uma identidade negra na qual o pertencimento racial está atrelado à heterossexualidade. Essa associação muito bem difundida nos imaginários coletivos estrutura interpelações como “Pow, cara! Até você, negão?!” que ouvi algumas vezes ao desfilar de mãos dadas com meu namorado. A noção subjacente é que o “negão” não pode ser “viado”. Mas, e por que não o negão?

Dentro da “cultura” gay, a negritude, assim como outros marcadores que distanciam os sujeitos do padrão socialmente aceito, será invisibilizada através de um processo de produção de uma identidade homogeneizante que se aproxima da heterossexualidade e da estrutura capitalista de consumo. Tiago Sant’Ana (2010) afirma que, se a emergência da AIDS, nos anos 1980, será importante para evidenciar que os homossexuais não são estranhos distantes, mas sim pessoas próximas, também produzirá um movimento que visa dissociar os doentes exibidos

na mídia, seus trejeitos e estética daquele que será o homossexual aceitável. “Se é o gay afeminado que tem AIDS, é preferível aquele homossexual viril e heterossexualizado” (SANT’ANA, 2010, p. 06).

A partir dos anos 1990, começam a surgir uma série de publicações voltadas para o público gay, pautadas na produção da imagem do homossexual bem-sucedido, fino, de bom gosto, rico. Uma representação que em nada dialoga com o corpo negro, gordo, velho ou das bichas afeminadas, que eram invisíveis nas revistas que surgem nesse período. Esses corpos são aqueles cuja humanidade é negada, cujas vidas não são consideradas e cujas materialidades não são importantes (SANT’ANA, 2010). No espaço marcado por hierarquias de beleza e comportamento público, o homossexual negro não encontra aceitação que não seja pela via do exotismo. “Assim, um gay negro ‘bonito’ pode ser aceito e valorizado, mas com as usuais associações com barbarismos, selvageria e a hiper-sexualidade” (PINHO, 2008, p.274).

A articulação entre diferentes marcadores sociais da diferença é defendida por pesquisadores que trabalham com teorias pós-identitárias, como é o caso da Teoria Queer. Richard Miskolci (2007) pela criação de alianças entre os Estudos Pós-Coloniais e a Teoria Queer a partir do consenso de que raça e sexualidade são categorias interdependentes. Elas estruturam o processo de racialização do sexo e sexualização da raça, que se alia a outras categorias essencializadas como nação. Segundo ele, ambas integram as teorias subalternas que fazem crítica aos discursos hegemônicos na cultura ocidental e os estudos queer, compilados numa publicação de 2005¹⁹, mostram que não é “mais garantido que a sexualidade seja o eixo principal dos processos sociais que marcaram e ainda moldam as relações sociais, mas, ao contrário, emerge a ideia de um ponto nodal de intersecções de diferenças” (MISKOLCI, 2007, p. 10).

Essa articulação, contudo, precisa ser feita à luz de alguns cuidados e entendimentos sobre divergências conceituais que os campos de estudos apresentam, sobretudo com relação à noção de identidade. Ângela Figueiredo (2015) chama atenção para o fato de que, enquanto nos EUA a identidade racial e, por consequência, o racismo, será definida a partir de uma ancestralidade ou ascendência negra (racismo de origem), no Brasil o mito da democracia racial irá camuflar o racismo que se dá a partir dos traços fenotípicos (racismo de marca). Essa especificidade brasileira produzirá uma profusão de identidades raciais criadas para negar uma identidade negra.

¹⁹ What’s Queer about Queer Studies Now? (Eng, Halberstam e Muñoz, 2005)

Analisando a experiência negra brasileira observa-se que o processo identitário ocorre através de duas perspectivas: por um lado, constata-se uma ruptura com a reprodução de normas e valores que insistem em desumanizar o sujeito negro; por outro, há uma investida na reelaboração de discursos e práticas que sejam capazes de reinventar o corpo e a experiência negra (FIGUEIREDO, 2015, p.161)

Desse modo, o processo de construção da identidade racial negra no Brasil contrapõe-se à perspectiva segundo a qual uma identidade social inteligível é o resultado da norma disciplinar sobre o sujeito e do engajamento do sujeito na sua reprodução, que segundo Ângela Figueiredo, está presente no pensamento de Butler e de Foucault. No caso brasileiro, os discursos coletivos permitem a retirada dos sujeitos discriminados do isolamento a que foram submetidos historicamente. Ao não levar em conta o fato de que as identidades são dinâmicas, construídas em contextos históricos e sociais específicos e, por isso, passíveis de reinvenção; associa-se a construção identitária à perda da singularidade e do direito à diferença (FIGUEIREDO, 2015). Com relação a essa dinâmica, é interessante notar que a adoção das cotas em universidades e concursos públicos e instauração de comitês de verificação para cotistas instaurou uma disputa com relação à reivindicação do pertencimento negro. Esse conflito encontra ecos nos debates acerca do ²⁰corpo, que traz à tona a mestiçagem ocorrida no Brasil e que foi estrategicamente silenciada pelo movimento negro em prol da construção de uma identidade coletiva.

Miskolci (2007) também apresenta ponderações acerca da articulação entre os Estudos Pós-Coloniais e a Teoria Queer. Ele afirma que, enquanto os estudos da diáspora se apoiam na existência de uma origem cultural e/ou étnica alternativa a que podem recorrer, o *queer* lida com sujeitos sem alternativa passada nem localização presente, que se colocam no paradoxo entre a presença e a invisibilidade, a internalidade e a exclusão. Contudo, ele afirma que a criação da nação está “na conexão raça-sexualidade, um nó que evidencia um mesmo processo normalizador que cria seres considerados menos humanos ou até mesmo abjetos” (MISKOLCI, 2007, p.11). Para Pinho (2008), a miscigenação permite que “as contradições raciais e sexuais se equacionem numa feliz solução final, baseada no desejo e na dominação” (p. 267). Na

²⁰ O colorismo ou a pigmentocracia é a discriminação pela cor da pele e é muito comum em países que sofreram a colonização europeia e em países pós-escravocratas. De uma maneira simplificada, o termo quer dizer que, quanto mais pigmentada uma pessoa, mais exclusão e discriminação essa pessoa irá sofrer. Aline Djork (2015) aponta especificidades no que diz respeito à sua ocorrência no Brasil. Segundo ela, aspectos fenotípicos como cabelo crespo, nariz arredondado ou largo, dentre outros aspectos físicos, que nossa cultura associa à descendência africana, influenciam no processo de discriminação. DJOKIC, Aline. Colorismo: o que é, como funciona. Disponível em <https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/>

América Latina, ela é acionada por Estados autoritários e racistas num processo de embranquecimento e invisibilização do negro e de sua historicidade.

Entre os pesquisadores ligados aos estudos *queer* que acionam a noção de interseccionalidade estão Leandro Colling, Alexandre Nunes de Souza e Francisco Soares Sena (2017). Segundo eles, no Brasil, pessoas e coletivos artísticos sintonizados/as com as questões importantes para os estudos e políticas *queer* têm interseccionado, em suas lutas, distintos marcadores sociais da diferença. Entre essas artistas está Linn da Quebrada que, em seu trabalho “fortalece e atribui sentido positivo a uma estética que apresenta características marginalizadas e tidas como abjetas” (p.210), interseccionalizando raça, classe, gênero, padrões corporais e orientação sexual. O trabalho dessa artista é enquadrado pelos pesquisadores como um dos exemplos mais importantes do que eles têm chamado de “ativismo das dissidências sexuais e de gênero”²¹.

Em uma de suas músicas mais famosas, *Bixa Preta*, Linn trabalha as interseccionalidades apontando os cruzamentos dos marcadores nas experiências vividas por travestis, mulheres trans e homossexuais negras das periferias urbanas, mas, principalmente, indicando os seus agenciamentos, sobretudo pela positivação do insulto. Vale a pena uma longa citação da música:

Que eu soul uma bixa loka preta favelada
quicando eu vou passar
ninguém mais vai dar risada
& se tu for esperto, tu vai logo perceber
que eu já não de brincadeira
eu vou botar é pra fuder

Que bixistranha, insandecida
arrombada, pervertida
elas tomba, fecha, causa
elas são mta lacração
Mas daqui eu não tou te ouvindo boy
eu vou descer até o chão

Bixa pretrrrrrraaaaaáahh!!!

A minha pele preta, é meu manto de coragem
impulsiona o movimento
envaidece a viadagem
vai desce, desce, desce...
DESCE A VIADAGEM!!!

(Bixa Preta – Linn da Quebrada/ Fonte: Canal de Linn da Quebrada no YouTube)

²¹ Ver Colling (2017)

Acredito que o trabalho feito, sobretudo por essa artista, tem influenciado toda uma geração que aposta na lacerção como estratégia de enfrentamento às opressões. E os ecos dos discursos presentes em seu trabalho podem ser percebidos em algumas falas trazidas pelos colaboradores desta pesquisa e na estética que constroem de si mesmos. Caique, por exemplo, afirma que, apesar das críticas que sempre recebia através de risos e cochichos nos corredores da escola quando mudava o corte ou a cor do cabelo, nunca deixou de fazê-lo.

2.5 INTERSECCIONALIDADES E A PESQUISA SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

A fim de entender como as interseccionalidades vêm sendo abordadas nos trabalhos realizados sobre educação e ambiente escolar, realizei um breve levantamento nas revistas acadêmicas de universidades baianas. A pesquisa foi estruturada a partir da relação de Periódicos de Educação do Norte Nordeste do Brasil²², considerando as edições publicadas entre os anos de 2010 e 2019. Para realização da triagem dos trabalhos publicados, fiz a leitura dos títulos, resumos e palavras-chaves elegidas pelos/as autores/as para sintetizar os principais temas abordados no texto. Esse processo me levou a uma categorização dos trabalhos a partir dos marcadores de “raça”, “gênero ou sexualidade” e “raça/gênero ou sexualidade”, uma vez que esses são os mais relevantes para pensar meu próprio trabalho.

As informações coletadas estão expressas na tabela abaixo, na qual sistematizo, por publicação, o volume de trabalhos que tratam de cada temática.

Levantamento Periódicos 2010 A 2019					
REVISTA	Nº de Edições	Total de Trabalhos	Raça	Gênero/ Sexualidade	Raça e Gênero/sexualidade
Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos	11	113	0	0	0
Revista Práxis Educacional	29	526	17	7	5
Educação e Contemporaneidade	24	407	8	11	6
Revista de Educação do Vale do São Francisco	20	201	9	6	0

²² A lista está disponível em

<http://www.anped.org.br/sites/default/files/images/lista_de_periodicos_de_educacao_do_norte_e_nordeste.pdf>

Revista Entreideias: Educação, Cultura e Sociedade	22	201	0	13	1
Caderno Aprender	11	92	1	8	0

Os dados obtidos através dessa pesquisa me levam a conclusão semelhante à que chegou Carla Freitas (2017) sobre a ausência de espaço para discussões de gênero e sexualidade nos eventos de educação. Ela afirma que, “por um lado, temos um crescimento considerável nas produções na área de educação, gênero e sexualidade, e poucos eventos de educação abrindo espaços sobre essas demandas” (p. 28). Essa também é a percepção que tenho ao observar que de um total de 1.540 textos publicados em 10 anos, apenas 57 tratam da temática, seja de forma isolada ou em sua relação com outros marcadores. A falta de espaço ainda é maior quando se trata da questão racial negra, abordada em apenas 47 trabalhos.

Esses temas, quando aparecem nas publicações analisadas, decorrem de uma edição especial para tratar de diversidade, revelando o carácter acessório com que são vistos no contexto da educação, ainda que, como sabemos, são questões constitutivas dos sujeitos e, em certa medida, reguladora das relações. Outro elemento importante sobre a presença dessas discussões nas revistas analisadas, especificamente no que diz respeito à temática racial, é a presença da Lei 10.639/2003, que insere a temática "história e cultura afro-brasileira" como obrigatória nos ensinos fundamental e médio. Esse instrumento jurídico, que se fez necessário em virtude do racismo presente no apagamento das contribuições culturais e históricas dos povos negros, potencializa novos olhos sobre a pesquisa em educação. Nesse sentido, observam-se trabalhos que discutem dificuldades na sua implementação em contextos específicos e análises de iniciativas em andamento.

É interesse observar que, nem mesmo o Movimento Escola Sem Partido, que no ano de 2016 era uma preocupação entre pesquisadores e ativistas da área de gênero e sexualidade, promoveu aumento no número de trabalhos que dissertassem sobre suas implicações no âmbito educacional. Isso me parece ser mais um indício de que “gênero e sexualidade, apesar de serem eixos em emergência, não são compreendidos como aspectos de carácter de urgência dentro do que se elegeria enquanto prioritário no espaço de formação dos sujeitos” (FREITAS, 2017, p. 28). O mesmo vale para a pauta racial que, dentro do que estabelece o Escola Sem Partido, seria uma pauta militante atrelada a um grupo político específico, portanto, não deveria ser abordado no ambiente escolar.

Um dos poucos textos em que o ataque aos debates de gênero e sexualidade na escola é pautado analisa o “Informativo Kit Gay”, distribuído pelo então deputado Jair Bolsonaro. A análise realizada por Carla Lisboa Grespan e Silvana Vilodre Goellner (2011) aponta como a deturpação do Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, feita no documento produzido pelo parlamentar, reflete uma tentativa de silenciar os debates sobre questões importantes não somente para jovens LGBTs mas para todos os sujeitos que não performam os *scripts* determinados pela cisheteronormatividade. No trabalho, as autoras apontam o recuo do governo federal em suspender a produção do material de combate à homofobia como vitória do discurso heteronormativo frente ao perigo que o projeto silenciado apresentava à sua desestabilização.

As discussões que operacionalizam os marcadores de raça e gênero ou sexualidade estão concentradas em um volume pequeno de trabalhos: 11 de um total de 1.540. E nesse recorte observamos uma hegemonia dos textos publicados no dossiê temático “Saberes docentes de intelectuais negras: mediações outras frente ao *ethos* acadêmico”, da revista *Práxis Educacional*, e na edição “Educação, Diversidade e Desigualdades”, da revista *Educação e Contemporaneidade*. Contudo, a maior parte dos textos presentes nessas publicações versam sobre a experiência e atuação de mulheres negras na docência ou sobre a produção intelectual dessas figuras. Esse dado reflete o protagonismo feminino negro na complexificação das análises, que deve, principalmente, por conta da configuração específica de opressões com que precisa lidar.

Entre os títulos nos quais a interseccionalidade aparece, temos o trabalho de Maria Simone Euclides e Joselina da Silva (2019). Em *Dialogando Autoetnografias Negras: intersecções de vozes, saberes e práticas docentes*, elas revisitam suas experiências como alunas, refletindo, especialmente, sobre os traços do racismo e do sexismo em suas trajetórias. E discutem sobre suas atuações como docentes no espaço universitário, na proposição crítica e reflexiva sobre o pensar, falar e agir, desconstruindo o imaginário de não pertencimento e invisibilidade de mulheres negras em espaços públicos. As experiências desse grupo também aparecem nos trabalhos *Experiências de Professoras/Intelectuais Negras na Universidade: entre o direito à diferença e a competência pedagógica*, de Sônia Beatriz dos Santos e Ilaina Damasceno (2019), *As Mulheres Negras Brasileiras e o Acesso à Educação Superior*, de Delcele Mascarenhas Queiroz e Carlinda Moreira dos Santos (2016) e outros encontrados durante o levantamento.

Esses trabalhos, contudo, apresentam uma perspectiva centrada em alunos/as ou docentes do ensino superior. Desse modo, as leituras que os/as participantes das pesquisas apresentam costumam estar amparadas na reflexão teórica proporcionada por esses espaços. E quanto aos/às estudantes da educação básica? De que forma as relações entre gênero, sexualidade e raça estão presentes em suas vivências? Como eles/as percebem essas relações? Através do recorte feito para realizar esse levantamento de trabalhos nas revistas baianas da área de educação, encontrei apenas um artigo que apresenta pistas para responder a essas perguntas. Coincidentemente, esse trabalho também desloca a questão de gênero do âmbito feminino para pensar masculinidades e, metodologicamente, utiliza periódicos para pautar os temas que serão discutidos durante a intervenção realizada pelo pesquisador.

Em *Famílias, Masculinidades e Racialidades na Escola: provocações Queer e Decoloniais*, Marcio Caetano, Paulo Melgaço da Silva Júnior e Treyce Ellen Silva Goulart analisam os dados obtidos através de uma intervenção feita com alunos/as da 6ª série de uma escola pública situada na periferia do município de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. O público da pesquisa é formado por estudantes, majoritariamente, negros/as, pertencentes a arranjos familiares distintos e com idade em torno dos 11 anos. O trabalho apresenta uma análise das reações apresentadas frente a diferentes arranjos familiares e evidencia como a cultura racista e heteronormativa se faz presente na reprodução de discursos que valorizam a família tradicional, ou nuclear, branca, como arranjo idealizado pelos/as participantes. Também expõe a internalização de discursos baseados na valorização da virilidade e que deslegitimam a relação afetiva entre dois homens.

Outra tensão trazida pelo trabalho diz respeito às relações interracialiais. Ao analisar esse arranjo familiar, algumas alunas da pesquisa afirmam que o homem deve ter dinheiro e que todo homem negro rico casa com mulheres brancas. Para os autores do trabalho, esse discurso reflete a colonialidade do poder e do ser que, no discurso em questão, nega às mulheres “a possibilidade de se construírem como legíveis ao reconhecimento racial” (CAETANO, JÚNIOR e GOULART, 2016, p.137). Contudo, a análise deixa passar despercebidos os reflexos que a constatação dessa “preferência” dos homens negros traz, subjetivamente, para essas meninas. Para os autores, esse movimento reflete uma busca pela “ressignificação da masculinidade”, mas na análise de Fanon (2008) é a própria humanidade que está em jogo. E, talvez, observar esse arranjo familiar composto por homem negro, mulher branca e filhos ative um trauma subjetivo relativo ao abandono que ele promove para um grupo específico. Nesse

sentido, a interseccionalidade da análise a que as pessoas pesquisadoras se propõem carece um pouco mais de complexidade.

Até aqui realizei uma revisão bibliográfica para apresentar e pensar conceitos e perspectivas teóricas importantes para esta dissertação. A partir de agora, analisarei os dados produzidos no trabalho de campo em diálogo com as reflexões, conceitos e teorias já desenvolvidas.

3. UMA ESCOLA TRANQUILA?

De fevereiro a setembro de 2019, fiz visitas periódicas ao Colégio Estadual Bolívar Santana. E o material que colhi durante as entrevistas e a imersão no contexto escolar me permitiram pôr em dúvida a tranquilidade alegada pelos meus informantes em relação aos temas de gênero e sexualidade na instituição. Obviamente, o discurso que eles promovem sobre o colégio é justificado a partir de suas experiências na escola que analiso e em outras pelas quais passaram. É um discurso pautado no quadro de referências que eles dispõem, bem como o que produz aqui é pautado no meu. Neste capítulo, retomo a apresentação da escola iniciada na introdução do trabalho, que naquele momento esteve centrada em evidenciar como o marcador de raça se alinha estruturalmente com o equipamento escolar, para agora falar sobre as relações, discursos e práticas ali existentes. A ideia é tensionar uma pretensa pacificidade para estudantes não heterossexuais negros na instituição.

É inegável que a escola tem uma grande quantidade de alunos negros e não heterossexuais. Esse dado é observável no pátio da instituição antes do toque da sirene que indica o início do primeiro horário de aula. Espalhados pela área aberta que antecede os portões de acesso às salas, os alunos e as alunas parecem se misturar numa verdadeira celebração da diversidade. E aqui entendo diversidade a partir da reflexão trazida por Tomaz Tadeu da Silva (2012), segundo a qual há uma ideia de que a diferença e a identidade são fatos da vida social para os quais a posição pedagogicamente recomendada é de respeito e tolerância. Nesse cenário, os meninos não heterossexuais transitam em pequenos grupos acompanhados de meninas, enquanto os meninos heterossexuais se mantêm nos seus nichos de sociabilidade. Os bancos de cimentos construídos entre a quadra de esportes e os banheiros parecem ser o lugar restrito a esses meninos, enquanto aqueles que não performam a masculinidade hegemônica estão, majoritariamente, situados no pátio, onde conversam, brincam uns com os outros, riem alto e gesticulam além do que é, socialmente, considerado adequado para um menino.

A existência de grupos entre os jovens, contudo, não é algo específico do contexto analisado. O fato de se tratar de estudantes de uma mesma escola nem de longe cria traços de homogeneidade entre aqueles sujeitos, pois há uma gama de interesses, desejos, culturas, gostos, etc. que interferem no processo de formação de vínculos e, conseqüente, grupos com os quais cada um/a anda e interage na escola e em os outros espaços da vida. Chama atenção que, nesta instituição, os meninos não heterossexuais sintam-se à vontade para estar junto com

as meninas, seja caminhando de braços dados, sentados no colo ou sendo o único garoto em um grupo de garotas; sem que isso seja motivo para zombarias e ataques das mais diversas formas.

Em meu período escolar, a adoção de postura parecida por um aluno sobre quem pairasse suspeitas de que não era heterossexual o colocaria em maior situação de exposição e vulnerabilidade, tornando-o alvo dos vigilantes da sexualidade que apontavam e rechaçavam o desvio. Por isso, na minha experiência, os grupos sempre funcionaram como espaços de adequação e ao mesmo tempo proteção. Andar com os meninos tidos como heterossexuais fazia com que eu me passasse por um deles. Além dos outros elementos integrantes da performance, minha passabilidade²³ hétero estava intimamente ligada ao grupo de pessoas com quem andava. Contudo, para isso, era preciso negar e dissimular tudo aquilo que fosse passível de julgamentos: ou seja, me anular.

Essa não parece ser uma questão enfrentada pelos alunos da instituição onde a pesquisa foi realizada. Esse dado coloca em evidência a lacuna temporal que separa minha experiência escolar da que é vivida pelos/as alunos/as do Bolívar Santana. Eu ingressei no Ensino Médio no ano de 2005 e cursei o 3º ano - série que cursavam meus colaboradores ainda estudantes – no ano de 2007. Desse modo, além das diferenças geográficas, mais de 10 anos separam o que vivi na escola daquilo que, em 2019, observo. Isso sem falar no fato de que estudei em uma cidade do interior do estado, onde o acesso às tecnologias e meios de comunicação era bastante limitado e as pessoas, em geral, possuíam uma visão muito limitada no que diz respeito à diversidade sexual e de gênero. Com isso, não é de se surpreender que uma das referências importantes que tive para tomada de consciência da minha orientação sexual tenha sido um personagem de uma telenovela.

Desse modo, ao contrapor minha experiência com a dos colaboradores da pesquisa, não busco qualquer tipo de regularidade. Com esse movimento, demarco a importância do debate de gênero, sexualidade e raça ao colocar em evidência os reflexos do acesso às discussões na postura dos jovens que colaboram com este trabalho. Infelizmente, como veremos ao longo deste trabalho, muito pouco disso tem relação com a escola, que se isenta da sua responsabilidade de tratar esses temas. Sendo assim, o acesso aos debates é possibilitado, em

²³ O termo passabilidade foi estruturado dentro dos estudos trans e diz respeito a passar para o outro que a sua performatividade de gênero é condizente com o que espera para aquele corpo/sexo. A passabilidade garante que a pessoa transgênero não seja identificada como tal. NICHOLAS. Por um diálogo sobre “passabilidade”, visibilidade e protagonismo dentro da comunidade trans. Disponível em <https://transfeminismo.com/por-um-dialogo-sobre-passabilidade-visibilidade-e-protagonismo-dentro-da-comunidade-trans/> Acesso em 13 jun 2020

parte, pela popularização da internet e dos canais de comunicação, formação e troca que ela cria. Além disso, nos mais de 10 anos que separam meu percurso escolar da minha imersão em uma unidade de ensino para fazer pesquisa, houve um notório crescimento da produção acadêmica e cultural que se dedica às temáticas centrais desta pesquisa.

Acerca do acesso à internet, Caique revela que os vídeos “dessas pessoas que falam muito em relação a um monte de temas assim” foi um dos elementos que lhe ajudou no fortalecimento de suas identidades dissidentes. O material apontado pelo estudante, muitas vezes, cumpre um importante papel de difusão das produções intelectuais realizadas no âmbito dos movimentos sociais e da academia. No que diz respeito ao fortalecimento do campo de estudos em gênero e sexualidade, a tentativa de silenciar esse tema no ambiente escolar, empreendida pelo Movimento Escola Sem Partido, me parece um bom termômetro do alcance que essas discussões têm tido em todo o país.

Além disso, vale ressaltar o levantamento realizado pela plataforma Gênero e Número, que em 2019, apontou a existência de 358 grupos das áreas de Humanas e Ciências Sociais Aplicadas²⁴, certificados pelo CNPq, que discutem gênero. Segundo apurou a plataforma, em alguns grupos essas discussões são interseccionadas com outros marcadores, dentre eles raça e religião. Em Salvador, o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCus), que surgiu em 2007 como CuS, é referência quando se trata de diversidade sexual e de gênero. Desde a sua fundação, o grupo desenvolve atividades dentro e fora da universidade, contribuindo para o fortalecimento do campo de estudos e ampliação dos debates.

De volta aos elementos que me chamaram atenção no Bolivar Santana: nos momentos de interação anteriores ao início das aulas não acontecem situações de violência explícita entre os/as alunos/as ou entre alunos/as e funcionários/as. Enquanto todos se mantêm em seus devidos lugares, a ordem está estabelecida. Dentro da estrutura organizativa da escola, esse momento em que todos/as os/as estudantes desfrutam do mesmo espaço é obrigatório, pois os prédios nos quais as aulas acontecem são mantidos trancados até que toque a sirene e a vice-diretora tome o microfone para indicar quais turmas devem ir para sala. Aqueles/as que não têm aula, seja porque o/a professor/a faltou ou está atrasado/a, devem permanecer no pátio. Essa foi a construção organizativa observada na rotina da escola todos os dias em que lá estive, seja para

²⁴ O levantamento não levou em consideração as áreas de Biológicas, Saúde e Linguística. Os dados foram divulgados em < <http://www.generonumero.media/grupos-genero-caca-bruxas/>>. Acesso em 11 de mar 2021

tratar de questões do jornal, para entrevistar estudantes ou para participar de atividades pedagógicas da instituição, como foi a feira de ciências.

3.1 GÊNERO E SEXUALIDADE

As performatividades de gênero borradas pelos estudantes que não performam a masculinidade hegemônica - e expressam esse desvio através da expressão corporal, do uso de “bixa” e “viado” como vocativos e, na medida em que a padronização imposta pelo uniforme escolar permite, no vestuário - são normatizadas em alguns dispositivos da escola. Nos banheiros, as tradicionais inscrições e símbolos que remetem ao masculino e feminino dão lugar a outras construções interpretativas associadas aos gêneros. Os códigos habituais, carregados de maior expressividade na marcação dos corpos autorizados a utilizar aqueles espaços, são substituídos por construções mais sutis e não por isso menos associadas aos gêneros. Nos banheiros situados no pátio da escola, que são de acesso preferencial dos/as alunos/as do ensino médio, a porta do banheiro feminino é marcada por uma pintura de flores, que têm uma relação intrínseca com as noções de beleza, encanto, fragilidade e delicadeza. Em contraponto, os meninos são interpelados a partir de imagem e textos que associam a figura masculina aos conceitos de intelectualidade, cultura, formação e educação.

Figura 6: Banheiros do Pátio



Fonte: Foto feita pelo autor/pesquisador, 2019

Essas imagens refletem os discursos de gênero que permeiam a sociedade e estão enraizados na cultura. Contudo, não estão alinhadas com o discurso hegemônico sobre o grupo racial predominante naquela instituição. Ao homem negro o racismo negou a associação com os conceitos de cultura, intelectualidade e racionalidade e às mulheres, como lembra Lélia González (1984), o cruzamento entre o machismo e o sexismo deu luz, na cultura brasileira, aos estereótipos da mulata e da mãe preta, nenhum deles relacionado com ideias de fragilidade ou encanto. Como nos lembra o discurso de Sojourner Truth (2014), as condições impostas à mulher negra, muitas vezes, fazem questionar a identificação com a categoria mulher. Nesse sentido, as imagens grafadas nas portas dos banheiros avançam na medida em que subvertem as construções sócio histórico culturais atreladas ao povo negro. Esse avanço acontece porque insere na estrutura aqueles/as que estavam à margem.

Contudo, ao fazê-lo, assume os padrões socialmente construídos na matriz de gênero da branquitude sem refleti-los, muito menos questioná-los. Por que ao masculino não foram associadas imagens de fragilidade ou delicadeza? Por que o feminino não foi atrelado a ideias de intelectualidade e cultura? O homem não pode ser delicado? A mulher não pode ser inteligente? Essas questões evidenciam a necessidade de reflexão crítica acerca das estratégias adotadas no enfrentamento às desigualdades e como elas precisam ser refletidas levando em conta os diferentes marcadores sociais imbricados no processo. No contexto escolar, acredito, a associação com sabedoria e conhecimento deveria ser feita com todos os gêneros. Mas, como nos remonta o trabalho realizado pela pesquisadora Amanaiara Conceição de Santana Miranda (2018), o reforço dos papéis de gênero existentes na sociedade é feito pela escola desde a educação infantil. Em sua pesquisa, ela analisa os discursos de gênero presentes nas práticas pedagógicas de educadores/as do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), na cidade do Salvador.

Ainda que reproduza discursos batidos no tocante à questão de gênero, a escola surpreende positivamente em alguns aspectos da sexualidade. Em verdade, o período da pesquisa demonstrou algumas contradições existentes entre os discursos e práticas daquela instituição. Ao mesmo tempo em que a direção solicita a pintura de um mural com um discurso positivo sobre a relação afetiva entre pessoas do mesmo sexo, posturas adotadas por professores/as e outros/as servidores/as ligados à estrutura administrativa da escola evidenciam as distinções e preferências pela norma. O referido mural foi uma das coisas que mais me chamou atenção quando fui à escola, pois é portador de uma mensagem esperançosa acerca do tratamento dado

à sexualidade naquele espaço. Ao vê-lo foi inevitável não pensar em como aquilo impactava subjetivamente os/as alunos/as daquela instituição, em especial os/as que não contassem com um ambiente familiar propício a discutir com segurança sua sexualidade. Alunos como o menino de 14 anos que, após a blindagem feita pela escola para que sua turma não fosse contemplada com a apresentação do projeto do jornal, manifestou interesse em participar do periódico, mas desistiu depois de ter sido informado que o projeto estava ligado à uma pesquisa sobre sexualidade. E o tema causava tamanho terror em sua casa que nem mesmo uma roupa feminina, para apresentação escolar, ele pôde utilizar.

O impacto causado pela imagem pode ser constatado nos relatos dos/as estudantes que viveram a experiência de começar um ano letivo com a pintura compondo o cenário da escola. Nas entrevistas, os colaboradores falaram da surpresa e gratificação ao serem recebidos com a pintura e de como isso foi motivo de festa, especialmente, entre os meninos gays, que fizeram fotos e vídeos em frente à parede. A pretensa ideia de igualdade e aceitação evocada na imagem serve, inclusive, de justificativa para um dos colaboradores afirmar que não existe homofobia na escola:

O Bolívar é um colégio que ele aceita bastante pessoas LGBT. É claro que tem seus momentos, mas eles aceitam bastante, não tem discriminação, esse negócio de homofobia não. Tanto é que lá tem até pinturas, você viu? (Danilo)

Figura 07: Parede do Bloco de Aulas



Fonte: Foto feita pelo autor/pesquisador, 2019

Mais uma vez, a representação aparece como produtora de conforto e conformação social. Aqui ela ajuda a produzir a noção de que as identidades fora da norma de gênero e sexualidade

são aceitáveis, fazem parte da realidade do mundo e o caminho civilizatório possível frente a esse dado é a tolerância. Vemos aqui um exemplo do que Tomaz Tadeu da Silva (2012) chama de estratégia pedagógica liberal frente à questão da diferença. Enquanto pinta paredes aludindo a uma boa vontade frente à diversidade, a escola deixa de pautar o tema entre os/as alunos/as e os/as funcionários/as e legitima que aconteçam “seus momentos”. Segundo contam os informantes da pesquisa, a parede foi pintada durante o período de férias escolares, mas, no retorno às aulas, nem mesmo nos anos escolares seguintes aconteceu sequer uma atividade promovida pela escola para discutir o tema estampado na pintura.

Um exemplo dos “momentos” que Danilo se refere aparece na fala de André e dos outros meninos que contribuíram para essa pesquisa. Especificamente sobre o tratamento dado pelos/as professores/as e vice-diretores/as às relações afetivas na escola, as distinções eram percebidas de maneira muito evidente pelos/as alunos/as não heterossexuais:

Na verdade, no Bolívar acontecia de se ter um casal de hétero sentado no colo do namorado “pessoas” passavam e não diziam nada. Mas se tivesse um menino sentado no colo de outro menino, “levante! Que isso aqui é uma escola”. Comentários desse tipo. (André, 2019)

A escola é remontada pelo discurso do educador resgatado por André como o espaço de anulação das individualidades, no qual tudo aquilo que se é deixa de existir a partir do momento em que se adentra aos muros da instituição. Agora o indivíduo é apenas aluno/a. Não existe sexualidade, raça, gênero, desejos. Contudo, esse discurso só é evocado para conformar aqueles/as que escapam à norma, para anular as dissidências. Esse movimento faz sentido se entendemos a escola como espaço de disciplinarização dos corpos, pois assim concluímos que quem está dentro da norma não tem porquê estar suscetível à recriminação, ainda que se mantenha sob vigilância constante e precise reiterar cotidianamente a estrutura de gênero e sexualidade à qual está submetido/a. O relato de André demonstra de que modo a pedagogia a que Guacira Lopes Louro (2010) faz menção é aplicada, revelando a preferência pelas práticas hegemônicas e, ao mesmo tempo, subordinando o que lhe escapa. Diz a autora:

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça etc., também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos dissonantes e contraditórios. (LOURO, 2010, p. 31)

Sem dúvida, o fato de dois garotos se sentirem confortáveis para demonstrar afeto no espaço escolar evidencia como, para eles, ali parecia seguro, isento da homofobia expressa no escárnio e violência física. A existência de uma pintura que simboliza acolhida à diferença, além de sua expressão nas corporeidades e performatividades de gênero dos/as demais estudantes, certamente, contribuem para esse entendimento. No entanto, a expressão pública da diferença parece ser perturbadora e desencadeia atitudes conservadoras. “De modo geral, salvo raras exceções, o/a homossexual admitido/a é aquele ou aquela que disfarça sua condição, ‘o/a enrustido/a’” (LOPES, 2010, p. 27). Durante muito tempo, estive nessa condição, utilizei o armário como mecanismo de segurança, mas os jovens que colaboram com essa pesquisa construíram outras formas de resistir e enfrentar a conformação social.

Acreditar que a escola possa ser um lugar isento de homofobia, racismo ou sexismo é negar toda a produção científica que tem sido produzida no sentido de denunciar e encontrar estratégias de enfrentamento a essas formas estruturais de opressão. Se vivemos numa sociedade sexista, racista e LGBTfóbica, afirmar a existência de espaços que não se caracterizem por nenhuma dessas formas de violência é, de algum modo, dizer que ele não faz parte da sociedade. Do contrário, faltam as lentes certas para ver as formas sutis como essas violências estão presentes. Nesse sentido, as entrevistas feitas com os colaboradores da pesquisa serviram como instrumento para desvelar as situações às quais eles estiveram submetidos na escola e como elas estavam intrinsecamente ligadas aos marcadores de raça e sexualidade.

3.2 BULLYING²⁵ E PRECONCEITO

Se uma orientação sexual não hegemônica tem lugar representativo na comunicação visual da escola, o mesmo não pode ser dito com relação à questão racial. O recorte de público atendido pela instituição é amplamente ignorado nas peças gráficas criadas para informar, advertir e orientar os/as alunos/as. Mesmo nos materiais que abordam temas intimamente ligados à cor de pele e outros traços fenotípicos há uma invisibilização do fato de que, praticamente, 90% do público que estuda na instituição é identificável como sendo formado por pessoas negras. Isso significa dizer que eles/elas estão susceptíveis a sofrer com o racismo

²⁵ A utilização da expressão *bullying* no título desta seção não indica uma filiação do autor com seu uso para se referir às violências de cunho racial ou de gênero que acontecem na escola. O termo faz referência ao título do cartaz produzido pela escola que é analisado nesta parte do texto dissertativo.

institucionalizado em nossa sociedade. O fato de 80% daqueles/as alunos/as serem moradores do bairro de Sussuarana, como informa a caracterização socioeconômica da comunidade escolar feita no Projeto Político e Pedagógico da escola, evidencia traços desse sistema de opressão em suas vivências.

Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)²⁶ dão conta de que, no ano de 2018, enquanto 16,4% da população autodeclarada branca figurava entre os 10% com maior rendimento, apenas 5% dos autodeclarados/as pretos/as ou pardos/as estavam no mesmo grupo de rendimentos. A predominância de pretos/as ou pardos/as é verificada quando se recorta racialmente os 10% detentores/as dos menores rendimentos. Nesse cenário, eles/elas passam a representar 13,5% da população, ao passo que os/as brancos/as equivalem a 5,5%. A mesma pesquisa aponta uma presença elevada de pessoas pretas e pardas nas atividades de menor rendimento médio, a saber Agropecuária (60,8%), Construção civil (62,6%) e Serviços domésticos (65,1%). Esse cenário de desigualdade é reflexo de uma sociedade marcada pela hierarquia racial, que reserva aos/às negros/as os espaços de subalternização. Ele demonstra que o racismo não se limita às práticas individuais ou institucionais baseadas na ideia de superioridade branca, mas se insere como uma estrutura normalizada no funcionamento social.

Nas histórias individuais, o racismo permeia os relatos trazidos pelos informantes sobre experiências vividas no seio familiar, na comunidade em que vivem e até mesmo na escola, que faz campanha de combate ao preconceito sem sequer fazer referência àquele que tem como base distinções de cor de pele. Ele é o elemento que conecta as memórias do jovem que já foi vítima de diversas revistas policiais truculentas no próprio bairro onde mora, com as do adolescente seguido pelo segurança em uma loja de produtos de beleza e as do menino que era chamado por familiares e amigos de “cuscuz queimado”, muçum e outros apelidos pejorativos. E assim cresceu tendo vergonha da cor de sua pele ao ponto de evitar tomar sol achando que poderia ficar mais branco. “Muitas pessoas falavam que, quando a pessoa não sai de casa, a pele fica mais clara porque não toma sol. Então, quando eu não me aceitava muito, eu pensava isso: ficar em casa pra ver se minha pele clareava. Cheguei até a comprar produto pra tentar clarear minha pele” (Danilo, 2019).

²⁶ Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>> Acesso em 9 nov 2019

Na campanha de combate às violências, realizada pela escola, a conscientização contra o preconceito de cor que marca essas experiências é negligenciada. No pavilhão onde funciona a estrutura administrativa, dois cartazes trazem alertas para as violências que podem acontecer no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que esboçam, ainda que de forma bastante vaga, uma espécie de conscientização: um deles trata do *bullying* e o outro acerca de preconceito. No primeiro, a palavra americana é acompanhada da frase de efeito “bullying não é legal”, imagens de um garoto ofendendo uma garota, alguns *emojis* tristes fazendo contraponto a outros que gargalham e gravuras representando os tipos de *bullying*. Na segunda imagem, vemos quatro crianças, sendo uma menina e três meninos, um deles cadeirante. A gravura é acompanhada de *emojis* que representam indagação e surpresa, além da frase: “como as aves, as pessoas são diferentes em seus voos, mas iguais no direito de voar”.

Figura 08: Cartaz contra preconceito



Fonte: Foto feita pelo autor/pesquisador, 2019

É interessante observar que em nenhum dos dois cartazes a questão negra é colocada em questão, seja pelas imagens, seja pelos textos. Observando atentamente a peça sobre preconceito, podemos inferir que há referência a gênero, classe social e deficiência física. Ali essas diferenças parecem viver em harmonia, causando espanto para aqueles/as que veem de fora (os *emojis*). Contudo, essa diversidade harmônica é experimentada apenas pelos indivíduos de tez branca, diferenciados apenas pelas habilidades físicas, gênero e pertencimento de classe,

mas que se mantém fiéis ao pacto narcísico da branquitude²⁷. Nesse sentido, para eles faz sentido a ideia de serem “iguais no direito de voar”. Mas e quanto ao público que faz parte da comunidade escolar? Todos/as aqueles/as estudantes negros e negras? As meninas lésbicas? Os meninos gays? Os/as estudantes negros/as com deficiências? Os/as praticantes de religiões de matriz africana? De que forma eles/elas estão inseridos/as nesse debate sobre preconceito trazido pelo cartaz? A ideia de igualdade no direito de voar passa longe de algumas situações que acontecem na instituição e outras que são adotadas por ela.

Figura 09: Cartaz contra Bullying



Fonte: Foto feita pelo autor/pesquisador, 2019

No cartaz criado para conscientizar acerca do *bullying*, tem destaque o sofrimento que a violência ocasiona em suas vítimas, mas não há referências aos sistemas de opressão que estruturam esses insultos. A socióloga Miriam Abramovay²⁸, que coordenou diversas pesquisas da Unesco, afirma que muitas pesquisas sobre violências na escola trabalham com o conceito de *bullying*, mas esse conceito é questionável. Segundo ela, o uso da expressão impossibilita que sejam analisados os sistemas de opressão que motivam o *bullying* e, desse modo, dissimula

²⁷ A expressão foi cunhada por Cida Bento (Ana Aparecida Bento, 2002) para referir-se ao sistema de exclusão perpetrado pelas pessoas brancas que se contratam, se protegem, se premiam, se aplaudem.

²⁸ Texto disponível em <https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2013-11-03/na-escola-a-homofobia-e-escondida-pela-tolerancia-mascarada-diz-pesquisadora.html> - Acesso em: mar de 2020

o racismo, a homofobia, o machismo, a transfobia e outras formas de violência que podem ser encontradas dentro da escola. Essa observação nos faz lembrar que não podemos perder de vista o fato de vivermos numa sociedade em que o padrão eurocêntrico: homem cisgênero, branco, heterossexual e de classe média se configura como modelo a ser espelhado e a partir do qual os/as diferentes são inferiorizados/as, subjugados/as e violentados/as. Nesse sentido, ganham lugar os insultos contra o cabelo crespo, contra trejeitos femininos em corpos masculinos (e vice-versa), contra corpos gordos etc.

A existência da Lei nº 13.185/16, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*), é uma evidência de que as autoridades estão cientes de que a escola pode se configurar como um espaço de violências com implicações físicas e/ou psicológicas para alguns sujeitos. A referida legislação, no parágrafo 2º do Art 1º define que o referido programa “poderá fundamentar as ações do Ministério da Educação e das Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, bem como de outros órgãos, aos quais a matéria diz respeito”. E entende que o *bullying* se configura como intimidação sistemática quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação. A classificação inclui ainda ataques físicos, insultos, ameaças, comentários e apelidos pejorativos.

Sobre essas violências, eu que era vítima do cordãozinho cheiroso²⁹ e recebi os apelidos de caneco e Vera Verão tenho minhas histórias para contar. Histórias que em pouco ou nada se diferenciam daquelas que podem ser relatadas por outros meninos dissidentes de gênero e muito menos das que escutei dos informantes desta pesquisa.

André - Na escola de freiras que estudei, apanhava todos os dias. Eu estudei em três escolas na minha vida, foi o Bolivar, o Global, a Providência que é um colégio de freiras que tem aqui; e quando eu morei com minha avó, eu morei com minha avó um ano, e eu estudei numa escola lá. E essa Providência foi a única escola que eu tive problemas mesmo, que eu sofri bullying real, que tinha uns meninos grandes lá.

Ailton - E eles te batiam?

André - Batiam. Eu era novinho, devia ter uns seis anos de idade.

Ailton - E você acha que eles te batiam porque eles te achavam...

André - Porque eu tinha o jeito mais afeminado.

As experiências vividas por mim e por André demonstram o quanto os indivíduos que desafiam a linha coerente entre sexo – gênero – desejo – prática sexual (BUTLER, 2003) estão

²⁹ A brincadeira consistia em passar um cordão, lápis ou caneta na bunda da vítima. A ação fazia alusão ao uso de calcinha fio dental.

expostos às violências praticadas com o intuito de reestabelecê-los à norma. Das agressões verbais às físicas, uma série de práticas é adotada para constranger os corpos desviantes. Esse motivador de *bullying* é pouco problematizado dentro dos espaços escolares e não é diferente na instituição onde esta pesquisa foi realizada. Acerca desse dado, Louro (2010) afirma que a escola é o espaço privilegiado de normatização dos corpos dissidentes, pois não só consente como ensina a homofobia.

Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição ao ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade. O resultado é, muitas vezes, o que Peter McLaren (1995) chamou de um *apartheid sexual*, isto é, uma segregação que é promovida tanto por aqueles que querem se afastar dos/das homossexuais como pelos/as próprios/as. (LOURO, 2010, p. 29)

Ainda sobre a ausência de uma postura crítica que problematize as estruturas nas quais podem se assentar o preconceito e o *bullying*, me parece haver aí reflexo de uma não atualização dos debates raciais que estão presentes em temas como a Revolta da Chibata, Revolta dos Malês e Revolta dos Búzios (Revolta dos Alfaiates/Conjuração Baiana). Todas essas lutas visavam a libertação do povo negro de uma estrutura de poder baseada em sua subjugação, que pode ser observada, resguardadas as especificidades, até hoje. Desde antes de minha formação escolar, esses eram temas presentes nos livros de história e assuntos para os quais, pelo menos, uma aula era dedicada. Agora, com a existência da Lei 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, eles não podem ser conteúdos para os quais o/a professor/a possa fechar os olhos por não considerar relevantes para a formação do/a aluno/a. No entanto, sem a abordagem adequada, tornam-se discussões das quais os/as alunos/as se distanciam por não perceber reflexos daquele período histórico em suas vidas.

A desconfiança de que a abordagem dos referidos temas não esteja se dando de maneira adequada é decorrente da divergência entre as respostas dadas pelos informantes da pesquisa e pela coordenadora pedagógica sobre o assunto. No decorrer da investigação, intrigado com alguns elementos que observava na escola e não encontrando nos meus colaboradores respostas que os explicassem, busquei a profissional responsável por mediar as práticas adotadas pelos/as professores/as com os/as alunos/as.

Com relação à questão racial, o projeto que tem aqui, que acontece todos os anos é no mês de novembro, o projeto da Consciência Negra, que quem fica responsável são os professores da área de humanas, tanto que esse trabalho, essa exposição que fica aí foi fruto desse projeto. Quando a gente tá trabalhando nisso, existe a questão da discussão,

da valorização... e o projeto da consciência negra esteve muito voltado pra isso. No ano retrasado, a gente trabalhou a questão dos países africanos, tudo que acontece nos países africanos.... ano passado foi Bahia, a gente trabalhou a questão do negro na Bahia, todas as personalidades negras de destaque que são baianos, a questão da poesia...

Não é só no dia chegar lá e apresentar as tarefas. Em sala de aula, os professores vão fazendo a discussão. Tem toda uma caminhada. A Revolta da Chibata e várias revoltas que aconteceram os professores trabalham, discutem com eles, tira as dúvidas. O momento da gincana é o momento final, é a culminância desse projeto. Mas a unidade toda eles vão trabalhando em sala de aula. (Karla, 2019)

A fala de Karla dá conta de um projeto amplo no qual a questão racial é abordada anualmente seguindo diferentes enquadramentos. A proposta apresenta a limitação de restringir-se ao mês no qual é celebrado o Dia da Consciência Negra, em alusão à morte de Zumbi, um dos líderes do Quilombo do Palmares. Contudo, essa não é uma especificidade desta instituição. De modo geral, novembro é o mês no qual os/as ativistas, pesquisadores/as, artistas e militantes negros/as mais recebem convites para participar de atividades nas quais deverão falar sobre as questões que discutem o ano inteiro. Esses eventos são organizados pelo Estado, pelas universidades e até mesmo por coletivos e grupos da sociedade civil organizada e essa configuração de excepcionalidade só demonstra o quanto a pauta racial não é vista como uma questão estruturante de nossas relações.

Ailton - E sobre a questão racial? Discriminação, racismo, contribuições da cultura africana?

Danilo - Eu vejo isso na Sexta-feira Cultural, quando é poesia que tem muita gente que leva sobre isso: a raça, sobre o negro. Então eu vejo isso mais na poesia, mas em sala de aula eu não vejo não.

Ailton - Na escola, essas questões raciais e questões de sexualidade eram tratadas nas aulas?

Caique - Não, nunca teve. Nunca teve uma professora que chegasse numa aula assim: vamos ter uma aula sobre raça, gênero, sexualidade. Só no dia da consciência negra que tinha aula sobre raça, sobre cor... porque é o mês disso, né, tem uma data específica pra isso.

As falas trazidas pelos colaboradores dão conta de uma estrutura que se silencia acerca das formas de violência às quais eles estão sujeitos. E, por não discutir, contribui para que elas sejam perpetradas. É interessante observar como, para Danilo, às questões raciais estão sendo pautadas pelos/as próprios/as estudantes. A Sexta-feira Cultural a que ele se refere é um evento encabeçado pelos/as alunos/as que, nas sextas-feiras, durante os intervalos de aulas dos turnos matutino e vespertino, se reúnem para compartilhar suas produções artísticas. Nesses momentos, há apresentações musicais, batalha de rapper, apresentação de dança e poesias. A iniciativa foi pautada na terceira edição do *A Voz do Bolívar*. E o que Danilo nos informa é

que as contribuições trazidas pelos/as alunos/as quebram a barreira de silêncio sobre a temática racial construída pela escola. Caique, por sua vez, alerta para como a existência do dia 20 de novembro serve de imperativo para pautar a questão na escola. Essa pista também é dada pelo depoimento da coordenadora. Sendo assim, será que se não tivesse sido criado o Dia da Consciência Negra essa ainda seria um tema presente na escola?

3.3 VIGILÂNCIA E CONTROLE

Assim como os meninos e meninas que compõem o corpo docente do Bolivar, estudei em escola pública estadual durante todo o meu ensino fundamental II e ensino médio. E, desde o dia em que estive na escola para apresentar o projeto na semana pedagógica, não pude deixar de estabelecer paralelos e comparações com a minha experiência estudantil no Colégio Estadual Navarro de Brito, em Amélia Rodrigues-BA. Enquanto lá estudava, as salas de aula sempre foram espaços de abrigo e descoberta útil a quem desejava se proteger da exposição ao contato exacerbado com outros sujeitos, mas também o lugar no qual, antes do início das aulas, poderia haver interação não supervisionada pelos/as professores/as e funcionários. Enquanto os/as alunos/as mais desinibidos/as faziam questão de transitar entre os corredores, ver e fazerem-se ser vistos; pessoas como eu preferiam a proteção da sala de aula, recolhiam-se com medo das violências que poderiam sofrer ao serem notados ou deixar notar aquilo que tentava esconder até de si mesmo. Foi assim que me mantive durante longo período após a transferência da escola municipal para a estadual e até a consolidação de um círculo de amizade no qual me sentia amparado.

Pensando acerca da organização estabelecida no Bolivar, a impossibilidade de acesso às salas antes do início das aulas mais que a proposição de um espaço de convívio e sociabilidade entre os/as alunos/as é expressão de uma prática de vigilância. Para a instituição, há necessidade de que aqueles indivíduos sejam monitorados. Enquanto estão no pátio, as funcionárias que atuam como uma espécie de monitoras desempenham esse papel. Em sala, a responsabilidade é atribuída ao/à professor/a do horário. Um/a funcionário/a transfere ao/à outro/a o ofício de vigiar os/as estudantes. Aqui a estrutura de vigilância descrita por Foucault (2002) aparece bastante demarcada, bem como os/as atores/atrizes que a exercem. O que poderia acontecer e o que se busca evitar mantendo os/as estudantes submetidos à essa estrutura?

Acredito que essa conformação esteja intimamente ligada às questões de gênero, sexualidade e raça latentes na instituição. Segundo contam os/as professores/as e alunos/as da escola, a instituição possui muitos estudantes identificáveis como gays e, no imaginário social coletivo, essa orientação sexual está atrelada à ideia de promiscuidade sexual. Não é sem razão que, no afã de “atrair o respeito” e “aceitação”, especialmente na conquista de direitos, uma estratégia bastante adotada pelos movimentos sociais é reafirmar as normas que sustentam a heteronormatividade (COLLING, 2013). Nessa estrutura, o casal de gays ou lésbicas que casa e tem filhos possui maior valorização que os indivíduos que mantêm práticas sexuais com diferentes parceiros, por exemplo. A ideia de promiscuidade rechaçada pela norma passa assim a ser elemento de hierarquização a partir de uma lógica na qual, quanto menos vinculado aos rótulos atribuídos à homossexualidade e mais próximo da heteronormatividade, melhor.

A estrutura racista também criou um imaginário sobre os corpos negros no que diz respeito à sexualidade. Aos olhos do colonizador, tratava-se de povos não civilizados, primitivos. Essa caracterização aproximava-os da selvageria e animalidade das quais se apreendem os estereótipos de violência, impulsividade, incapacidade intelectual e a hipersexualização, que tratei na apresentação e primeiro capítulo deste trabalho dissertativo. No corpo dos homossexuais negros, a convergência das duas identidades resulta neste sujeito que precisa ser mais rigidamente vigiado pela escola.

Mas tocando nesse assunto, tipo eu acho que é aquela coisa: você não pode tomar banho no colégio e tipo, se tiver um menino tomando banho, eu não posso entrar no banheiro. A direção não deixa. Eu e qualquer menino gay do colégio não deixa entrar. Porque eu não sei. Acha que eu vou pegar o menino, né? É aquela coisa deles não deixarem mesmo. Isadora (vice-diretora) mesmo... eu já discuti com ela várias vezes e falei... porque as vezes eu chegava... quando eu trabalhava de manhã, eu chegava no colégio e queria tomar banho porque eu chegava 12h30 e eu não ia pra casa pra voltar. Eu queria tomar banho. Os meninos que fazem estágio têm vezes que eles se trocam no banheiro, tomam banho no banheiro e a gente que vem é aquela coisa que não deixa, entendeu?

Ano passado eu tinha um amigo que... a gente tipo, ele não ficava, a gente se abraçava, ficava abraçado e tal. Um dia ele entrou no banheiro, mas só que eu estava conversando com ele. [o banheiro] é vestiário e cada vestiário tem uma porta, dava pra trancar a porta por dentro. Ele entrou e eu entrei no banheiro junto com ele, fiquei conversando dentro do banheiro. Aí Isadora veio retada, falando “saia do banheiro” e eu falei “sim, fofinha. Se acalme. O que é que está acontecendo?”, ela “não, você não pode ficar no banheiro”, eu falei “sim, é um vestiário. Não é o vestiário masculino? Eu sou homem. Você quer que eu entre no vestiário feminino?”, aí ela ‘ah que não sei o que’ e eu falei “eu não vou pegar ele não Isadora. Se eu quisesse pegar ele, eu iria pra outro lugar, não ia pegar dentro do colégio” e saí. Desse dia em diante, ela não deixa a gente entrar, eu falo com ela, brigo com ela. Porque se os meninos jogam bola, eles entram no banheiro pra tomar banho, ficam de cueca, sai com tudo do lado de

fora. Se a gente brincar, brincar de futebol ou baleou, ficar suado e quiser tomar banho ela não deixa. Porque ela não quer a gente perto dos meninos. (Cleiton, 2019)

O relato de Cleiton nos informa como a aparente aceitação e tranquilidade no trato das questões de sexualidade e raça são ilusórias. Sua história evidencia a fobia da vice-diretora de que nos espaços onde é impossível estabelecer vigilância, longe dos olhos dos/as professores/as e das monitoras, o desejo sexual exacerbado dos meninos gays dê lugar a violências contra os meninos heterossexuais. Esses últimos são as vítimas em potencial que precisam ser protegidas dos agressores homossexuais. Cleiton e nenhum outro menino gay podem usar o banheiro ao mesmo tempo que um hétero porque, no imaginário da vice-diretora, eles representam perigo e o estudante sabe disso, por isso tenta se defender dessa acusação implícita dizendo que não vai pegar o colega.

Contudo, é bem verdade que pessoas como eu, Cleiton, os demais informantes e tantas outras, representam sim um perigo, mas não a indivíduos específicos. Somos um perigo às estruturas que nos negam o direito de existência. Evidenciamos que a linha coerente entre o sexo “biológico” e a prática sexual é falha. Borramos narrativas, apontamos equívocos, corroemos o sistema. Sim, somos homens, como bem reivindica o Cleiton, mas não vivenciamos a masculinidade hegemônica ancorada no desejo heterossexual. As construções que determinam o que é natural e normal é que se colocam em risco diante da emergência orgulhosa daqueles que ela insiste em sujeitar. De certo modo, a experiência contada pelo estudante mostra como ele recebe e rebate as violências que recebe.

Ao manter com seu amigo uma relação pautada no afeto, no abraço, no carinho, ele contrapõe-se ao embrutecimento que é característico da masculinidade e, em especial, nos homens negros. Entre jovens negros o afeto é comumente demonstrado de forma rude, há um imperativo que não lhes permite manifestar publicamente o afeto que sentem um pelo outro ou seriam considerados menos homens. Como salienta Guacira Lopes Louro (2010), a construção da masculinidade heterossexual é fortemente atrelada ao embrutecimento do menino, que é mais acirrado quando analisamos com lentes raciais. Raros são os casos em que crianças negras não crescem expostas a situações de violência, seja no próprio ambiente doméstico ou seio social em que estão situados. Além disso, o racismo promove uma adultização precoce dos corpos negros que se insere nos discursos e atitudes que se adotam com relação a esse público: frequentemente, crianças negras precisam assumir responsabilidades de cuidado e sustento de

sua família. Vendo os jovens negros como adultos o legislativo pauta medidas para reduzir a maioria penal e antecipar o encarceramento em massa, etc.

Muitos são os dispositivos de racialidade³⁰ que contribuem para aferir especificidades à identidade negra. O trabalho de pesquisa desenvolvido por Elisete Santana da Cruz França (2018) reflete sobre como as brincadeiras têm papel importante na construção da masculinidade de jovens negros de uma escola pública de Salvador. Nos grupos focais realizados durante sua investigação, futebol, pega-pega e luta aparecem fortemente vinculadas à masculinidade hegemônica.

No diálogo entabulado pelo grupo observamos que a brincadeira de “luta ou briga” é uma ação marcante no processo de formação identitária dos jovens, visto que fomenta nesses sujeitos sociais o poder e a representação da masculinidade predominante no seu grupo social. (FRANÇA, 2018, p. 80)

Habituada com essa forma de sociabilidade entre os jovens, a vice-diretora do Bolívar não consegue conceber que dois alunos possam ter uma relação de amizade na qual possam andar abraçados e entrar juntos no banheiro apenas para que não precisem interromper uma conversação.

O uso do banheiro também é uma questão problemática entre os alunos do ensino fundamental II, o grupo de estudantes que os/as professores/as acharam melhor não tratar do nosso projeto porque não tinham maturidade para identificar-se quanto a atração sexual. No prédio que abriga as turmas do 6º ao 9º ano há banheiros femininos e masculinos para esses estudantes, contudo seu acesso é controlado pela funcionária que tem as chaves dos cômodos em seu poder. Quando desejam ir ao banheiro, os alunos e as alunas retiram a chave com a monitora e devolvem em seguida, mantendo o local trancado. Desse modo, é impossível que haja a utilização simultânea do espaço por dois meninos ou duas meninas, mesmo que os banheiros estejam equipados com três reservados cada um. Entre as justificativas encontradas para adoção desse tipo de controle estão: evitar que os/as estudantes saíssem das salas várias vezes para usar a toailete, os atos de vandalismo e o consumo de drogas.

Segundo a administração da escola, esse cuidado é necessário pois muitos alunos possuem envolvimento com o tráfico de drogas e fazem uso dessas substâncias nas dependências da escola. E é bem verdade que as paredes da instituição estão repletas de inscrições que aludem a facções criminosas, como Bonde do Maluco: BDM e TD 3, e Comando da Paz: CP e TD 2.

³⁰ Ver Sueli Aparecida Carneiro (2005).

As pichações e o possível envolvimento desses jovens com a criminalidade evidenciam a concretização do projeto racista que relega aos corpos negros os espaços de negação, a partir dos quais é possível justificar sua eliminação como consequência de suas escolhas. Assim, o genocídio da população negra e seu encarceramento desproporcional, resultados do racismo institucional característico da sociedade brasileira, vão sendo delineados na trajetória dos estudantes do Bolívar.

Figura 10: Pichações na sala do Bolívar



Fonte: Foto feita pelo autor/pesquisador, 2019

Segundo dados divulgados pelo IBGE³¹, no Brasil, somente em 2017, a taxa de homicídio de jovens negros entre 15 e 29 anos foi de 98,5%, contra 34% dos jovens brancos. E um levantamento realizado pela Defensoria Pública do Estado da Bahia³² acerca das prisões em flagrantes ocorridas em Salvador no período de setembro de 2015 a dezembro de 2018 revela que, do total de 17.793 registros, 94,2% dos detidos eram homens, 98,8% eram pessoas que se declaravam como negras e 68,3% eram jovens entre 18 e 29 anos. Os dados permitem verificar

³¹ IBGE. Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil, 2019. Disponível em < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf> Acesso em 12 nov 2019

³² DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA, Relatório das audiências de custódias na comarca de Salvador/BA: anos de 2015-2018. / Defensoria Pública do Estado da Bahia.1ª. ed. - Salvador: ESDEP, 2019. Disponível em < <http://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2019/09/relatorio-audiencia-de-custodia.pdf>> Acesso em 12 nov 2019

a relevância dos marcadores de gênero e raça para entender a seletividade prisional que fica mais evidente quando observamos os números ligados à concessão de direitos. Nesse período, 51,6% das pessoas negras tiveram direito à liberdade provisória, entre os brancos o percentual foi de 56,9%. O relaxamento de prisão foi concedido a 4,3% das pessoas negras, entre os brancos foram 8,6% dos acusados. Esses números não representam surpresa para quem está minimamente familiarizado com o debate racial no Brasil, pois sabemos que há uma necropolítica (MBEMBE, 2016) em curso pela eliminação do contingente negro.

Nas vezes em que estive na escola, pude perceber como a violência e as condições de vida a que estão submetidos/as os/as estudantes extrapolam os muros da instituição. Em uma das visitas, depois da reunião com os colaboradores, acompanhei uma conversa entre uma mãe e a coordenadora pedagógica da instituição. Ela, mulher negra, mãe solo, moradora de um bairro de periferia, tinha ido à escola para ouvir queixas sobre seu filho que vinha apresentando comportamento indisciplinado. Na oportunidade, externalizou suas angústias com relação ao jovem que não a obedecia, muitos menos valorizava seus conselhos; passava tempo demais em companhia de pessoas de índole duvidosa; e ela temia pelo que poderia acontecer se a polícia, sempre tão truculenta e genocida, o encontrasse na rua tarde da noite. Durante o relato, a senhora não conteve as lágrimas e foi difícil não se sensibilizar diante da história de vida daquela mulher.

Histórias como aquela não devem ser incomuns entre as mães dos/as alunos/as do Bolívar. As violências e precariedades da vida negra permeiam as relações que se estabelecem dentro do ambiente escolar, contudo existem outros fatores que podem ter contribuído para o fortalecimento da política de vigilância nos banheiros da escola.

Ailton - Por que o banheiro do fundamental está trancado?

Danilo - No meu ponto de vista fica trancado... Quando eu estava no primeiro ano, o banheiro ficava trancado porque os alunos faziam coisas erradas no banheiro, aí a direção proibiu...

Ailton - O que são coisas erradas?

Danilo - Ficavam namorando, bagunçando, aí a direção proibiu. Aí tem a tia que fica lá na porta do banheiro.

Ailton - Quais alunos que ficavam namorando? Eram os alunos do fundamental, alunos do ensino médio?

Danilo - Só do fundamental porque só quem é da parte de baixo tem acesso àquela parte de baixo, o ensino médio não tem acesso lá embaixo não.

Ailton - E quem eram esses casais?

Danilo - Era tudo misturado, menino e menino, menino e menina, casal hétero, casal lésbico, casal gay. Eu mesmo já fiquei no banheiro.

Ailton - A direção ficou sabendo disso?

Danilo - Eu acho que sim, por isso colocou a tia na porta do banheiro.

As informações fornecidas por Danilo revelam o quanto a sexualidade é uma questão latente na escola, por isso são empreendidos movimentos de repressão. Há uma fragilidade na maneira como os/as educadores/as têm se portado com relação aos fenômenos que ali acontecem. Em vez de travar um debate, elucidar questões importantes, a escola tem buscado maneiras de privar os/as alunos/as de abraçar sua sexualidade, como se isso fosse algo negativo e não constituinte de suas vidas. Essa postura se manifesta através da regulação de acesso aos sanitários, mas também esteve presente quando me impediu de buscar colaboradores entre os matriculados nas turmas do ensino fundamental II. Se, no espaço escolar, esses/as alunos/as tentam viver a sexualidade de maneira tão transgressora a ponto de “fazer pegação” nos banheiros, é sinal de que em casa, junto com suas famílias, não encontram espaço para tratar do tema abertamente. Assim, escola e família compactuam no apagamento de um importante aspecto da vida desses/as meninos/as que encontram nos banheiros um local para empreender resistência. Esse pacto de silêncio travado pela família e pela escola contribui para a desinformação dos/as adolescentes e pode levá-los a gravidez indesejada ou mesmo contaminação por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), cuja taxa vem crescendo no Brasil³³.

A regulação de uso do banheiro existente no Bolívar faz lembrar a reflexão de Foucault (1999) acerca da distinção com base no sexo/gênero nesses espaços. Segundo o autor, essa diferenciação é um dos mecanismos de disciplinarização da sexualidade que tem lugar a partir do séc. XVIII, quando o ambiente doméstico e o casal heterossexual passam a configurar como o espaço e o par legítimo para a prática sexual, respectivamente. Desse modo, os banheiros passam a ser uma estrutura de reificação da identidade de gênero com base nos marcadores biológicos expressos no corpo. Contudo, subversões como a apontada por Danilo são possíveis

³³ De acordo com os dados do Boletim Epidemiológico HIV Aids 2018, informativo divulgado pelo Ministério da Saúde, o número de notificações de casos de HIV aumentou no período de 2007 a 2017. Entre jovens de 15 a 24 anos o salto de 700%. Dados da ONU também apontam que o país segue na contramão da tendência mundial de redução dos novos casos de infecção. Entre os anos de 2010 a 2018 houve um incremento de 21% dos casos de contaminação, no restante do mundo houve queda de 16%. Para especialistas na área, moralismo é a principal causa de aumento do volume de contaminação entre os jovens. Informações disponíveis em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/o-que-esta-por-tras-da-explosao-de-casos-de-hiv-entre-jovens-23459399> < <https://agenciaaids.com.br/noticia/dados-da-onu-na-contramao-do-mundo-brasil-tem-aumento-de-21-de-novos-casos-de-sids-em-8-anos/>> Acessos em 07 de jun 2020

e não são novidade entre os dissidentes de gênero que se utilizam desse espaço como lugar de gozo. O chamado “banheirão”, prática que inclui beijos, carícias no órgão sexual e penetração anal em banheiros de acesso público já foi tema de estudo discutido no trabalho dissertativo de Tedson da Silva Souza (2012), intitulado *Fazer banheirão: interações homoeróticas nos sanitários públicos da Estação da Lapa e adjacências*. O ato é considerado crime descrito no Artigo 233 do Código Penal³⁴ que, como instrumento de inibição, é fixado em alguns banheiros, especialmente masculinos. Mas não deixa de ser executado pelos seus adeptos que atraíram atenção na mídia devido à recorrência nos banheiros das estações de metrô de Salvador³⁵.

3.4 ENFRENTANDO A VIOLÊNCIA EXPLÍCITA

O repertório de violências enfrentado pelos alunos do Bolívar Santana não se limita apenas às violências simbólicas ou mascaradas. No decorrer das entrevistas, tive acesso aos relatos de acontecimentos vividos e presenciados pelos colaboradores que não deixam margem para negar o racismo e a homofobia. Mais que denunciar as ocorrências, as quatro cenas que seguem descritas evidenciam os diferentes modos como os atores envolvidos respondem diante das situações contadas. A história contada por Cleiton sobre o dia em que entrou no banho junto com seu amigo demonstra como ele está atento aos significados presentes na distinção de tratamento que a vice-diretora lhe dá em relação aos meninos héteros. E explicita como ele desestabiliza a agressora ao escancarar as suposições homofóbicas presentes em sua postura. Ele faz isso articulando ironia e deboche que atribuem uma camada de leveza à situação que está vivenciando. Nessa seção, trago outra situação vivida pelo mesmo estudante e outras três relatadas por cada um dos demais colaboradores.

Outro elemento importante a ser observado nas cenas diz respeito aos indivíduos que atuam como agressores. Em apenas uma das cenas apresentadas não é um/a funcionário/a da escola quem comete o ato de violência. As demais apresentam situações nas quais professores/as são abertamente racistas e homofóbicos. E isso não acontece por deslize ou falta de informação

³⁴ O artigo encontra-se no capítulo VI - Do ultraje público ao pudor. E afirma ser crime “praticar ato obsceno em lugar público, ou aberto ou exposto ao público: Pena - detenção, de três meses a um ano, ou multa”

³⁵ O assunto foi capa do jornal da Metrópole publicado no dia 09 de agosto de 2018 e rendeu nota publicada no portal em 12 de setembro de 2019. Disponível em <https://www.metro1.com.br/jornal/188,banheiro-do-metro> e <https://www.metro1.com.br/noticias/cidade/79951,leitor-denuncia-pegacao-em-banheiro-do-metro-de-salvador>. Acesso em 07 jun de 2020

sobre as formas como essas violências se naturalizam no tecido social, pelo contrário, nos casos relatados, os agressores têm nítida intenção de diminuir o aluno e fazem isso evocando dimensões subalternas atribuídas aos marcadores de raça e sexualidade. E, nesse processo, recuperam traumas que o racismo e a homofobia imprimem em nossas vivências.

3.4.1 Cena 01 – O cabelo como política

Ailton - E a pior lembrança? A que você menos gosta ou preferia não ter vivido?

Caique - Rapaz, acho que minhas piores lembranças era de quando eu mudava meu estilo e as pessoas começavam a rir escondido. Quando eu mudava meu estilo de cabelo... que amava mudar o cabelo, botava várias cores, eu era muito colorido antigamente. Hoje que eu tô mais tranquilo, mas eu era muito colorido, as pessoas já me criticavam pelas cores por causa disso. Eu via os comentários assim de longe... já sentia um axé... e isso me deixava muito frustrado, mas era algo que eu dizia “ihhh isso não é pra mim não, viu Caique. Vai continuar usando seus cabelos sim que ninguém paga suas contas”

Ailton - Mas isso não te abalava, não te fazia...

Caique - No começo me abalava porque eu tinha uma mente muito fraca, aí depois eu falei “não, Caique. Tem que respirar e ir pra escola é aprendizado”

Mais que as atitudes de estranhamento e zombaria que Caique afirma ter percebido sempre que mudava seu estilo de cabelo, chama atenção sua altivez em manter-se fiel a si mesmo. De respeitar seus desejos e expressar sua personalidade e individualidade através dos cortes e das cores de cabelo que lhe agradam. Ainda que os risos e comentários que tentavam ridicularizá-lo naquele período persistam como sua pior lembrança do período escolar, eles não foram suficientes para enclausurá-lo dentro da estrutura normativa que motivou o escárnio.

Em se tratando da estética racial negra, o cabelo é um dos principais elementos de embate no processo de construção de imagem positiva dos traços racializados. Isso acontece porque, historicamente, ele “foi desvalorizado como o mais visível estigma da negritude” (KILOMBA, 2019, p. 126), além de ser alvo de fantasias coloniais acerca da identidade negra. Em *Memórias de uma plantação: episódios de racismo cotidiano*, Grada Kilomba (2019) dedica uma seção para tratar das formas como o cabelo é alvo de episódios de racismo sofridos por suas colaboradoras, entre os quais tem lugar o toque invasivo, as fantasias sobre sujeira e o seu lugar como elemento de construção de uma consciência política. Esse último aspecto é especialmente interessante para refletir sobre o depoimento dado por Cleiton, devido ao papel

que o cabelo desempenhou como marca da servidão. Como ressalta Kilomba, a cor das pessoas escravizadas era tolerada, mas o cabelo, apontado como ruim e traço de primitivismo, precisava ser adestrado.

Para tornar os corpos negros toleráveis, o cabelo era domesticado através de cortes e alisamentos. Essas tecnologias fazem parte, ainda hoje, do modo como muitas pessoas negras se relacionam com o próprio cabelo. Durante minha infância e adolescência, por muitas vezes, acompanhei minhas irmãs fazendo alisamento com uso de ferro quente, um processo que, por muitas vezes, provocava queimaduras nas mãos e no couro cabeludo. Hoje em dia, a tecnologia adotada é outra, mas mantêm-se a necessidade de alterar a estrutura dos fios capilares para que seja possível usufruir do sentimento de estima e beleza. Do mesmo modo, minha mãe sempre cuidou para que meus cabelos estivessem cortados uniformemente com o pente 1 da máquina. Qualquer coisa fora disso era considerado “corte de vagabundo”, logo estava excluído das possibilidades. O uso dessa expressão representa uma nítida reprodução do discurso racista que vê a estética negra insubmissa como elemento para justificar perseguições e violências e assim reiterar um processo disciplinarização desses corpos a partir da estética autorizada pela branquitude e que a utiliza como referencial.

Caique é um jovem negro que, desde os 12 anos de idade, se identifica como gay. E sua orientação sexual desviante está expressa em seu gestual, no modo de falar, no corpo e no cabelo, que ele fazia questão de reinventar através das cores, processo que o fazia se destacar entre os/as estudantes do Bolívar ao mesmo tempo em que lhe tornava um alvo de críticas. A vaidade presente no amor de Caique por mudar o visual dos cabelos e tingi-los não é incomum em adolescentes. Nos meus tempos de escola, muitos meninos dedicavam especial atenção em manter-se impecáveis com relação a cortes e estilos de cabelo. Essa preocupação estava intimamente ligada com o jogo da conquista, atrair os olhares e interesse femininos. E as figuras públicas como artistas e jogadores de futebol eram os principais influenciadores de estilo, determinavam a moda. Um bom exemplo disso foi quando, em 2002, o jogador Ronaldo “Fenômeno” apareceu nos jogos da copa usando o corte “Cascão”, que lhe deixava uma franja na parte frontal da cabeça. Após sua primeira aparição, inúmeros garotos adotaram o estilo.

Na investigação realizada em uma escola pública da cidade do Rio de Janeiro, Leonardo Teófilo Brito (2016) observa que os cortes de cabelos adotados pelos estudantes são um elemento constitutivo de suas performances de masculinidade. E, ainda que critique o

essencialismo da definição de metrossexual, o autor acredita que ela dá conta de pensar o ideal de masculinidade performando por aqueles estudantes. O termo consiste numa junção de “metropolitano” com “sexual” e é usado para definir homens preocupados com cuidados estéticos, um atributo culturalmente associado ao gênero feminino. Entre os jovens da instituição carioca pesquisada, a vaidade atribuída valor positivo na construção da masculinidade daqueles que se identificavam como heterossexuais. Por conta dela, jovens negros serviam de modelo para outros meninos da turma, inclusive brancos, mas isso não os eximia da marginalização expressa através do racismo que embasava xingamentos como “macaco loiro” (BRITO, 2016).

Caique, por outro lado, ao externalizar sua vaidade, põe em evidência suas identidades marginalizadas. E quanto maior a exposição e a descolonização promovida pelos sujeitos historicamente subalternizados, maiores são as ofensas e tentativas de controle. E é justamente ao exercer o controle sobre sua identidade, seu corpo e forma de expressão que ele percebe os olhares, os risos e comentários ao transitar pelo espaço escolar. Eles tencionam reprimir essa exteriorização de sua personalidade, expressam a insatisfação com os tensionamentos às normas e transmitem a mensagem de que Caique está “indo longe demais”, que está “viado demais”, que isso “não combina com preto”. Dialogando com o pensamento foucaultiano, percebemos aqui como o poder e sua dinâmica de vigilância, controle e repressão estão difusos socialmente e cada um de nós é detentor de algum nível de poder.

É também essa distribuição do poder, que está longe de ser fixa e equilibrada, que permite a Caique contra-atacar e se livrar do sentimento de frustração causado pelas reações das pessoas às suas mudanças de visual. Seu depoimento revela a estratégia adotada para enfrentar a situação posta e não ceder às imposições sociais acerca de como ele deve ou não se apresentar perante os/as outros/as. Primeiro, ele se convence de que aquele sentimento não lhe pertence e assim anula o efeito imediato que a desaprovação alheia lhe causa. Em seguida, o estudante internaliza o sentimento de autonomia com relação à condução de sua própria vida. “Isso não é pra mim não, viu Caique. Vai continuar usando seus cabelos sim que ninguém paga suas contas”.

Para o estudante, deixar-se afetar pelo modo como as pessoas recebiam suas mudanças de estilo era um reflexo de sua “mente fraca”. Aqui observamos como há um processo de auto culpabilização do estudante, que assume para si a responsabilidade acerca de como o racismo

e homofobia sofridos lhe afetam, em vez de apontar nos/as outros/as a indisposição para acolher o diferente. Contudo, nesse mesmo processo ele vê uma oportunidade de aprendizado, pois sabe que, para ser e se mostrar como verdadeiramente é, ele terá que enfrentar o preconceito em todos os espaços nos quais se fizer presente. Nesse sentido, todas as vezes em que Caique foi para a escola usando um novo corte e cor cabelo, ele assumiu uma postura política ao reafirmar sua individualidade naquele espaço, apesar da hostilidade que receberia. Como negro, ele sabe que o cabelo tingido atrai ainda mais os olhares de julgamentos e desconfiança nas ruas, nos transportes públicos e demais instituições. E, como gay, está ciente de que, ao enfrentar o regime da heteronormatividade, também se expõe a uma série de violências. Mas não está disposto a ceder para esses regimes disciplinares.

3.4.2 Cena 02 – Um corpo vírus na escola

Aqui nessa escola, eu acho que por ser uma escola que tem um grande número da comunidade LGBT não tem tanto aquela coisa de as pessoas te atacarem de uma forma tanto verbal quanto física. Mas claro que tem aquelas piadas... eu acabei aprendendo, porque eu sou uma pessoa explosiva, eu sou uma pessoa muito explosiva. E tipo... é aquela coisa que eu tento não dar lugar, não dar ouvidos. As vezes quando eu vejo uma coisa eu me afasto e tal, procuro a gestão escolar, converso. Até agora, esse colégio foi o mais tranquilo que eu estudei.

A única coisa que aconteceu foi, no passado, um professor que tipo... ele se incomodava com o jeito que eu falava. Pela minha forma de falar. Eu chamava todo mundo de fofinho e essas coisas. Aí teve um dia que meu amigo, Danilo, falou de uma forma parecida com a que eu falo com todo mundo com ele. E ele não gostou. Ele falou que eu tava contaminando a sala. Eu perguntei pra ele se eu era doença. Ele falou 'você é, você está contaminando a sala'. E a gente começou a bater boca na sala, eu comecei a me irritar, a me estressar. Eu descí pra Karen (coordenadora pedagógica) e conversei com ela. E falei que isso era homofobia, que ele estava de uma certa forma me humilhando na frente dos alunos, falei que eu ia na secretaria de educação e tal. Ela tentou apaziguar as coisas e depois disso, depois de eu ter feito o arê todo na diretoria, esse professor tipo que caiu na real do que ele tava fazendo e pronto. Mas não teve um pedido de desculpas e tal. Eu acho que Karen conversou com ele e ele mudou o comportamento. (Cleiton, 2019)

As experiências tidas por Cleiton em outras escolas contribuem para que ele veja a atual instituição de ensino como a mais tranquila no que diz respeito às violências em decorrência de sua raça e orientação sexual. Ele atribui ao número elevado de pessoas LGBT a razão de encontrar ali um ambiente mais pacífico. Contudo, sua fala revela que, apesar dessa tranquilidade relativa, ainda persistem os insultos verbais vindo de outros alunos. E sua maneira

de lidar com isso é evitar o confronto e se policiar com relação aos modos como se porta em relação aos outros para “não dar lugar” e nem ouvidos. De outro modo, sua personalidade explosiva o colocaria, constantemente, em situações de conflito. De certo modo, essa postura adotada pelo estudante dialoga com os movimentos de cerceamento e negação. Para “não dar lugar” às piadas, ele precisa efetuar uma gestão de seu corpo, suas condutas e dos ambientes da escola nos quais está presente, já que de alguns ele precisa se afastar ou se tornaria alvo dos insultos. Esse regime de autovigilância é consequência da busca de uma relação saudável, mas que lhe sobrecarrega em limitações e condicionamentos.

Outra estratégia empreendida pelo jovem é “não dar ouvidos”. Ao mesmo tempo em que consiste na negação da violência sofrida, esse artifício pode ser útil na medida em que tira das mãos do opressor o poder de nos desestabilizar com seus insultos. Muitas vezes, o assobio, o “kiu” e os risos que são dados quando corpos dissidentes transitam em alguns espaços têm efeito na medida em que conseguem causar perturbação a ponto de gerar conflito, que desencadeia a violência física. Quando uma bixa responde a um comentário ou insulto, ela pode estar entrando no jogo articulado pelo opressor para justificar a agressão. A identidade subalternizada ao aceitar o conflito cria uma fissura no ego do agressor que ele precisa sanar demonstrando sua superioridade, reforçando uma masculinidade pautada na força física. Desse modo, aquele que aceita a provocação precisa estar preparado para o que está por vir. Isso não significa dizer que o silêncio será sempre a melhor atitude a ser tomada diante dos insultos. Muitas vezes, silenciar pode servir de instrumento de autorização da violência. Contudo, em alguns casos “não dar ouvidos” pode ser a melhor alternativa para garantir a vida e integridade física. O relato dado por Cleiton demonstra que seu pacto de silêncio, quando necessário, é rompido e ele faz denúncias a quem tem por obrigação intervir.

Essa foi a postura adotada pelo estudante quando o professor nitidamente homofóbico o acusou de ser uma doença que estava contaminando a sala. A associação da homossexualidade com doença é um elemento constituinte da história da sexualidade. Foucault (1998) nos conta que com a repressão da sexualidade que toma lugar a partir do séc. XVIII, o homossexual passa a ser considerado uma espécie da qual se encarregará a psiquiatria. O discurso médico passa a exercer controle sobre uma expressão da sexualidade humana que, a partir da instituição do casal procriador como legítimo, se torna uma prática que precisa ser controlada. Até o dia 17 de maio de 1990, era possível encontrar a expressão “homossexualismo” no Código Internacional de Doenças (CID) como uma doença mental. E mesmo antes de assim ter sido

classificada, a prática homossexual inspirava uma série de estudos que buscavam entendê-la a partir de dados genéticos e biológicos.

Já na década de 1980, com a epidemia da AIDS, a homossexualidade passou a ser estigmatizada em decorrência da associação produzida entre ser gay e ter a doença. Nesse período, ao mesmo tempo em que a patologia lançou luz sob a existência de pessoas homossexuais na sociedade, promoveu um movimento dentro da comunidade no sentido de dissociar-se da imagem do gay que era apresentada na mídia brasileira: afeminado com AIDS (SANT'ANA, 2010). De certa forma, a fala proferida pelo professor lança, sobre o corpo de Cleiton, todo esse histórico estigmatizado acerca de sua orientação sexual e performatividade de gênero: “Você está contaminando a sala”. O estudante é um corpo vírus infectando a escola com um jeito de ser e de falar que incomoda o professor. Lhe incomoda que outros estudantes se sintam à vontade para desprender-se da estrutura heteronormativa e obtenham, a partir de seus pares, referências.

Diferente da estratégia normalmente adotada com relação às piadas que, eventualmente, ouve de outros colegas, aqui Cleiton viu-se obrigado a adotar uma postura combativa. O estudante questionou acerca da ofensa recebida e, tendo recebido a reiteração da violência, enfrentou seu agressor e buscou nas instâncias superiores a adoção de uma postura com relação à situação ocorrida. Sua ameaça de busca de auxílio na Secretaria de Educação demonstra que, de certo modo, o estudante sabe onde buscar auxílio para tratar dos eventos ocorridos na escola, quando a instituição se mostrar inerte ou ineficiente.

3.4.3 Cena 03 – Preto demais³⁶

Teve uma professora, não foi caso sobre a sexualidade, foi racial. Ela tinha falado que era pra mim usar produto pra clarear a pele, que era muito escura. Mas eu deixei pra lá, não falei com ninguém, não falei com a direção. Eu falei que gosto da minha pele. Foi no primeiro ano, a gente tava normal na sala. Todo mundo tava indo embora e eu fiquei com ela, eu sempre ficava com ela, e ela foi e falou isso. Eu tava mostrando a foto de Thais Araújo pra ela, que foi algum trabalho que teve lá (Danilo, 2019)

³⁶ As falas de Danilo trazidas nesta seção também foram objeto de análise do artigo “Múltiplas Vozes Sobre Um Mesmo Problema: a reprodução das violências raciais no ambiente escolar”, no qual, junto com Adelmo dos Santos Filho e Danilo de Santana Cardoso, refleti sobre o racismo manifestado através de diferentes atores da educação.

A cena relatada por Danilo evidencia um ato de racismo cometido por uma professora que externaliza seu incômodo com a cor da pele do estudante. O conselho dado pela docente reitera a ideia de que quanto mais próximo da branquidão, mais se é aceito. Essa convicção lhe autoriza a sugerir que o estudante clareie a pele que lhe parece escura demais. Essa cena aconteceu quando Danilo ainda cursava o primeiro ano do ensino médio, dois anos antes de conceder entrevista para esta pesquisa. Quando a professora sugere o clareamento de pele ao aluno, já vivíamos um forte movimento de fortalecimento da identidade cultural negra e, nas escolas, a valorização através do ensino da história e da cultura afro-brasileira já se constituía como obrigação legal. Apesar de tudo isso, a educadora projeta em Danilo seus sentimentos negativos com relação à pele negra.

Em sua obra mais célebre, Fanon (2008) explica que a busca pelos privilégios da branquitude é uma imposição posta às pessoas negras em decorrência da negação de seu status de humanidade dentro da sociedade racista. Desse modo, é a destruição do repertório de referenciais positivos da negritude, potencializada pela mídia, que impele à negação dos elementos associados à identidade marginalizada e assimilação dos traços e valores da cultura branca. Na cena narrada por Danilo, a professora promove a destruição dos elementos que contribuem para produção da autoestima do estudante. Em comparação com a personalidade negra na foto que ele lhe apresenta, uma atriz com projeção social, inserção na mídia e que pode ser considerada bem-sucedida dentro da sociedade racista na qual vivemos, o estudante é por ela classificado como escuro demais. E, por isso, distante das possibilidades de sucesso, clarear a pele aparece aqui como alternativa de reversão deste cenário.

O que a “educadora” propõe ao jovem é, em certa medida, seu extermínio. A aniquilação daquilo que ela não considera digno de existência por não considerar como sendo algo positivo. Sua atitude integra a política de extermínio da população negra, cuja dinâmica não se restringe à morte física, mas começa muito antes, através da destruição subjetiva. Afinal de contas, o que é o racismo senão a reafirmação cotidiana de que nossas vidas não valem a pena serem vividas. Grada Kilomba (2019) pensa o racismo cotidiano como eventos traumáticos marcados pelo choque violento inerente à sua imprevisibilidade, pela perda dos laços com os outros humanos e pela atemporalidade que une passado e presente. Todos esses elementos podem ser elencados no relato dado por Danilo, que estava mostrando a foto de uma atriz para a professora quando foi surpreendido por um comentário extremamente racista. A partir desse momento, a conexão que havia entre aqueles sujeitos é rompida. Agora Danilo é o “Outro” subalternizado,

exageradamente negro e, por isso, indesejado. Essa cena diz respeito não somente à vida do estudante, mas faz ressurgir um passado de colonialismo e escravidão que une sua história com a de muitos outros que vivenciam o mesmo trauma. Agora o ato de racismo acontece e é como se ele estivesse vivendo naquele tempo. O passado se faz presente.

Ainda de acordo com o pensamento de Kilomba, os atos de racismo cotidiano irrompem com tamanha imprevisibilidade que silenciam possibilidades de reação da vítima. “Isso não é o mesmo que dizer que o racismo é inesperado - infelizmente ele é esperado - mas a violência e a intensidade do racismo são tamanhas que, apesar de esperadas, elas sempre recriam esse elemento de surpresa e choque” (KILOMBA, 2019, p. 218). Ainda que, como jovem negro tenha passado por experiências anteriores de racismo, Danilo não esperava ouvir de sua professora a sugestão de que ele utilizasse produtos para clarear a pele. “Foi no primeiro ano, a gente tava normal na sala. Todo mundo tava indo embora e eu fiquei com ela, eu sempre ficava com ela, e ela foi e falou isso”. A violência sofrida pelo estudante irrompe de uma situação banal de seu cotidiano, acontece por parte de uma pessoa com quem o estudante partilha laços de proximidade e foi tamanha que o deixou imobilizado, sem reação.

“Eu falei que gosto da minha pele”. Nesse momento, Danilo explicita uma delimitação entre ele e a professora. Quem não gosta da pele negra é ela, portanto é ela quem precisa lidar com o próprio racismo. Com isso, o estudante interrompe o processo de colonização de seu corpo iniciado pela docente, que além de invadi-lo manifestou pretensões claras de manipulá-lo conforme suas preferências, em conformidade com a estrutura de funcionamento da hierarquização racial. Grada Kilomba explica que o racismo cotidiano pode ser entendido como uma metáfora do colonialismo. “Uma pessoa é olhada, lhe é dirigida a palavra, ela é agredida, ferida e finalmente encarcerada em fantasias *brancas* de como deveria ser” (KILOMBA, 2019, p. 224). Mas apesar da violência sofrida pela fala branca, Danilo não se deixa encarcerar pelas fantasias que ele carrega: “gosto da minha pele”.

Apesar da postura adotada pelo estudante com relação à professora, ele não toma outras providências acerca da situação vivida. “Mas eu deixei pra lá, não falei com ninguém, não falei com a direção”. Ainda que saiba que poderia ter tomado alguma medida com relação à violência que sofreu, Danilo prefere o silêncio. Esse silêncio, de alguma forma, o protege de ter que lidar com o fato de que foi vítima de racismo. Relatar à direção, ir à coordenação pedagógica ou tomar qualquer outra atitude implicaria expor a professora racista e, principalmente, a si mesmo,

que se mantêm um sujeito anônimo. “O desejo de anonimato também revela o desejo de não ser ‘assombrada/o’ pelo trauma do racismo” (KILOMBA, 2019, p.219).

A violência racista também se manifesta por meio da aniquilação ou tentativa de aniquilação de sonhos e desejos de mudança. Em uma tentativa de manter a pessoa racializada presa às condições de existências permitidas pelo racismo. E esse mesmo estudante passa por uma situação desse tipo quando compartilha com um professor seu desejo de trabalhar com arte.

Eu falei pra um professor que meu sonho era ser isso, trabalhar nessa área. E ele falou “ah, mas você tem que trabalhar porque você tá chegando a idade, tem que trabalhar, que você não pode ficar escolhendo”. E eu falei “vem cá, essa profissão que você escolheu de ser professor, você escolheu ou fez por fazer? Porque quando a gente trabalha numa área a gente tem que gostar, sabe, gostar do que está fazendo”. Aí ele foi e ficou calado, não falou mais nada (Danilo, 2019)

Para o “educador” que participa dessa cena, o sonho de um jovem negro deve ser desconsiderado em detrimento de uma suposta necessidade de trabalhar. De acordo com Ailton Sena de Jesus, Adelmo dos Santos Filho e Danilo de Santana Cardoso (2020), a atitude do professor evidencia uma tentativa de determinar o lugar que o estudante pode ocupar dentro estrutura social. E esse movimento é feito com base nos ditames do racismo que criou as urgências existentes na vida do jovem ao mesmo tempo em que impede meninos/as como ele de avançar na formação pós conclusão do ensino médio. Em sua visão, Danilo não é alguém que possa ficar escolhendo. Mas então questiono: quem pode ficar escolhendo? Para quais sujeitos há possibilidades de escolha? E para quais existem determinações sociais?

Segundo dados da Síntese do Indicadores Sociais³⁷, divulgada pelo IBGE, com dados referentes ao ano de 2018, são os danilos que possuem maior índice de evasão escolar. No ano de realização da pesquisa, nas instituições onde se deu a investigação, o número de abandono escolar foi oito vezes maior entre os mais pobres. E o recorte por cor/raça indicou que, entre os jovens de 15 a 17 anos, a evasão escolar era de 8,4% entre negros/as e 6,1% entre brancos/as. Nesse momento, a porcentagem de negros/as nas universidades era de 18,3% contra 36,1% de brancas/os. Com isso, quando um professor diz para um estudante que ele precisa trabalhar porque não pode ficar escolhendo, ele expressa seu alinhamento com a estrutura que precariza as formas de vida das pessoas negras em benefício das brancas. Sua postura parte do princípio

³⁷ Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019 / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>> Acesso em 9 nov 2019

de que a intelectualidade, aquisição de cultura e os espaços socialmente valorizados não combinam com aquele corpo, o que cabe àquele indivíduo é a primeira oportunidade de subsistência lhe for oferecida e o melhor a ser fazer é abraça-la o quanto antes, pois com o passar do tempo, elas ficarão, cada vez mais, escassas.

A resposta/questionamento feito por Danilo diante da colocação do agressor atinge em cheio o princípio que deveria reger sua atuação profissional. Dentro de uma perspectiva de educação libertadora (FREIRE, 1977), o professor não é mero transmissor de conhecimento. Ele é um agente político capaz de incitar mudanças no contexto em que atua. Isso é o que deveria ser feito por alguém que escolhe a profissão. Contudo, o estudante possui elementos para duvidar de que a pessoa que o incentiva à retroalimentação da engenharia racista teria feito tal escolha. “Você escolheu essa profissão ou fez por fazer?”. Ao mesmo tempo em que põe em dúvida que seu agressor tenha escolhido sua carreira levando em consideração os princípios que deveriam nortear sua atuação, Danilo tensiona o educador a refletir: “se você escolheu sua profissão, por que eu não posso escolher a minha?”.

3.4.4 Cena 04 - “Por isso essa raça apanha”: justificativas para a violência

Eu tinha um professor que ele era bastante homofóbico. Ele dizia que não e, tipo, disfarçava muito bem, mas você percebe os comentários. Teve uma vez que discutiram com ele porque um amigo meu chegou na sala pra comprar alguma coisa com uma amiga minha que vendia bolinho. Chamou ela, nem disse “quero comprar”. E esse meu amigo é bem espalhafatoso, ele chega até a ser uma pessoa meio complicada de lidar, uma pessoa difícil... Claro que ele errou porque ele tinha que ter o controle e dizer ‘não, professor, desculpa, eu só queria falar com ela’, mas já veio falando alto e tal. Aí o professor falou assim: “é por isso que essa raça apanha”. Meu amigo ouviu e começou a discutir com ele. E aí disse que ia levar isso pra diretoria, foi o maior bafafá. Eu, comigo, eu não lembro... no Bolívar eu não lembro de ter passado uma dessas. (André, 2019)

Nesse relato, André afirma não se lembrar de ter sofrido diretamente uma situação de homofobia no Bolívar, contudo, para ele, era evidente que seu professor era homofóbico. Há aqui uma contradição entre as informações apresentadas pelo informante, pois acredito que se ele é capaz de perceber a homofobia presente nos comentários feitos pelo educador é porque se sentia afetado. “Ele dizia que não e, tipo, disfarçava muito bem, mas você percebe os comentários”. A postura do educador, ainda que não o confrontasse explicitamente, violentava

um grupo de indivíduos do qual ele faz parte. Por consequência, o estudante era também alvo dos comentários. Também era vítima da homofobia. Contudo, por não se sentir diretamente implicado, André não menciona essas situações como tendo sido integrantes dos casos de homofobia que constituíram seus anos na escola. As agressões físicas que sofreu na escola de freiras por ser afeminado e as formas mais ostensiva de violência como a sofrida por seu amigo são o parâmetro que ele adota para fazer essa distinção.

O desprezo por homossexuais mantido pelo educador é vociferado quando ele se vê desafiado por um “gay espalhafatoso” que invade sua sala, maculando seu âmbito de autoridade. Ao se ver nessa situação de conflito, o professor não consegue dissimular a aversão que era destilada em pequenas doses, através dos comentários que deixavam escapar. A sala de aula é tida, no contexto escolar, como espaço de domínio do professor, local onde ele é autoridade não só na produção do conhecimento, mas principalmente pelo seu nível hierárquico e acúmulo de poder. A disposição dos assentos estudantis, todos voltados para a grande mesa do professor, evidencia para quem, naquele ambiente, devem estar voltadas todas as atenções. Na maioria das escolas, o aluno em sala é como uma plateia no teatro, que deve se restringir a observar e absorver e se pronunciar apenas quando lhe for solicitado. O jovem do relato de André não apenas quebra o protocolo das relações escolares: “claro que ele errou porque ele tinha que ter o controle e dizer ‘não, professor, desculpa, eu só queria falar com ela’”. Mais que isso, ele desestabiliza o professor porque a presença invasiva daquele estudante carrega seu objeto de fobia.

Ao afirmar que “é por isso que essa raça apanha” o professor justifica a agressão física motivada por homofobia como sendo decorrente da invasão dos espaços que não lhes são autorizados, pelo desrespeito à ordem hierárquica, pelo fato de que esses sujeitos não se restringem aos espaços e condicionamentos sociais que lhes são impostos. Afinal de contas, quando o estudante entra na sala, falando alto em busca da colega sem pedir a licença do professor, é exatamente isso que ele faz. E esse tipo de comportamento justificaria a agressão. O uso da expressão “essa raça” deixa bem claro o sentimento de desprezo pelo grupo ao qual se refere e, tendo em vista que André descreve seu amigo como “espalhafatoso” podemos entender que se trata de um jovem gay afeminado e nada comedido em sua forma de comportar-se. Vale aqui ressaltar que quanto mais o sujeito dissidente se dissocia da estrutura normativa de gênero e sexualidade mais ele se torna alvo de opressão. Nesse sentido, o fato de o estudante ser extravagante pode ser considerado como potencializador da reação tida pelo

educador, que o categoriza como uma “raça”. Com isso, o estudante é categorizado como “Outro”, inferior ao homem heterossexual que lhe classifica.

Nesse capítulo, sistematizei o material coletado durante o período de desenvolvimento do jornal *A Voz do Bolívar* e esbocei reflexões acerca do ambiente e das relações escolares no que diz respeito aos temas de interesse para esse trabalho, a saber gênero, sexualidade e raça. Os dados aqui compilados trazem elementos para pensar a ideia trazido pelos informantes de um espaço onde as questões ligadas a esses marcadores se dão de forma harmoniosa e revelam os conflitos e situações limites, especialmente a partir do material coletado durante as entrevistas. Com isso, apresento um panorama do que me foi apresentado e do que percebi da instituição. No capítulo seguinte, empreendo uma tentativa de entender os elementos que possibilitam que esses estudantes tenham uma visão condescendente com relação ao que vivenciam na escola e busco os modos como eles agenciam seus marcadores e ressignificam suas experiências.

4. AGENCIAMENTOS E RESSIGNIFICAÇÕES

Após sistematizar algumas análises sobre as observações e entrevistas com os colaboradores do Colégio Estadual Bolívar Santana, dedico este capítulo às reflexões acerca de como as violências relatadas e outras tantas que não constam neste trabalho dissertativo são ressignificadas. Aqui a ideia de interseccionalidade é acionada para construir a amálgama das experiências atravessadas pelos marcadores de raça, gênero e sexualidade e outros que surgem nos depoimentos dos jovens. Se, em alguns momentos, essas identidades e as opressões sofridas em decorrência do pertencimento a elas aparecem dissociadas, na política de enfrentamento inscrita nos relatos dos estudantes elas estão muito bem amarradas. Isso acontece porque não há possibilidade de que pessoas como nós vivamos plenamente sem minarmos as estruturas de poder que se intersectam em nossas vidas produzindo violências. E os meninos que concederam entrevistas para este trabalho não hesitam em gritar orgulhosos sua pertença racial e de sexualidade dissidentes.

Nas próximas páginas, me aproximando do que Grada Kilomba aponta como um caminho para a descolonização, e alargando o questionando “o que o racismo fez com você?” para “o que o racismo e a homofobia fizeram com você?”, eu procuro entender os reflexos da conformação dessas duas estruturas de poder na vida dos meus informantes abandonando a visão que tende a focar na subordinação. E, para isso, eu atravesso os muros da escola, por entender que aquele não é o único espaço (re)produtor de violências. Esse entendimento não somente é reflexo de minhas vivências, como também está ancorado nos relatos dos informantes sobre suas relações familiares, com a comunidade, religião e outros. Como nos lembra Guacira Lopes Louro (2010), o investimento em fixar uma identidade masculina ou feminina como “normal” é feito ininterruptamente pela sociedade. As hierarquizações raciais estão, do mesmo modo, amplamente disseminadas no seio social. E as “verdades” sobre esses marcadores, de certo modo, constituem nossas histórias pessoais.

Outro elemento observável no discurso desses estudantes é a ausência da narrativa da dor. Isso não quer dizer que os episódios violentos por eles vividos não tenham sido dolorosos ou criado marcas com as quais terão que lidar a vida inteira. Contudo, acredito que a ausência da reafirmação dessa dor, entre outras razões, se dê devido ao fato de que eles estão vivendo além dela, pondo em prática o que advoga intelectuais como bell hooks. No texto em que ela analisa o álbum *Lemonade*, lançado por Beyoncé no ano de 2016, a intelectual norte-americana

afirma que “para ser verdadeiramente livres, devemos escolher além de simplesmente sobreviver à adversidade, devemos ousar criar vidas sustentadas no bem-estar e em uma alegria ideal” (hooks, 2016, s/p)³⁸. Nessa perspectiva, as violências sofridas não conseguiriam aprisionar os indivíduos no lugar de vítima, como o subalternizado enclausurado na dor, lugar em que tudo que lhe resta é enfrentar e resistir.

Na letra da canção *AmarElo*, o rapper Emicida endossa o pensamento expresso na produção de algumas feministas, que se contrapõem às narrativas sobre vidas de mulheres, negros/as e LGBTs nas quais predominam a dor e a violência imposta pelos sistemas de dominação. Em certo trecho da música, ele canta:

Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Se isso é sobre vivência, me resumir a sobrevivência
É roubar o pouco de bom que vivi
Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir
(AmarElo – Emicida/ Fonte: LyricFind)

De certo modo, acredito que essa postura tem sido adotada pelos colaboradores desta pesquisa no processo de ressignificação das opressões sofridas tanto no ambiente escolar quanto fora dele. De outro modo, os relatos que deram para a pesquisa estariam repletos de eventos violentos e dos traumas que eles causaram. Contudo, eles apontam outros elementos que constituem suas vidas e que, de alguma forma, podem explicar a impressão de que tiveram na escola um espaço seguro.

Pensar sobre o viver além da dor foi um movimento bastante instigante e confuso para mim. A construção desse capítulo me fez refletir sobre como a dor é parte integrante de nossa trajetória e que, na maioria das vezes, para viver é preciso esquecê-la ou naturalizá-la. Diariamente, ao sair de casa, tenho clareza das violências que posso sofrer, há uma programação internalizada para a qual já possuo mecanismos de “defesa”. Nessa lista, estão orientações como portar documento de identidade, “vestir-se bem”, evitar chinelo, não abrir a bolsa dentro de lojas. Tratam-se de cuidados que muitas pessoas negras tomam para evitar situações de racismo e, por vezes, são internalizados e ensinados dentro de nossas casas, a exemplo do “corte de

³⁸ O texto traduzido foi publicado pelo site Geledés. Disponível em <https://www.geledes.org.br/mover-se-alem-da-dor-bell-hooks/>. Acesso em 07 de jun de 2020

vagabundo” que minha mãe jamais me deixaria usar na infância e juventude. A isso se aglutina o medo da violência que chega por meio de um olhar depreciativo, um comentário homofóbico, uma agressão física, etc.

Todos esses receios, angústias e cuidados demonstram que a sombra da violência nos acompanha. E, muitas vezes, se potencializa conforme conseguimos ocupar espaços que nos foram relegados. Nessas situações, temos que lidar com a síndrome do impostor e o medo de fracassar e decepcionar todos aqueles que tiveram esperanças de mudar de vida a partir de nossa ascensão. Sendo o primeiro membro de minha família a ingressar no ensino superior, tive e tenho que lidar com esse peso diariamente. E é muito doloroso saber que as expectativas que meus familiares têm acerca do que essa formação significa não condizem com a realidade. Essa dor também está intrínseca ao processo de compreensão da estrutura racista. É uma dor resultante de um processo de libertação individual, já que há uma quebra das interdições raciais ao alcançar espaços de poder, mas isso não significa a implosão da estrutura. Os/as negros/as continuam sendo alvos da necropolítica.

Por conta das razões mencionadas, pensar sobre como somos capazes de viver para além da dor é um grande desafio. E, ao tentar buscar essa postura nos relatos dados pelos colaboradores, intento descobrir como e se faço isso em minha própria experiência.

4.1 A VIOLÊNCIA É UMA CONSTANTE E NÃO UM DADO DA ESCOLA

Nas entrevistas, não faltaram relatos acerca de como ser um jovem negro e de sexualidade dissidente está intimamente ligado à susceptibilidade em ser violentado por assumir com orgulho esses marcadores. Insultos, abordagem policial truculenta e agressões físicas são algumas das situações pelas quais aqueles meninos passaram e passam no seio da família e na comunidade onde moram. Por isso, tendo a acreditar que a consciência da constância da violência tem sido por eles incorporada no sentido de fortalecê-los para lidar com elas.

4.1.1 Piadas, piadas, piadas

Ao contar sobre sua experiência morando em Sussuarana, Caique demonstra que teve de aprender, desde muito cedo, a lidar com insultos e ridicularizações. Embora tenha se colocado como assumidamente gay aos 14 anos, ele sempre foi um menino afeminado. Sendo assim, a vigilância e as tentativas de conter a existência de seu corpo não esperaram que ele ingressasse na escola. “Eu sempre ouvia uma piadinha: viado, gay, enfim... essas piadas que até hoje eu sofro, de viado, de baitola, de ouvir um kiu. Essas coisas até hoje eu sofro, então eu vim sofrer também na escola.” (Caique, 2019). Os insultos com os quais o jovem teve que se acostumar desde a infância refletem os modos como a heteronormatividade disseminada no seio social atua para fazer com que os corpos dissidentes saibam, desde o início, que não são legítimos. O escárnio, a zombaria a ridicularização à qual somos submetidos desejam anular a diversidade, fazendo com que nos enquadremos à norma.

Não é estranho esperar que alguém que tenha crescido em um ambiente como esse, convivendo com os algozes de sua identidade, consiga se sentir bem protegido em uma escola onde encontra mais indivíduos que passam pelas mesmas adversidades e a frequência de eventos violentos é bem menor. No bairro em que vive, a situação que o jovem enfrenta é dolorosa a ponto de lhe causar mal-estar em transitar na localidade onde mora desde quando nasceu. “Eu prefiro andar em outro bairro do que em meu próprio bairro, porque aqui eu sofro mais piada do que em outros bairros que eu vou. Agora veja que eu moro aqui há 19 anos e mesmo assim as pessoas não me respeitam” (Caique, 2019). Por estar inscrito na configuração econômico-racial determinada socialmente para pessoas negras, por mais que seja angustiante para o estudante viver nessa situação, ele não tem outra escolha. A escassez de recursos na qual vive, atualmente, lhe impede de viver em um dos outros bairros onde transita com maior tranquilidade. Desse modo, a expectativa de desprender-se desse cenário está atrelada à ascensão social.

Piadas... piadas, piadas. Assim que me veem começa a rir... eu quero até saber o que ... eu me olho no espelho pra saber: “o que tem em mim, gente, que eles tanto ri?” Sempre é assim: assim que vê já ri. Sempre que eles me vê e ri, a minha cara na hora... olho pra cara assim de nada e ... ai eu penso: eu tô aqui vivendo a minha vida, suando, batalhando enquanto que eles estão aí e daqui a 20 anos eu vou estar numa vida, graças a deus, melhor que a deles. E eles vão estar aí na mesma merda. E eu vou passar de carro e eles vão continuar rindo, porque não têm educação, não teve disciplina dos pais e eu vou viver minha vida. Porque respeito a gente aprende de casa, né? Se não aprende de casa não vai aprender no mundo, né. Isso não existe. Tem que ter educação

de casa... então é sempre assim, coisas do bairro mesmo que eu não gosto. Por isso que eu passo mesmo com meus croppeds³⁹, não tô nem aí... (Caique, 2019)

Nesse trecho da entrevista, Caique revela mais uma das formas através da qual é hostilizado em Sussuarana. Agora o riso aparece como traço de zombaria e ridicularização e desaprovação de sua existência. Para ele, a reação manifesta pelas pessoas do bairro ao vê-lo não faz sentido, por isso ironiza dizendo buscar no espelho razões lógicas para os sorrisos que sua presença desperta. Contudo, não é uma pintura ou inscrição que o torna risível aos olhos do sistema hétero branco patriarcal assimilado e reproduzido por indivíduos que também estão à margem, mas o modo como seu corpo personifica o esforço de ruptura da estrutura que impossibilita a multiplicidade de existências. O fardo que Caique carrega toda vez que sai de casa afirmando sua existência indesejada foi musicalizado por Linn da Quebrada, que tendo sido uma bixa travesty moradora de bairro de periferia passou por situações semelhantes. Na letra de *Bixa Preta*, Linn parece colocar a “fechação” como política de enfrentamento:

Ques bixistranha, insandecida
Arrombada, pervertida
Elas tomba, fecha, causa
Elas é muita lacração...
Mas daqui eu não tô te ouvindo, boy
Eu vou descer até o chão...
(Bixa Preta – Linn da Quebrada/Fonte: Canal
da Linn da Quebrada no YouTube)

O riso de escárnio é respondido com a reafirmação da existência, com a reivindicação pelo direito de se colocar no mundo expressando sua individualidade. Esse movimento gera uma mitigação dos impactos que a não aceitação do outro teria sobre o indivíduo auto imbuído de orgulho próprio.

Embora seu relato aponte a ascensão social e eventual mudança do lugar onde sua aparência e performatividade é razão de escárnio, Caique se mostra pessimista com a possibilidade de que haja alguma alteração na postura de seus algozes. “Eu vou passar de carro e eles vão continuar rindo”. Ele sabe que sua ascensão social não terá impacto significativo no modo como os sujeitos que o ridicularizam se relacionam com a diversidade, pois ela não possui atuação pedagógica na vida daqueles que não têm educação, que não receberam instrução de

³⁹ Cropped é uma peça de vestuário culturalmente atribuída a mulheres. Trata-se de uma espécie de uma peça superior curta, que deixa à mostra barriga, abdômen e umbigo.

seus progenitores. Além disso, sua constatação reflete o pensamento de que as conquistas individuais em pouco ou nada impactam nos problemas que são estruturados a partir da matriz que estabelece relações desiguais e hierárquicas entre grupos específicos. Ainda que deixe de ser pobre, passe a morar em um bairro nobre, Caique continuará a ser negro e gay. E, a partir da matriz que estrutura a sociedade atual, esses marcadores ainda o colocam em posição de subordinação perante os brancos e héteros.

Frente à situação posta, Caique não esmorece. Ele adota uma postura idêntica àquela que toma quando, na escola, percebe os olhares de reprovação ao alternar entre estilos de cabelo. E desafia os risos, os xingamentos e todo tipo de assédio que sofre quando sai de casa usando *cropped*. Aqui o enfrentamento se dá dentro nos termos estabelecidos pela “fechação” de *Bixa Preta*. O jovem executa a política de reivindicação pelo seu direito de existência no aqui e agora, abandonando ou preterindo a contestação por meio de ascensão social. Segundo ele, o modo como se veste reflete sua identidade e é disso que ele não abre mão em nome da legitimação por outrem.

Eu não digo montado, porque você botar um cropped, você botar um short, pra mim não é montagem. Montagem é quando você se monta de mulher, quando você se maqueia, quando você bota peito, quando você bota salto... isso aí é uma montagem. Agora **quando você se identifica com uma coisa, isso pra mim não é montagem**. Então, o que eu visto, pra mim, é o meu normal (Caique, 2019, *grifo nosso*).

Desse modo, o vestuário usado pelo estudante ganha conotação política na medida em que representa um embate com a estrutura social que tenta limitá-lo nos modos como se portar, o que vestir, de quem gostar e quais sentimentos nutrir sobre si mesmo. Caique subverte esses imperativos reafirmando sua autoestima, a bixa preta sai de salto alto maquiada na favela.

4.1.2 Muita gente não aceita que eu seja bissexual

Apesar de estar bastante consciente de sua sexualidade, Danilo sofre com a negação de sua orientação sexual pelas pessoas que lhe são próximas. A sua bissexualidade é entendida por esses indivíduos como uma forma encontrada pelo estudante para justificar os relacionamentos com outros meninos, sem assumir sua pretensa homossexualidade. Essa visão que nega a possibilidade de que um indivíduo possa sentir-se sexualmente atraído por homens e mulheres

é uma das formas que se manifesta a bifobia, produzindo o apagamento dessa expressão sexual. Na experiência vivida por Danilo, sua performance de gênero é apontada como principal argumento para negar sua bissexualidade:

Na maioria das vezes, a pessoa quer que eu só pegue o sexo masculino, só por causa do meu jeito... Eu falo 'gente, eu sei separar as coisas'. Só porque eu fico com esse meu jeito afeminado não quer dizer que eu vou ser assim junto com uma menina, eu sei colocar de lado. [...] Quando eu me identifiquei como bi, muitas pessoas já achavam que eu era gay. Mas desde pequeno eu pretendo ter família, ter filho, família tradicional. Aí eu sou bastante criticado porque a maioria das pessoas falam que 'ah danilo, você é gay. Por que você não assume logo? Isso de que você é bissexual é só uma fase'. E aí eu falo: gente, se eu gosto. É aqui o momento. Eu posso conviver com homem cinco, dez anos, e eu posso conviver também com uma mulher, se eu gostar, ter filhos, continuar minha vida, entendeu? Muita gente não aceita que eu seja bissexual. (Danilo, 2019)

No depoimento dado pelo estudante, fica evidente como o fato de ele ser afeminado impacta na leitura que é feita sobre sua orientação sexual. Esse dado reflete a noção internalizada de que uma performatividade estruturada em padrões de comportamentos associados ao gênero feminino não condiz com alguém que possa vir a ter relações afetivo-sexuais com esse gênero. Logo, se um homem é afeminado, ele é gay. E é gay porque gostaria de ser mulher, por isso assimila suas características. É essa estrutura de pensamento que faz com que Danilo seja identificado na escola e em sua comunidade como gay. Esse *script* é baseado no pensamento dicotômico que estabelece oposições estanques e a incompatibilidade de fluidez entre os polos. Com isso, cria-se uma esfera de vigilância sobre as performances para identificar àqueles/as que estão fora da norma e, por isso, precisa ser censurado/a, submetidos/as ao processo de produção do menino e da menina, que é anterior ao ingresso na escola.

Nesse momento, recorro de todas as vezes em que fui censurado pela minha mãe ao perceber meus gestos afeminados, que eram repreendidos com um “se comporte como homem”, ou um incisivo e acusador “você é veado!?”. Esses eventos foram construindo, desde cedo, minha percepção acerca do que eu poderia e o que não fazer, o que era bem visto e o que não era. Em um desses episódios, ela me questionou sobre o fato de eu gostar de sentar-me com as pernas cruzadas. E, pela primeira, vez eu a questioneei sobre a pertinência de meu modo de sentar como uma possibilidade masculina, pois meu pai sentava-se daquela forma, assim como meu cunhado. Contudo, acredito que, para ela, eles já tinham provado a masculinidade, coisa que não havia acontecido de minha parte e, por isso, sentia necessidade de externalizar seu

desapreço à possibilidade de que eu não cumprisse os *scripts* de gênero desenhados para minha genitália.

De volta ao relato do estudante, é interessante observar como Danilo assimila a ideia de incompatibilidade entre o modo como ele se porta e uma relação afetiva com garotas. E ao internalizar esse pensamento, ele se torna seu próprio algoz no processo de ajustamento para validação. “Só porque eu fico com esse meu jeito afeminado não quer dizer que eu vou ser assim junto com uma menina, eu sei colocar de lado” (Danilo, 2019). Nesse trecho do depoimento, ele deixa transparecer sua crença de que precisa ajustar-se à masculinidade hegemônica para explorar um aspecto de sua sexualidade. Essa postura demonstra como a violência bifóbica que vem sofrendo se instaurou em sua subjetividade. Por outro lado, ele apresenta uma linha de pensamento bastante coerente no que diz respeito à fluidez de seus desejos afetivo-sexuais, que expressa a certeza de que a bissexualidade melhor define o modo como ele se vê atualmente. “É aqui o momento. Eu posso conviver com homem cinco, dez anos, e eu posso conviver também com uma mulher, se eu gostar, ter filhos, continuar minha vida, entendeu?” (Danilo, 2019).

O pensamento expresso pelo estudante coaduna com uma perspectiva *queer* acerca das identidades sexuais e de gênero. Essa corrente teórica advoga em prol de uma postura não essencialista, plural e de fluidez acerca das identidades. Para essa corrente teórica, o importante é que não haja hierarquização nas diferenças. E a inexistência de uma naturalidade inerente ao corpo e suas formas de expressão impede a criação de modelos fixos, nos quais os sujeitos devem se encaixar e executar o *script*. O que interessa é justamente a ruptura dessa normatização tanto para a heterossexualidade quanto para a sexualidades dissidentes. É nessa perspectiva que Thomaz Tadeu Silva (2012) entende o conceito de performatividade de Judith Butler como deslocamento da ideia de identidade como descrição, presente no conceito de representação, “para a ideia de ‘tornar-se’, para uma concepção da identidade como movimento de transformação” (SILVA, 2012, p.92).

A materialização desse movimento fluído entre as identidades pode ser visualizada pelas modificações das nomenclaturas para significar a diversidade sexual e de gênero. A antiga GLS, por diversas razões, foi abolida e o movimento hoje utiliza, mais corriqueiramente, LGBT. Mas à essa última várias outras identidades já foram aglutinadas, formando o que agora seria LGBTQICAPF2K+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queer,

Questionando, Intersexo, Curioso, Assexuais, Pan e Polisssexuais, Amigos e Familiares, Two-spirit e Kink). Essa multiplicidade não somente evidencia a instabilidade e fluidez, como tem um potencial perigosamente desestabilizador. E, para Guacira Lopes Louro, em concordância com Jeffrey Weeks (1995), põe em xeque a fixidez de todas as outras identidades. “Para os grupos conservadores, tudo isso parece muito subversivo e ameaça atingir e perverter também, os conceitos, os valores e “modos de vida” ligados às identidades nacionais, étnicas, religiosas, de classe” (LOURO, 2010, p. 31).

4.1.3 A bixa preta responde

Uma vez que há constância nos episódios de racismo, homo e bifobia enfrentados pelos colaboradores da pesquisa, esses eventos acabam se configurando como oportunidades para reflexões sobre formas de lidar com eles. Isso acontece porque, ainda que caracterizados pelo elemento surpresa, pela fratura em uma situação ordinária, alguns eventos violentos já são esperados devido a frequência com que ocorrem, justamente por terem sido naturalizados. Caique, por exemplo, sabe que terá que lidar com a ridicularização e insultos de seus vizinhos sempre que sair de casa. Danilo, por sua vez, é constantemente taxado de impostor quando afirma sua bissexualidade. Do mesmo modo, outros episódios racistas, homo e bifóbicos são presumidos e, por isso, demandam um esforço subjetivo daqueles/as a eles expostos/as para racionalizar a postura que adotará. Esse é um movimento desgastante e doloroso, que, em muitos casos, promove um endurecimento emocional.

Questionado sobre a ocorrência de situações de violência motivadas pela sua cor de pele ou orientação sexual, André dispõe de uma lista enorme, que envolve comentários racistas ouvidos de familiares, agressões na escola e constrangimentos em estabelecimentos comerciais. Mas também demonstra estar aprendendo a lidar com esses episódios. E uma das armas que tem utilizado nesse processo é a devolução do mal-estar e embaraço que essas situações provocam.

Teve um fato até engraçado que aconteceu... Não citando o nome de onde eu fui, mas eu entrei uma vez numa loja, eu fui pesquisar produto de cabelo porque eu tinha o cabelo descolorido ... Eu lembro que nessa loja o segurança ficou me seguindo e eu andando, andando, andando e percebendo que ele tava meio que me seguindo, sabe? Eu dei uma volta e nessa que eu dei uma volta, eu parei e pedi pra ele segurar um espelho... Um espelho que eu e os meninos sempre andávamos na bolsa... Eu pedi a

ele pra segurar meu espelho, ele pegou e ficou meio tipo... e eu falei ‘se você está me seguindo parece que você quer me ajudar, então me ajude a retocar aqui minha sobrancelha’. (André, 2019)

O evento narrado pelo estudante não é novidade em sua vida, nem na da maioria das pessoas negras vivendo no Brasil. Eu já vivi situações parecidas e escutei relatos de amigos e conhecidos que passaram pela mesma situação e evitam visitar determinados centros comerciais ou quando vão se policiam para não entrar com bolsa ou abri-la no estabelecimento. Esse constrangimento acontece porque, baseando-se nos estereótipos que constroem o corpo negro como violento e criminoso, seguranças de estabelecimentos comerciais monitoram e, por vezes, perseguem pessoas negras da entrada até a saída. Isso acontece especialmente nos locais projetados para as classes sociais mais altas. Com o movimento de rolezinhos⁴⁰ nos *shoppings centers* ficou evidente como os corpos marginalizados são vistos também como perigosos e, portanto, indesejados nesses espaços. Infelizmente, o que aconteceu com André é comum em nossa sociedade racista, mas merece destaque o modo encontrado por ele para lidar com o evento.

A forma ativa e descontraída com que ele reagiu ao confrontar o funcionário da loja com seu próprio racismo explicitam o domínio que ele tinha sobre a situação. É interessante observar no movimento realizado para confrontar o segurança, o jogo que é criado entre a raça e a performatividade de gênero, pois a perseguição feita pelo funcionário era motivada por se tratar de um jovem negro na loja, a performance de gênero que ele executava era pouco relevante para atribuir-lhe o status de suspeito. Tanto é assim que homens e mulheres negras, hétero e homossexuais são vítimas, indistintamente, desse tipo de abordagem quando transitam pelos espaços demarcadamente brancos. Contudo, ainda que, naquele momento, a sexualidade do garoto não estivesse sendo diretamente atacada, ela é um elemento que o constitui. André está totalmente ciente disso e não tenciona anular esse aspecto de sua subjetividade para confrontar o racismo. Por isso, é a bixa preta quem revida: “Eu pedi a ele pra segurar meu espelho, ele pegou e ficou meio tipo... e eu falei ‘se você está me seguindo parece que você quer me ajudar, então me ajude a retocar aqui minha sobrancelha’”.

⁴⁰ O movimento ocorrido entre os anos de 2012 e 2015 consistia em uma espécie de *flash mob* em que grupos de jovens se encontravam simultaneamente em espaços como a praça de alimentação de *shoppings centers*. Em Salvador, em 2017, Amanaiara Conceição de Santana Miranda organizou o primeiro “Rolezinho dos Caras Pretas”, o ato aconteceu no shopping em que, na semana anterior, ele ouviu comentários racistas proferidos por uma vendedora.

Nesse momento, André põe em prática a pedagogia do constrangimento e convoca o funcionário do estabelecimento, a partir da situação embaraçosa em que foi colocado, a refletir sobre a prática racista que executava. Essa postura convida os sujeitos a assumirem a autonomia sobre seu próprio processo de descolonização e conseguinte libertação dos preceitos difundidos pelo sistema. E em vez de realizar um trabalho de conscientização baseado em uma espécie de letramento sobre as pautas identitárias, pressupõe a existência de um enorme contingente de informações qualificadas e facilidade de acesso para adoção de uma postura autônoma e comprometido com a busca de conhecimento.

Grada Kilomba (2019) explica que o estabelecimento de fronteiras entre o sujeito branco e o sujeito negro é um dos caminhos para interromper o processo colonial de invasão e ocupação. Ele acontece quando permitimos nos manter no lugar da Outridade servindo aos anseios brancos de controle, em situações que não há o verdadeiro desejo de respostas, apenas de criação de uma relação de dependência. Para isso, é importante entender que o racismo não consiste na falta de informação, mas no desejo de posse e controle. Nesse sentido, ela nos convoca a interromper o ciclo de invasão.

Explicar é alimentar uma ordem colonial, pois quando o *sujeito negro* fala o *sujeito branco* pode sempre responder com aquela frase desdenhosa: “Sim, mas...” Então, o *sujeito negro* explica mais uma vez, e novamente escuta a frase: “Sim, mas...” E assim o ciclo invasivo e dependente nunca termina. Como o racismo cotidiano é invasivo, é o estabelecimento de limites que leva à própria descolonização, não a explicação. (p. 230)

Aqui a autora fala sobre o processo de descolonização específico do sujeito racializado, mas acredito que adoção dessa postura tem implicações também no processo a ser empreendido pelo sujeito branco. Além disso, acho importante pensar os indivíduos que integram esse ciclo não apenas a partir da cor da pele, como a intelectual parece propor, pois muitos sujeitos racializados operam a partir das lógicas internalizadas da branquitude.

4.2 UMA BICHA EMPODERA A OUTRA

Nos relatos dos colaboradores da pesquisa sobre o processo de descoberta da sexualidade, a relação com a identidade negra e os processos de construção de uma vivência política com relação a esses marcadores dentro e fora do espaço escolar, as trocas realizadas em grupos aparecem com bastante evidência. Elas constituem um catalisador de anseios,

inquietações e medos que pareciam individuais e conseguem construir uma cena de solidariedade que confronta o isolamento que a hierarquização das identidades imputa aos sujeitos subalternizados. As vivências compartilhadas, o apoio mútuo, as trocas de saberes e o reconhecimento de uma imagem positiva dos marcadores que são socialmente estigmatizados aparecem nos relatos dados pelos coautores desse trabalho e me permitem elencar a coletividade como elemento fundante para ressignificação das violências e agenciamento de lutas.

Nesse contexto, o *Coletivo Afrobapho*, do qual dois dos integrantes da pesquisa fazem parte, ganha bastante destaque em seus discursos. O coletivo teve um papel importante na formação deles como indivíduos políticos, no trato com a diversidade sexual e de gênero e na construção identitária. Mas também tem lugar o grupo de amigos de Cleiton, composto por jovens negros e gays que iniciam, simultaneamente, a explorar a sexualidade e enfrentam juntos as violências da homofobia presente no seio familiar. Ao ouvir os relatos dados pelos meninos, não pude deixar de pensar em como todo esse processo se deu de forma bastante solitária comigo. Até ingressar na faculdade, não tinha amigos com quem pudesse ou me sentisse à vontade para falar sobre minhas dúvidas com relação à orientação sexual ou sobre ser um jovem negro. Pensar nessa diferença com relação às nossas vivências faz emergir um leque de possibilidades e encaminhamentos distintos que eu teria tido, mas que talvez não produzissem o indivíduo que sou hoje e não me trariam a esse trabalho dissertativo.

4.2.1 As Winx: um estrutura o outro

As Winx foi uma coisa também que na minha vida... que foi.. Eu era aquele garoto gay que não conhecia outro gay, não tinha uma referência. E tipo, meus amigos... Foi aquela época de aceitação... A gente acabou se conhecendo numa época em que todo mundo tava se assumindo, dando a cara a tapa mesmo, falando eu sou gay, eu sou isso. Todo mundo estava na mesma caminhada e acabou que um foi estruturando o outro, dando a mão... E foi logo na época que eu entrei no Oro Dance, no colégio, que eu conheci dois deles: Anderson e Jonas. Jonas não era assumido ainda, isso foi um processo com aquele menino, foi muita baixaria. Ele falava que ele não era, eu ‘você é!’. Era aquela coisa dele se espelhar em Anderson, porque Anderson, eu creio, foi o primeiro jovem gay no colégio que dava a cara a tapa, falava que era gay mesmo, foi ele que eu conheci. Ele e Jonas, mas eu conheci primeiro ele. A gente se espelhava muito porque ele se maquiava, vestia short curto, dançava no colégio, fazia aquilo tudo. Então a gente acabou se espelhando um pouco e começou uma amizade entre nós três. Aí foi conhecendo, conheceu Ales, depois, por último, conheceu Fernando. A gente começou a um estruturar o outro, até quando eu fui expulso de casa eu fui morar na casa de Anderson com os pais dele e tal, depois minha mãe veio aqui e eu voltei a morar com meu pai. Depois a mãe de Jonas expulsou ele, a gente teve que...

Ele passou uma temporada... Quando eu morei só, que eu morei um ano só, ele morou comigo. Aí foi um estruturando o outro. Eu acho que o que fortalece nossa amizade, o grupo, foi aquela coisa de quando um precisou, todos estavam ali ajudando, porque todos estavam na mesma trajetória, todos estavam passando pela mesma coisa. Eu acho que foi isso. (Cleiton, 2019)

O relato de Cleiton reitera a importância de seu grupo de amigos nos processos que ele atravessou, em especial, por conta de sua orientação sexual. E o modo como essa relação se moldou fazendo com que um tivesse no outro alguém com quem, verdadeiramente, pudesse contar. Conforme explica o próprio estudante, o apoio que um prestou ao outro nos momentos de necessidade foram cruciais para solidificação dos vínculos que foram estabelecidos entre eles. As Winx, como eles se denominam, trata-se de um grupo de amigos que, por brincadeira, resolveram se dar um nome. Não se trata de um coletivo ou qualquer outra denominação para grupo com atuação política. O nome faz referência à série de animação Winx Club, produzida pela Rainbow SpA e pela Nickelodeon.

Da história da relação de amizade desse grupo de meninos negros gays, pelo menos, três elementos me chamam atenção: (1) a importância das referências (2) a solidariedade e (3) o processo de construção da identidade. Esses pontos aparecem na fala de Cleiton e, me parece, constituem a amálgama que une esses sujeitos e os estruturam para lidar com as adversidades da vida. A importância que os amigos possuem para esse informante da pesquisa é tamanha que ele não consegue expressar por meio de palavras. Em vez disso, quando perguntado sobre essa questão, ele prefere contar a história e permitir que o valor dessa relação seja transmitido através dos fatos e eventos que a constroem.

Para Cleiton, um menino que não possuía qualquer referência sobre o que era ser gay, conhecer Anderson e Jonas foi um divisor de águas. Digo isso, pois penso seu relato a partir de minha própria experiência de construção de uma identidade gay que possui dois momentos bastante decisivos: a exibição da novela *América*, pela Rede Globo, e a vinda para Salvador, com especial atenção para a criação de laços de amizade com outros gays. Além disso, a teoria cultural contemporânea estabelece uma relação íntima entre identidade, diferença e as formas de representação (SILVA, 2012). Logo, a existência dessas pessoas com quem estabelecemos relações de similaridade e proximidade por conta de filiações identitárias nos arrancam do lugar de estranheza e solidão no qual a cultura branca cis-hetero-normativa nos prende.

Por outro lado, existe aí uma armadilha que diz respeito à criação de uma estrutura pré-formatada que estruture o modo de ser diferente. Ao cair nesse engano, os indivíduos criam a

expectativa de que o outro será o equivalente ao seu espelho, criando idealizações de representação mimética e narcísica. Mas, pelo contrário, essa busca de sentido da sua existência no mundo social deve abrir portas para que sejamos cada vez mais múltiplos e diferentes. Segundo o relato de Cleiton, Anderson foi a pessoa quem o inspirou a abandonar os códigos de masculinidade que aprendeu a reproduzir ao longo da vida. “A gente se espelhava muito porque ele se maquiava, vestia short curto, dançava no colégio, fazia aquilo tudo”.

Esse fascínio pela liberdade de Anderson, que, na escola, já externalizava sua identidade, confrontava os *scripts* de gênero e foi “o primeiro jovem gay no colégio que dava a cara a tapa” impulsiona a amizade que nasceria ali. Anderson performava a emancipação e autonomia que Cleiton e Jonas buscavam para suas vidas. “Então a gente acabou se espelhando um pouco e começou uma amizade entre nós três”. Sem dúvidas, nesse período, eles começaram a experimentar violências, já que, abertamente, confrontavam as normas de gênero não só dentro, como fora da instituição escolar.

O período em que passou a participar do grupo *Oro Dance* também foi importante para a construção da identidade de Cleiton no que diz respeito à questão racial, pois o estimulou a aprender mais sobre a história e cultura africana. E, desse modo, ajudou a aproximá-lo do Candomblé, religião que, atualmente, pratica. Tudo isso se deu por meio de um processo de descolonização do conhecimento.

Como era um grupo de dança afro, trazia também uma dança dos orixás e essas coisas. Eu meio que tinha receio de dançar, mas depois eu comecei a estudar...praticamente eu queria saber o que eu estava fazendo e tal. Comecei a estudar, comecei a pesquisar sobre as coisas, comecei a pesquisar sobre o conto dos orixás, sobre a religião e comecei a ter uma visão diferente. Ver que não era nada daquilo que eu vinha aprendendo ao longo de toda minha vida, que era uma religião ruim, que fazia coisas horríveis e tal. (Cleiton, 2019)

Nesse período, a expulsão de casa pelo pai foi mais um catalisador para fortalecimento dos laços com os amigos e com a religião, pois Cleiton passou a morar na casa de Anderson, que o convida “pra ir no ilê dele”. Ainda que não esteja isento das normas de gênero e sexualidade que prevalecem na sociedade, o Candomblé é tido como uma religião que possui grande aceitação de pessoas homossexuais, pois sua cosmologia não concebe a ideia de pecado, característica das denominações de origem judaico-cristã. Desse modo, entendo que, no momento em que a rejeição paterna, um homem evangélico, se tornou tão escancarada a ponto de tirar o filho de casa, Cleiton passou a contar com duas novas redes de apoio: os amigos e a família de Axé.

Esses espaços passam a se constituir como lugares de resistência nos quais a noção de cuidado, solidariedade e afeto estruturam a relação. Quando o estudante afirma que “quando um precisou, todos estavam ali ajudando” e que esse é o elemento que fortalece a amizade, não posso deixar de pensar nas palavras de bell hooks na defesa do amor como um ato revolucionário e como essa dimensão está presente na relação das *Winxs*.

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura. (hooks, 2010)

O amor, defendido pela estadunidense, está inteiramente imbuído da dimensão do cuidado: o cultivo do amor interior, cuidado com o outro e reconhecimento das necessidades subjetivas. Para ela, esse é um passo fundamental para construção de espaços de resistência e reversão do embrutecimento que a escravidão causou em nós negros/as, na medida em que deixamos de expressar nossos sentimentos para não demonstrar fraqueza. E assim assimilamos e reproduzimos a brutalidade conhecida naquele período. Em outra dimensão, a ética do amor é apontada, pela autora, como o caminho para reconhecimento da “natureza interconectada e interdependente dos sistemas de dominação” (bell hooks, 2006, p. 02).

4.2.2 A gente ocupa os espaços

Quando eu comecei, era pouquíssimas bixas pretas que, vamos supor, saiam pro rolê como elas queriam sair. E a gente trouxe muito isso de você se vestir como você quer, você ser quem você quiser. E eu acho que esse é o maior significado de ser uma bixa preta periférica. É você defender o seu corpo, mostrar que você é um corpo existente na sociedade e que você também tem seu espaço, entendeu? Porque nós somos excluídas, né!? Hoje ainda somos excluídos de muitas coisas e a gente tá aí dando a cara a tapa, né, sempre pra mostrar que a gente tá aqui, que a gente vai invadir mesmo vários espaços. Eu acho que esse é o maior significado que a bixa preta periférica tem pra mim: que a gente saiu da favela e ocupa os espaços. (André, 2019)

A fala de André que abre essa seção foi dita como parte da resposta a uma pergunta sobre seu entendimento acerca do que é ser uma bixa preta periférica, forma como ele se identificou em dado momento da entrevista. Aqui ele reivindica o intercruzamento entre três categorias de identificação, através das quais tenta dar conta de sua experiência. E, diferente do que o olhar hierarquizado da cultura imputa, ele assume essa configuração identitária como

instrumento de emancipação. Contudo, como subverter a lógica das estruturas de poder demanda disputa, as interseccionalidades também são ferramentas para o enfrentamento. No depoimento de André isso fica bastante claro quando afirma que ser um bixa preta periferia perpassa a dimensão de “ser o quem você quiser ser”. E, ainda assim, “é você defender o seu corpo, mostrar que você é um corpo existente na sociedade e que você também tem seu espaço, entendeu?”.

André parece estar inteiramente ciente das dores e das delícias de ser quem é. E nisso está incluso a susceptibilidade para violências contra seu corpo, o que demanda a necessidade de defendê-lo de um sistema que vê na bixa preta periférica a materialização do abjeto e, portanto, passível do escárnio e de agressões físicas. Fora dessa posição de vulnerabilidade e subalternidade, outro lugar socialmente estabelecido para existências como a do estudante é o apagamento, que se dá desde a dimensão subjetiva até a aniquilação dos corpos. Contudo, André está convencido de que pode agenciar suas identidades para política de subversão das lógicas excludentes e violentas às quais está submetido. A ideia de “sair da favela e ocupar os espaços”, que ele apresenta, demarca a adoção de uma postura que se contrapõe à marginalização e guetificação que contribuem para a manutenção do *status quo*. O entendimento apresentado pelo estudante acerca da possibilidade de mobilização a partir de sua configuração identitária pressupõe um movimento de insubordinação contra os sistemas de opressão e reitera a pertinência de se pensar a existência de uma agência interseccional (HENNING, 2015).

Como o próprio André sinaliza ao longo da entrevista, muito dessa postura ativa com relação às interseccionalidades com as quais se identifica é devido a um processo de amadurecimento político que se deu a partir do *Coletivo Afrobapho*. Por meio das vivências, espaços de discussões e formações que teve acesso com o grupo, ele diz ter se despedido do preconceito que tinha contra sua pele negra e passado a enxergar beleza nos traços retintos. Aprendeu a reconhecer, respeitar e criar empatia pela luta das pessoas trans e construiu sua identidade como bixa preta periférica.

(Com o Afrobapho) eu comecei a ter contato com essa diversidade mesmo, de eu estar ali... eu ter a oportunidade de tá com travestis, eu ter a oportunidade de estar ali com outras pessoas negras que tão num tempo muito mais que eu e que me ensinavam uma coisa ou poder debater e falar sobre aquilo que o coletivo defendia porque era uma coisa que eu era leigo, eu era uma pessoa leiga (André, 2019).

Na experiência relatada por André, o Coletivo se constitui como um espaço de educação não formal que deu conta de dimensões de sua vida que não foram abarcadas pelo sistema tradicional de ensino. Desse modo, o instrumentalizou para lidar com questões que integram seu cotidiano, como a vigilância empreendida por seguranças em espaços de consumo. Também foi a partir desse espaço que ele pode construir vínculos com outros grupos integrantes da diversidade sexual e de gênero, entender a importância do senso de coletividade para a luta por igualdade e se converter em um disseminador de informação.

Eu cheguei até a ensinar pra uma irmã de santo minha que ela era lá da faculdade e que foi debatido isso na faculdade e ela não entendeu: sobre cis e transexualidade. Foram informações que eu coletei com o Coletivo, que eu aprendi porque o coletivo acabou me levando para outras áreas de que eu não estava acostumado, de conhecer pessoas que eu não estava acostumado e que eu não vivia (André, 2019).

Caique, que também faz parte do Afrobapho, corrobora com a visão de André acerca do coletivo e do impacto que ele teve em sua vida. Seu relato também remonta aquele espaço como próprio para construção de um pensamento crítico sobre as dinâmicas que interferem em sua vida e de conexão com outras demandas pautadas na construção de uma sociedade menos desigual. A epifania que Caique relata ter tido quando passou a discutir questões ligadas à sua vivência, eu senti em raros momentos da minha busca por conhecimento nos espaços institucionalizados de conhecimento. Somente na universidade, em alguns espaços específicos, pude refletir sobre minha experiência no mundo e em como ela é condicionada por uma estrutura que permite a poucos os acessos que tive.

Junto com o *Coletivo Afrobapho*, Caique desnaturalizou situações de sua vida, através do “aprendizado” de coisas que ele estava vivendo. “Quando eu entrei (no Afrobapho), eu aprendi várias coisas que eu realmente tava vivendo naquele local. E muitas vezes eu era aquele local” (Caique, 2019). No momento em que ele foi capaz de nomear as violências que sofria e entendê-las como um sistema que oprime pessoas que não se encaixam no padrão, iniciou um processo de descolonização do pensamento e conceituação da materialidade da vida. E foi partir daí que ele pode acionar os marcadores que são socialmente usados para o insulto e convertê-los em uma identidade forte e combativa: a bixa preta afeminada.

Hoje ser uma bixa preta afeminada é resistência. Hoje você ser uma bixa preta afeminada é ato de coragem. Hoje você ser uma bixa preta afeminada é ato de força, de determinação... de encarar os problemas que te afeta... de você dá a cara a tapa sim, não ficar se escondendo por trás. Então hoje eu mesmo digo que eu sou uma bixa preta afeminada porque eu aprendi a superar coisas muito difíceis da vida. De o povo me criticar eu não tá nem aí... de pessoas pensarem que eu não ia crescer por eu ser uma bixa preta afeminada. (Caique, 2019)

Nessa descrição da bixa preta afeminada, o estudante enumera uma série de adjetivos que recuperam uma ideia de tensão e confronto, que caracterizam uma autoafirmação que vai de encontro ao fluxo hegemônico. Resistência, coragem, força e determinação evidenciam a inexistência de um comodismo atrelado à sua existência. E, ao mesmo tempo, reafirma a inscrição no lugar definido pelo opressor ao oprimido. Frente à violência, é preciso resistir, ser forte, ter coragem. Esses atributos são mandatórios porque existe um sistema contra o qual não se pode ser diferente e essa é uma condição básica para ser destruído por ele. A exigência dessa postura frente à opressão racial é causadora dos estereótipos que a partir daí foram criados e são produtores de novas violências. É preciso reafirmar que, embora haja essa demanda, não precisamos ser fortes, corajosos e resistentes o tempo inteiro. Precisamos nos permitir a humanidade de ser frágil, sensível, medroso, fraco e solicitar ajuda para atravessar esses momentos de instabilidade.

Mas, pelo que conta Caique, é por assumir essas características que ele consegue “dar a cara a tapa sim” e “superar coisas muito difíceis da vida”. Essa convicção de que possui força, coragem e resistência, acredito, esteve subjetivamente presente em todas as vezes em que ele saiu de casa e foi motivo de chacota de seus vizinhos; e na escola quando percebia os risos de escárnio para seus cortes, cores e estilos diferentes de cabelo. É ela quem impede que Caique abra mão de si mesmo e se adapte às normas e convenções. Em vez disso, ele escancara sua identidade de bixa preta afeminada ao sair de casa de *cropped* e maquiagem.

4.2.3 As gays comandavam o colégio

As gays que tinham era que... quem comandava literalmente o colégio. Assim, de modo geral, era só cinco gays porque as outras eram tudo caladinhas, coitadas. Mas a gente, principalmente eu, porque era eu, era o Sandro, o Hugo, era Hélio, era Rick... tinha mais um... era o Luan. Só a gente que tinha aquela voz ativa pelo fato de que a gente já tinha outra fama por fora do colégio. As pessoas já conheciam a gente então já era mais fácil. A gente tinha aquela repercussão toda na escola como os topzeiras assim da escola, assim de modo geral. Mas a gente também já ajudava... tipo isso também já era um exemplo... não querendo dizer que a bixa tem que ser conhecida pra ser respeitada, mas as bixas já viam a gente como um exemplo e automaticamente elas mesmo se fortaleciam entre elas. Então o colégio sempre foi muito... um visava o outro. (Caique, 2019)

De acordo com Caique, era um pequeno grupo de alunos gays quem comandava a escola, possuíam voz ativa e mantinham o controle da instituição. Esse cenário tinha como

plano de fundo a visibilidade que alguns deles já possuíam em virtude de trabalhos que faziam no grupo de dança. Sem dúvidas, como o próprio estudante reconhece, essa não é a razão pela qual eles deveriam obter respeito na instituição, mas essa projeção interferia bastante no processo. Embora a fama que eles tinham conquistado não os eximisse de qualquer tipo de violência, fazia com que eles se tornassem, de certo modo, umas personalidades entre aqueles que estavam mais familiarizados com as plataformas nas quais eram compartilhados os vídeos do *Coletivo Afrobapho*. Sendo assim, podemos imaginar que, não fosse a projeção que os meninos que tinham em virtude dos trabalhos que executavam fora da instituição, os termos da relação com os colegas seriam outros.

O contexto descrito evidencia a popularidade como elemento que marca as relações de sociabilidade na escola. Esse não é um fenômeno novo, o trabalho de Leonardo Teófilo Brito (2016) e minha própria experiência escolar revelam como ser popular tem implicações nesse contexto. Mas, através de sua pesquisa, Brito identificou a branquitude como elemento de vantagem social também nesse aspecto. O trabalho que ele desenvolveu em uma escola pública do Rio de Janeiro demonstrou que enquanto o menino negro, que adotava uma performance de masculinidade pautada no modismo daquele período e cuidado com a aparência, estava passível a ofensas racistas como “macaco loiro”; o garoto branco, também vaidoso e que abusava dos mesmos elementos para construção da masculinidade, era um dos mais populares da sala, disputado por meninas não só da sua turma, mas de outras turmas da escola (BRITO, 2016).

No romance *O olho mais azul*, de Toni Morrison, a descrição feita por Claudia acerca de como as meninas Mauren Peal e Pécola eram tratadas também traz elementos para pensar sobre relações raciais e de gênero no contexto escolar. Ao descrever a recepção de Mauren, uma menina “mulata claríssima”, a narradora conta que:

Ela encantou a escola inteira. Quando a chamavam, os professores sorriam, encorajando-a. Os meninos negros não lhe davam rasteiras nos corredores; os meninos brancos não jogavam pedras nela; as meninas brancas não faziam muxoxo quando ela era designada para o seu grupo de trabalho; as meninas negras moviam-se para o lado quando ela queria usar a pia do banheiro, e seus olhos faziam uma genuflexão sob as pálpebras em movimento. Ela nunca precisava procurar companhia para comer na cantina – todos afluíam para a mesa de sua escola, onde ela abria almoços para quem tinha paladar exigente [...] (MORRISON, 2019, p. 72)

A descrição feita por Claudia apresenta a garota claríssima como o centro das atenções de toda escola, capaz de mobilizar afetos e alterar padrões de comportamentos naturalizados para outros sujeitos. Esse trecho do livro remonta a análise de Frantz Fanon (2008) sobre o comportamento do negro com relação ao branco, tendo ele como uma fonte de humanidade e,

por isso, digno de afeto. Não nos esqueçamos que, segundo o pesquisador, esse seria o elemento que justificaria as relações afetivo-sexuais entre negros e brancos: a busca do primeiro pelo senso de humanidade aniquilado pela dominação colonial.

A narrativa do romance de Morrison apresenta, em contraposição ao tratamento recebido pela mulata claríssima, os eventos que acontecem com a menina Pécota, que é negra e retinta. Ela despertava o desprezo que os brancos têm contra a negritude e que internalizou nas subjetividades negras, por isso, estava passível aos insultos, à solidão e ao escárnio. Não despertava afeição de outros/as alunos/as, muito menos de professores/as. Em uma das situações enfrentadas pela criança na escola, ela é cercada por um grupo de meninos que a insultam cantando: “Preta retina. Preta retina. Seu pai dorme pelado. Preta retina, preta retina, seu pai dorme pelado. Preta retina...” (p. 75). Sobre a cena descrita pela personagem Cláudia, ela informa ter sido “o desprezo que sentiam pela própria negritude que fez irromper o primeiro insulto” (MORRISON, 2019, p. 75).

As tentativas de educar um corpo dentro das normas de gênero e sexualidade também geram violências contra os corpos dissidentes. Essas violências se justificam pela rejeição e se manifestam tanto como agressões físicas quanto psicológicas. Segundo Guacira Lopes Louro, “meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem” (LOURO, 2010, p. 28). Algumas das cenas apresentadas no capítulo anterior deste trabalho mostram como as violências se apresentam no contexto escolar. Desse modo, a ideia apresentada por Caique de que um grupo de meninos gays e negros comandavam a escola lança uma nova perspectiva sobre essa análise e sobre a hierarquização a partir desses marcadores.

Ainda sobre o que nos conta Caique merece destaque a influência que seu grupo exercia nos outros estudantes da escola. “As bixas já viam a gente como um exemplo e automaticamente elas mesmo se fortaleciam entre elas”. Da mesma forma que Cleiton tinha em Anderson uma referência de performatividade gay na escola, os alunos do Bolívar, de acordo com Caique, tinham em seu grupo de amigos um exemplo para se empoderar em seus próprios grupos de afinidade. Isso gera um novo circuito para construção de uma identidade e postura orgulhosa sobre si mesmo, que abandona o silêncio e tentativa de ocultação de sua individualidade. Ao contrário, essa nova conduta se contrapõe à norma hegemônica, pois se desvincula do

isolamento e apagamento construído para os sujeitos dissidentes. E, ao reafirmar a possibilidade dessas existências, abre caminhos para outros sujeitos.

Na história da instituição onde se deu a pesquisa, antes dos membros do *Coletivo Afrobapho*, as portas para a diversidade já haviam sido abertas por outros jovens dissidentes. É o que nos conta André, ao justificar porque não sofreu nessa instituição violências como as que experienciou em outras unidades escolares.

[...] quando eu entrei no Bolivar já tinha uma questão assim que... a gente conhecia dois meninos, não sei se você já ouviu falar do The Fabulous, que é Michel e Lucas. Eles já tinham estudado lá, já tinham trabalho lá como professor de dança então quando a gente entrou lá os meninos meio que já tinham imposto esse respeito. Eu nunca fui desrespeitado a esse nível lá no colégio. Até quando eu entrei, porque eu entrei bem fuá, pensei que eu ia apanhar, mas não. Foi bem tranquilo. Diferente de uma escola que eu estudei, de freiras, que eu apanhava todos os dias. (André, 2019)

4.3 A ARTE E A PROMOÇÃO DE PROCESSOS DE CURA

A importância da arte na vida dos colaboradores desta pesquisa já esteve mencionada na seção anterior, quando Cleiton rememora sua passagem pelo grupo de dança *Oro Dance* e de que forma ela foi determinante no seu iniciante processo de descolonização. O ingresso no grupo deu o *start* para que ele estudasse mais sobre a história e cultura afro-brasileiras e, assim, se livrasse das concepções racistas que havia internalizado sobre o Candomblé. Esse contato inicial com a linguagem artística o inseriu em uma trajetória de autoamor e defesa das bandeiras que estão intimamente ligadas com sua existência.

[...] o Oro Dance foi uma coisa muito maravilhosa na minha vida. Através dele, eu conheci... eu me conheci. E conheci também o sarau da Onça, através do Oro Dance. E, numa dessas apresentações do Sarau da Onça⁴¹, eu fiquei até o final do Sarau e comecei a ver as poesias das poetisas e dos poetas e foi nessa época que rolou a repercussão de uma poesia... acho que é “Religare”, que fala de religião e tal, de uma menina que até passou na Globo... que a Globo até pegou pra ficar passando nos comerciais e tal. Eu gravei essa poesia e fiquei recitando, recitando e aí eu comecei a escrever. Minha primeira poesia foi falando sobre cabelo. Eu tinha cabelo liso, dava pranchinha. Eu comecei a escrever, indo pra manifestações, indo pra mais saraus. Isso foi em 2015 ou 2016. Eu comecei a escrever poesia mesmo, ser militante, nessa época.

⁴¹ O Sarau da Onça é formado por um grupo de poetas do bairro de Sussuarana que fazem poesias sobre questões de interesse das comunidades periféricas soteropolitanas. O objetivo é “sensibilizar as pessoas da comunidade para com os problemas que esta possui”. Eles realizam eventos de formação política, apresentações e saraus em diferentes bairros periféricos de Salvador. E em sua página no facebook, explicam que a referência usada para criação do grupo são o Sarau Bem Black e o Sarau da Cooperifa. Sarau da Onça, <https://www.facebook.com/saraudaonca/> - Acesso em 07 jun 2020

Minha segunda poesia foi falando sobre racismo e a terceira foi falando sobre homofobia, que é a poesia que eu mais amo na minha vida toda. (Cleiton, 2019)

A partir da leitura do relato feito por esse colaborador da pesquisa, podemos construir o sentido que “se conhecer” tem nesse contexto. A expressão diz de uma conscientização acerca das estruturas que vinham moldando sua vida desde a fobia das religiões de matriz africana ao cabelo alisado. E, ao entender como esse medo e senso de estética e beleza haviam sido construídos e das rejeições que eles implicam, Cleiton inicia o processo de busca pelas partes de si que havia desprezado na tentativa de se adequar, modificando os elementos que eram possíveis. Em uma de suas poesias, intitulada “NÃO ALTERA”, ele defende a ideia de ter vivido outra vida. Em sua vida pregressa, tentava atender às normas e se encaixar nos padrões raciais e de gênero e sexualidade. Essa teria sido uma vida de aflição, na qual seus reais desejos eram ocultados em favor da adequação, uma existência monocromática e de ignorância.

Eu até lembro da minha vida passada
Ser hetero
Ir para igreja
Uma vida em preto e branco
Não entendia nada
Meu cabelo era mais liso que uma folha em branco
Vejo minhas antigas fotos e me espanto
Mas eu só queria me libertar
Arrancar as correntes e extravasar
Colocar um short curto e lacrar
Porque sou bixa, poc, afeminado e, ainda por cima, sou viadão
Não vem pra cá impor padrão (Cleiton, 2019).

Nos versos, Cleiton coloca as situações de seu cotidiano, suas experiências, pensamentos e desejos. Também é na escrita que ele desabafa suas angústias e se manifesta contra as violências que sofre por ser negro e gay. “Em todas as minhas poesias eu acabo escrevendo sobre acontecimentos que acontecem comigo ou com pessoas que fazem parte da minha vivência. Eu sempre procuro escrever coisas sobre minha vivência, que eu tenho propriedade em falar” (Cleiton, 2019). Ao utilizar suas vivências como pano de fundo e matéria-prima para sua produção enquanto poeta, Cleiton também operacionaliza o conceito de escrevivências que embasa a escrita deste trabalho dissertativo.

Os seus versos constituem a materialização de denúncias que ele faz em favor da diversidade sexual e de gênero, da igualdade racial, de melhores condições de vida para as populações da periferia, entre outras. Ao mesmo tempo é também uma das formas através da qual ele pode se expressar livremente, sem as correntes que, em muitos momentos, impedem que a resposta adequada a situações específicas seja dada. E, desse modo, quando realiza intervenções nos saraus e nas passagens em ônibus, ele gera incômodos, pois expõe o racismo e a homofobia do cotidiano, mas também se conecta com outros sujeitos que partilham de experiências similares. As palavras que ele articula em declamações ritmadas são a devolutiva dos constrangimentos produzidos pela sociedade. Caique os recebe, absorve, digere e devolve.

Com isso, sua arte ganha contornos pedagógicos, na medida em que constrange e suscita uma revisão dos comportamentos que contribuem para os eventos que denuncia. Ou seja, a poesia desencadeia a produção de novas subjetividades naqueles/as que a escutam, executando o caráter político que é próprio da arte. De acordo com o que Djalma Thürler (2019) elabora a partir do pensamento de Deleuze e Guattari (1992),

a arte não seria capaz apenas de representar subjetividades, mas também de produzi-las, nos permite entendê-la enquanto possibilidade de ação política, criação acerca do desvio e da norma, de novos modos de vida, de outros discursos sobre o mundo, as pessoas, seus desejos – caminhos outros –, à luz dos saberes de desaprendizagens (THÜRLER, 2019, p. 33)

Os saberes de desaprendizagens a que o pesquisador se reporta constituem-se no reconhecimento dos sistemas de opressão que regulam o conhecimento socialmente difundido sobre os gêneros, sexualidades, grupos étnico-raciais, epistemologias etc. E a partir daí a proposição de rupturas com os saberes e convicções que constituem a sociedade moderna. Segundo Thürler, esse movimento tem sido proposto pela Decolonialidade, junto com a Teoria Queer e Estudos Subalternos. Nos versos de Cleiton, é possível perceber a presença de traços desse contrafluxo que estão ancorados em sua atuação e performatividade enquanto sujeito político. Ao mesmo tempo, sua produção tem fins terapêuticos, na medida em que o ajuda a lidar com os traumas das violências que sofre e presencia.

Paralelo semelhante pode ser traçado com relação a André, Caique e Danilo que tem na dança a sua forma de expressão artística. Esse último afirma que na dança é que ele mostra o que tem dentro de si, “quem eu realmente sou”. Os outros dois, além de se expressar artisticamente através da dança, a utilizam como instrumento de ação política, já que é estratégia do *Coletivo Afrobapho* ocupar as ruas com os corpos que são vistos como abjetos por conta da

sua configuração de raça, gênero e sexualidade. Isso acontece, principalmente, durante as gravações dos clipes que o grupo divulga através das redes sociais. Esse material sempre é produzido em espaços públicos, nos quais há movimentação de pessoas e versam sobre as temáticas que estruturam o coletivo: identidade LGBT, afrofuturismo, ancestralidade e genocídio negro. O idealizador do coletivo, Alan Costa, explica que

[...] a experiência de gravar vídeos nas ruas, onde há movimentação de pessoas, é uma maneira de trazer para o mundo *off-line* o debate feito pelo Afrobapho dentro das redes sociais, no mundo *on-line*. Desse modo, mesmo a escolha do cenário é uma ação política. Acredita que é importante tornar corriqueiras representações que, habitualmente, não são vistas no cotidiano de parcela significativa da população – por mais que os cenários sejam familiares. O performer defende a ideia de que a reincidência de tais representações contribui para naturalizar realidades antes vistas como distantes para uma parte da população brasileira, mesmo que sejam recorrentes para outra. Essa atitude reforça a presença de laços sociais multiplexos, resultantes de múltiplas interações nos mais diversos ambientes, já que o Afrobapho possui uma variação na frequência das relações sociais, tanto no ambiente *on-line* quanto no mundo *off-line*. (SANTOS, FREITAS, 2019, p. 271)

Desse modo, as danças, as performances e as intervenções realizadas pelo coletivo e, por conseguinte, pelos colaboradores dessa pesquisa, acionam a arte como política para produção de novas subjetividades ao mesmo tempo em que nutre em seus participantes um sentimento de pertença social, que desafia os movimentos que taxam sua individualidade como exclusão.

Nesse capítulo, me debrucei a entender os elementos que contribuem para que os colaboradores da pesquisa enxerguem a escola, mesmo diante dos episódios de violência que eles mesmo relataram, como um ambiente tranquilo. E tendo a pensar que isso se dê devido a uma interpretação da violência racista e homofóbica como grave apenas se expressadas na forma de agressão física. A leitura que eles fazem da escola também pode ser decorrente de já terem internalizado os episódios de violência racista e homofóbica como habituais. Desse modo, ainda que tenham desenvolvido formas e mecanismos para enfrenta-las, essa tarefa não lhes é algo novo ou extraordinário, ela integra o cotidiano nos diferentes espaços, inclusive na escola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro impulso para realização desse trabalho dissertativo está diretamente ligado à sensação de vazio que nutria por não ter vivido minha sexualidade no período considerado normal para os adolescentes, melhor dizendo, no mesmo período em que geralmente as primeiras interações acontecem com pessoas heterossexuais. Enquanto todos os meus amigos da época sentiam-se à vontade para falar sobre conquistas, paqueras e pessoas de quem desejavam afeto, eu vivia meu “dilema moral” imposto por uma cultura que vigia alguns corpos e desejos. E, quando iniciei minhas buscas afetivo-sexuais, passei a lidar com manifestações explícitas de racismo em aplicativos de paquera, aumentando ainda mais a sensação de vazio e abandono. A lacuna que sentia existir em minha trajetória como gay negro era atizada toda vez que via os colegas expressando suas orientações sexuais e performatividades de gênero não hegemônicas pelos espaços públicos da cidade de Salvador. E à essa motivação pessoal se somaram as inquietações advindas do contexto político e social que o país vivia e ainda vive. Como resultado da convergência desses fatores, temos este trabalho que agora concluo.

Antes de entrar em campo para iniciar a realização da pesquisa que resultaria nesta obra, a questão em aberto que mobilizava o trabalho era a tentativa de entender como os jovens homossexuais negros ressignificam suas experiências escolares atravessadas pelos marcadores de raça e orientação sexual. Contudo, ao realizar os primeiros esforços para construção da investigação, os primeiros colaboradores do trabalho fizeram emergir um questionamento mais intrigante: pode uma instituição escolar se constituir como ambiente tranquilo para essas questões? A literatura existente sobre a temática de gênero e sexualidade têm apontado justamente o contrário, de trabalhos mais antigos como os desenvolvidos por Guacira Lopes Louro, referência no campo, aos mais contemporâneos, como as pesquisas de Amanaiara Conceição de Santana Miranda (2014, 2018) e Carla Freitas dos Reis (2017). O mesmo acontece nas discussões feitas por Elisete Santana da Cruz França (2018) e Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) que articulam os marcadores de raça e sexualidade em suas discussões.

Ainda assim, fui fisgado pelo depoimento de dois estudantes de uma escola pública soteropolitana que diziam não ver problemas associados às suas identidades de negros gays na instituição onde estudavam. Desde então, conhecer o contexto vivido pelos alunos dessa instituição, verificar a pertinência da percepção da escola que me foi passada e identificar os fatores que possibilitavam a criação ou percepção de um ambiente seguro para esses jovens

passaram a ser o norte para realização da pesquisa. Foi com o intuito de, talvez, dissertar sobre uma realidade diferente da que, geralmente, tratam as pesquisas desenvolvidas em unidades de ensino para tratar de questões relacionadas a minorias sociais que bati nas portas do Colégio Estadual Bolívar Santana apresentando a pesquisa e propondo a criação de um jornal a ser desenvolvido em parceria com os colaboradores da investigação.

E, mesmo antes de começar a investigação contando com o auxílio de alunos informantes, me defrontei com situações que demonstravam que a impressão daqueles dois jovens poderia não estar ancorada no que realmente acontecia na instituição. A insistência dos professores para que o trabalho não contemplasse alunos do ensino fundamental II e a falta de conhecimento e trato para lidar com questões de gênero e sexualidade indicavam que aquela, dificilmente, seria uma instituição onde essas questões seriam tratadas com o cuidado necessário. O que era apenas uma impressão veio a se confirmar no decorrer da pesquisa, através de um olhar mais atento para os indícios presentes na arquitetura, na comunicação visual, nos discursos e práticas de funcionários/as da instituição. E, ainda que aconteçam iniciativas pontuais, especialmente por parte da dirigente, a escola se mantém como espaço de normatização dos corpos dissidentes, subordinando àqueles/as que se filiam com as práticas hegemônicas.

Quadro semelhante é observado quando fazemos um recorte de cunho racial. Ainda que seja sabido, por parte do corpo de funcionários/as da instituição, de que forma aquele equipamento se inscreve na dinâmica de precarização dos bens e serviços destinados à população negra e que esse é o público majoritário atendido pela escola, esse conhecimento não reverbera em políticas sistemáticas que visem a instrumentalização dos/as estudantes para desestabilização da estrutura racista. Pelo contrário, o menosprezo dessas informações contribui para a manutenção do *status quo* e reverbera em práticas de invisibilização e outras violências contra os/as alunos/as negros/as da instituição. Ao não reconhecer a configuração do racismo como sistema fundante e estruturante da sociedade brasileira, cuja contraposição é necessária em todas as instâncias, a escola e seus/suas funcionários/as contribuem com ele, pois perdem a chance de formar sujeitos com senso crítico para combatê-lo e de estruturar sua atuação no enfrentamento dessa estrutura.

Esse cenário resulta em adaptação e certa aceitação por parte daqueles/as que são submetidos a essa conformação diariamente. Acredito que essa seja uma das razões que fizeram

com que, apesar dos relatos de situações de violências sofridos e presenciados pelos colaboradores da pesquisa, eles relatam sentir um clima de tranquilidade com relação às temáticas de raça e gênero e sexualidade na escola. Aliado a isso, não tem como descartar o fato de que as impressões relatadas pelos estudantes têm como parâmetro as experiências tidas em instituições anteriores e o próprio entendimento acerca do que seriam as violências motivadas por esses marcadores. Durante a pesquisa, garantir que tivéssemos o mesmo entendimento sobre violências foi uma preocupação recorrente, especialmente durante as entrevistas, pois em dados momentos percebia que não havia similitude nos códigos que trocávamos, já que, por vezes, a homofobia parecia se resumir a agressão física: “é muito difícil o Bolívar ter casos de espancamento, de homens bater em gays, nunca vi o Bolívar passando na televisão em casos assim sérios e, quando eu estudei lá, nunca teve” (Caique, 2019).

Além disso, contribui com a conformação do contexto vivido na escola a exposição rotineira a situações de violência em diferentes espaços. Ela demonstra que essa é uma condição normal a ser enfrentada. “Essas coisas até hoje eu sofro, então eu vim sofrer também na escola. Apesar de que na escola, foi uma escola que eu nunca tive... eu nunca sofri *bullying* assim forte, nunca sofri essas coisas que noutros colégios muita gente sofre” (Caique, 2019). Desse modo, são produzidas as concessões e assimilações das imposições feitas pela matriz dominante. “A gente não ficava de mãos dadas, não, nem nada, senão as pessoas criticavam. Alguns professores não gostavam e alguns alunos também. Mas quando tinha casal de mulher e homem era tudo normal” (Caique, 2019).

Nos estudantes que colaboraram com esta pesquisa, essas violências amparadas na estrutura dominante de gênero e sexualidade não acontecem desprendidas de seu pertencimento racial. Por vezes, uma estrutura se sobressai em relação a outra, mas ambas se entrecruzam na experiência daquele/a que são interpelados pelos insultos e interdições; e na própria forma de agressão que condensa contribuições dos dois projetos de dominação. Entender essa simbiose nos ajuda a lançar olhares mais complexos sobre a ridicularização do cabelo de um jovem gay negro, a utilização de suposto consumo de drogas como justificativa de controle de acesso ao banheiro, a inadmissão de uma relação afetiva entre dois jovens gays negros que não seja permeada pelo sexo e a atribuição de representações simbólicas de beleza e delicadeza para o feminino e inteligência e expertise para o masculino negro.

Essa articulação entre os marcadores identitários também possibilita entender de que forma os colaboradores deste trabalho têm se organizado para confrontar e ressignificar as violências que sofrem na sociedade de modo geral. E talvez aqui esteja o maior contributo dado por este trabalho: a identificação de elementos e espaços nos quais esses estudantes transformam suas experiências. Durante a pesquisa, observei que a organização em grupos formais e informais com indivíduos que partilham experiências semelhantes atreladas aos sistemas de opressão e a utilização da arte como plataforma para expressão da subjetividade e agenciamento de políticas de confronto se constituem como esses lugares. É através dessas instâncias que os estudantes que colaboraram com esta pesquisa convertem suas identidades em sentidos diferentes dos que definem os sistemas de opressão.

Estou inclinado a acreditar que nos coletivos de artistas que criam a partir dos referenciais identitários estejam as possibilidades de existências para além da dor. E talvez esse seja um caminho para pensar pesquisas que saiam do lugar da estigmatização e reencenação de histórias de luta, dor e superação para pensar um outro lugar para os indivíduos socialmente subalternizados. Talvez seja a criação artística comunitária um lugar onde novas vidas são criadas e o amor entre os/as nossos/as se configura como política de vida. Que a arte é inevitavelmente política, não tenho dúvida. Mas uma investigação acerca de como ela atua na vida de poetas, performers, músicos, atores etc. poderia ajudar na materialização do movimento para além da dor que bell hooks nos convoca.

Ao redigir as palavras que fecham este trabalho, não posso deixar de externalizar meu pesar por não ter tido sequer a oportunidade de apresentar a pesquisa aos alunos do ensino fundamental II do Bolívar Santana. Talvez, se tivesse contado com a colaboração de estudantes mais novos, em outro momento de vivência da racialidade e orientação sexual o texto aqui apresentado seria outro. Também preciso reiterar o desafio que foi articular dois marcadores em uma única análise. Apesar de ter em mente a metodologia proposta por Crenshaw (2002), apenas questionar o que raça, gênero e sexualidade tinham a ver com as situações apresentadas, por vezes, não parecia suficiente. Talvez por isso, em alguns momentos, a análise pareça capenga. Mas também é preciso entender que há situações em que um marcador se sobrepõe ao outro e que a adoção da lente interseccional tem que ser vista como uma prática e, somente através dela, pode haver aperfeiçoamento. E, com este trabalho, eu fiz meu primeiro movimento nesse sentido.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ. Entrevista. [mai. 2019]. Entrevistador: Ailton Sena de Jesus. Salvador, 2010. 1 arquivo .mp3 (59 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice B desta monografia.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.
- AS NOVIDADES DE SEMPRE. Declaração do Coletivo Combahee River. 11 nov 2003. Disponível em < <http://rodrigossilvadoo.blogspot.com/2013/11/declaracao-do-coletivo-combahee-river.html>> Acesso em 15 abr 2019
- BAIRROS, Luiza. “A mulher negra e o feminismo. Feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas”. In: **O Feminismo do Brasil: reflexões teóricas e perspectivas** / Ana Alice Alcantara Costa, Cecília Maria B. Sardenberg, organizadoras. – Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.
- BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo, 2001. Disponível em < <http://revistas.ucpel.edu.br/index.php/rsd/article/viewFile/570/510>> Acesso em 15 set 2019
- BONFANTI, Ana Letícia; GOMES, Aguinaldo Rodrigues. A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola. **Periódicus**, Salvador, n. 9, v. 1, maio-out. 2018, p 106-121.
- BRITO, Leandro Teófilo de. Significações das masculinidades no contexto escolar: performances e desconstruções. **XVIII ENDIPE – Didática e Prática do Ensino no contexto político contemporâneo: cenas da Educação Brasileira**, 2016, p 12055-10266.
- BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. “Não sou uma mulher? Revisitando a interseccionalidade”. In: BRANDÃO, Izabel et al. (orgs.). **Traduções da cultura; perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis, Maceió: EDUFSC, EDUFAL, 2017, p. 661-684.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade/** Judith Butler; Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAETANO, Marcio; JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva; GOULART, Treyce Ellen Silva. Famílias, masculinidades e racialidades na escola: provocações queer e decoloniais. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 25, n. 45, p. 127-143, jan./abr. 2016
- CAIQUE. Entrevista. [mai. 2019]. Entrevistador: Ailton Sena de Jesus. Salvador, 2010. 1 arquivo .mp3 (62 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta monografia.
- CARNEIRO, Sueli. A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Tese (doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CLEITON. Entrevista. [mai. 2019]. Entrevistador: Ailton Sena de Jesus. Salvador, 2010. 1 arquivo .mp3 (33 min); 2 arquivos .mp3 (18 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice D desta monografia.

COLLING, Leandro. A igualdade não faz o meu gênero - em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero. **Contemporânea**, v. 3, 2013, p. 405-427.

COLLING, Leandro; SOUZA, Alexandre Nunes de; SENA, Francisco Soares. Enviadescer para produzir interseccionalidades. In: OLIVEIRA, João Manuel de; AMANCIO, Lúcia (org) **Gêneros e Sexualidades: interseções e tangentes/** Lisboa – 2017, p.193-215

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murilo Nascimento. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. **Cadernos Pagu** (57), 2019. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n57/1809-4449-cpa-57-e195702.pdf>> Acesso em 07 jun 2020

COLLINS, Patricia Hill. Capítulo 11: Black Feminist Epistemology. Em: **Black Feminist Thought. Knowledge, Conciousness, and the Politics of Empowerment**. Tradução de Heloísa Adegas e Juliana Lopes. Disponível em < <https://pt.scribd.com/document/365375580/COLLINS-Patricia-Epistemologia-Feminista-Negra>> Acesso em 16 abr 2019

COLLINS, Patricia Hill. Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão. In: Reflexões e práticas de transformação feminista/Renata Moreno (org.). São Paulo: SOF, 2015. 96p. (**Coleção Cadernos Sempreviva**. Série Economia e Feminismo, 4)

CRENSHAW, Kimberlé; Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero (**Estudos Feministas**, ano 10, p.171-188, 2002)

DANILO. Entrevista. [mai. 2019]. Entrevistador: Ailton Sena de Jesus. Salvador, 2010. 1 arquivo .mp3 (59 min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice E desta monografia.

DAVIS, Ângela. **Mulher, Raça e Classe**; Tradução Livre. Plataforma Gueto. 2013

DJOKIC, Aline. Colorismo: o que é, como funciona. Disponível em <https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/>. Acesso em 07 jun 2020

EUCLIDES, Simone Maria; SILVA, Joselinda da. Dialogando Autoetnografias Negras: interseções de vozes, saberes e práticas docentes. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista -Bahia -Brasil, v. 15, n. 32, p. 33-52, abr./jun. 2019

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas** / Frantz Fanon; tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008.

FIGUEIREDO, Angela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. In: **Periódicus**, Salvador, n. 3, v. 1, mai.-out. 2015.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Taquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FRANÇA, Elisete Santana da Cruz. As relações de sociabilidade e as (re)interpretações de gênero e masculinidade de jovens no contexto escolar. Tese (doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018.

FREITAS, Carla. Crianças dissidentes e as milícias de gênero e sexualidade – um estudo de caso em uma escola pró-diversidade de Salvador/BA. Salvador-BA: Universidade Federal da Bahia, dissertação de mestrado, 2017.

GÓIS, João Bôsko Hora. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 289-336, 2003. Disponível em: Acesso em: 16 mar. 2019.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GRESPLAN, Carla Lisbôa; GOELLNER, Silvana Vilodre. "Querem, na escola, transformar seu filho de 6 a 8 anos em homossexual": sexualidade, educação e a potência do discurso heteronormativo. **R. FAGED**, Salvador, n.19, p.103-122, jan./jun. 2011 1

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENNING, Calos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e o debate contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 2, jul/dez 2015, p. 97-128

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representatividade**. São Paulo, Elefante, 2019.

_____. Mover-se além da dor. Disponível em < <https://www.geledes.org.br/mover-se-alem-da-dor-bell-hooks/>> Acesso em 09 dez 2019

_____. Vivendo de amor. Disponível em < <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/amp/>> Acesso em 09 dez 2019

_____. Love as the practice of freedom. In **Outlaw Culture**. Resisting Representations. Nova Iorque: Routledge 2006, p. 243-250. Tradução para uso didático por Wanderson Flor do Nascimento.

JESUS, Ailton Sena de; SANTOS FILHO, Adelmo dos; CARDOSO, Danilo de Santana. Múltiplas Vozes Sobre Um Mesmo Problema: a reprodução das violências raciais no ambiente escolar. **Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 2, n. 6, nov/dez. 2020, p. 67-82

Ailton de Sena de Jesus, Adelmo dos Santos Filho, Danilo de Santana Cardoso

KARLA. Entrevista. [mai. 2019]. Entrevistador: Ailton Sena de Jesus. Salvador, 2010. 1 arquivo .mp3 (46 min); A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice F desta monografia.

KLOSTER, Patrícia Regina. Fazendo Mídia na Escola: a produção de um jornal escolar ampliando o universo de leitura e escrita. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**, 2013, Curitiba: SEED/PR, 2013

KILOMBA, GRADA. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. 1 ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MARQUES, Janote Pires. A “observação participante” na pesquisa de campo em Educação. In: **Educação em Foco**, ano 19 - n. 28 – mai./ago. 2016 p. 263-284

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. In: **Artes e Ensaios - revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, n 32 pp. 123-151, 2016

MEDIUM. “Mapeando as margens: interseccionalidades, políticas de identidade e violências contra mulheres não brancas”. 14 jun 2017. Disponível em < <https://medium.com/revista-subjetiva/mapeando-as-margens-interseccionalidade-pol%C3%ADticas-de-identidade-e-viol%C3%A2ncia-contra-mulheres-n%C3%A3o-18324d40ad1f>>. Acesso em 16 abr 2019

MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização. **Anais do 16º Congresso de Leitura do Brasil**. Unicamp, Campinas – SP: 2007.

MIRANDA, Anamaiara Conceição de Santana. **Gênero/Sexo/Sexualidade: representações e práticas elaboradas por professoras/es da educação infantil na rede municipal de ensino de Salvador**. Salvador-BA: Universidade Federal da Bahia, dissertação de mestrado, 2014.

MIRANDA, Amanaiara Conceição de Santana. **As experiências/aprendizagens com/sobre as crianças no cotidiano escolar: a infância e as relações de gênero narradas por uma hermenêutica**. Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NASCIMENTO, Tatiana. da palavra queerlombo ao cuierlombo da palavra. 2018. Disponível em <<https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>> Acesso em 06 fev 2019.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro. In *Democracia Viva*, nº 22, p. 64 - 69, 2004. Disponível em <<https://pt.scribd.com/document/58571630/A-Identidade-Do-Homem-Negro>> Acesso em 06 fev 2019

PINHO, Osmundo. Relações raciais e sexualidade. In: PINHO, AO., and SANSONE, L., orgs. **Raça: novas perspectivas antropológicas [online]**. 2nd ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 257-283. Disponível em <http://books.scielo.org> Acesso em 04 jun 2019

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez, 2008, p. 263-274.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas; SANTOS, Carlinda Moreira dos. As Mulheres Negras Brasileiras e o Acesso à Educação Superior. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, v. 25, n. 45, 11, 2016.

RIBEIRO, Djamila. Para sermos livres, devemos escolher além de só sobreviver à adversidade. Disponível em <<https://www.geledes.org.br/mover-se-para-alem-da-dor/>>. Acesso em 09 dez 2019 / Djalma

RODRIGUES, Cristiano. Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. In Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. Disponível em <<http://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/feminismo%20negro2.pdf>>

SANT'ANA, Tiago. "Bicha preta, pobre e afetada? Aqui não, hein?!" – Corpo e identidade homossexual na revista gay A capa. In: **Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, 12, 2010. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1458-1.pdf>> Acesso em 04 jun 2019

SANTOS, Lucas de Matos; FREITAS, Ricardo Oliveira de. Lacre político: midiativismo dissidente do coletivo Afrobapho. In **Contexto** (35), 2019.

SANTOS, Sônia Beatriz dos; DAMASCENO, Ilaina. Experiências de Professoras/Intelectuais Negras na Universidade: Entre o Direito à Diferença e a Competência Pedagógica. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 15, n. 32, p. 69-88, 2019.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. **Psicol. USP [online]**. 2006, vol.17, n.2, pp.11-41

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais** / Tomaz Tadeu da Silva (org.), Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUZA, Tedson da Silva. Fazer Banheiro: as dinâmicas das interações homoeróticas nos sanitários públicos da estação da lapa e adjacências. Salvador-BA: Universidade Federal da Bahia, dissertação de mestrado em Antropologia, 2012.

THÜRLER, Djalma. **Sexualidades e políticas de subjetivação no campo das artes**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.

VIEIRA, Sebastião da Silva; ABRANCHES, Sérgio Paulino. O jornal escolar e sua importância no processo de construção dos saberes discentes. In: **III Congresso Nacional de Educação**, 2016. Disponível em <https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA19_ID_5001_11062016150007.pdf> Acesso em 19 jun 2019

VIGOYA, Maria Viveros. La sexualización de la raza y la racialización de la sexualidade en el contexto latinoamericano actual. In: **Careaga, Gloria. Memorias del 1er**. Encuentro Latinoamericano y del Caribe La sexualidad frente a la sociedad. México, D.F., 2008. Disponível em <<http://www.derechoshumanos.unlp.edu.ar/assets/files/documentos/la-sexualizacion-de-la-raza-y-la-racializacion-de-la-sexualidad.pdf>> Acesso em 15 mai 2019.

APENDICE A – Termo de Cessão de Informações para Fins Acadêmicos



TERMO DE CESSÃO DE USO DE INFORMAÇÕES PARA FINS ACADÊMICOS

DADOS PESSOAIS	
Nome:	
Responsável (se menor de idade):	
Endereço:	
Data de Nascimento: / /	RG:
CPF:	Telefone: ()
E-mail:	
TERMO	
<p>Eu, _____, cujos dados pessoais constam acima; ou como responsável pelo menor, cujos dados pessoais constam acima, passando a ser cedente do presente termo, afirmo ter conhecimento de que as entrevistas que concedi integram o trabalho de pesquisa “PRETO E VIADO: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL SOBRE HOMOSSEXUALIDADES NEGRAS NO CONTEXTO ESCOLAR”. A investigação é desenvolvida dentro do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Poscultura-IHAC/UFBA) pelo mestrando Ailton Sena de Jesus e orientada pelo Prof Dr Leandro Colling.</p> <p>Afirmo ter conhecimento de que as informações registradas nas entrevistas serão utilizadas</p>	

exclusivamente para fins de pesquisa acadêmica e sempre no sentido de contribuir para ampliação do conhecimento acerca do fenômeno estudado. O processo de pesquisa atenderá ao disposto nas resoluções 466/12 e 510/2016 do CNS, além de outras disposições sucedâneas ou similares, referentes à participação de seres humanos em pesquisas, tendo referenciais bioéticos como autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade.

Além de atender a esses referenciais, a utilização das informações coletadas durante a pesquisa não poderá tornar públicas toda e quaisquer forma de minha identificação pessoal. Assim, deverá ser garantido o direito ao sigilo nas possíveis publicações, sem o que, não disponibilizo as informações aqui citadas.

Esse termo vai datado e assinado por mim em duas vias: uma sob minha responsabilidade e a outra fica com o responsável pela pesquisa Ailton Sena de Jesus, aluno do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Poscultura-IHAC/UFBA).

Tel 71 9186-2914 E-mail: aailton.sena@gmail.com

Local e data: _____

Cedente

APENDICE B – Entrevista com André

Como você se identifica com relação a orientação sexual e à cor/raça?

Eu nunca tive muito problema com isso porque desde pequeno eu tive.... na verdade, quando eu era mais novo eu tive aquela fase do 'o que é que eu sou', mas quando eu fui crescendo e ficando mais velho, eu fui vendo.... eu sempre tive a mente muito aberta então eu nunca me importei de me denominar gay, viado ou bixa... quando me perguntam, eu sempre falo 'bixa' porque eu nunca tive esse problema da nomenclatura, né? Claro que quando era no pejorativo sempre acaba ofendendo, né? Mas eu nunca tive esse problema não. Bixa, gay... na verdade, hoje eu gosto muito do bixa. Eu acho que o bixa se tornou muito forte pra mim

E com relação à raça?

Ai... porque assim, eu sou... quando eu era criança, eu tinha muito problema com a minha cor. Principalmente, porque tem uma parte da minha família por parte de mãe que são tudo branco. Minha vó mesmo... eu tive um problema muito forte quando eu era criança porque minha avó por parte de mãe, ela é... minha avó é branca mesmo assim... e ruiva. Minha vó tem cabelo liso e tal, minha tia tem cabelo mais ondulado e minha mãe veio com o cabelo crespo. Só que o cabelo da minha mãe é aquele crespo que forma cacho e pá. E meu avô por parte de minha mãe, ele é cabo-verde. E eu ficava sempre me perguntando o porquê eu não vim da cor de meu avô. E eu tive mais problema ainda quando meu irmão nasceu, porque meu irmão veio leite. Quando meu irmão nasceu eu tinha 13 anos de idade e eu ainda sofria com isso da cor. E meus primos que têm a pele mais escura, alguns primos meus por parte de mãe, veio mais cabo-verde, cabelo mais pro liso. Quando eu era mais novo eu sofria muito com isso, ficava pensando o porquê de eu vir assim. Então, eu vim me aceitar a partir dos 16 anos de idade por aí, que eu fui entendendo mais esse universo, e aí eu fui começando a ver minha cor como algo lindo. Hoje em dia, meu deus do céu, me acho maravilhoso. Mas eu tive essa fase de eu me achar meio porque eu era negro, de eu achar que foi um castigo eu vir negro, vir gay, vir pobre, sabe? Mas, graças a deus, hoje em dia eu sou super bem entendido com a minha cor. Aliás, eu desenvolvi muito mais isso depois que eu entrei pro Afrobapho. Que eu aprendi a amar os tons retintos. Caique mesmo, hoje em dia, eu acho a cor de Caique maravilhosa. Quando eu conheci Caique eu falava 'meu deus, esse menino é...' E, hoje em dia, eu acho a cor de Caique maravilhosa. Eu tive o problema de não me aceitar, mas hoje em dia eu sou super tranquilo com isso. Até porque eu estaria me contradizendo se eu não me aceitasse porque eu defendo isso, mas hoje em dia é super tranquilo.

Eu me considero preto, negro. Acho que é meio difícil falar entre negro e preto, mas tipo... levando lá na fase do que eu acredito da bixa preta favelada. Eu acho que eu me enquadro no preto mesmo. Eu sou preto mesmo, parei de ter isso como algo prejudicial ou ofensivo e hoje em dia eu me considero uma bixa preta. E não falo que eu sou negro... as vezes as pessoas falam negro porque acha que é menos... mais leve. Mas eu sempre falo, eu sou um bixa preta da favela, eu sou periférica e eu sou preta.

Pra você o que significa se identificar como uma bixa preta da favela? Qual o significado disso?

Eu acho que é mais representatividade porque... quando eu entrei pro Afrobapho, a questão da bixa preta... eu costumo dizer que hoje a bixa preta foi comercializada porque você vê muito hoje na televisão, você muita gente querendo ter bixa preta aqui, bixa preta ali, bixa preta em comercial e, hoje em dia, isso ficou uma coisa mais aceitável porque virou um comércio. Mas quando eu comecei era pouquíssimas bixas pretas que, vamos supor, siam pro rolê como elas queriam sair. E a gente trouxe muito isso de você se vestir como você quer, você ser quem você quiser. E eu acho que esse é o maior significado de ser uma bixa preta periférica. É você defender o seu corpo, mostrar que você é um corpo existente na sociedade e que você também tem seu espaço, entendeu? Porque nós somos excluídas, né? Hoje ainda somos excluídos de muitas coisas e a gente tá aí dando a cara a tapa, né, sempre pra mostrar que a gente tá aqui, que a gente vai invadir mesmo vários espaços. Eu acho que esse é o maior significado que a bixa preta periférica tem pra mim: que a gente saiu da favela e ocupa os espaços.

Com relação à sexualidade, quando foi que você começou a se ver como diferente dos outros meninos ou não hétero?

Eu sempre fui uma criança bem viada. Mas assim... no fundo, no fundo, quando alguém pergunta assim: 'ah você já teve aquela fase de se esconder?'. Eu nunca tive essa fase de esconder porque desde pequeno, eu sempre fui uma pessoa muito artística. Eu sempre gostei do artístico, então eu dançava pra minha família, eu reunia todo mundo na sala, eu dançava, eu me montava, na época, eu nem sabia o que era montar, e eu me montava, não sabia nem o que eu tava fazendo. Mas eu gostava de entreter as pessoas, então eu nunca escondi o que eu era. Então eu sempre fui uma criança viada. Mas pra mim, eu ainda ia ter uma família, ia ter filho, eu não tinha ainda aquela maldade do pensamento porque eu nem pensava nem em mulher, nem em homem. Mas quando eu fui ficando mais velho, vamos supor, meus onze anos... eu não sei, eu sou péssimo em datas, mas vamos supor onze anos, eu comecei a me questionar porque eu não via as meninas como outros meninos aqui da rua viam. Alguns amigos meus mais velhos da época. Eles eram mais velhos e hoje não moram mais aqui. Mas eu não via as meninas como os outros meninos viam. E eu acho que por motivo de defesa... na época eu nem sabia o que eu tava fazendo, mas hoje eu acho que foi uma defesa eu não me interessar nem por um nem por outro. Eu sempre dizia que eu não gostava nem de homem, nem de mulher. Acho que foi uma forma de defesa não deixar aquilo claro nem pras pessoas, nem pra mim mesmo, porque até os meus 15 anos eu não aceitava isso, esse fato, e não era uma coisa que eu sabia pra mim e negava, era uma coisa que eu realmente não aceitava e que eu tentava botar na minha cabeça: eu vou ter uma família e tal. Só que, depois de um tempo, eu comecei a ver que tinha alguma coisa estranha porque eu vi um primo meu assim... até quando eu fiquei com meu primo. Eu fiquei com um primo meu aí eu pensei: 'gente, eu gostei disso, como é que é...'. foi aí que eu me aceitei pra mim. E eu guardei isso. Eu me assumi pra minha família mesmo quando eu tinha 16 anos, mas dos 11 aos 15 eu fiquei nessa labuta de lutar contra mim mesmo. Eu lembro que a primeira vez que eu fiquei com um menino... aí eu peguei e falei pras minhas amigas que eu era gay e elas, tipo, que novidade... Na verdade, eu nunca fui uma pessoa que... eu sempre neguei, mas eu nunca fingi ser outra pessoa, por isso que todo mundo sempre pegou muito no meu pé

Eu lembro que a gente tava falando da outra vez sobre a questão de outras bixas mais velhas tentar tirar a gente do armário e que isso acaba sendo bem constrangedor e traumático e eu

sofri muito com isso. Eu não tinha me assumido e, na verdade, eu tava naquela coisa do que a sociedade vai pensar de mim. Meus pais, eu sempre tive muita liberdade pra conversar com os meus pais sobre o que eu quisesse, mas eu não me sentia a vontade comigo pra falar sobre isso, então, aos 16 anos eu contei pras minhas amigas. Eu lembro que eu fui pra barra com minha amiga que mora aqui e tal e foi a primeira vez que eu fiquei com um menino em público e foi uma adrenalina e eu falei 'gente, o que é que eu tô fazendo da minha via?', daí em diante também eu não parei mais. Aí eu... eu já velho já... eu nunca cheguei pros meus pais e falei 'eu sou gay' porque eu sempre tive um diálogo muito aberto com meu pai eu sempre deixei claro minhas preferências pelo que eu me sentia atraído. Meu pai sempre conversou comigo, sempre me defendeu aliás. Tinha amigos do meu pai que faziam piadas do tipo, 'cadê sua filha?', essas coisas e meu pai não era daquele tipo que fazia piada junto ele perguntava 'sim, e se for minha filha, o que você tem a ver?'. Então eu sempre tive essa liberdade de conversar com meus pais sobre isso. Mas foi aí... foi bastante tempo, lá pros meus 18 anos quando eu explodi assim pra todo mundo, que eu consegui falar livremente do que eu gostava, do que me atraía e tal.

A amiga que presenciou seu primeiro beijo em público estudava contigo?

A gente aqui somos amigos desde criança, nascemos aqui, fomos criados aqui. A gente se tem como irmãos, então a gente sempre saía juntos e tal, quando a gente foi ficando velhos, começamos a sair juntos. E um belo dia ela me levou pra Barra. Eu nunca tinha ido pra Barra, só tinha ouvido falar, já fui já com o cu na mão. Aí chegou lá... como ela já sabia que eu já tinha contado a ela... o menino pegou e quis ficar comigo e eu tipo, tremi, porque, quando eu era mais novo, eu tinha medo de homem. Não sei o que era. Mas eu não ficava com ninguém porque eu morria de medo, me tremia todo. Ela só olhou pra mim assim, eu tomei coragem e fui. Ela que presenciou meu primeiro beijo em público.

A partir de que série você passou a estudar no Bolívar?

Eu fui pro Bolívar na 5ª. Eu lembro que eu reprovei aqui no privado, eu estudava no privado, e quando eu fui reprovado, meu pai me mudou pro Bolívar. Quando eu entrei no Bolívar que eu conheci esses meninos. Eu não andava muito com eles não. Mas a gente se falava, tipo 'oi', 'oi'. Eu sempre fui uma pessoa muito comunicativa, então sempre fiz amizade com todo mundo, sempre falei com todo mundo. E era essa questão de eu falar com eles, de vez em quando, vir pra casa juntos, mas eu tinha muito essa pressão de sair do armário. Coisas que a gente pensa que é até simples, tipo 'você é bicha, né? Pode dizer, a gente não vai contar pra ninguém, não'. Eu tenho isso como uma pessoa pressionar a algo que você não está preparado naquele momento. Naquela fase da minha vida, eu não entendia isso, mas eu já tinha esse sentimento de que eu estava sendo ali forçado a alguma coisa e aquilo me incomodava, como até hoje eu ser forçado a alguma coisa me incomoda.

E com relação aos outros meninos, os héteros? Você percebeu algum tipo de brincadeira, deboche ou algo do tipo por conta de sua sexualidade?

Até que não porque quando eu entrei no Bolívar já tinha uma questão assim que... a gente conhecia dois meninos, não sei se você já ouviu falar do The Fabulous, que é Michel e Lucas. Eles já tinham estudado lá, já tinham trabalho lá como professor de dança então quando a gente entrou lá os meninos meio que já tinham imposto esse respeito. Eu nunca fui desrespeitado a esse nível lá no colégio, até quando eu entrei porque eu entrei bem fuá, pensei

que eu ia apanhar, mas não. Foi bem tranquilo. Diferente de uma escola que eu estudei, de freiras, que eu apanhava todos os dias. Eu estudei em quatro escolas na minha vida, foi o Bolivar, o Global, a Providencia que é um colégio de freiras que tem aqui; e quando eu morei com minha avó, eu morei com minha avó um ano, e eu estudei numa escola lá. E essa Providência foi a única escola que eu tive problemas mesmo, que eu sofri bullying real, que tinha uns meninos grandes lá.

E eles te batiam?

Batiam. Eu era novinho, devia ter uns seis anos de idade. Eu fui morar com minha avó eu tinha sete, quando eu voltei... não, eu devia ter uns oito anos de idade.

E você acha que eles te batiam porque eles te achavam...

Porque eu tinha o jeito mais afeminado.

Você já sofreu alguma violência por ser homossexual e negro?

Eu já... teve um fato até engraçado que aconteceu, não citando o nome de onde eu fui, mas eu entrei uma vez numa loja, eu fui pesquisar produto de cabelo porque eu tinha o cabelo descolorido, eu descolori o cabelo ... e entrei numa loja e eu lembro que nessa loja os segurança ficou me seguindo e eu andando, andando, andando e eu percebendo que ele tava meio que me seguindo, sabe? Eu dei uma volta e nessa que eu dei uma volta, eu parei pra ele e pedir pra ele segurar um espelho, um espelho que eu e os meninos sempre andávamos com um espelho na bolsa. Eu pedi a ele pra segurar meu espelho, ele pegou e ficou meio tipo... e eu falei 'se você está me seguindo parece que você quer me ajudar, então me ajude a retocar aqui minha sobrancelha'. Ele pegou e ficou todo assim... tentando alterar 'você tá querendo dizer o q'. eu falei 'não, eu estou dizendo que você estava me seguindo'. Eu não aumentei o tom pra ele, mas eu me senti tão assim, sabe...

E também aconteceu numa loja aqui perto de cosméticos que tem, que eu entrei e aí nessa farmácia... é tipo uma farmácia... eles dão uma cestinha. Eu entrei com minha amiga, ela pegou e foi comprar, eu não fui comprar nada. Eu entrei com ela e tal, tal, tal, tal. O segurança na porta ficou assim ó [atento, vigilante] e perguntou pra menina: você deu a cestinha ora eles? Nisso minha amiga tava no caixa e eu tava na porta, aí ela falou 'naõ precisa não, que ela só pegou um produto' e ele falou baixo, só que eu ouvi. Ele falou 'eles não pegaram nada, não?'. E eu peguei e parei assim... eu não falei nada, mas minha vontade foi de fazer uma baixaria, mas na hora eu não falei nada. Eu só falei com minha amiga 'eu não venho mais aqui'.

Aconteceu também uma vez que eu fui numa loja com uns amigos, tava eu, acho que Caique e duas pessoas a mais. A gente foi experimentar meia-calça, mas não tinha aviso de que não podia abrir a meia calça. Aí Caique, acho que foi Caique, foi pegar pra ver como ficava na pele e o segurança veio pra reclamar. Aí o menino que tava com ele falou assim 'sim, e onde você viu que tava escrito aqui que não pode abrir?'. E ele 'tá escrito aí'. 'Me diga onde tá escrito aqui. Eu não lembro o que foi.. a piadinha que ele fez com a nossa sexualidade e aí começaram a gravar, foi uma putaria nesse dia... chamou o gerente... foi uma baixaria.

E de negro eu tenho várias, até dentro da minha família mesmo. Já sofri muito dentro da minha família, tias minhas já falaram coisas do tipo... teve uma coisa que ela falou comigo que até

hoje eu lembro. Porque assim ó, da família do meu pai, de vós e irmãs, meu pai é o único... que a família do meu é tudo negão, altão, grandão assim... meu é miúdo, pequeno, meu pai é o mais claro que tem e, de todos, meu pai tem o nariz fino, o único dos sete filhos que minha avó teve. Meu pai é o único que veio com o nariz fino, meu pai tem o nariz bem fino e aí... eu não tenho o nariz do meu pai, mas meu nariz é um pouco fino e um dia eu ouvi da minha tia assim mesmo 'ah André, você só é bonito porque tem traços finos'. Eu criança. E eu lembro disso até hoje. São coisas assim que parecem até leves, mas se você fica pensando... eu lembro que eu me questioneei que se eu fosse de outro jeito, eu seria porque...

E na escola, você já percebeu um tratamento diferente ou comentários desse tipo?

De professor já, por ser gay. Não comigo, mas eu já presenciei. Eu tinha um professor que ele era bastante homofóbico. Ele dizia que não e, tipo, disfarçava muito bem. Mas você percebe os comentários. Teve uma vez que discutiram com ele porque um amigo meu chegou na sala pra comprar alguma coisa, com uma amiga minha que vendia bolinho. Chamou ela, nem disse: quero comprar. E esse meu amigo é bem espalhafatoso, ele chega até a ser uma pessoa meio complicada de lidar, uma pessoa difícil... Claro que ele errou porque ele tinha que ter o controle e dizer 'não, professor, desculpa, eu só queria falar com ela', mas já veio falando alto e tal. Aí o professor falou assim: é por isso que essa raça apanha. Meu amigo ouviu e começou a discutir com ele. E aí disse que ia levar isso pra diretoria, foi o maior bafafá. Eu, comigo, eu não lembro... no Bolívar eu não lembro de ter passado uma dessas

Na verdade, no Bolívar acontecia de se ter um casal de hétero sentado no colo do namorado "pessoas" passavam e não diziam nada. Mas se tivesse um menino sentado no colo de outro menino, "levante! Que isso aqui é uma escola". Comentários desse tipo.

Pessoas que você está dizendo são professores?

Professores, vice-diretores.

Como foi pra você a experiência de ter estudado no Bolívar?

Eu acho que estudar no Bolívar foi um grande divisor de águas pra mim, pra eu ter uma maturidade maior, porque eu sempre fui filho único, então meu pai nunca me deu espaço pra fazer muita coisa que eu quisesse, como sair sozinho, ir pra escola e pegar ônibus, ir no shopping só. Também minhas escolas sempre foi aqui, se eu saísse sempre era com meu pai, se eu fosse no médico era com meu pai. Tanto que hoje em dia eu tenho horror a ir no médico sozinho, meu pai tem que, no mínimo ir me largar lá, porque eu não gosto de ir pra médico sozinho, porque eu sempre fui com meu pai. E como também eu vivi muito em médico quando eu era criança eu não gosto de hospital não. Quando eu entrei no Bolívar, eu abri minha mente pra um mundo totalmente diferente porque no colégio público você encontra vários tipos de pessoas. Aqui, quando eu estudava no privado, era só alunos de bairros, é pessoas tudo iguais. A mesma pessoa que você conversa aqui sobre um estilo de vida, essa outra pessoa ali ia ter um estilo igual. E no Bolívar não. No Bolívar eu encontrei outras pessoas, encontrei outras possibilidades, encontrei... conheci os meninos, se eu não tivesse entrado não ia conhecer os meninos. Eu acho que estudar no Bolívar me abriu muitas portas pra vida, de amadurecimento, de crescer mesmo como pessoa. O Bolívar, por mais que seja uma escola que é muito falada aqui, muitas pessoas tem o Bolívar como um colégio ruim... Lá tem professores excelentes e

nunca foi uma escola que me deixou em falta de ensino, sempre foi uma escola que, se faltasse livro, cobrava da prefeitura; sempre foi uma escola que não deixava sem professor, era muito raro não ter aula. Eu posso dizer que o Bolívar é um colégio público muito bom, uma escola local muito boa e que... realmente, uma das coisas boas que eu fiz foi ter entrado no colégio público. Porque eu acho que se eu não tivesse entrado eu ia tá viajando na maionese até hoje.

Em que sentido você diz isso?

Eu acho que eu vivia no mundo da fantasia porque eu tinha uma visão do mundo totalmente diferente, de que tudo era perfeito, e de que ninguém passava necessidade por nada, que eu não ia precisar trabalhar porque eu ia viver sempre com meu pai. E quando eu entrei pra escola pública que eu me deparei com essa realidade de aluno que não podia ir pra escola porque não tinha um sapato ou de aluno que ia pra escola pra comer porque não tinha comida dentro de casa, ou tipo, você acordar para a vida de perceber que eu não vou viver com meu pai para sempre, que uma hora eu tinha que começar a trabalhar, eu tinha que ter minha independência financeira. Tudo isso eu despertei quando eu entrei no público, porque foi quando eu tive um contato maior com a sociedade. Eu comecei a pegar ônibus, essas coisas

O professor que você mencionou que fez esse comentário em sala de aula... isso foi reportado pra secretaria ou pra direção, vc se lembra?

Eu não sei se chegou na direção porque a direção eu ouvi, mas eu não tava presente. Na hora eu ouvi a discussão, mas eu não tava presente. Mas, provavelmente, deve ter chegado na direção, uma coisa dessa deve ter chegado na direção. A diretora Edilene, que você conheceu, é uma pessoa maravilhosa, sempre foi uma pessoa assim muito calma e ela nunca foi injusta. Então... é porque também tem aquela coisa, tem professores de anos, concursado que eles não perdem, por mais que eles tenham feito algo assim, um comentário desse, infelizmente, eles não botam pra fora, não demite

Você lembra se durante o tempo que você estudou no Bolívar, teve alguma iniciativa pra falar sobre diversidade?

Eu não consigo lembrar agora, porque no Bolívar sempre levou essa questão de assuntos, de debate, projetos e tal, mas um que tratasse sobre diversidade eu não consigo lembrar real. Não consigo lembrar agora.

Você lembra dos projetos de lá que tratavam do que?

Tinham muitos projetos de arte, lá sempre... lá no colégio tem muita gente talentosa, então os funcionários lá, a diretora Edilene sempre investiu muito em arte lá na escola. Tem uma competição que a gente sempre faz, que é o FACE, tem o DANCE, agora eles botaram batalha de rap, tem a Consciência Negra, tem as Sextas-feiras culturais, que na sexta-feira você pode mostrar a sua arte, você canta, dança, pinta. Sempre foi um colégio... desde criança eu fui uma pessoa muito artística, então isso eu sempre gostei da escola porque ela sempre incentivou bastante a arte, aliás, a gente da dança, eu e os meninos que dançavam, ela sempre apoiou muito a gente, sempre ajudou muito a gente, tanto que a gente fez o teaser agora do Afrobapho, que foi lá. A gente conversou com ela, ela super apoiou a ideia, ela foi num domingo de manhã, abriu a escola e tal. Então, ela super apoia a questão da arte lá, mas diversidade, realmente, eu não consigo lembrar no momento.

Se você pudesse eleger, qual seria sua melhor lembrança da escola?

A primeira vez que a gente apresentou lá, a primeira vez que a gente dançou mesmo. Eu e os meninos, que teve esse projeto de artes e a gente pegou e decidiu dançar. Acho que foi o melhor momento porque, quando a gente montou... aí todo mundo sabia que a gente ia dançar, mas quando a gente saiu a escola tava tão cheia, tão cheia e o povo gritava de um jeito, gritava, gritava. Foi a primeira vez que a gente dançou como um grupo, eu e os meninos, tinham outras pessoas, mas eu e os meninos dançamos a primeira vez como grupo. A gente não era nem do Afrobapho ainda. Essa é minha melhor memória. A gente foi pro colégio parque, dançou. Memória mais bonita que eu tenho lá do colégio.

E a pior?

Eu acho que eu tô pensando muito no meu ensino médio e meu ensino médio foi maravilhoso, mas voltando lá pra quando eu entrei, eu não queria ter passado pela pressão de outras pessoas quererem me tirar do armário. Isso não foi legal. Eu acho que isso não foi... acho que eu apagaria isso.

Você falou que quando você entrou pro Afrobapho isso te ajudou muito com relação a aceitação, se entender e se posicionar no mundo. Como que o grupo te ajudou nesse sentido, o que foi que você encontrou no grupo que te ajudou nisso?

Eu comecei a ter contato com essa diversidade mesmo, de eu estar ali eu ter a oportunidade de tá com travestis, eu ter a oportunidade de estar ali com outras pessoas negras que tão num tempo muito mais que eu e que me ensinavam uma coisa ou poder debater e falar sobre aquilo que o coletivo defendia porque era uma coisa que eu era leigo, eu era uma pessoa leiga. Eu sempre fui uma pessoa mente aberta e gostava muito de ler, hoje em dia eu sou essa pessoa cagada pra ler, mas quando eu era mais novo, eu gostava muito de ler e de aprender. Eu sempre gostei muito de aprender as coisas, então quando veio essa questão da transexualidade eu já tinha uma base porque eu já tinha lido algumas coisas sobre transexualidade, sobre cis, tanto que lá na minha casa de candomblé eu cheguei até a ensinar pra uma irmã de santo minha que ela era lá da faculdade e que foi debatido isso na faculdade e ela não entendeu: sobre cis e transexualidade. Foram informações que eu coletei com o coletivo, que eu aprendi porque o coletivo acabou me levando para outras áreas de que eu não estava acostumado, de conhecer pessoas que eu não estava acostumado e que eu não vivia... e uma dessas pessoas muito forte mesmo que eu consigo lembrar é a comunidade das transexuais: a transexualidade que é um assunto ate hoje muito complicado. Eu acho que essas informações que eu tive sobre mulheres e homens trans abriram muito minha cabeça, porque eu acho que antigamente eu teria uma cabeça tipo 'ah, você é um homem trans e eu não quero você porque você tem, provavelmente, ainda seu órgão genital feminino'. Eu tinha uma cabeça fechada muito pra isso. E o coletivo me abriu a mente pra muitas coisas, em muitos assuntos que eu não entendia, não compreendia e não aceitava. Porque, é como eu disse, todo mundo tem preconceito com alguma coisa. Se você não gosta de algo e você... tipo eu não gosto de caqui, eu odeio caqui, eu tenho um preconceito com o caqui. E eu não sei como é que muita gente consegue comer aquilo. Eu acho que o preconceito todo mundo tem, acho que aprender, a gente aprende todos os dias e se redefine.

E com relação a sua própria sexualidade, a sua própria questão racial?

Eu acho que o coletivo me ajudou mesmo com a questão racial do que com a questão sexual, porque quando eu entrei eu já era muito bem resolvido. Eu devo ter uns dois anos e pouco no coletivo, vai fazer três anos eu acho. Eu já era bem resolvido com minha sexualidade, mas com a minha questão racial, como eu falei quando a gente começou a conversar, me ajudou muito pela questão da nomenclatura da bixa preta periférica. Eu tinha isso como algo muito ruim e hoje eu tenho isso como algo muito bom e que me ajuda nos espaços que eu entro, que eu sou reconhecido como uma bixa preta periférica e... é isso. Eu acho que me ajudou mais nisso de eu parar de pensar nisso como algo ruim e tomar até como uma arma pra mim

Outra coisa que eu queria saber era com relação à sua religiosidade. Eu queria saber como foi isso de você entrar pro candomblé e a relação com a escola.

Quando eu fiz o santo, ninguém esperava, principalmente da escola. Nem aqui na rua o povo esperava e tipo, quando eu fiz santo, eu simplesmente sumi. Como eu fiz o santo em junho, teve o recesso do são joão e quando eu fui recolher, eu tive que chegar pra pedagoga da escola e dizer a ela que eu ficar um período um pouco além do recesso do são joão porque eu ia recolher e não ia poder ir... eu acho que faltei umas duas semanas depois do recesso. A primeira reação que eu fiquei me perguntando do porque essa reação foi ela me questionar se eu tinha certeza do que estava pra fazer. Eu respondi que sim, que eu tinha certeza. E ela 'ah, tudo bem'. Eu falei 'olha, eu tô fazendo o santo porque eu preciso e não tenho nenhum problema com isso, minha família não tem problema nenhum com isso, graças a Deus, sempre tivemos uma mente muito aberta' Eu sou uma pessoa muito religiosa, eu nunca tive nenhuma religião, mas eu sempre fui uma pessoa de fé, então eu sempre busquei o sagrado, de alguma forma, sempre busquei o sagrado, então questão de religião eu nunca tive problema. Eu sou uma pessoa muito bem entendida, foi o que eu falei a ela, eu preciso, mas eu quero. Não é eu preciso e estou fazendo apulso. Quando eu tomo consciência de que eu preciso, de que é melhor pra mim, eu quero e eu vou fazer. Ela 'não, tudo bem'. Eu tava com algumas faltas na escola, ela me deu um puxão de orelha, mas pediu que quando eu voltasse, passasse na coordenação. Quando eu voltei, a escola inteira tomou um boom porque do nada eu apareci todo de branco. Quando eu entrei na escola, o povo ficava me olhando e eu tinha que ir de branco, tinha que usar o branco, fiquei três meses usando o branco, até minha cueca era branca. Eu chegava na escola e lembro que o povo ficava olhando. Eu não sofri a questão da... eu não agredido em momento nenhum verbalmente por ninguém, mas teve os olhares. Teve gente que perguntou se eu tinha feito santo, teve professor que não sabia e eu tinha pedido a coordenadora pra passar pros professores que eu estava recolhido. Ela não passou pros professores, acho que ela levou aquilo como algo irrelevante pra ela e não passou pra ninguém, eu perdi várias coisas e eu tive que falar com os professores, um por um. Eu me senti muito constrangido com isso porque eu nunca fui a pessoa que chegava pra pessoa e falava 'oi tudo bem, eu sou do candomblé e eu fiz santo'. Não, se eu estivesse conversando com a pessoa e a gente entrasse nesse assunto, tivesse uma conversa, um enredo pra isso, eu não tenho problema nenhum em contar, mas tipo, do nada eu chegar pra pessoa e falar... eu tive que contar a professor um a um que eu fiz santo e, por isso, eu perdi...eu me senti muito incomodado com aquilo. Teve professor que ficou fazendo piadinha tipo 'o que é isso, menino? Tá amarrado, eh?' por conta dos meus

contregnum . e eu respondia 'eh, em nome de Jesus'. Mas eu nunca fui agredido na escola verbalmente, ser ofendido, por ser do candomblé. Pelo menos na minha frente não.

Você já participou de alguma atividade ou evento da escola que tenha discutido a questão racial ou de sexualidade?

A Consciência Negra. Sexualidade eu não lembro, não tenho uma memória, real, de ter tido uma palestra ou alguma coisa. Se teve, eu realmente não consigo lembrar agora. Quem deve ter uma memória mais clara sobre isso é Caique, porque ele era presidente do grêmio e tal. Mas eu não consigo lembrar no momento. Mas questões raciais a gente levava até muita coisa do Afrobapho pra lá, a questão da bixa preta, da militância, de ter seus espaços. E a diretora, como já disse, que é muito maravilhosa, colava muito com a gente pra esses projetos e tudo que tinha na escola de projeto de dança ou alguma coisa, ela incluía a gente pra tá ali falando, pra tá representando

E mesmo em sala de aula, você não te ver ouvido sobre métodos contraceptivos, uso de preservativo, DSTs

Eu nunca tive uma aula assim em escola nenhuma. Não tive, não tive. Eu tenho uma irmã de santo que ela é professora e ela falou que ela dá essas aulas pras alunas delas que estão entrando na pré-adolescência, com seus 12, 13 anos e os pais vai na escola parecendo que quer esfolar ela porque ela tá falando sobre preservação, sobre vagina. E é uma coisa que realmente deveria estar em sala de aula pq evita muita coisa, muita menina não conhece o seu órgão genital porque as mães não falam e quando alguém fala sobre isso, elas acham um absurdo, aí depois a menina aparece com 15 anos e já tá grávida.

Mas eu nunca tive uma aula dessa, sempre pesquisei uma coisa ou outra, mas na escola falar sobre preservativo ou falar sobre os órgãos genitais, falar sobre gravidez. Teve aquela coisa da biologia, de como uma criança é formada, mas nunca tive uma aula de prevenção, voltada mais pra questão da sexualidade.

Onde foi que você buscou esses conhecimentos?

Na internet. O que é que na internet não tem? Eu chegava lá no google e botava como que era a camisinha, como era que botava. Era curiosidade, não tenho vergonha de falar com ninguém. Via lá como era o desenho da vagina, lábios esses negócios, eu sempre achei aquele negócio estranho, tosco, mas eu via. Aprendi muita coisa

Você chegou a ter relacionamentos afetivos, namoros ou paqueras na escola?

Pra falar a verdade, eu estou no meu primeiro relacionamento agora, com 21 anos. Agora eu tô no meu primeiro relacionamento da vida, mas eu nunca fui de me relacionar com ninguém, tipo de namorar. Nunca dei espaço pra ninguém. Na verdade, eu sempre fui uma pessoa muito complicada, porque eu ficava com a pessoa e, de repente, eu não queria mais ficar com aquela pessoa, então eu acho que o culpado disso, de eu não ter tido um relacionamento sério é eu mesmo porque... eu sempre falei 'meu pai, as pessoas não me suportam' e ele 'meu filho, nem você mesmo tá se suportando'. Mas é verdade porque eu tinha uns repentes aí e não queria mais ver a pessoa, essas coisas e também eu nunca fiquei com alguém mais de uma vez ou mais de duas. Então é difícil a pessoa ter um relacionamento assim. mas na escola nunca ninguém

me interessou, nem pra uma coisa rapidinha assim, sabe, aquela fantasia da bixa de pegar um mavambo da escola eu nunca tive isso na escola ou em rua aqui. Eu sou capricorniano, sou uma pessoa careta

Tendo em vista o que você observava na escola, se você tivesse tido um relacionamento com outro estudante, como você acha que seria?

Eu acho que seria tranquilo, com aquelas coisas de 'sai de cima do colo dele que aqui não é uma escola. Aqui não é lugar de se beijar'. É claro que eu não ia ficar me chupando com ninguém no corredor, até porque Caique teve um relacionamento de bastante tempo no Bolivar e eles tinham respeito. Era uma coisa tranquila, eles sabiam que esses estavam na escola, era uma coisa tranquila. Eu acho que eu teria a mesma tranquilidade, mas com aquela questão do 'não faça isso porque aqui é um lugar de trabalho', mas só porque é um casal homoafetivo, porque se fosse um casal hétero não teria aquilo de você tá abraçado com seu namorado ou só tá sentado no colo dele, coisas assim

Você sabe se o banheiro dos alunos do ensino fundamental sobre foi trancado?

Quando eu estudava lá não. Quando eu estudava lá, o banheiro ficava aberto, os dois ficavam abertos. Ficava uma fiscal porque os meninos ficam tentando invadir o banheiro das meninas, aí ficava fiscal pra controlar: menino aqui, menina ali. Depois eu lembro que começou a fechar o banheiro, só abria quando alguém quisesse entrar, eu não sei se era porque tavam entrando no banheiro toda hora... eu não sei porque eles fizeram isso, mas depois eu lembro que começaram a fechar o banheiro, depois começaram a fechar o banheiro do meio do corredor também, quando abriram os banheiros lá de cima. Os banheiros novos, os três ficavam abertos, mas os de lá de baixo eu não sei dizer porque eles começaram a fechar, até porque eu estudava no pavilhão de cima e não tinha acesso ao banheiro lá de baixo, se eu quisesse ter acesso ao banheiro, eu tinha o do pátio

Se vc pudesse sugerir ou modificar algo na escola, o que seria?

Eu acho que, com certeza, falar mais sobre a diversidade porque, querendo ou não, entram lá muitas crianças novas e essas crianças vão ser os alunos de lá maiores e a gente não sabe o que essa criança já vem pensando na cabeça. Você vê muita criança hoje com piadinhas que você não consegue nem imaginar que saiu da boca de uma criança. Eu acho que seria trazer mais sobre esse assunto da diversidade, da sexualidade pra escola, porque é uma coisa que, realmente, eu sinto falta no colégio. Falar sobre a diversidade de pessoas, a diversidade de cores, a diversidade de sentimentos, de gostos, que isso é uma coisa que tem muita falta no colégio. E falar sobre sexualidade mesmo, porque é um assunto que não aborda lá. Pelo menos de quando eu saí de lá, eu nunca tive um assunto que falasse sobre sexualidade, tipo o professor chegar na sala e dizer 'hoje vamos falar sobre isso'. É claro que todo professor tem seu conteúdo, mas vamos se dizer... um professor que entra lá de sociologia, um professor de sociologia ele vai falar tudo aquilo que constitui a sociedade, então eu acho que a diversidade, a sexualidade faz parte da sociedade, as diversas formas de fé e de religião é formado por uma sociedade. Eu sinto muita falta disso, da diversidade em geral, de assunto, de religião, de gostos, sexualidade... os alunos vão achar estranho no início, mas vão tá tendo informação. Muita gente não tem acesso a informação, uma vez uma menina me perguntou uma coisa tão... ela perguntou pra que servia a Espada de Ogum, a planta.

APENDICE C – Entrevista com Caique

Como você se identifica com relação à sexualidade e a identidade racial?

Sou gay, gay, homossexual e me considero uma pessoa negra.

O que significa se considerar dentro dessas categorias, de homossexual e negro? O que significa ser um gay negro na sua vida?

Eu acho algo muito importante, que cada dia me fortalece. E cada dia é uma demonstra de bater a cara na rua todos os dias e enfrentar, principalmente agora que Bolsonaro tá aí ... É algo de luta, ser um negro gay hoje em dia é algo de luta. Então pra mim é algo muito de luta e que me orgulha todos os dias.

Há quanto tempo você se identifica como gay e como negro?

Negro, desde quando eu nasci. Nunca me senti um branco, sempre me considerei negro, desde quando eu nasci.

Gay, desde os meus 9. Base de 9, mas antes eu já era garota, mas comecei a me descobrir com os 9.

Com 9 anos você já tinha certeza de que era gay...

Certeza, certeza foi quando eu tinha uns 12, quando eu entrei no colégio. Com nove anos eu ainda estava no percurso ... na hora de brotar ainda, mas gay, gay, revelado foi a partir dos 14, foi quando eu fiquei com o primeiro homem

Você lembra em qual série você estava, não?

5ª série.

Como foi pra você assumir a sua orientação sexual, como gay? Foi um processo que te gerou algum sofrimento, algum receio de rejeição, como era o sentimento...

Não especificamente porque eu sempre... já gostava da forma que eu era... me aceitava desde criancinha, já brincava de boneca ... já vinha acostumando e criando outra visão na cabeça de minha mãe, porque eu acho que a primeira que tinha que me aceitar era ela, se ela não me aceitasse aí sim eu ficaria tenso, mas se o resto não aceitasse pra mim era tudo igual. Mas o importante era minha mãe, então não foi nada de assustador. Não foi nada de “ai meu Deus!”. Tranquilo. Passei por dificuldades, mas foram coisas que todo mundo passa, nada assim demais. Então foi algo bem mais tranquilo. Foi a minha sexualidade foi algo bem tranquilo e razoável.

Essas dificuldades que você falou foi algo dentro do ceio familiar, na escola ... em qual contexto?

Familiar.

Você quer falar sobre isso?

Não. É algo muito forte... enfim.. mas foi algo que mexeu ... não me machucou... me machucou porque foi algo que.. tipo que não era pra acontecer, mas que ... não sei se me... não me

incentivou a ser gay não (inaudível) Foi algo que me deixou tenso, fiquei muito assustado durante muito tempo, mas que eu tipo... acho que já vou dizer ... É porque fui abusado sexualmente quando eu tinha uns nove anos... não fui abusado, porque abusado é quando não ... eu fui estupro e foi pelo meu primo, não primo de sangue, foi primo de longe ixi..

Então fui um tempo que eu fiquei super assustado e algumas pessoas da família que sabem disso acham que, por isso, eu virei gay.

Você se assumiu com 14 anos e já estava na escola, na 5ª série. E como foi isso na escola, na escola você também já expressava a sua sexualidade, já paquerava.

Ainda falava pro povo que eu era homem, mas o povo já sabia. Meus amigos já sabia, mas a algumas pessoas eu falava por medo, né? Não dizia que eu era gay, que era homem e acabou.

Mas depois eu acabei... quando eu fui pra sexta série... Meu período de quinta-série foi algo muito assim de eu renegar, então pra todo mundo eu falava assim que eu era homem, era homem, depois eu acabei dizendo que eu era gay. Foi um pouquinho difícil porque os meninos começaram a perturbar, mas enfim.. mas depois foi tranquilo

Você lembra em qual escola você estudava nesse período?

A vida toda foi no Bolivar Santana.

Já na sexta-feira foi meio que contou pra todo mundo, né?

Sim, foi quando eu passei pra de manhã. Não contei, mas eu não escondia.

Você disse q foi tranquilo, então você percebeu nenhuma violência, agressão no trato com os colegas ou professores?

Discutir é normal, porque todo mundo discute. Mas nada pesado, que me ofendesse... Até porque quando eu fui pra minha sétima série eu acabei tomando conta do colégio, ou seja, eu acabei sendo presidente, acabei sendo isso, acabei sendo aquilo... Então, por isso também o povo sempre me respeitou. Mas eu nunca tive problemas principalmente com professor. Nunca tive problema com nenhum professor pra discutir sério, pra eu xingar ele, pra ele me xingar, nunca tive isso. Sempre teve aquilo "ah Caique conversa demais", mas nunca tive nada sério. Aluno já discuti, já quase bati, mas professor não.

Mas eu digo não com relação a... que dizer, eu acho que todo mundo tem problema na escola, mas eu penso em relação à sexualidade, por que por exemplo ...

... Aluno sim, professor não.

... eu demorei mais tempo pra assumir minha sexualidade, só vim fazer isso aqui em Salvador, mas no período da escola, mesmo quando eu não tinha assumido a minha sexualidade eu já percebia que os meninos ficavam fazendo aquilo que se chama de brincadeira, mas que era pra mostrar que eu não era igual a eles, brincadeira de passar o cordãozinho, o chamado cordãozinho cheiroso, alguns meninos me chamavam de caneco e só depois eu fui descobrir que caneco é um termo usado pra fazer referência ao ânus que é aberto, sabe? E eu percebi essas

coisas só depois e elas já aconteciam no período da escola. Não chegavam a ser violência... acho que eu só briguei na escola, de verdade, uma vez, de brigar, sair não mão. Mas percebi que já acontecia esses tipos de coisas que eram por conta da minha sexualidade. Daí quando te perguntei se você passou por alguma coisa era nesse sentido... Antes de se assumir você falou que alguns meninos já ficavam perturbando, né?

É, bicha, viadinho, batiola, essas coisas ... mas nunca teve essas coisas, essas brincadeiras que vc falou eu nunca tive não

Antes de você se assumir vc passou por essas coisas, né?

É de me chamar de viadinho, falar que eu era viado, eu dizer que não era. Mas nunca brincadeiras desse porte

E depois que você se assumiu, essas coisas pararam, continuaram, não aconteceram mais...

Rapaz, parou. parou mas eu sempre ouvia uma piadinha: viado, gay, enfim... essas piadas que até hoje eu sofro: de viado de batiola, de ouvir um quiu (kiw). Essas coisas até hoje eu sofro, então eu vim sofrer também na escola. Apesar de que na escola, foi uma escola que eu nunca tive... eu nunca sofri bullying assim forte, nunca sofri essas coisas que noutros colégios muita gente sofre, porque eu tive que manter um respeito lá, ne?

Você teve que manter um respeito? Por que você diz isso?

Porque eu acho que se eu não tive me posto no meu lugar, meu amor, seria babado. Porque aqueles meninos lá são beeem babado! Então "oh! me respeite"! Quando eu entrei pra presidente do colegiado foi o momento de, meu amor, largar o doce. Rapaz, marquei um reunião e falei, falei, falei e foi depois disso... depois de muito tempo que... depois de alguns anos que eu entrei pra sétima série que, enfim... os meninos, todo mundo, acabou de respeitando. Não é á toa que, hoje em dia, eu saí da escola e eles sentem falta de mim

Quando você diz que os meninos eram bem babados você tá querendo falar exatamente o que?

Pertubados! Enfim... faziam um monte de brincadeira sem graça, não comigo, mas com outras bixas que não tinham essa questão do respeito, que elas próprias davam ousadia e eu nunca dei ousadia assim igual algumas bixas lá do colégio. Algumas bixas lá do colégio davam ousadia e eles perturbavam mesmo, falavam um monte de baixaria e era bem, bem forte. Eu ficava bem no meu canto...

Essas bixas que você diz que davam ousadia, elas faziam o que? Entravam na brincadeira também ou quê?

Sim, tipo não mandavam fechar... não mandavam se respeitar e ainda davam risada. E eu achava isso ridículo porque eu mandava logo fechar a cara. É por isso que a maioria... ninguém gostava de mim porque eu sempre fui sério: "não gosto dessa brincadeira, não brinque assim comigo". Por que assim vai passando um pro outro e daqui a pouco todo mundo brinca assim com você e você não vai poder dizer nada porque deu ousadia, então...

Em algum momento você chegou a... quando você ouvia essas piadas, em algum momento você chegou a falar com a direção ou com a coordenação pedagógica?

Já cheguei a ir na direção. A direção sempre... não sempre...mas sempre resolvia algumas coisas assim.

Eu chegava na vice-diretora e contava. Oscilane era meio estranha, porque ela é evangélica e eu sei que ela não apoia a causa gay, porque eu sei que eu não sou maluco, mas ela tentava, né, entrar no bolo. Mas eu sei que ela não apoiava. Sabia que eu era gay, né, aí era pior. Mas ela sempre tentava resolver, até porque, como ela era a vice-diretora, se ele não tentasse resolver seria pior pra ela.

Você lembra o que ela fazia nesse sentido? Conversava com os alunos

Conversava sempre. Sempre conversa. Se conversa adiantasse, as coisas tavam bem fácil. Mas sempre conversou: “não faça mais isso, isso é errado”. Chamava os alunos na direção ou, quando eles faziam algo muito assim sério, mandava chamar os pais, dava advertência, essas coisas assim...

Em algum momento a direção ou a coordenação pedagógica teve alguma postura de tentar resolver isso não de uma maneira específica, caso por caso, mas levar essa discussão sobre respeito para a escola, através de uma palestra, uma conscientização, alguma coisa do tipo, que em vez de resolver um por um, tentasse falar logo com todos de uma vez?

Sim, sim. Fez palestras assim. Depois que entrou eu como gay na... depois que eu fui presidente do grêmio do colégio, representante discente no colegiado e líder de sala. Eu sempre tive essa questão de ser líder das coisas, sempre tive voz ativa. Então quando eu chegava na escola, na sala, alunos falavam e gritavam, nunca resolvia “vamos resolver agora, decidir a farda da escola” quem disse menina, nunca resolvia. Aí povo pedia: “Caique, vai falar!”. Quando eu falava, amor. O povo na hora, na hora resolvia. Por que eu era... eu já fiz coisa naquela escola... e eu fui com a maior nota, quando eu fui pra votação de grêmio, eu fui o que mais teve pontuação, depois de dois anos eu fui o aluno que mais teve pontuação de grêmio naquela escola

A eleição era a cada dois anos?

A cada um ano se não me engano...

Todo ano tem eleição, né, e vc foi reeleito quantas vezes?

Eu me interessei a ser do grêmio quando eu estava no meu 1º ano. E desses anos tudo, eu sempre fui. A partir do 2º ano eu fui presidente do colegiado e presidente do grêmio, até o 3º.

Você tinha dito que essas palestras para falar dessas questões só começaram ...

Só começaram a acontecer depois que eu entrei porque tinha eu e uma menina que era lésbica. Aí a gente sempre ficava fazendo isso.

Vocês conseguiram fazer...

Conseguimos, mas não tanto, uma vez na vida.

O que foi que vocês conseguiram fazer?

Passagem em sala de aula a gente fazia sempre, né, não tanto em relação a sexualidade nem a raça. A gente fazia isso de vez em nunca porque as pessoas têm a cabeça muito fechada. Mas eu já fiz uma palestra em relação a isso uma vez só. Se eu não me engano, só foi uma vez só. Mas nada assim de mais, nada que era sempre. As pessoas não gostavam de escutar então eu não perdia meu tempo em ficar falando.

Mas quem falava mesmo era você?

Eu e uma amiga minha que era tipo... vice. A gente se juntava de sala em sala, quando a gente via que não tava dando mais certo. Ai a gente dizia “bora lá nas salas, falar com o povo alertar o povo”. Mas tinham alguns alunos que fingiam que não tava nem escutando, se não tava com raiva, né. Ai teve um dia que eu falei “não vou fazer mais, viu”. Ai a gente não fez mais.

Quando vocês fizeram essa palestra teve alguma melhora das coisas no colégio?

Teve. Hoje... é muito difícil o Bolívar ter casos de espancamento, de homens bater em gays, nunca vi o bolívar passando na televisão em casos assim sérios e quando eu estudei lá, nunca teve. Então, nunca teve e depois que a gente começou o povo melhorou mais

Na verdade, o Bolívar era a gente que comandava lá. Como eu posso dizer... As gays, eram as gays que mandavam, eram as gays que gritavam na fila, as gays mesmo que batiam nos meninos. Então o bolívar foi feito pela gente... Então tipo, não teve lá ‘gay foi espancado por menino no bolívar’. Eu nunca soube. Isso acontecia há muito tempo atrás, antes de eu entrar na escola, muito tempo atrás mesmo. Mas quando eu entrei, nunca, nunca vi. Nem quando eu era 5ª série, nunca vi. E quando brigava mesmo gay com homem as bixas quebravam eles no pau.

Aconteceu isso já?

Já e foi até com um amigo meu, que né gay assim... mas esse amigo meu sempre foi gaiato, gostava de falar demais, problemático. Mas quando o menino foi se meter com ela, ela meteu o pau nele. Foi babado, viu?

Você disse que no Bolívar as gays comandavam. Você acha que isso era por ter um número grande de gays ou...

Não tem um número tão grande assim, tipo muitos e muitos gays. Se tivesse 20 gays de de manhã era o máximo. Não era tanto gay não. Mas as gays que tinham era que... quem comandava literalmente o colégio assim de modo geral era só cinco gays porque as outras eram tudo caladinhas coitadas. Mas a gente, principalmente eu, porque era eu, era o Yago, o Deivid, era Elvis, era Rian... tinha mais um era o Lucas... só a gente que tinha aquela voz ativa pelo fato de que a gente já tinha outra fama por fora do colégio. As pessoas já conheciam a gente então já era mais fácil

Vocês já estavam no Afrobapho, já estavam dançando.

Já tínhamos nossa vida um pouco artística, hoje eu tenho mais. Mas o povo já respeitava a gente porque via a gente dançando em lugar, lugar, lugar... E sempre a gente teve a voz ativa

no colégio pra fazer projeto de dança e tal, sempre a gente dançava nos intervalos então o povo já via a gente . Então o povo já começava a respeitar

Então você acha que porque vocês já tinham essa fama de fora as pessoas da escola respeitavam vocês, você acha que isso já se estendia também para as outras gays, mesmo para aquelas que não faziam nada, não se movimentavam tanto... Você acha que porque respeitavam vocês também respeitavam as outras?

A gente tinha aquela repercussão toda na escola como os topzeiras assim da escola, assim de modo geral. Mas a gente também já ajudava... tipo isso também já era um exemplo... não querendo dizer que a bixa tem que ser conhecida pra ser respeitada, mas as bixas já viam a gente como um exemplo e automaticamente elas mesmo se fortaleciam entre elas. Então o colégio sempre foi muito... um visava o outro.

Você já sofreu algum tipo de preconceito, discriminação ou violência por ser gay e negro? Por uma das duas coisas ou pelas duas?

Sempre. Até hoje. 24... Não vou dizer 24 horas, mas é até hoje. Até mesmo pelas próprias pessoas que nos protegem, ou seja, os policiais, as pessoas na rua... eu prefiro andar em outro bairro do que em meu próprio bairro, porque aqui eu sofro mais piada do que em outros bairros que eu vou. Agora vejo que eu morro aqui há 19 anos e mesmo assim as pessoas não te respeitam... respeitam assim de modo geral, respeitam porque ... assim respeitam pro básico porque hoje eles me veem em revista, hoje eles me veem em holofotes na rua, hoje eles me veem em outdoor na rua, me veem na televisão, me veem dançando aí rola um respeitinho. Mas nem tanto como eu queria... que são um ou dois ou três esses meninos que não têm o que fazer, não tem história, não tem vida, que perturbam a vida dos outros porque não tem o que fazer, né. Quem tem o que fazer não perturba a vida dos outros.

Você pode falar o que são essas perturbações que eles fazem?

Piadas... piadas, piadas. Assim que me veem começa a rir... eu quero até saber o que ... eu me olho no espelho pra saber “o que tem em mim, gente, que eles tanto ri?” Sempre é assim: assim que vê já ri. Sempre que eles me vê e ri, a minha cara na hora... olho pra cara assim de nada e oh... aí eu penso: eu tô aqui vivendo a minha vida, suando, batalhando enquanto que eles estão aí e daqui a 20 anos eu vou estar numa vida, graças a deus, melhor que a deles. E eles vão estar aí na mesma merda. E eu vou passar de carro e eles vão continuar rindo, porque não têm educação, não teve disciplina dos pais e eu vou viver minha vida. Porque respeito a gente aprende de casa, né? Se não aprende de casa não vai aprender no mundo, ne. Isso n existe. Tem que ter educação de casa... então é sempre assim, coisas do bairro mesmo que eu não gosto. Por isso que eu passo mesmo com meus croppeds, não tô nem aí...

Você sai de casa montado, quando você pra festas, pra eventos...

Eu não digo montado, porque você botar um cropped, você botar um short, pra mim não é montagem. Montagem é quando você se monta de mulher, quando você se maqueia, quando você bota peito, quando você bota salto... isso aí é uma montagem. Agora quando você se identifica com uma coisa, isso pra mim não é montagem. Então, o que eu visto pra mim é o meu normal. Eu me visto assim para resolver minhas coisas, mas quando eu vou pra minhas festas eu me visto de cropped sim, que é algo pra mim normal, não só pra mim, mas pra maioria das

peessoas. E graças a deus tudo vai bem... Como eu falo, algumas pessoas falam “ah Caique, parece que você se monta”. Eu não me monto. Eu sou assim normal. Minha vida é essa. Pra mim não é montagem. Pra mim é o meu eu mesmo do dia a dia e eu me considero como uma pessoa andrógena, que andrógeno é assim. Eu acompanho muitas pessoas andrógenas no meu instagram que vestem... eu não sou assim 24horas, pra resolver meus problemas eu boto um camisão, boto sapato, boto uma calça... eu sempre gostei de calça... nunca usei shortinho curto pra sair porque eu nunca gostei de nada apertado. Nunca gostei de nada apertado, sempre gostei de usar coisa mais folgada e sempre gostei do meu cropped. Cropped é algo que não sai de mim nem que a vaca tussa, mas sempre, sempre eu falo com as pessoas ‘é algo comum’. A primeira pessoa a usar um cropped foi um homem, mas isso ninguém sabe porque ninguém estuda. Mas as pessoas ainda têm um pensamento muito pequeno, que infelizmente ainda vai demorar pra se abrir...

Você falou dessas situações que você vivencia aqui no bairro e também comentou que até por parte dos policiais, que deveriam proteger, você já sofreu

Pelo fato de eu ser negro primeiramente, e pelo fato de eles perceberem que eu era gay. Uma vez eu tava vindo de moto com um menino... não sei porque esses homens me parou, gente. Não tinha nada, gente. Tava vindo eu do trabalho cansado, aí eu peguei mototáxi. Eu detesto capacete então eu não uso capacete. Mas não foi por conta de capacete não. Eles fizeram isso porque viram um negro de cabelo loiro montado na moto. Aí madaram a gente parar. Aí mototáxi parou, eu desci da moto... eles gostam que a gente passe vergonha... desci da moto, botei a mão na minha cabeça, como sempre, né, eles mandam. Mandou a gente não olhar. Aí perguntou: o que tem na sua bolsa? E esse foi até educado, porque o que eu já vi, amor, foi muito grosso, de até me xingar. “O que tem na sua bolsa?”. Eu falei: tem um sapato alto, que eu trabalho com dança, tem cropped. Ai ele “tá, não precisa dizer mais nada não”. Eu falei “tá bom”. Peguei o resto das coisas e guardei minhas coisas. Ele revistou o mototáxi... E peguei e subi. O mototáxi falou: “eles são sempre assim com você, né?”. Eu falei: “eu já tô acostumado”. Mas eles não entendem que a gente trabalha é algo que trabalha com arte, eu sou artista e eles não enxergam isso e não respeitam (inaudível) porque é uma pessoa negra, porque se fosse uma pessoa branca na moto pintado de loiro ele não ia parar, ia deixar ir direto. Mas não pelo fato de eu ser gay, mas pelo fato de eu ser negro. Alguns ainda te jogam esse babado de você ser negro e gay, aí você vai ter que se ferrar mesmo. Mas o mais triste é quando eu sou revistado por uma pessoa negra, aí é que me dá raiva, fora isso...

Você que só perguntaram o que você tinha na bolsa, vc falou e eles liberaram

Teve uma vez aqui subindo... foi a pior vez... a pior vez que eu fui revistado na vida. Eu fui levar um negócio pra minha mãe numa casa aqui perto, vai eu e meu irmão. Meu irmão tava com o cabelo enroladinho e eu com o meu canelo loiro, que eu sempre gosto de usar. Menina, eu tava subindo eu e meu irmão, aí passou um policial... o carro da polícia passou assim na hora certinha... pra que? e falavam de um forma “bora, desgraça, bota a mão na cabeça”. E eu com meu irmão ... era meu irmão assim... e minha prima tava com a gente. Minha prima se afastou, ficou olhando e ele... tava ele e uma pfem. E eu botei minha mão na cabeça com a paciência de Jah... eu ja tava virado no istopô. E aí eles perguntando: “tá indo pra onde, tá indo pra onde, tá indo pra onde?”. Eu falei ‘estou indo levar uma coisa pra minha mãe, gato’. Ele teve coragem de pegar meu celular... ah se hoje eles fizessem isso comigo, iam levar um

processo porque isso é errado...eu podia denunciar ele por privacidade porque ele tá pegando meu celular e mandando eu botar a senha pra entrar no meu celular. Pegou o meu celular aí ele pegou e falou “ponha a senha”, eu falei “por que você quer que eu bote senha no celular, algo de privacidade, é algo meu. Mas eu vou botar, mostrar pra vcs que não tenho nada”. Pegou meu celular, viu eu toda colorida na capa do meu celular, de cropped, bem garota na capa, minha capa já era rosa. E mesmo assim ele não aquietou, achou que eu era traficante, ladrão. Aí ele pergunta se tá com droga. Agora você acha que eu vou sair de manhã cedo, hora de movimentação, eu vou sair com droga na mão pra que, se eu fosse traficante, gente?! Teria que ser muito burro. Aí ele: “tá com droga na mão?” Aí a pfem “então quer dizer que pintar o cabelo de loiro agora virou modinha, enrolar cabelo assim virou modinha”. E eu pensando: que ousadia dessa mulher, gente. Aí eu falei: não, meu amor. Né modinha não, é estilo, porque eu trabalho com arte, eu trabalho com isso, eu sou bailarino... e policial que era brabo mandando eu calar a boca: “cala a boca, desgraça” e eu não calava. Diogo; “cala a boca, caique” e eu “não vou calr não, eles vão me bater mas eu não vou calar não porque isso q eles estão fazendo é errado”. Depois de muito tempo ela falou “acho que você de algum lugar”. Eu “aah vc veio me reconhecer agora...” Ela me olhou e falou “você é artista”... eu falei “sou dançarino, trabalho com dança”. Eles pegaram, mandaram a gente ir, fecharam o carro e se mandaram... mas foram super grossos com a gente, eles não tem uma questão de... é o trabalho deles parar, tudo bem. Mas mesmo assim, né todas as pessoas que são traficantes ou tá no mundo das drogas, né todo mundo. Tem o trabalho sim de parar de revistar, mas pelo amor de deus vamos ter consciência que todo mundo n é igual n. Mas a maioria deles quando foi revistar tem sido assim grosso, xingando pra porra e depois eles saem com a maior calma, depois que vai ver que a pessoa não tem nada

Essas revistas... você lembra a região onde aconteceram?

Uma vez aqui na ladeira aqui de casa que a gente desceu agora. Mas as outras foram tudo longe, na rua

Como foi pra você ter estudado no colégio Bolivar Santana? Quais são suas memórias, o que ficou da escola?

Só lembranças boas. Não tenho o que reclamar do colégio não, nem das pessoas. A gente tem briga, né, que é normal a discussão, que é normal do mundo. Mas nada assim que me marcou de triste. Não, nada que foi muito forte, pelo contrário. Se você lá na escola e perguntar quem é eu, só vão dizer coisas boas porque eu nunca fiz nada na escola. Voltando pros professores... nunca tive nada de ruim (xwzy) eu não tenho nada que reclamar do colégio não, de minha parte

Qual a melhor lembrança que você tem de lá?

Da diretora me apoiar como presidente e... ser presidente de duas coisas ao mesmo tempo e de eu ter um comando na escola, sendo uma bixa preta afeminado e negro. Acho que foi uma das sensações melhores da minha vida que era poder... quando Edilene falava assim... “vc que vai resolver”. Aí era comigo mesmo... teve um belo dia que tava tendo um paredão na escola... os meninos levou caixote, levou isso, levou tambor, levou guitarra, levou... um paredão e eu só tô vendo o povo lá reclamando. Eu disse “perai que isso vai acabar é agora” e era um monte de hétero miserê, heterozão assim de bater testa. Eu falei não... Aqui era a extensão, tipo assim no colégio, no pátio. Eu saí, entrei no meio e puxei a extensão, desligou foi tudo. Aí povo só faltou

me matar. Eu falei “aqui não é bagunça não, viu?” Eu comecei a dar meu texto aí o povo ficou logo tenso “aqui ninguém é obrigado a ficar escutando as coisas que vocês escutam nas casa de vocês não. Procure o seu lugar, o lugar de vocês, aqui é uma escola, o lugar de aprendizado, quer fazer suas coisinhas, façam na casa de vocês porque aqui não é lugar de bagunça, viu, e eu como presidente aqui do colégio... vocês tem q ter o direito de respeitar cada um porque aqui ninguém é obrigado a ficar escutando as coisas de vocês, essas baixarias, suas poucas vergonhas, façam isso na casa de vocês”. Peguei e desliguei e saí, aí daí meu amor, as pessoas só faltou me matar. Eu só ouvia as piadinhas e eu bem na minha.. Depois quando eu fui embora, as mesmas pessoas que fez piadinha tava dizendo que sentia falta de mim na escola , vai entender

E a pior lembrança? A que você menos gosta ou preferia não ter vivido?

Rapaz, acho que minhas piores lembranças era de quando eu mudava meu estilo e as pessoas começavam a rir escondido. Quando eu mudava meu estilo de cabelo... que amava mudar o cabelo, botava várias cores, eu era muito colorido antigamente. Hoje que eu tô mais tranquilo, mas eu era muito colorido, as pessoas já me criticavam pencas por causa disso. Eu via os comentários assim de longe... já sentia um axé... e isso me deixava muito frustrado, mas era algo que eu dizia “ihhh isso não é pra mim não, viu Caique. Vai continuar usando seus cabelos sim que ninguém paga suas contas”

Mas isso não te abalava, não te fazia...

No começo me abalava porque eu tinha uma mente muito fraca, aí depois eu falei “não, lucas. Tem que respirar e ir pra escola é aprendizado”

O que foi que te ajudou a se fortalecer nesse sentido?

A vivência da vida. Foi conviver com as coisas, assistir as coisas, ler as coisas, ver as coisas... aí eu comecei a ter uma cabeça bem mais pra frente. Ai eu falei: “se ame, a gente tem que se amar primeiro pra depois amar o próximo”. Foi algo bem assim que eu aprendi durante muito tempo. E quando eu entrei no Afrobapho foi que eu aprendi mais ainda.

Primeiro você começou esse processo de fortalecimento sozinho, né, fazendo essa busca dessas coisas... algumas coisas aconteciam, né, porque você disse que via, vivenciava algumas coisas e isso ia te fortalecendo, mas você falou também de ler as coisas, ver as coisas. Vc ia em busca de informação, de textos...

Vídeos... dessas pessoas que falam muito em relação a um monte de temas assim. Não vou dizer pra você que... se eu dissesse que gosto de ler eu taria mentindo, mas eu sempre gosto de dar uma lidinha nas coisas. Eu tenho pessoas também que me explicam isso, um monte de coisas, e eu acabei aprendendo a trazer como exemplo...

Você disse que quando entrou no Afrobapho se intensificou, né. Como foi que aconteceu isso? No Afrobapho o que foi que você recebeu do coletivo?

Aprendizado. Foi algo que... eu aprendi muito o que era ser uma bixa preta afeminada, o que é realmente ser o racismo, o que era realmente ser o feminicídio, o que era realmente ser uma pessoa trans, o que era realmente ser estudada na questão de gênero, raça e sexualidade. Foi tudo lá isso que eu aprendi... Eu comecei a frequentar palestras com Alan que é o dono da

página e acabei aprendendo algumas coisas. Não vou dizer pra você que eu sou bem focado nisso, mas algumas coisas eu sei por causa do Afrobapho. Então, quando eu entrei eu aprendi várias coisas, que eu realmente tava vivendo naquele local e muitas vezes eu era aquele local. Então realmente eu queria aprender aquilo ou então eu ia ficar por fora das coisas

Você disse que foi lá que você aprendeu o que era ser uma bixa preta afeminada. Hoje se eu te perguntar o que é ser uma bixa preta afeminada, o que é que você me diria?

Hoje ser uma bixa preta afeminada é resistência. Hoje você ser uma bixa preta afeminada é ato de coragem. Hoje você ser uma bixa preta afeminada é ato de força, de determinação... de encorajar os problemas que te afeta... de você dá a cara a tapa sim, não ficar se escondendo por trás. Então hoje eu mesmo digo que eu sou uma bixa preta afeminada porque eu aprendi a superar coisas muito difíceis da vida. De o povo me criticar eu não tá nem aí... de pessoas pensarem que eu não ia crescer por eu ser uma bixa preta afeminada. Mas a pessoa esqueceu que... foca por esse lado e esquece que você tem um talento, que você tem isso... Mas cada dia é um enfrentamento sim da minha vida e eu espero muito, muito crescer mais... Pra mim, ser bixa preta afeminada é algo de força, é algo de determinação, é algo de coragem e eu acho que é o momento em que você realmente para pra pensar e vê que as oportunidades dão as costas pra você porque você é totalmente fora do padrão. Quando você é fora do padrão, be, pra você conseguir um trabalho, você tem que ser muito bom naquilo que você faz...

E mesmo assim, você sendo bixa preta afeminada em relação afetiva, você muitas vezes não consegue um boy pra namorar, você não consegue um boy pra ter relações sexuais porque muitas vezes ele quer te usar... pra te usar em relações sexuais e depois te jogar fora porque ele não quer te assumir porque você pode ser um exemplo muito ruim pros pais dele que ele pode te apresentar porque ele nunca ia querer apresentar você uma bixa preta afeminada de cropped e maquiagem, com um estereotipo totalmente do que os pais ou pessoas querem que seu filho namore. Então já é uma busca muito mais difícil ... então pra ser bixa preta você tem que ser realmente bixa preta pra você (XCV) a cara. É difícil, é babado.

Você falou agora das dificuldades de relacionamento para uma bixa preta afeminada. E na escola, vc chegou a ter algum relacionamento afetivo?

Tive, foi o melhor da minha vida. Foi um dos momentos mais importantes da minha vida. Foi quando eu me relacionei com um rapaz chamado Cleiton... que a gente se conheceu na escola, eu sabia que ele não era... tinha se assumido. Eu sabia que ele era gay, mas ele não tinha se assumido pra ele próprio e nem pros pais e durante o processo a gente se acompanhou, a gente cresceu junto. Ele me conheceu na minha fase horrorosa... uma bixinha feia coitada. Eu peguei ele na minha fase feia da vida, a gente cresceu... ele estudou no meu colégio, então a gente começou a crescer, crescer, crescer e aí a gente namorou. Quando ele me pediu em namoro, eu tinha 16, acho que ele tinha 17, eu acho, acho que é 17 ou 18. Ele começou... foi um príncipe... namorar com esse homem... durante 2 anos eu namorei com ele.

Mas isso foi no colégio. Aí ele saiu da escola, eu continuei estudando, namorando ele, aí eu terminei o ensino médio.... mas foi dois anos e foi muito bom. Em relação afetiva só tive um. Mas já fiz com muitos homens héteros da escola... dizia que era homem, mas que já fez encubado... aquele CAB mesmo que o diga. Já fiz com um monte de homem mesmo que era seu homão, seu machão, pegava viado e não era brincadeira. “Tudo bem, be? Como está?” – “tô

ótimo” – “me dê seu whatsapp”. Meu amor, é na hora. Aí eu pensava: cadê o homem, gente, que quer fazer com a bixa? Oxente menina...

Isso era no CAB ou na escola?

Na escola nunca hupei ninguém na escola não. Já me deram o texto, mas eu falei “não, me respeite. Aqui não escola é outra, aqui na escola eu sou um outro ser humano. Fora já é outros quinhentos”. Mas eu já fiz com muitos meninos que eram machão e no outro dia... vamos dizer, a gente fazia nossa brincadeira no domingo e na segunda-feira via ele na escola: era outro ser humano. E teve um dia que eu peguei... fiz com um menino e no outro dia... esse menino ficava “viadinho, viadinho, viadinho”... fiz com ele. No outro dia ele viu na escola, que um menino brincou comigo ele na hora me defendeu. Eu só dei uma olhada assim oh... Ah meu amor, aí foi na hora, na hora “ei não brinque assim com Caique não”. Eu falei “ahh muito bem” que se não falar com a bixa, a bixa mete a língua no ... ai ai, viu? Senão sua vida tá acabada. Porque eu não perco nada, você se disser que me pegou, você vai ficar queimado porque você que diz que é o hétero. Eu sou gay e todo mundo sabe

E quando você namorou com o menino do qual vc falou, vcs estudavam na mesma escola. Na escola vcs também eram namorados ou só eram namorados fora do muro da escola?

A gente não andava de mãos dadas porque era algo que a gente mesmo queria evitar críticas das pessoas. Mas teve um dia que a gente ficou na escola que alguma professora não gostou e chegou pra direção e falou. Foi pra Edilene, mas Edilene ama a gente, Edilene não ia dar bronca na gente. Mas Edilene falou “oh caique não faça isso não porque muita gente não entende, muita gente ainda não sabe, né, não respeita”. Aí foi lá e a gente acabou... ficar mas ficar escondido. Quando todo mundo... as tias desciam... as tias apoiavam né... “fica aí rapidinho, mas daqui a pouco vcs saem”. Aí a gente ficava assim bem rápido, mas a gente não ficava de mãos dadas não, nem nada senão as pessoas criticavam. Alguns professores não gostavam e alguns alunos também. Mas quando tinha casal de mulher e homem era tudo normal aí foi quando eu questioneei. Falei: “se não pode entre um homem e um homem, também não pode entre uma mulher e um homem. Porque também eles beijam na boca igual”. Aí pararam todo mundo...

Eu não vou dizer que aquele colégio é uma escola da diversidade, que aí eu taria mentindo, mas é uma escola muito mais liberal. Não tem aquela de “ah não pode”, “ah não é isso”. Não pelo contrário. A diretora... todos já sabiam que eu namorava com Cleiton, todos sabiam, todo mundo sabia, todo mundo mesmo. Então era um escola bem legal, as pessoas que estavam lá eram bem legais

Na escola, essas questões raciais e questões de sexualidade eram tratadas nas aulas?

Não, nunca teve. Nunca teve uma professora que chegasse numa aula assim: vamos ter uma aula sobre raça, gênero, sexualidade. Só no dia da consciência negra que tinha aula sobre raça, sobre cor... porque é o mês disso, né, tem uma data específica pra isso.

Eu fiquei sabendo disso [métodos contraceptivos, ists] depois que eu fui fazer meu exame de HIV que eu assisti uma palestra sobre isso...

Você sabe por que o banheiro do fundamental II fica trancado?

Aquele banheiro ali embaixo era aberto, mas fechou porque era uma baderna lá dentro. Uma baderna até de putaria mesmo, uma baderna... os meninos ficavam amostrando... eu que era gay amava, né? Os meninos ficavam balançando as coisas deles lá ... mas era bem fortinho essa ... tipo era muito... quebrava... era uma bagunça lá aquele banheiro... quebrava muita coisa... aquele banheiro ficou por muito tempo trancado e fez o de lá de cima pra não usar o de baixo. Mas o de baixo não funciona hoje mais, por conta disso. Nunca teve algo de forte, de estupro, essas coisas assim. Nunca teve essa coisa forte. Mas fechou pela bagunça que o povo, os alunos faziam...

Ai levava as meninas pra dentro do banheiro pra fazer... se bem que as meninas gostavam, ne... mas nunca... as tias brigavam, discutiam com os alunos, mas aí pegou e fechou

Os casais iam lá pra se pegar, fazer pegação?

Muitas vezes, muitas vezes sim, mais ou menos. Mas nunca teve essa questão de “ah o banheiro foi fechado por isso”, mas era porque era muita bagunça. Era uma quebraria de vaso sanitário, que quebrava direto... acho que se só tivesse menins na escola, meninas e gays, a escola seria mais tranquila

Você disse que os meninos ficavam mostrando o pinto...

Na verdade, não era eles que amostravam, era a gente que pedia. Isso era no tempo que eu não era nem... nada na escola ainda. A nossa sala era ali em frente ao banheiro aí chamavam “bixa, vem aqui na frente” a gente falava, né, as nossas osadias aí eles amostravam. Mas nunca ninguém pegou isso, mas fechou não por conta disso, fechou por conta da bagunça... o banheiro já era muito bagunçado, era muita agonia e as baixarias só ... podia entrar homem e mulher a escola queria que fosse algo homem e mulher aí fez a parte de cima, que é um banheiro pra homem e um pra mulher que na parte de baixo, se eu não me engano, era pra todo mundo. Era banheiro com várias portas e cada uma entrava... aí cada hora entrava um

APENDICE D – Entrevista com Cleiton

Como você se identifica com relação à sua orientação sexual e raça?

Minha raça é preta e gay, homossexual.

Pra você o que significa se identificar como um homossexual negro?

É meio que tipo... hoje em dia é até mais fácil. Eu acho que eu lido de uma forma mais fácil com isso. Porque hoje em dia as pessoas estão com uma mente mais aberta, entende mais as coisas. Mas antigamente eram beem difícil, ainda mais que tinha aquela coisa que as pessoas falavam que tudo que vinha do negro era ruim e tal. E tipo era aquela coisa que todo mundo tinha... eu mesmo vim de família religiosa, evangélica, aí era uma parte difícil você se aceitar como gay. Mas quando eu comecei a me aceitar, comecei a ver o que eu quis eu achei fácil. Eu acho, não sei...

Quando foi que você começou a se perceber diferente dos outros meninos?

Eu comecei aos 10 anos por aí... mas só tive coragem de conversar com meus pais aos 12

E com relação à questão racial? Você sempre se identificou como preto ou foi um processo de se perceber preto?

Antigamente eu falava que eu era moreninho. Falar assim 'sou preto' era aquela coisa de... pra mim preto era aquela pessoa muito escura, muito escura, muito escura. Eu comecei a me perceber foi quando eu entrei... foi na 8ª série quando eu entrei num grupo de dança afro, que também eu não gostava muito do 'afro'. Quando falava afro eu relacionava a candomblé e era aquela coisa de é coisa do demônio e tal tal. Eu comecei a me perceber como jovem negro, preto, quando eu entrei no grupo de dança, que houve um campo de visão diferente do que eu já havia tido.

Na escola você já sofreu alguma violência por ser homossexual? Tem lembranças?

Eu tenho... quando eu era menorzinho, minha voz era muito, muito, muito fina; muito, muito, muito fina mesmo. Aí era aquela coisa que eu tentava brincar com os meninos, tentava jogar bola, mas eu não gostava muito. Tentava jogar, fazer as coisas que as pessoas falam que homem tem que fazer por causa do meu pai e tal. E era sempre aquela coisa 'a bixinha tá jogando bola', aquelas piadinhas e tal. Era tipo um peso. Eu ia pro colégio como se eu tivesse brincando de fantoche. Eu tinha que me camuflar, as vezes eu queria brincar... quando os meninos me viam brincando de boneca com as meninas tinha aquela coisa toda... era babado.

O que era aquela coisa toda?

Tirando sarro da cara da pessoa, sabe? Falando 'olha a mulherzinha, não sei o que, não sei o que'.

Isso acontece em que período escolar?

Na terceira ou quarta série. Foi antes de eu ir morar com minha mãe.

E com os professores? Você percebeu algum tratamento diferente dos professores quando você se assumiu ou até mesmo antes?

Com os professores eu acho que eu nunca tive. Aliás a única lembrança que eu tenho é de um professor... na puberdade ... professora, que... eu dançava quadrilha, eu sempre gostava de dança. Aí eu dançava quadrilha e tinha que provar as roupas aí na brincadeira eu peguei a saia das meninas e vesti. Como eu dançava, eu sabia os passos das meninas e o passo dos meninos. E eu lembro de uma professora nessa época que ela falou 'ah isso é saia de mulher' eu falei 'é um figurino' e ela 'não, você não tem que usar isso. Você tem que se respeitar porque você é homem'. Ai eu tipo... tudo bom, tudo bem...

Você tinha mais ou menos quantos anos nessa época?

Foi na terceira série, eu tinha... foi antes de eu me assumir, eu tinha uns 11 ou 12 anos.

Você falou que é de família evangélica, mas agora você é candomblecista. Com foi isso?

Logo depois que entrei no grupo de dança, eu comecei... como era um grupo de dança afro, trazia também uma dança dos orixás e essas coisas. Eu meio que tinha receio de dançar, mas depois eu comecei a estudar.... praticamente eu queria saber o que eu estava fazendo e tal. Comecei a estudar, comecei a pesquisar sobre as coisas, comecei a pesquisar sobre o conto dos orixás, sobre a religião e comecei a ter uma visão diferente. Ver que não era nada daquilo que eu vinha aprendendo ao longo de toda minha vida, que era uma religião ruim, que fazia coisas horríveis e tal. E quando eu vi, não tinha nada disso. Eu tinha amigos que eram do candomblé e foi logo depois que meu pai me expulsou de casa, há cerca de dois anos, que eu fui morar na casa de um desses amigos, que era do candomblé e ele me convidou pra ir no ilê dele e eu, morrendo de medo, fui só pra ver. Depois eu comecei a ir, ir, até que eu entrei.

E você já fez o santo, a iniciação?

Não, ainda não.

E na sua família?

Minha mãe é da universal e foi aquela coisa. Até hoje ela fala 'esse é o caminho que você quer, o caminho do demônio' e tal e tal. Mas tem um respeito maior da parte dela do que pela parte dele (do pai). Quando eu sou, foi uma briga. Ficamos uma semana brigando por causa disso. Ele falava que o candomblé não dava emprego, não dava isso. Eu falava que a igreja também não emprego, não filho.

E aqui no Bolivar como você percebe essas questões de raça e sexualidade?

Aqui nessa escola, eu acho que por ser uma escola que tem um grande número da comunidade LGBT não tem tanto aquela coisa de as pessoas te atacarem de uma forma tanto verbal quanto física. Mas claro que tem aquelas piadas... eu acabei aprendendo, porque eu sou uma pessoa explosiva, eu sou uma pessoa muito explosiva. E tipo... é aquela coisa que eu tento não dar lugar, não dar ouvidos. As vezes quando eu vejo uma coisa eu me afasto e tal, procuro a gestão escolar, converso. Até agora, esse colégio foi o mais tranquilo que eu estudei.

A única coisa que aconteceu foi, no passado, um professor que tipo... ele se incomodava com o jeito que eu falava. Pela minha forma de falar. Eu chamava todo mundo de fofinho e essas coisas. Aí teve um dia que meu amigo, Danilo, falou de uma forma parecida com a que eu falo com todo mundo com ele. E ele não gostou. Ele falou que eu tava contaminando a sala. Eu perguntei pra ele se eu era doença. Ele falou 'você é, você está contaminando a sala'. E a gente começou a bater boca na sala, eu comecei a me irritar, a me estressar. Eu desci pra Karen (coordenadora pedagógica) e conversei com ela. E falei que isso era homofobia, que ele estava de uma certa forma me humilhando na frente dos alunos, falei que eu ia na secretaria de educação e tal. Ela tentou apaziguar as coisas e depois disso, depois de eu ter feito o arerê todo na diretoria, esse professor tipo que caiu na real do que ele tava fazendo e pronto. Mas não teve um pedido de desculpas e tal. Eu acho que Karen conversou com ele e ele mudou o comportamento.

Você continuou estudando com ele até o final do ano?

Não, ele era estagiário. E só deu aula no ano passado pra gente.

Com os outros professores ou com alunos você teve algum incidente?

Eu conheço muita gente de de manhã porque a maioria veio do Comboni (Colégio Estadual São Daniel Comboni). Mas tem alguns alunos do Bolivar que é babadinho, porque tipo...eu não sei porque eles já conhecem os alunos de de manhã de são também homossexuais e tipo, eu sou uma pessoa que eu sou explosiva, eu converso com todo mundo, gosto de brincar com todo mundo, mas parece que sei lá, é aquela coisa de tipo 'ah eu vou brincar com ele porque ele tem cara de besta'. Mas só que eu não tenho cara de besta. Se eu tiver é só a cara. Aí eles falam, tentam tipo soltar piadinha. Mas eu sou aquela pessoa que eu não vou levar desaforo pra casa e ele vir me bater eu vou bater nele igual.

E o que exatamente eles fazem?

E a pessoa passar e eles fazer "pum" (som de pum), aí tombam em você e se você falar alguma coisa eles vão em cima e eu vou em cima igual.

Qual sua melhor lembrança desse período que você estuda aqui no Bolivar?

Eu acho que foi a gincana, porque foi aquela coisa que os ânimos da... a mente de todo mundo tava focada na gincana e tal. E tanto o Bolivart, que é um projeto do colégio, e a gincana foram duas oportunidades de você mostrar um pouco de sua cultura, mostrar um pouco de sua vivência, é aquela coisa que dá liberdade das pessoas, tanto da comunidade LGBT, quanto os héteros e tal, mostrar um pouquinho da sua vivência e não tem... eu vejo, pelo menos, que nesses projetos não tem aquela coisa de discriminação por você ser gay, entendeu? Eles abraçam de verdade, dá todo apoio e tal. A minha melhor lembrança no Bolivar é essa.

E a pior?

Foi a do professor. Esse foi o dia que eu mais me estressei aqui.

Você já participou de alguma atividade promovida pela escola que tenha discutido raça e sexualidade ou um dos dois temas?

Até então, discussão na sala em caso de orientação sexual e empoderamento, eu nunca vi. O único professor que tem na programação escolar do que ele vai passar que ele falou sobre orientação sexual, que ele é professor de filosofia, tambuqui. Que, aparentemente, eu não sei porque ele não toca nesse assunto, que aparentemente ele é gay. Mas ele foi o único professor que tocou nesse assunto. Ele foi o único professor que eu vi que sentou e tipo...eu acho que isso faz parte da programação dele porque até tá no livro e na prova dele, na prova da primeira unidade, teve algumas questões falando sobre LGBT e tal. Ele foi o único professor que parou pra falar mesmo, que discutiu sobre esse assunto e tal. Mas fora isso, eu não vejo. Isso na disciplina de filosofia esse ano.

E o único projeto que teve foi a gincana que é da consciência negra, mas tipo... é aquela coisa de ter provas, mas não tem o conceito. Eles não dão o conceito do que é a consciência negra. É como se fosse uma gincana e o tema é consciência negra.

Você acha que pra um estudante que está chega no Bolívar pra estudar no 6º ano seria tranquilo pra ele se identificar como homossexual negro ou você acha que ele poderia encontrar alguma resistência?

Eu acho que é aquela coisa que na 5ª série é... pelo menos pra mim foi aquele peso de colégio estadual. Será que eu vou me adaptar? Será que é igual ao colégio municipal? Será que eu vou ver as mesmas pessoas? Será que vai ser a mesma coisa? Pelo menos pra mim foi assim. Hoje em dia eu acho que tá mais fácil porque... pelos professores, a gestão escolar, as pessoas ao nosso redor estar mais preparadas pra lidar com isso. Mas tipo, aqui no colégio, eu acho que o bolívar ainda falta muita coisa, tanto como cultura, arte, trazer um pouco disso pra o colégio porque eu acho que o colégio tem carência. Então não tem aquela coisa, aquela estrutura de falar assim 'poxa, você se identifica como jovem negro, você é negro'... não tem aquela coisa de trazer coisas da ancestralidade, trazer música afro, projetos afros. Eu acho que isso é uma coisa que dificulta muito. Quando você não tem uma... mudar um pouco o seu campo de visão eu acho que dificulta porque, pelo menos nos colégios onde eu estudei não... O único colégio que eu vi que tinha... trazer um pouco da cultura... tanto os professores quanto os alunos buscavam foi o antigo Sierra, que agora é o Herculano de Menezes. Foi o colégio onde eu participei do grupo de dança Orodance, que a partir daí eu consegui ter uma visão de que eu era um jovem gay negro e tal.

Por que você acha que os demais alunos do colégio não se interessaram em participar do projeto do jornal?

Eu acho que por conta disso, de o colégio não trazer um pouco de cultura pro colégio os alunos acabam não se interessando, tipo... não tem isso, eu não sei o que é isso, pra que eu vou participar disso? Quando você começa a enxergar, começa a ver que você precisa daquilo, que aquilo vai te beneficiar para algo e tal gera um interesse. Comigo aconteceu assim. Eu não tinha interesse, não queria nem saber de cultura e essas coisas, mas quando eu passei a ver que aquilo ia me beneficiar, que aquilo fazia parte de mim, gerou interesse. Eu acho que é uma via de mão dupla. Tem que ter interesse dos alunos, mas também tem que ter interesse da gestão. Porque se não tiver interesse de ambos os lados eu acho que não funciona.

E como é sua vivência com relação a raça e sexualidade fora do ambiente escolar?

O que eu sou na escola, eu acabo sendo fora também. Eu sou uma pessoa muito explosiva e se eu ver alguém de uma certa forma querendo agredir ou jogando piadinha pra uma pessoa que eu vejo que também é homossexual, que eu vejo que também passou por algumas coisas que eu também passei, isso acaba me irritando e eu tento defender aquela pessoa. Acaba que eu já passei por muita coisa, sempre quando eu ando, quando eu saio com meus colegas e tal, sempre tem um ou dois que solta piadinha. Fala 'ah o viadinho'. Eu tento não dar bola, passar, deixar ele batido e tal. Não dar uma resposta porque a gente nunca sabe o que a pessoa vai fazer depois. Mas nesse dia eu me estressei mesmo, porque eu vi ele batendo na trans, querendo expulsar a trans do restaurante, sendo que ela estava ali como todo mundo e ela é uma cidadã como todo mundo e tem todo o direito de, se ela se sentir bem em um banheiro feminino, ir num banheiro feminino. Se ela se identificar como mulher, eu acho que ela tem que participar porque ninguém tá ali pra olhar se ela é mulher ou não, ver as partes genitais dela pra dizer se ela é mulher ou não. Mas eu acho que hoje em dia a gente já conseguiu tanta coisa, já correu atrás de tanta coisa e tem todos esses direitos que a sociedade diz que a gente tem de querer ir no banheiro, mas só... cadê o dever da sociedade de fazer isso? De promover, de conscientizar as pessoas pra que elas aceitem mais. Porque, como eu te contei que o policial acabou me agredindo... ele como sendo um homem da lei, ele deveria dar essa gestão em vez de agredir. Ele deveria conscientizar as pessoas, falar com o segurança pra deixar, mas não. Ele agiu ao contrário, agredindo.

Você acha que aqui na escola estudantes gays e hetéros que namoram são tratados igual?

Minhas amigas que são lésbicas eu acho que é até mais suave pra elas que para os meninos que eu conheci. Não sei se eles ainda estão juntos. Mas no início do ano tinha sim um casal gay aqui no colégio mas eles não andavam muito... as vezes vinham de mãos dadas, as vezes ficavam juntos. Mas não tinha aquela coisa de se beijar. As meninas até que se beijavam sim no intervalo, as vezes na quadra e tal. Mas não era aquela coisa de... os meninos não ligavam muito, entendeu? Por causa de as meninas serem mulher é até mais fácil a aceitação do colégio do que eles verem dois homens se beijando. Com as meninas era sempre escondido, como os casais héteros daqui também se beijam escondido, aquele pitoquinho, olha pra pra ver se alguém tá chegando e pronto. Para os casais gays aqui do colégio, era o básico: abraço, pegar na mão e não tinha beijo e essas coisas.

Mas tocando nesse assunto, tipo eu acho que é aquela coisa: você não pode tomar banho no colégio e tipo, se tiver um menino tomando banho, eu não posso entrar no banheiro. A direção não deixa. Eu e qualquer menino gay do colégio não deixa entrar. Por que eu não sei. Acha que eu vou pegar o menino, né? É aquela coisa deles não deixarem mesmo. Isadora (vice-diretora) mesmo eu já discuti com ela várias vezes e falei... porque as vezes eu chegava quando eu trabalhava de manhã, eu chegava no colégio e queria tomar banho porque eu chegava 12h30 e eu não ia pra casa pra voltar. Eu queria tomar banho. Os meninos que fazem estágio têm vezes que eles se trocam no banheiro, tomam banho no banheiro e a gente que vem é aquela coisa que não deixa, entendeu?

Ano Passado eu tinha um amigo que... a gente tipo, ele não ficava, a gente se abraçava, ficava abraçado e tal. Um dia ele entrou no banheiro, mas só que eu estava conversando com ele. É vestiário e cada vestiário tem uma porta, dava pra trancar a porta por dentro. Ele entrou e eu entrei no banheiro junto com ele, fiquei conversando dentro do banheiro. Aí Isadora veio retada, falando 'saia do banheiro' e eu falei 'sim, fofinha. Se acalme. O que é que está acontecendo?', ela 'não, você não pode ficar no banheiro', eu falei 'sim, é um vestiário. Não é o vestiário masculino? Eu sou homem. Você quer que eu entre no vestiário feminino?', aí ela 'ah que não sei o que' e eu falei 'eu não vou pegar ele não Isadora. Se eu quisesse pegar ele, eu iria pra outro lugar, não ia pegar dentro do colégio' e saí. Desse ia em diante, ela não deixa a gente entrar, eu falo com ela, brigo com ela. Porque se os meninos jogam bola, eles entram no banheiro pra tomar banho, ficam de cueca, sai com tudo do lado de fora. Se a gente brincar, brincar de futebol ou baleô, ficar suado e quiser tomar banho ela não deixa. Porque ela não quer a gente perto dos meninos.

Como foi que a escrita, a poesia, entrou na sua vida?

Eu comecei a escrever... gente, o orodance foi uma coisa muito maravilhosa na minha vida. Através dele eu conheci... eu me conheci. E conheci também o sarau da Onça através do Orodance e numa dessas apresentações do Sarau da Onça eu fiquei até o final do Sarau e comecei a ver as poesias das poetisas e dos poetas e foi nessa época que rolou a repercussão de uma poesia... acho que é Religare, que fala de religião e tal, de uma menina que até passou na Globo... que a globo até pegou pra ficar passando nos comerciais e tal. Eu gravei essa poesia e fiquei recitando, recitando e aí eu comecei a escrever. Minha primeira poesia foi falando sobre cabelo. Eu tinha cabelo liso, dava pranchinha. Eu comecei a escrever, indo pra manifestações, indo pra mais saraus. Isso foi em 2015 ou 2016. Eu comecei a escrever poesia mesmo, ser militante, nessa época. Minha segunda poesia foi falando sobre racismo e a terceira foi falando sobre homofobia, que é a poesia que eu mais amo na minha vida toda.

Essas poesias foram inspiradas em questões suas que você queria colocar pra fora?

Sim, eu sempre falo isso que em todas as minhas poesias eu acabo escrevendo sobre acontecimentos que acontecem comigo ou com pessoas que fazem parte da minha vivência. Eu sempre procuro escrever coisas sobre minha vivência, que eu tenho propriedade em falar, porque não adianta eu escrever algo que se você perguntar o que você quis dizer essa poesia eu não souber falar.

Quando surgem as Winx?

As Winx foi uma coisa também que na minha vida que foi... eu era aquele garoto gay que não conhecia outro gay, não tinha uma referência. E tipo, meus amigos... foi aquela época de aceitação... a gente acabou se conhecendo numa época em que todo mundo tava se assumindo, dando a cara a tapa mesmo, falando eu sou gay, eu sou isso. Tomo mundo estava na mesma caminhada e acabou que um foi estruturando o outro, dando a mão e foi logo na época que eu entrei no Orodance, no colégio, que eu conheci dois deles: Anderson e Jonas. Jonas não era assumido ainda, isso foi um processo com aquele menino, foi muita baixaria. Ele falava que ele na era, eu 'você é!'. Era aquela coisa dele se espelhar em Anderson, porque Anderson, eu

creio, foi o primeiro jovem gay no colégio que dava a cara a tapa, falava que era gay mesmo, foi ele que eu conheci. Ele é Jonas, mas eu conheci primeiro ele. A gente se espelhava muito porque ele se maquiava, vestia short curto, dançava no colégio, fazia aquilo tudo. Então a gente acabou se espelhando um pouco e começou uma amizade entre nós três. Aí foi conhecendo, conheceu Ales, depois, por último, conheceu Fernando. A gente começou a um estruturar o outro, até quando eu fui expulso de casa eu fui morar na casa de Anderson com os pais dele e tal, depois minha mãe veio aqui e eu voltei a morar com meu pai. Depois a mãe de Jonas expulsou ele, a gente teve que... ele passou uma temporada... quando eu morei só, que eu morei um ano só, ele morou comigo. Aí foi um estruturando o outro. Eu acho que o que fortalece nossa amizade, o grupo foi aquela coisa de quando um precisou, todos estavam ali ajudando, porque todos estavam na mesma trajetória, todos estavam passando pela mesma coisa. Eu acho que foi isso.

E o nome Winx? Por que vocês deram esse nome?

Na verdade, esse nome foi uma brincadeira que acabou pegando. Como eu e Anderson, a gente gosta muito de dançar, a gente queria montar um grupo de dança, mas só que era aquela coisa que ia uma vez na vida, aí primeiro era Black Girls o nome, depois mudou pra outra coisa, depois a gente se afastou: cada um foi pro seu canto. E numa época a gente se reuniu de novo e quando a gente se reuniu a gente tava brincando, na resenha a começou a dizer que era fadinha e teve uma hora que a gente falou nas Winx, aí uma 'ah eu sou Estela', ah eu sou Blum, a outra ah eu sou Flora. A gente começou a ir pros lugar e os meninos 'as Winx, caralho!'. Aí foi pegando, pegando, pegando e ficou até hoje. E todo lugar que a gente vai é As Winx

"Eu acho que esse colégio foi o mais suave, até porque quando eu vim pra cá, eu tava bem preparado por conta de tudo isso. O Comboni e o Sierra foram colégios que prepararam muito a gente, me preparou muito. Foi aquele colégio que deu assistência. Você é gay, a gente tá aqui, tá de apoio, trazia um pouco disso, tinha projetos que você podia falar, você passava o ano todo quieto, mas quando tinha um projeto de dança você falava 'ah, agora eu vou ser viado. Agora eu vou botar um shortinho, vou dançar um funk'. Era aquilo que o colégio dava uma assistência pra você mostrar um pouco de sua personalidade, um pouco do que você queria demonstrar. Naquela época, eu não escrevia, então a melhor forma de eu expressar o que eu vivia era através da dança. Então era 'ah eu vou botar um funk, vou botar uma música sim'. Aí veio o afro, comecei a dançar afro e foi aquela coisa toda, que eu fui me preparando, me fortalecendo e quando eu cheguei aqui no Bolívar eu já tinha tudo isso, minha mentalidade já estava bem formada, já estava bem preparado para o que poderia vir. Então, foi isso.

APENDICE E – Entrevista com Danilo

Você se identifica como homo ou como bissexual?

Como bi.

E com relação a identidade racial?

Antigamente eu tinha uma pele muito escura e eu tinha muita vergonha porque as pessoas ficavam colocando apelido e tal. E agora, acho que depois que eu fui crescendo a minha pele foi ficando mais clara. Mas hoje em dia eu vejo de outra forma a pele negra, que ela tá tomando espaço..

Você lembra quando passou a se identificar como negro?

Foi quando eu tinha 17 anos, foi aí que eu me identifiquei bastante. Como as pessoas botavam muitos apelidos em mim, me criticavam muito por minha pele ser muito escura mesmo...

Que tipo de apelido?

Cuscuz queimado, Mussun, meio mundo de apelido assim.

Quem era essas pessoas que colocavam apelidos?

Família, amigos... mas depois que eu fui crescendo, eu vi muitos negros na mídia, em redes sociais, coisas assim, eu fui me identificando. Eu acabei me aceitando, minha pele é negra mesmo.

E como bissexual? você lembra quando você começou a se identificar como bi?

Foi em 2016 quando eu fiquei com meu melhor amigo. Eu já era apaixonado por ele, sentia atração, mas não falava. Eu esperei dois anos e tirei meu BV através dele e ele não sabe até hoje... Eu gostava dele bastante e ele sabia, mas ele falou que não gostava de mim, que me via como amigo, aí eu esperei, esperei... Eu falei 'não, você é o amor da minha vida', naquela época eu era muito novo, né? Coisas de adolescentes... E eu esperei, mesmo sem saber se ele ia me querer, se ele ia embora, e foi que aconteceu...

Você se identificou como bi de imediato ou em algum momento achou que era gay?

Em 2016 foi a primeira vez que eu tive uma relação com um homem, mas eu já ficava com meninas.

Quando eu passei na escola apresentando o projeto, eu falei da preferencia para homossexuais negros, e depois você mandou mensagem perguntando se teria problema falar de bissexual. Primeiro eu gostaria saber o porquê de você querer participar do projeto. Eu apresentei como sendo para meninos homossexuais, você já se identificava com bi e ainda assim quis participar. Então eu queria que você me contasse por que você quis participar.

Eu quis participar do jornal porque é uma oportunidade e o seu trabalho ele fala de vários temas, mas eu fiquei mais voltado para essa entrevista de agora porque tem muitos jovens como eu que não se assum... tem medo. Tem medo do que as pessoas vão falar, da família... mas

como eu já tô mais acostumado já, eu vejo amigo meu me aceitando, boa parte da minha família que sabe sobre mim, me aceitando. Aí eu falei 'vou contar no jornal'

Como foi pra você o processo para se identificar como bi? Você passou por algum preconceito da família ou dos amigos, na escola? Foi difícil pra vc?

Até hoje é difícil porque muitas pessoas falam que é mentira, falam 'ah é mentira, você só gosta de homem, você não pega nenhuma mulher...'. Eu falei; 'gente, cada um tem sua opção, se vai ficar ou não...'

Quando você fala sobre sua orientação você ainda ouve esse tipo de comentário?

Na maioria das vezes sim, a pessoa que eu só pegue o sexo masculino, só porque meu jeito... Eu falo 'gente, eu sei separar as coisas'. Só porque eu fico com esse meu jeito afeminado que eu vou ser assim junto com uma menina, eu sei colocar de lado.

Depois que você passou a se identificar como homossexual, você sofreu preconceito de meninas com quem você tentou ficar? Eu pergunto porque conheço relatos de meninos que são bi, mas não dizem para as meninas que são bi porque as meninas não gostam de ficar com meninos que já tenham beijado outros rapazes. Você já sofreu esse tipo de preconceito?

Depois que ela descobriu que eu era bi ela ficou tipo "aah eu beijava sua boca e você beijando boca de homem que isso e aquilo. Isso já tem até um tempo já, mas depois ela mesma se identificou como bi

E com relação á questão racial, você já chegou a ter vergonha em se assumir negro?

Muitas pessoas falavam que quando a pessoa não sai de casa a pele fica mais clara porque não toma sol... Então quando eu não me aceitava muito, eu pensava isso: ficar em casa pra ver se minha pele clareava. Cheguei até a comprar produto pra tentar clarear minha pele. Mas depois que eu vi que minha pele era linda, tinha melanina e esse brilho todo, eu falei: 'gente! Minha pele é linda. Por que eu tô fazendo isso?'. Foi aí que eu comecei a me aceitar. E pra você ter uma ideia de que eu me aceitei bastante... na maioria das vezes quando eu tiro foto, eu nem boto efeito. Tem muita gente que bota efeito na foto e a cor muda e eu deixo minha cor normal.

O que você acha que te ajudou a se aceitar com relação a sua cor e sua orientação sexual?

Foi os movimentos... minha mãe também que ela sempre quis ser negra mesmo, negona. Então foi os movimentos, a mídia também ajudou bastante, algumas mídias ajudou bastante. Tipo assim: a mídia hoje em dia ela tá botando movimentos negros na televisão, mas na minha opinião não é o verdadeiro negro, porque eles buscam mais aquelas mulheres de cabelo cacheado, morena da pele mais clarinha. Não pega aquela negra mesmo, cabelo crespo, lábios grossos. Então eu acho que tá perdendo muito isso. É que nem o black. Eu até falei com Cleiton que eu ia fazer uma poesia sobre isso. Algumas pessoas não sabem, mas eles tão querendo mudar o verdadeiro black, a raça negra, hoje em dia você o black mais cacheado, volumoso, raramente você vê uma pessoa que quer ter black crespo. As pessoas acham feio e usam

produtos pra cachear. Tem muito jovem negro que não se aceita e usa produto pra cachear. Então eu acho que a mídia tá querendo colocar esse negócio... negro, essa raça negra, eles tão querendo modificar.

Na escola você já sentiu algum tipo de discriminação com relação a você?

Na parte racial eu nunca fui discriminado não, mas assim... foi só uma vez só, na brincadeira, de um menino do fundamental que disse que não gostava de viado, que isso e aquilo. Mas eu falei com Izabel e ela reclamou com ele e desse dia pra cá nunca mais aconteceu isso. Foi no primeiro ano. E tipo assim, o Bolivar é um colégio que ele aceita bastante pessoas LGBT. É claro que tem seus momentos, mas eles aceitam bastante, não tem discriminação, esse negócio de homofobia não. Tanto é que lá tem até pinturas, você viu?

E com professor, você lembra de alguma piada, algum comentário depreciando LGBT ou depreciando negros?

Teve uma professora, não foi caso sobre a sexualidade, foi racial. Ela tinha falado que era pra mim usar produto pra clarear a pele, que era muito escura. Mas eu deixei pra lá, não falei com ninguém, não falei com a direção. Eu falei que gosto da minha pele. Foi no primeiro ano, a gente tava normal na sala. Todo mundo tava indo embora e eu fiquei com ela, eu sempre ficava com ela, e ela foi e falou isso. Eu tava mostrando a foto de Thais Araújo pra ela, que foi algum trabalho que teve lá

Como você se sentiu com relação ao comentário dela?

Eu me incomodei principalmente do jeito que ela falou, ainda mais com aluno. Mas só que eu tenho apoio de minha prima, minha prima me apoia muito, ela é uma menina da pele mais clara e o sonho dela é ter minha cor e ela usa bastante esse negócio racial: roupa, brinco, cabelos e tudo isso me fez com que eu não ficasse chateado não.

E você se lembra de casos de violência e discriminação que você tenha presenciado com outros meninos?

Hoje em dia, as pessoas estão se aceitando mais, mas tem muitos meninos e meninas do fundamental que tem essa opção também e eu vejo os comentários das pessoas falando 'oh lá! o viadinho pequenininho já, crescendo nesse ritmo'. Eu acho que a escola tem que criar um projeto ou fazer alguma coisa porque, as vezes, até por uma palavra pode acabar atingindo uma pessoa, ainda mais quando é um jovem de doze, treze anos por aí, que tem medo de se assumir e expor sua vida. Eu já vi os meninos xingando um menino que tem lá, chamando de viado, que era pra ele ser homem, que isso e aquilo. Também já vi comentários, foi comigo, uma menina falou... ela sabe que eu sou bissexual... 'mas se um dia você se casar com uma mulher e ter filho, você não vai ser homem'. Só porque eu tive relação com outro homem ela falou isso. Eu falei: minha filha a vida continua, ninguém sabe do dia de amanhã

Quando você chegou no Bolivar você já tinha uma identidade como bi e como negro, então os comentários das outras pessoas não te afetavam tanto porque você já sabia o que queria...

Na verdade foi assim, quando eu era oitava série, eu ia lá e ia cá. Eu ficava... eu queria expor o que eu tinha dentro de mim, minhas fantasias, minha... a dança mesmo que eu gosto muito, me amostrar, mostrar quem eu realmente sou. Mas eu ficava muito com medo, aí quando eu fui

pro Bolivar... no Bolivar já tinha pessoas que se aceitava e tudo isso me ajudou. A escola mesmo porque... o desenho... assim que eu cheguei e vi aquele desenho eu achei muito bacana porque a maioria da escola não tem coisa pra representar a diversidade

E você acha que pra um menino ou menina que agora na escola no 6 ano seria tranquilo se assumir na escola?

Eu acho que tem essas brincadeiras, mas como hoje a diversidade tá tomando um espaço bastante, eu acho que pra ele vai ser tranquilo, mas tem muita piadinha que eles devem sofrer, algumas coisas assim. Mas no Bolivar porque lá tem... na direção mesmo, pessoas que trabalham tem também essa orientação sexual, não vai deixar isso acontecer. As tias mesmo elas não gostam que maltratem pessoas que tem a sua sexualidade. Eu mesmo já vi um grupo de meninos xingando um outro menino do fundamental e elas chegou pra ele falou que aquilo era feio, que aquilo era crime e então isso ajuda muito na escola. Até os próprios colegas mesmo, os meninos que são héteros, a maioria deles não gosta. Fala mesmo. 'Isso é crime, isso é feio, respeite ele'

Eu perguntei isso também pensando naquele menino que ia participar do jornal e acabou não participando.

Foi com ele mesmo que isso aconteceu. Eu acho que ele não participou por conta disso: como ele é novo, muitas pessoas iam ler e talvez ia chegar na mãe dele. Eu acho que foi por isso que ele não participou do jornal. Porque tem muitos colegas que moram na rua dele, então eu acho que foi por conta da família porque na escola ele fica bem tranquilo do jeito dele...

Outra coisa que eu fiquei me perguntando é; se a escola é um ambiente tranquilo para essas questões, por que só apareceram duas pessoas interessadas em participar do jornal?

Tinha um amigo meu que ele queria participar, mas ele não participou do jornal porque achou ia ser divulgado que muitas pessoas iam ver, ele falou que na família dele não queria que ninguém soubesse. Muitas pessoas não participou não foi nem por questão da escola, mas foi pelo seu lado pessoal, na família. Eu acho que foi por causa disso. Porque tem muita gente... lá tem muitos meninos que são bissexuais e iam ser bastante criticados na família e não gosta de expor sua vida.

Você acha que tem muitos meninos bissexuais na escola?

Tem. Logicamente. Eu já fiquei com vários.

Mas eles se assumem como bissexuais?

Eu conheço um que ele se assume comigo. E na escola ele lá e eu cá.

Qual sua melhor lembrança desses três anos que você estuda no Bolivar?

Uma que eu gostei mesmo foi a gincana do ano passado. Nossa sala era a pior sala. Todo mundo brigava e na gincana todo mundo se uniu e a gente nunca imaginou que ia ficar em segundo lugar. A gente ficar em primeiro, mas muita gente não levava fé na gente, falava que a gente não ia ficar em colocação nenhuma, que nossa sala era a pior turma, muito bagunceira. A gente fez as tarefas tudo certinho, apresentação muito bonita que os professores elogiaram e o que mais marcou foi isso, foi a união dos alunos, da turma. Tinha gente que desde o começo

da aula não falava com a outra, mas na gincana falou, tirou foto, um maquiou a outra. Então, eu acho que o momento que mais me marcou no colégio foi isso.

E negativo?

Alunos que desrespeitam os professores. Eu acho que tudo tem um limite, sabe? Eu acho que por mais que alguns professores sejam chatos, tem muitos alunos lá que eles poderiam se corrigir porque depois da escola... a escola é um ensinamento, ela é nossa segunda casa e os professores também eles estão ali pra ensinar e tudo mais. Acho que deveria ter mais respeito pelos professores, porque hoje em dia na escola o professor não é mais autoridade não. Hoje em dia aluno fica debatendo com professor. Tem professor que é insuportável, mas eu acho que falta muito respeito ao professor.

Em algum momento você percebeu que os professores duvidavam da capacidade sua ou dos outros alunos da turma?

Muitos professores. Na gincana mesmo eu já ouvi professores falar 'não sei pra que eles vão competir se é a pior turma. Por mim já estava desclassificado'. E pra você ter ideia, todas as salas se uniu contra a gente. Imagine?! E mesmo assim a gente foi na frente, foi e foi e consegui. E a gente ficou muito feliz de ficar em segundo lugar.

Na escola, você já participou ou lembra de ter acontecido algum evento (aula, seminário, palestra ou debate) pra tratar de questões de sexualidade ou de raça?

Sobre a sexualidade eu nunca vi não. Tipo chamar todos os alunos, se reunir pra falar sobre aquilo eu nunca vi não, mas lá eles não levam isso pra escola. Mas eles levam a dança, pintura, pra representar o movimento LGBT.

E nem nenhuma aula?

Tem dois professores lá que gostam de falar sobre isso, que é Tamburque e Cláudio. Eles gostam de falar sobre sexualidade, eu vejo que eles gostam de falar. Mas tem muitos alunos que não ligam não. Eles falam em sala, é tipo um bate-papo.

E sobre a questão racial? Discriminação, racismo, contribuições da cultura africana?

Eu vejo isso na Sexta-feira Cultural, quando é poesia que tem muita gente que leva sobre isso: a raça, sobre o negro. Então eu vejo isso mais na poesia, mas em sala de aula eu não vejo não.

Por que o banheiro do fundamental está trancado?

No meu ponto de vista fica trancado... Quando eu estava no primeiro ano, o banheiro ficava trancado porque os alunos faziam coisas erradas no banheiro, aí a direção proibiu...

O que são coisas erradas?

Ficavam namorando, bagunçando, aí a direção proibiu. Aí tem a tia que fica lá na porta do banheiro

Quais alunos que ficavam namorando? Eram os alunos do fundamental, alunos do ensino médio?

Só do fundamental, porque só quem é da parte de baixo tem acesso àquela parte de baixo, o ensino médio não tem acesso lá embaixo não.

E quem eram esses casais?

Era tudo misturado, menino e menino, menino e menina, casal hétero, casal lésbico, casal gay. Eu mesmo já fiquei no banheiro.

A direção ficou sabendo disso?

Eu acho que sim, por isso colocou a tia na porta do banheiro.

Ao falar de seus sonhos e projetos de futuro, você já sentiu que algum professor desacreditava no seu potencial?

Já, até hoje. Tipo assim, eu pretendo fazer muitas coisas, mas eu quero estudar artes, ser comissário de voo e ser tradutor. E muita gente fala que é difícil, que é isso e aquilo e bota dificuldade. Eu acho que é difícil sim, mas nada é impossível.

Você já falou disso com algum professor? O que ele disse?

Já, foi Aloísio. Eu disse que quando a gente é jovem é assim mesmo, a gente fica muito indeciso. As vezes muito jovem... a profissão que ele quer seguir... não faz a faculdade que ele quer por conta do trabalho, da casa... eu tenho uma prima que o sonho dela é estudar medicina. Ela concluiu o ensino médio, mas ela não pode estudar porque tem que trabalhar. Então, eu acho que falta muita oportunidade, sabe? Muitos sonhos estão sendo destruídos por falta de dinheiro, falta de oportunidade. As vezes as meninas engravidam cedo porque não tem oportunidade. Se uma menina focas... tipo assim, tivesse a oportunidade de um curso que ela gostasse, eu acho que ela ia pensar mil vezes antes de engravidar, entendeu? Corre risco sim, porque tem que usar preservativo e tudo mais, mas ela não ficava com pensamento de sexo. Porque a maioria dos jovens, hoje em dia, só pensa nisso: em droga, farra, sexo... se elas tivessem essa oportunidade, eu acho que muitos sonhos não seriam destruídos, entendeu?

Eu vou fazer só mais duas perguntas pra terminarmos e seu eu precisar de mais informações eu te procuro depois.

Eu queria falar um pouco da religião. Quando fala em homossexual, bissexual ou qualquer coisa se referindo ao sexo oposto, as pessoas critica bastante, tipo assim... quando dois homossexual vai pra igreja... na bíblia tá falando que aquilo é errado, mas no meu ponto de vista eu sou bastante criticado nisso e... eu queria tanto falar nisso. Eu queria falar pras pessoas que não importa a religião que você tenha, sua religião que aceite sua orientação sexual. Eu acho assim que na minha opinião, deus é amor, deus vai amar todas as pessoas do jeito que elas são, sabe? E eu acredito, eu sou do tipo de pessoa que tem bastante fé, eu acredito

no amor e no perdão para todos. Não importa sua religião, se você é do candomblé, ou se você é ateu, se é evangélico, se é católico. Eu acho que não importa, acho que o importante é que deus é amor e eu acredito nisso bastante. No amor e no perdão para todos.

Na igreja, a maioria das pessoas que me conhecem e sabem da minha orientação sexual, elas não me criticam muito... tipo assim, não fala; tipo assim, não fala 'ah danilo, você sabe que isso é errado, que tá na bíblia que isso e aquilo, que deus condena'. Nunca uma pessoa da igreja me chegou pra falar isso. E já pessoas que tem a mesma orientação que eu já chegou pra falar isso. Muitas pessoas mesmo. Não só da escola, de família mesmo que sabe chegou pra mim e falou isso. Então eu vejo o ponto de vista... muitas pessoas homossexual, que tem essa opção sexual, estão se afastando da igreja por causa disso, porque as pessoas criticam bastante. Elas acham que só aquela religião que aceita. Na cabeça delas, elas acham que uma igreja nunca deve aceitar aquilo, entendeu? A igreja não deve aceitar nada disso, mas como deus diz, ele é amor. Então quem aceita tudo isso é ele, que gosta.

Lá na igreja mesmo, um tempo aí, foi um travesti. E lá tipo assim, o povo ficou assim olhando, mas ninguém nunca chegou, até o pastor mesmo num chegou 'ah deus tem um plano na sua vida, que isso vai mudar, que isso é maldição, que isso e aquilo'. O pastor respeitou e foi um tempo de vigia. Ele ficou lá até o amanheceu e ficou todo mundo, aceitou ele, recebeu ele bem, ele tomou café com o pastor, com todo mundo lá. O que eu gostei do pastor que disse... o pastor chegou ler, ele falou 'oh jesus te ama e deus é amor'. Então ele se sentiu confortável, se ele foi até lá e ele foi bem recebido, então ele vai voltar. Não importa se ele vai mudar ou não, mas se ele tá se sentindo bem naquele local, as pessoas tratam bem, como deve ser tratada, eu acho que ele sempre vai voltar, vai chamar os amigos dele. Porque muitas pessoas no lado LGBT, eles praticamente condenam, que a igreja não deve aceitar. Um dia desses mesmo eu falei com meu amigo, ele tinha uma religião. Aí ele 'ah que não aceita, que já viu uma igreja aceitar homossexual, que isso e aquilo'. eu falei: 'vem cá, você acredita em deus?'. Ele 'sim'. Aí eu falei que eu acredito que deus gosta da gente como a gente é e vem cá, se pra você, você acha que pessoas LGBT que frequentam igreja é errado, que deus condena, por que você segue a outra religião?

Qual religião que ele seguia?

O candomblé. Aí eu falei 'por que você segue se você sabe, na sua cabeça, você pensa que se não for pra igreja e não mudar seu jeito, como a pessoa diz que você vai pro inferno, você vai morrer, isso e aquilo. Você sabe de tudo disso e por que você não muda?'. Então tem muito esse preconceito, sabe? Muitas pessoas lgbt não aceitam que lgbt frequentem a igreja. E eu acho isso super errado.

Você pratica ou frequenta alguma religião?

Eu frequento a igreja batista. Há uns cinco anos, mas não sou batizado não. E as vezes eu sofro muito por isso. Quando um homossexual ou bissexual vai pra igreja as pessoas criticam muito. Ontem mesmo eu fui criticado porque falou que todos os homossexuais ... um amigo de uma pessoa aí falou que todos os homossexuais só servia pra servir a religião do candomblé. Eu falei nada a ver.... Na igreja que eu vou as pessoas me tratam super bem, elas não aceitam porque elas têm sua religião, sabe? Mas elas nunca me discriminaram, nunca falou nada, sempre me tratam com amor e carinho

Mas elas sabem que você é bissexual?

Algumas sabem, mas mesmo assim sempre me tratam da maneira correta, nunca falou nada.

Quando você começou a frequentar a igreja?

Tem cinco anos já.

Por que você quis ir?

Na verdade foi minha irma, minha irmã ia e fazia curso lá, aí um professor lá... eu chamo ele de professor. Ele me recebeu muito bem. Aí como eu gosto desse negócio de arte, tecnologia e ele trabalha com isso e sempre me apoiou eu acabei indo e gostando. Até hoje. Ele já pagou curso pra mim, as vezes as coisas assim que eu preciso ele fala 'danilo, qualquer coisa, fale comigo, eu te botar nos cursos'. Então assim sabe, eu senti o amor dele por mim. Mas eu não vou pra igreja por questão de bens materiais. Eu vou porque eu gosto mesmo, sabe? Eu gosto de cantar, eu gosto de dançar.

Você se apresenta na igreja?

Eu se apresento. Eu danço. Todo mundo até gosta. O povo fica lá 'danilo, dance que você tem o dom da dança...'. eu monto teatro, eu arrumo ... tipo assim tem o dia lá especial, tudo eles deixam isso comigo porque eles falam que eu sou bem criativo, que eu sei decorar bastante as coisas. Então eles gostam bastante.

Você lembra de algo que algum professor que desacreditou nos seus sonhos tenha te dito?

Eu falei pra um professor que meu sonho era ser isso, trabalhar nessa área. E ele falou 'ah, mas você tem que trabalhar porque você tá chegando a idade, tem que trabalhar, que você não pode ficar escolhendo'. E eu falei 'vem cá, essa profissão que você escolheu de ser professor, você escolheu ou fez por fazer? Porque quando a gente trabalha numa área a gente tem que gostar, sabe, gostar do que está fazendo. Aí ele ele foi e ficou calado, não falou mais nada.

Hoje se você pudesse modificar algo na escola, fazer uma melhoria para os alunos que continuarão lá, o que você faria?

Eu até pensei em fazer projeto, mas eles nunca aceita. Eu penso em colocar cartazes não só sobre orientação sexual, mas também sobre as mulheres, a respeito dos pais, a respeito da educação nos pais. Falar sobre educação. Tipo cartazes espalhados na escola, colorido. Pensei já em decorar as salas. Montar um projeto, mas isso nunca é aceito.

Como líder da turma, você já apresentou suas propostas?

Tem muita área fechada ali que tem terra que eu falei: gente, a gente poderia criar um espaço pros alunos ficar, com banquinho de pneus, coisa recicláveis, um jardim ou então plantação. Mas eles nunca... fala que vai pensar, que vai resolver. Eu acho que se eles colocassem mais projetos na escola, muitos alunos iam largar a droga, muitos alunos que brigam na escola, tem dificuldades, iam começar a gostar dos projetos, participar e a escola ia ser um ambiente bem respeitado, um ambiente de lazer, um ambiente saudável.

O que significa na sua vida ser um bissexual negro?

Quando eu me identifiquei como bi, muitas pessoas já achavam que eu era gay. Mas desde pequeno eu pretendo ter família, ter filho, família tradicional. Aí eu sou bastante criticado porque a maioria das pessoas falam que 'ah danilo, você é gay. Por que você não assume logo? Isso de que você é bissexual é só uma fase'. E aí eu falo: gente, se eu gosto. É aqui o momento. Eu posso conviver com homem cinco, dez anos, e eu posso conviver também com uma mulher, se eu gostar, ter filhos, continuar minha vida, entendeu? Muita gente não aceita que eu seja bissexual.

Minha mãe é tipo como eu, desde pequena ela sempre gostou de mulher. Mas só que ela sempre queria ter família, ela quer ter filho. Dentro dela mesmo, ela sempre pensou nisso, então ela era muito criticada, entendeu? Mas naquele tempo era muito difícil dela se assumir, ainda mais que minha família é religiosa. Minha família toda é religiosa, então quando ela se assumiu assim.... eu nunca tive problemas com minha mãe, mas tive problema com a família. Já chegaram gente da família... eu até nunca vou esquecer isso, quando eu tinha 8 anos de idade, minha mãe sempre me levava pra escola eu e minha irmã, e chegaram pra mim, uma pessoa da parte da família e falou que era muita vergonha eu andar com minha mãe, porque aquilo era feio, duas mulheres tá andando com o filho. Eu nunca falei isso pra minha mãe, acho que até hoje ela não sabe

Vocês já chegaram a conversar em algum momento sobre a orientação sexual dela?

Eu lembro de quando eu tinha 8 anos que ela se assumiu mesmo, ela falou ' danilo, não ligue pra que as outras pessoas falem não, o importante é que eu te amo'. Aí eu nunca tive problema

O fato de sua mãe ter se assumido como bi/lésbica, te ajudou de alguma forma?

Eu acho que eu sou assumido pelo meu jeito, mas eu não gosto de falar. Tipo assim, eu sou gay, aí amanhã ou depois as pessoas acham que eu não posso ter um relacionamento sério com uma menina porque eu fiz coisa lá atrás com o meu sexo oposto. Eu penso muito nisso. Por isso que eu não me abro muito, que eu sou isso ou aquilo porque amanhã ou depois eu sei que eu sou sofrer bastante, porque eu pretendo ter família. No meu caso, é uma opção minha, mas é o momento eu posso namorar um homem aqui e amanhã namorar uma mulher lá.

APENDICE F – Entrevista com Karen

Quais são as ações que a escola desenvolve para abordar os temas de sexualidade e raça?

Na verdade, a escola até o momento que eu estou aqui, eu não lembro de termos feito um projeto específico para essas questões. A gente faz um projeto e todos participam. Desde o início, o que eu percebo é que a escola é muito acolhedora para essas questões, com o respeito que é o que tem de acontecer. O respeito á diversidade, ouvir, acolher... Nunca aconteceu, que eu lembre, um projeto voltado pra esse tema, com essa temática. O que existe são vários projetos, por exemplo, com relação a sexualidade, o professor de biologia e de ciências fazem projetos menores com as turmas que eles trabalham, que envolve essa questão. Então há essa discussão, há essa abertura... os professores dessas disciplinas são professores que tem uma linguagem beam... que os alunos têm essa troca. Não são aqueles professores mais tradicionais, que tem receio de falar sobre sexualidade. Eles falam da forma mais científica, da forma mais popular, mas dentro do respeito que todos compreendem. Existia um projeto

Existe um projeto da Secretaria de Educação, faz dois anos, abordando essa questão da sexualidade. Vieram pessoas de lá e fizeram um grupo de alunos participar, pra trabalhar e depois desenvolver em cada turma. Mas esse projeto não caminhou muito não, teve alguns encontros e tal, mas eu não vi muito resultado. Existe essa preocupação da gente tá trabalhando, discutindo.

Com relação à questão racial, o projeto que tem aqui, que acontece todos os anos é no mês de novembro, o projeto da Consciência Negra, que quem fica responsável é os professores da área de humanas, tanto que esse trabalho, essa exposição que fica aí foi fruto desse projeto. Os alunos produziram esses desenhos, essas figuras para esse projeto. Por sinal, esse trabalho foi dos alunos do noturno. Na coordenação também tinha um trabalho, tipo uns rostos que a professora de artes fez com os alunos da tarde para esse projeto. Para a gente arrumar a escola e tal com esse projeto. Quando a gente tá trabalhando nisso, existe a questão da discussão, da valorização... e o projeto da consciência negra esteve muito voltado pra isso. Eu, em particular, em sempre digo... quando a gente começa a planejar é na jornada pedagógica, no início do ano. E tem uns dois ou três anos que a gente tava discutindo essa questão da consciência negra, do projeto e tal e aí abriu para um debate maior e eu falei assim: “eu acho que essa questão da consciência negra a gente deveria abrir para consciência humana”. Eu já ouvi entrevistas de pessoas falando que eu acho assim que o ser humano precisa ter essa noção de que o respeito vai além da raça. É o respeito pelo homem, pelo ser humano que independe de qualquer coisa. Mas como existe essa data, 20 de novembro, os professores da área de humanas trabalham. A gente sempre procura pessoas da área para fazer palestra para o ensino médio sobre esse tema.

Então essa questão do negro, essa questão racial é mais trabalho na última unidade, que é em novembro, com esse projeto. Esse projeto tem esse tema específico: trabalhar a consciência negra. Então assim no ano retrasado, a gente trabalhou a questão dos países africanos, tudo que acontece nos países africanos.... O ano passado foi Bahia, a gente trabalhou a questão do negro na Bahia, aí todas as personalidades negras de destaque que são baianos, a questão da poesia.

A gincana tem os dias... no ano passado foram quatro dias de gincana, que acontece na quadra com as tarefas. Então os alunos vão e apresentam as tarefas. Então tem uma tarefa que é aluno caracterizado de um escritor negro, que é baiano. Ele vai lá recita a poesia e tal. Tem várias... eu acho que eu tenho até aí as tarefas. Os alunos recebem com antecedência e faz. E em sala de aula os professores vão fazendo a discussão Porque não é só no dia chegar lá e apresentar as tarefas. Em sala de aula, os professores vão fazendo a discussão. Tem toda uma caminhada. A revolta da chibata e várias revoltas que aconteceram os professores trabalham, discutem com eles, tira as dúvidas. O momento da gincana é o momento final, é a culminância desse projeto. Mas a unidade toda eles vão trabalhando em sala de aula.

Então os professores de artes mesmo vão fazendo isso, vão trabalhando. Então essas máscaras, esses desenhos, figuras que eles fazem vão fazendo durante a unidade. E no fim quando está pronto que a gente faz exposição. Então é mais voltado para essa questão.

Agora eu vejo aqui na escola muito isso assim por parte da gestão. A gente teve grupo de alunos aqui negros, homossexuais, que sempre participam dos projetos. Tem o projeto de dança... porque esse específico da área de humanas, que é o da consciência negra, que é em novembro é dessa área. Mas agora mesmo em julho nós vamos ter o projeto que é da área de linguagens. É um projeto que a escola faz adesão, quem monta as regras, o regulamento é a secretaria de educação e as escolas podem aderir ou não. A gente já tem mais de seis anos, tem uns oito anos que a gente participa todo ano. Então envolve poesia, dança, música e pintura, né, artes visuais, as artes em tela. E assim: os meninos se envolvem muito. A questão da dança mesmo, praticamente, todo ano era esse grupo de dança, que são alunos que saíram daqui, que graças a Deus tão se dando bem nessa área envolvendo artes. Tão participando de programas, de propaganda, tão dando prosseguimento. E sempre se envolveram aqui e sempre tiveram total apoio. Essa questão mesmo do preconceito a gente sempre assim que todo mundo é preconceituoso. “Ah eu não sou preconceituoso”. Todo mundo é preconceituoso. Eu sempre digo quando eu converso assim com eles que quando a gente fala de preconceito a gente se volta muito para a questão do negro, da homofobia e tal.

Você lembra qual o nome do projeto montado pela Secretaria de Educação para discutir sexualidade?

Era Saúde... É porque hoje a professora Silvia não está aqui. É porque tinha o professor responsável da escola. Esse professor, ele selecionava -entre aspas – via aqueles alunos mais interessados que teria interesse em participar. Então formava um grupo, era 10 alunos e esse professor. E aí vinha uma pessoa da secretaria, tipo um minicurso de formação com acompanhamento pra depois difundir. Esses alunos iam mobilizar as outras turmas e tal, passar o que foi. Começou muito bem. Por sinal, esses 10 alunos acabou sendo todos da manhã os da tarde não se envolveram. Foram alunos da minha, vinham à tarde, tinham os encontros. Mas depois acho que teve alguma mudança. Porque cada projeto desse é de uma área, na secretaria tem vários setores. Tem a Ciências na Escola. Ciências na Escola é responsável por esses projetos da área de biologia. Então não sei se teve alguma coisa porque não foi adiante aqui. Tanto que a proposta era fornecer camisa para os meninos, mochila com todo esse material. Mas não aconteceu aqui.

Era um projeto para trabalhar sexualidade ligada a questões de saúde.

Gravidez na educação, métodos e tudo isso. Toda a questão da saúde sexual do jovem, do estudante. O objetivo desse projeto da secretaria era saúde na adolescência. Então trabalhar toda essa questão dos métodos, gravidez na adolescência, saúde, a parte de nutrição. Envolve tudo isso.

Fora esse projeto, na escola existe algum projeto, algum professor ou atividade que é desenvolvida para tratar de questões como uso da camisinha, ISTs, AIDS, hepatites viriais.

Há um bom tempo atrás, tinha. A gente tinha uma professora, ela não está mais aqui, já se aposentou. Tinha a professora Sandra de ciências e biologia... Então sempre tinha um projeto. Tem ainda. A feira de ciências. Depois eu vou até... é agora em agosto o setembro. Mas a feira de ciências, ultimamente, a gente tem pegado um tema muito de sustentabilidade. E aí os meninos trabalham com a questão de reciclagem, meio ambiente. Esse ano a proposta é que envolva saúde, sustentabilidade e meio ambiente. Então pode ser até que vá por aí. Mas a gente já teve, há um tempo atrás, projetos específicos para isso. Os meninos construíam cartazes, aí desenhavam os métodos contraceptivos, coloca a camisinha, fazia essa arte de demonstração. Era tipo uma feira. Os meninos iam visitar aquela sala e tinha um aluno lá explicando. A gente já teve isso bem forte aqui. Depois foi ficando.

É trabalhado dentro da disciplina, por exemplo, biologia. Naquelas turmas... porque não são todas as turmas, né? Pelo planejamento de biologia, corpo humano tá mais ou menos no segundo ano. Então as turmas de segundo ano, ela trabalha essa questão. Em ciências, nas turmas de sétimo ano. É específico dessa disciplina. Mas o projeto maior para discutir sexualidade a gente já teve no passado.

Os meninos que participam da pesquisa, no primeiro momento, afirmaram que a vivência aqui na escola para pessoas da comunidade LGBT, inclusive pela própria experiência deles é muito tranquila. A escola desenvolve alguma ação para que a violência que existe lá fora não ultrapasse o muro da escola?

É como eu te disse, não tem esse momento. É uma coisa que eu acho assim, é como se fosse natural. Primeiro eu acho assim, em uma escola, quando a gestão abraça alguma coisa, termina que aquilo dali vai difundindo. Talvez se a gente tivesse uma gestão, uma direção, vice-direção preconceituosa, que criasse alguma barreira, alguma coisa, talvez isso fosse passando para os professores e tal. Como a diretora é totalmente acolhedora para essa situação, Izabel também. A gente para e a gente escuta, isso vai difundindo.

Claro que assim, eu percebo que tem professores... não é que tem um preconceito assim que você percebe, mas nas entrelinhas, você percebe. As vezes até uma brincadeira, a forma de brincar, pode ter alguma coisa. Mas isso é muito, muito pouco, mas não chega a passar e eles perceberem.

No ano passado, teve algumas situações porque boa parte dos alunos vieram do Colégio Comboni, que fechou em Sussuarana. Então a gente não sabe como isso era conduzido lá. Aqui sempre foi assim. A gente sempre foi muito de acolher, de ouvir. E era assim: vai fazer um trabalho, vai. Como o da dança mesmo. Os meninos já dançavam aqui há muito tempo. Só que eles concluíram o terceiro ano e já saíram. É tudo muito normal, como tem que ser.

Quando esses alunos do Comboni chegaram, eu não sei se é alguma experiência da escola de lá. No início, foi assim muito impactante porque a gente percebia... Os alunos vieram e veio assim algumas meninas lésbicas e alguns meninos homossexuais, gays, e no início a gente percebia muito, principalmente, deles batendo de frente. Tudo que a gente falava eles batiam de frente. Eu entendo de qualquer um deles, qualquer aluno que veio de lá eles mudaram bruscamente de uma realidade. Muitos deles estudaram lá desde o sexto ano. Então chega no ensino médio muda de escola, outra realidade, outros professores. Totalmente a contragosto. Não foi nós que trouxemos eles pra aqui, não foram eles que quiseram vir pra aqui. Foi uma imposição da secretária porque fechou lá, acabou o colégio. E aí onde tinha vaga era aqui. Onde era mais próximo deles era aqui. Então eles vieram. E aí eles vieram com essa resistência. Era uma resistência muito grande. Tinham três anos que eram de uma turma mesmo, 2º ano C, no ano passado. Eram os três alunos gays e eles faziam de tudo assim pra chocar, discutir com o professor e criar situações assim que a própria turma ficava assim... Foi de um jeito que a turma ficou contra eles, pela postura deles, a forma de falar assim meio agressiva. Isso desde o início. Aí eu dizia assim “gente, vamos aguardar. Isso é natural de qualquer um. Quando a gente muda de ambiente a gente chega fechado, depois a gente vai se abrindo e tal”. Mas chegou ao ponto de os professores se reunirem no primeiro conselho de classe do ano passado e disse “oh! Vai ter que separar”. E são três turmas de segundo ano. Então vamos colocar um em cada sala, porque vai ser bom para eles e para a turma. Porque a turma no geral tava se prejudicando, porque os professores saiam de sala. Começava bate-boca, discussão, os professores saiam de sala e prejudicavam o restante. E aí fizemos isso. Pouco tempo depois quando a gente chamamos, reunimos, conversamos com eles. E aí falamos abertamente “você tão fazendo esse comportamento na sala. Os professores pediram em conselho, todos os professores assinaram”. A gente fez tipo ata do conselho. Colocamos que aqueles alunos, com o nome deles, precisam mudar de sala para o andamento da aula e tal e tal e tal. Os professores assinaram, a gente mostrou esse papel a eles e aí disse que a gente tava fazendo isso pra ver se melhorava e tal e tal e tal. Um deles questionou bastante e tal. Mas pouco depois de a gente fazer isso, um deles terminou que se desentendeu aí fora, um motorista agrediu, foi agredido também. Aí veio o pessoal do metrô, do circular. Conseguiram uma vaga e ele saiu daqui, foi estudar no Davi Mendes. E os outros dois mudaram, cada um ficou em uma sala. Resultado do meio do ano ficou tudo mais tranquilo. Tem um que mudou completamente aquela forma mais agressiva, tá super ... a relação com os professores... tem uma professora mesmo que teve um embate feio no início. Hoje são melhores amigos, de rede social e abraços, criou um vínculo bem forte.

E aí eu digo que assim, não sei como era a realidade lá. Mas com o tempo eles foram vendo que aqui funcionava desse jeito e eles começaram a se adaptar. Então as coisas foram acontecendo. Mas como eu disse, nunca houve um momento em que “vamos reunir os alunos. Os meninos e as meninas gays a gente vai ter que tratar desse jeito, vai ter que respeitar desse jeito”. Não. É uma coisa que é geral e que não nos dão trabalho. Só tem assim um caso, que faz até o trabalho contigo é o aluno Cleiton, que de vez em quando tem algumas coisas da postura dele, que os professores falam. E a gente já chamou, já conversou. Mas fora isso, os outros alunos que nós temos. A gente problema aqui de disciplina e tal, que são problemas da escola mesmo.

E com relação a esse mural que tem dois anos, aparentemente gays. Como surgiu a proposta de pintá-lo?

Esse mural e o painel que tem em frente à sala dos professores, que é um aluno sentado na escola e tem uma mensagem assim, tanto ele quanto o de lá quem fez foi um ex-aluno nosso. Mas ele já concluiu. Ele fez artes plásticas na UFBA. Um menino super inteligente, ele era aluno da manhã, eu só ouvia falar, depois que eu conheci ele. Mas os professores falavam que ele maravilhoso, que ele tinha um talento pra desenho, pra arte muito boa. E ele foi na Ufba e passou na Ufba. Isso tem muito tempo e conseguiu fazer o curso. E só que nesse percurso dele tá na Ufba fazendo, não se problemas familiares, não sei, desencadeou uma esquizofrenia. Ele tem um distúrbio mental, as vezes ele chega aqui sujo, ele entra e sai. Tem épocas que ele tá ótimo, ele chega aqui conversa e tal. Tem eles que ele tá pra baixo mesmo. Ele chega aqui depressivo. A gente fica até preocupado. Ele sai, fica aí, volta. A vem Edilene, a diretora, e diz “oh ele não tá bem”. Mas tem época que ele tá ótimo.

Aí a diretora convidou pra ele fazer isso aqui para a escola. Aquele dos direitos e deveres a gente pediu que ele fizesse alguma coisa pra ficasse ali pra o aluno tá sempre vendo e o de cá a gente deixou meio que livre. Como foi feito no período das férias, quando a gente retornou já estava pronto. Então ele fez num período que não tinha nem aluno, nem professor. Então eu não sei. Só Edilene mesmo pra dizer, a diretora, pra dizer se ela sugeriu que fosse desse jeito ou se deixou livre para ele fazer. Essa informação eu não sei te passar. Eu só sei que foi ele que fez.

E a gente tem um trabalho que a gente faz todo inicio de ano. Todo inicio de ano tem a jornada e na primeira semana a gente pega cada turma e leva pra sala que tem, de recursos, e faz um videozinho pequeno e discute com eles. Então a gente bota lá quais são... como é a escola, quais são os projetos

Esse ano mesmo a gente botou... eu achei interessante porque a gente botou, pegou uma gravura da internet e criamos um material pra falar sobre a questão do preconceito, bullying... a gente falando que tem que respeitar o colega, o bullying e tal e na gravura que se colocou... foi uma professora até quem montou o vídeo tem um cadeirante; tem um com um óculos bem fundo de garrafa, bem forte; tem uma sarará e não tinha o negro. Só que aí a gente foi passando, fazendo o trabalho e não me chamou atenção. Eu confesso que eu vi o vídeo antes de passar, eu mesmo passei pra algumas turmas, outros professores passaram pra outras turmas e não tinha e não me chamou atenção. E em uma turma que eu fui, do oitavo, tem uma menina Carla... Carla tem uma história interessante. Ela é lésbica e quando chegou aqui só faltava botar a escola pra baixo. Os professores só falavam em Carla, porque era de uma disciplina assim de aprontar de não respeitar, de bater, unha. Era uma situação. E a gente chamava Carla e nada. A minha vinha aqui. Mas ela dominava a mãe. A mãe nem abria a boca. E aí a gente sabia. “Ah Carla tem namorada”. E tinha uma outra menina aqui Grazi, que estudou aqui no sexto ano e depois saiu, foi pra outra escola e tal. E quando foi no ano passado voltou a estudar a noite. Grazi estudando à noite e Carla, à tarde. Eu não sei se já se conheciam do bairro, eu não sei. Eu só sei que Grazi, pela mãe ser deficiente visual, ela precisava estar em casa à noite porque não tinha quem tomasse conta. Aí ela veio, pediu ... Grazi já tem mais de 20 anos, tem 21 anos. Aí pediu pra conseguir botar ela à tarde, pra ela tá em casa à noite. Aí veio pra tarde. Aí eu não sei dizer se elas começaram a namorar quando ela veio pra tarde ou se já se conheciam. Eu sei que com essa chegada de Grazi aqui pra tarde, Carla se transformou em outra pessoa. Outro dia eu brincando com ela “Carla, você mudou. Os professores é só elogio”. Ela repetiu o sétimo ano

umas duas ou três vezes, ela conseguiu ano passado ser aprovada. Passou, estudou, faz as tarefas. Mudou o comportamento. Mudou aquela agressividade, aquela arrogância que ela tinha. Outra pessoa. Todo mundo diz foi Grazi que ... tanto que elas agora tão morando juntas. Essa semana a professora de português me disse q Grazi construiu uma casa e as duas estão morando juntas em Sussuarana. Mas assim foi uma transformação.

E essa Carla, quando eu fui fazer esse trabalho, no início do ano, que eu passei o vídeo. Aí eu falando da questão do preconceito que tem que respeitar, que cada um tem o direito de ser o que quiser, que a obrigação de todo mundo é respeitar, se é gay, se é negro, se é deficiente visual, cadeirante o que for, a gente tem que respeitar porque é um ser humano. Eu falando tudo isso pra eles e tal. Eles interagindo e tal. E ela falou ‘hein, Karen, você tá falando aí de preconceito, preconceito e por que nessa gravura aí não tem o negro?’. Em momento algum eu tinha percebido isso, quando ela falou que eu olhei eu “Carla, é mesmo não tem. Eu agora que tô vendo. Sabe por que não me chamou atenção? Porque é como eu acabei de dizer pra vocês: a gente vê o ser humano, eu não tô vendo se tem a figura de um negro aí. Pra mim, porque eu sei que outras pessoas talvez não tenha isso. Mas pra mim tendo a figura de um negro alí, eu vou respeitar, tendo cadeirante ou não. Porque eu vou respeitar a pessoa, independente dela ser... vai depender do caracter dela. Se é uma pessoa justa, uma pessoa honesta, pra mim se é isso tudo, não depende se é negro ou é branco ou é asiático ou é índio”. Aí eu disse isso a ela. E ela “aah mas devia ter”. Eu disse “realmente. Eu lhe prometo que todos os grupos agora que eu passar ou dizer isso. Posso citar seu nome? Eu vou dizer que foi a aluna Carla que chamou atenção para uma coisa que eu não tinha visto”. Aí toda as turmas que eu passei, eu falei “a aluna chamou atenção que não tinha um negro, mas deveria ter”.

Mas me chamou atenção isso. Que o aluno falou. Porque ela não se sentiu ali: representada. E a escola cometeu essa falha da gente não ter... Eu mesmo não estive atenta para isso. Eu não sei se eu agi corretamente ou não. A falha foi um erro assim que se passou e a gente não perceber isso, já que a gente tava falando sobre isso, preconceito.

A VOZ DO BOLIVAR

Edição 01 - Março 2019

EDITORIAL

Começamos este projeto com o entusiasmo e o medo característico de toda estreia. As borboletas estão eufóricas em nossos estômagos e o brilho, incandescente em nossos olhos. Somos jovens inexperientes, mas com muita vontade de acertar e captivar leitores e colaboradores.

A VOZ DO BOLIVAR é um espaço para discutir temas relevantes para sociedade como um todo, e também aqueles que dizem respeito à comunidade Bolívar Santana, que afetam diretamente o cotidiano de alunos, professores, técnicos e colaboradores em geral. Por isso, estejam à vontade para colaborar com o projeto através de críticas, sugestões e também conteúdos.

Para nossa primeira edição fomos ouvir o que tem a dizer algumas mulheres sobre seus anseios e vivências numa sociedade marcada pela desigualdade de gênero, que lhes coloca em situações de violências e opressões. Mas não lhes tira a força e garra necessárias para lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

Expediente

Editor: Ailton Sena

Repórter:

Rick Lima
Teu Negritto

Apoio:

Colégio Estadual Bolívar Santana

O 8 de março e a luta pela igualdade de gênero

Rick Lima e Teu Negritto

O dia 8 de março foi oficializado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como o Dia Internacional da Mulher. Mas, diferente do que muitos pensam e reproduzem em desejos de “feliz dia da mulher” ou no ato de dar flores e presentes, a data tem pouco a celebrar.



A instituição do Dia Internacional da Mulher retoma um histórico de lutas pela igualdade de gênero que tem origem dentro do movimento socialista para exigir direitos trabalhistas, num momento histórico em que as condições de trabalho delas eram ainda piores que as dos homens.

Os movimentos de mulheres têm sido importantes para garantia de direitos como o direito ao voto; a Lei Maria da Penha; criminalização do feminicídio, cota para mulheres na política, entre outros. Contudo, ainda longo caminho na luta pela igualdade de gênero a ser percorrido.

Para falar sobre a luta feminista, a importância do 8 de março e de suas vivências, fomos ouvir algumas mulheres.

“Ser mulher é tentar ser forte quando todos te colocam para baixo. E vencer batalhas todos os dias e, além de sair machuca-

da, sair sorrindo. Nunca é fácil ser menosprezada e continuar de pé, nunca é fácil ser a durona quando tudo que você quer e chorar. Mas me orgulho em ser mulher e tenho orgulho de muitas outras”.

As palavras de Jamile Correia, 17, definem a experiência de muitas mulheres ao redor do mundo. A jovem de 17 anos diz buscar igualdade e respeito, mas principalmente uma sociedade na qual se sintam bem, sem julgamentos ou críticas pelos seus atos. Uma sociedade na qual possa fazer escolhas sem ter medo do que vão pensar.

Para Jamile, as desigualdades de gênero se tornam maiores quando se trata de mulheres negras, pois são discriminadas por serem mulheres e também por serem negras. “Além de sofremos machismo também sofremos com o racismo”, denuncia. Contudo, ela afirma que há uma crescente luta contra os diferentes tipos de opressão que tem garantido a conquista de alguns direitos.



Jamile Correia

Lais Monique se identifica como *mulher preta, poetisa e dona de suas raízes, lutando e resistindo a todo momento*. Para ela, ser mulher é resistir desde o nascimento, buscando ocupar todos os espaços, quebrando tabus e reconstruindo uma sociedade igualitária.

“Nascemos vendo uma sociedade totalmente voltada a mostrar que o tal sexo frágil nunca lutou. Sendo que lutamos lá atrás, fomos rainhas, fomos guerreiras, fomos donas de casa, e acima de tudo, somos mulheres, luta e hoje espaço de fala”, afirma.

Com essas palavras, ela mostra um pouco de sua luta e revolta, que se justificava pelas várias vezes em que foi colocada em posição de inferioridade na colégio, no trabalho e até mesmo como poetisa, onde ela afirma gerar incômodo quando dá voz aos ansios de mulheres que dizem não a mentalidade machista.

“Espalhamos empoderamento para que, um dia, as mulheres que se mantêm caladas gritem em alto e bom som que não daremos mais nenhum passo atrás”, destaca.

Dona Maria da Natividade e Dona Antônia Lima, são duas mulheres diferentes mas com histórias bem parecidas. *São duas mulheres arretadas, como elas mesmo dizem, que carregam muita dor, mas também muita resistência.*

Nascidas no interior do estado, Antônia na cidade de Santa Bárbara e

Maria em Coração de Maria, afirmam que tiveram infâncias difíceis e de muito trabalho: acordavam cedo e dormiam tarde, sempre dando muito duro. Por não ter tempo para estudar, ambas só concluíram até a 4º série do ensino fundamental.

Na adolescência, vieram para Salvador e exerceram o ofício de empregada doméstica. Trabalhavam muito e recebiam pouco. Passaram toda a adolescência sendo assediadas pelos maridos de suas patroas.



Elas afirmam já se sentiram inferiorizadas pelo fato de terem vindo do interior, serem mães solteiras e pela falta de estudo. E, por isso, buscaram dar o melhor às suas filhas e netas, guiando-as para que não sofressem e oferecendo a elas a oportunidade de estudar para que pudessem se defender das opressões que ocorrem a todo momento na sociedade.

VOCÊ ESTUDANTE DO BOLIVAR SANTANA QUE GOSTA DE LER E ESCREVER OU QUER DESENVOLVER ESSAS HABILIDADES, PARTICIPE DO NOSSO JORNAL!

Entre em contato através do 71 99186-2914 (WhatsApp)!

Preferência para alunos que se identifiquem como homossexuais negros!

Fique Sabendo!!



Termina no próximo dia 10 de abril o prazo para solicitar isenção da taxa de inscrição do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

Têm direito ao benefício estudantes que estejam cursando o último ano do ensino médio, em qualquer modalidade de ensino, em escola da rede pública. E tenha cursado todo o ensino médio na rede pública ou como bolsista integral na rede privada.

A solicitação deve ser feita através do site do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

O resultado será divulgado no dia 17 de abril.

Projeto leva poesia para escolas de Salvador

O projeto Escola Politizada: Poesia da Quebrada foi selecionado pela chamada pública realizada pelo Ministério Público do Estado da Bahia. Com isso, receberá financiamento para realizar oficinas de poesia criativa para estudantes e professores de duas escolas públicas de Salvador: o Colégio Estadual Ruth Pacheco, em Sussuarana, e o Colégio Polivalente do Cabula.

A ação proposta pelos poetas Evamilson Alves e Rilton Junior e pela poetisa Maiara Silva pretende fomentar o interesse pela literatura e prazer na leitura nos estudantes e formar professores poetas que possam ser multiplicadores da arte através de uma arte-educação pautada na poesia.

A VOZ DO BOLIVAR

Edição 02 - Salvador, Abril 2019

EDITORIAL

Segundo o calendário nacional, 19 de abril é a data que celebramos o Dia do Índio. Mas será que há algo para os povos indígenas celebrarem nessa data? Há reconhecimento da importância e contribuição desses povos para o país?

Os povos indígenas foram os primeiros habitantes do Brasil, mas até hoje são tratados como hóspedes indesejados. Da população de cerca de 4 milhões, em 1500, hoje só resta 470 mil. Milhões foram mortos ao longo do violento processo de colonização pelo qual passou o Brasil e muitos ainda continuam morrendo. Os poucos que resistem estão sendo impedidos de garantir o direito às terras onde sempre viveram, ameaçados por latifundiários, mineradoras, usinas e indústrias.

A luta indígena é uma luta que diz respeito não só às suas comunidades, diz respeito a todos nós. Garantir a preservação do modo de vida indígena, que preza pelo cuidado com a natureza, é garantir a vida de todos nós. É ter a segurança de que a diversidade natural e suas implicações na qualidade do ar, da água e dos alimentos permitirá a existência das próximas gerações.

Expediente
Editor: Ailton Sena

Repórteres:

Rick Lima
Teu Negritto

Apoio:

Colégio Estadual Bolívar Santana

Empoderamento e lacração: conheça a “geração tombamento”

Ailton Sena e Rick Lima



Mambas
Foto: Rebeca Caravita

Blacks volumosos, dreads, tranças coloridas e uma diversidade de corpos e rostos negros. Esse é conjunto de imagens que o Google apresenta como resultado quando pesquisamos “geração tombamento”. A expressão é usada para se referir aos jovens que articulam discurso, estética e produções culturais para discutir e combater o racismo e outras formas de opressões, como gordofobia e lgbtfobia.

Winxs
Foto: Acervo grupo



“Eu me visto e me porto como quero independente do que a norma cis hétero branca julga ‘certo’ e ‘lacro’”, declara Salutari, integrante da dupla perfoliticomissal Mambas. Para ele, o chamado ‘close’ é uma ferramenta de luta que deve ser articulada com uma fundamentação teórica.

Na produção das Mambas, também é forte a visibilização de vivências marginalizadas: um processo, que, para Sued Hozanna, começa a partir de si mesma. “Acredito que este movimento de dentro pra fora faz com que a minha arte transmita verdade, que impacta de maneira incisiva outros corpos negros trans”, afirma ela que se considera uma “cronista da vida”.

“Acho que hoje em dia queremos tomar o todo tempo”, revela Ailton Santos, bixa preta, periférica, residente de Sussuarana. Shorts, roupas coloridas e muita purpurina fazem parte do seu dia-a-dia. Juntamente com seus colegas (Josias Oliveira, Ariel Ferreira, Gilson Santos e Rick Lima), ele integra um grupo chamado Winxs, que se reúne para dançar, recitar poesias e espalhar muito empoderamento.

“Winxs é bem mais que um grupo só de amigos”, explica Rick Lima. Para ele, transmitir suas vivências, seja através da dança ou da poesia, é um jeito de fazer sua voz e movimentos alcançarem outros espaços e pessoas.

A geração tombamento é também responsável por movimentos como a festa Batekoo, que nasceu em Salvador, e hoje conta com edições no Rio de Janeiro e São Paulo.



Dança: entre gratificações e desafios

Teu Negrito e Rick Lima

A dança, uma das manifestações artísticas mais animadas que existe, é homenageada no dia 29 de abril. A data foi escolhida pelo Comitê Internacional da Dança (CID) da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em homenagem a Jean-Georges Noverre, mestre do balé francês.

Na vida da coreógrafa Tacimeire Pereira, a dança está presente desde os 12 anos e hoje, com a equipe Cat Dance, ela se apresenta em Salvador, RMS e cidades do interior do estado. Mas conta que aqueles que resolvem investir na carreira enfrentam preconceitos que, muitas vezes, resultam no afastamento. “A sociedade é muito machista e pensa que dança é coisa de mulher, mas também condena as meninas que dançam de forma sensual”, conta.

resista e acredite na dança como plataforma de transformação. Ronald afirma que a dança e a cultura como um todo têm um estereótipo muito grande: os ofícios dessa área são considerados “coisas de vagabundo”. Segundo ele, a valorização acontece em alguns espaços onde há apropriação e fomento econômico nos contextos em que a arte é pensada a partir dos benefícios que promove à saúde e em contextos sociais de vulnerabilidade.



Ronald Castro
Foto: Acervo Pessoal

“Nós, artistas, somos super desvalorizados e desmotivados a todo momento”, reclama o bailarino Ronald Castro enquanto reflete sobre sua vivência como artista. Ele revela que os ganhos ideológicos, sociais e afetivos fazem com que

É nesse sentido, que desde 2013, Tacimeire tem usado a dança no projeto cultural que desenvolve em Sussuarana e tem beneficiado jovens que deixaram de ser cooptados pelo crime, adultos que sofrem de depressão e idosos.

SÓ

— FA
— LA

Katana

Composição e vocais
Salutari e Sued Hozanna

Cantar é o meu jeito de lutar
Por vida meu corpo preto clama
E nessa investida atroz
A minha voz será katana

Minha palavra é tipo katana
Cortando as bananfas
Que tentaram me jogar
Baçana!

Minha mente insana não deseja fama
Nem grana
Mas revolucionar nação
As pretas pari e nos gera essa geração
E tô na visão antes que seja tarde
Construindo união com mnta

coragem
Se aponta o dedo só pra preto a cara nem arde
Covarde!
Não tô aqui bricando
Não tô aqui de biscotagem
E as miragem branca a gente já sabe
Cabe a mente firme e pouca se passagem
A vida cobra
Não temos cota
Pra essa passagem
Se toca
Meritocracia é uma viagem
Casa cheia
Barriga vazia
A fome e a linguagem

Qual é da ronda?
Expia ser preto e ohda
Quem é que ronda?



FIQUE SABENDO!!



Os estudantes interessados em fazer o ENEM 2019 devem se inscrever no período de 6 a 17 de maio. As provas serão realizadas nos dias 03 e 10 de novembro. Com a nota do ENEM, os estudantes podem concorrer a vagas em universidades públicas e particulares.

Tarde de Sarau

No próximo dia 05 de maio, o Coletivo Pé Descalço promove mais uma edição do sarau A Rua Recita. O evento acontece, a partir das 14h, na Praça da Cruz Caída, no Pelourinho, e tem como tema “Como afrontar e lutar mesmo não sendo LGBT”.



Seguem abertas até o dia 07 de julho as inscrições para os cursos técnicos do SENAI. A instituição oferece bolsas para candidatos que tiveram média superior a 550 pontos nas últimas edições do ENEM. Para quem deseja concorrer às bolsas o prazo termina no dia 18 de junho. Acesse www.tecnicosenai.com.br para mais informações.

Vê farda o medo toma conta
E não me espanta a cara ser igual
Capitão do inato também era
serviçal
Serviço braçal
Abraçado pelo sistema
Feito de metal
A mira que já me condena
Mas eu tou de cena em cena
Propagando ideia
Aurando pensamento livre na
plateia
Esperem a estreia
Máis um preto no palco
Queen b dessa colmeia
Traz o pólen, mel eu faço
Mas não é fácil
Viver no fel
Produzir os favos
Mas cada passo dado
Compasso
Criar espaço
E no espaço
Ces são póeira
E eu um astro

Música disponível no Youtube das Mambas

A VOZ DO BOLIVAR

Edição 03 - Salvador, Maio 2019

Bolivar Santana conta com sala de atendimento para estudantes com deficiência



Ailton Sena, Rick Lima e Teu Negroito

Liliane Duques

O Colégio Estadual Bolivar Santana, desde setembro de 2018, conta com uma Sala de Recursos Multifuncional (SRM). Atualmente, a SRM presta atendimento educacional especializado para 12 estudantes e outros cinco estão por ser entrevistados para aferir sua inclusão no programa. Além do atendimento aos alunos, a SRM oferece oficina de Libras para a comunidade escolar (alunos e professores).

“A Sala de Recursos Multifuncional é um programa do governo federal que vem favorecendo o processo de inclusão de pessoas com deficiência, transtorno global do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Além de auxiliar no atendimento complementar dos alunos do programa de educação especial”, explica a professora Liliane Duques que é especialista em Educação Especial e LIBRAS e responsável pelo atendimento na SRM.

O público alvo atendido pela SRM são alunos com deficiência

(física, visual, auditiva, surdez, surdocegueira, intelectual), TGD (autismo clássico/síndrome de rett, síndrome de asperger), autismo crítico. Alunos com hiperatividade, déficit de atenção, dislexia ou dificuldade de aprendizagem não são público alvo da educação especial.

O processo de inclusão de estudantes no atendimento prestado pela SRM começa, geralmente, na matrícula. Se a família sinaliza que o aluno tem uma deficiência que faz parte do público alvo do atendimento, é feita uma entrevista com os familiares para obter mais informações sobre o aluno e o atendimento é marcado de imediato.

Contudo, outros alunos podem passar a receber atendimento da SRM mediante sinalização dos profes-

sores. “O professor sinaliza, eu chamo a família para conversar e ver se o aluno é público da educação especial ou não. Se não for, oriento e encaminho para um outro lugar; se for, já marco o atendimento do aluno”, explica Liliane.

O atendimento prestado pela SRM tem sido importante para estudantes como Lorena Silva, que é cega e cursa o 1º ano. “Na Sala de Recursos eu faço as atividades que não consigo fazer em sala e faço as provas pois não vêm em braile. É bem legal e faz com que eu me sinta bem”, afirma.



EXPEDIENTE
Editor: Ailton Sena
Repórteres: Teu Negroito, Rick Lima
Apoio: Colégio Estadual Bolivar Santana

Sexta-feira é dia de cultura no Bolivar Santana

Rick Lima

A Sexta-feira Cultural é um projeto que, na maioria das vezes, é organizado pelo Grêmio Estudantil do Bolivar Santana. Como o próprio nome diz, o projeto acontece às sextas-feiras, no intervalo entre as aulas (para alguns o famoso recreio), entre às 10h e 10h20 pela manhã; e entre as 15h50 e 16h15 pela tarde.

O projeto é aberto para que todo e qualquer tipo de arte seja apresentada. Poesia, dança, canto e batalhas de rap têm composto a programação das edições do evento. Os artistas são os próprios estudantes do Bolivar, que apresentam nas intervenções diversas vertentes culturais e mostram um pouco de suas vivências e personalidades.

Entre os artistas, temos o Matheus Douglas, também conhecido como Louko MC. Para ele, a Sexta-feira Cultural é um local para expor a cultura e descobrir novos

talentos, seja na dança, poesia ou qualquer outra modalidade. “Esse projeto serve para trazer mais igualdade, sem distinção de sexo, cor ou orientação sexual. Temos poetas e poetisas da comunidade LGBT e todos são bem-vindos”, pontua

Louko MC começou sua trajetória na música aos 14 anos. Na época, ele rimava e fazia pequenas batalhas nos cantos da escola, falando baixo e sem usar som, pois não tinha apoio da gestão escolar. “Poderia haver mais formas de estimular a cultura e fortalecer a arte dentro da escola, como aula de dança, canto e música ensinando às pessoas a importância de nossa identidade cultural”, sugere Douglas.



SÓ
— FÁ
— — — LA

NÃO ALTERA

Rick Lima

Fiz 18 anos mas pareço que tenho 8
Somente aos 12 tive a coragem de me assumir gay
Espera aí! Gay não. Bixona!
E em dois segundos de papo faço sua mente virar uma zona
Eu até lembro da minha vida passada
Ser hetero
Ir para igreja
Uma vida em preto e branco
Não entendia nada
Meu cabelo era mais liso que uma folha em branco
Vejo minhas antigas fotos e me espanto
Mas eu só queria me libertar
Arrancar as correntes e extravasar
Colocar um short curto e lacrar
Porque sou bixa, poc, afeminado e, ainda por cima, sou viado
Não vem pra cá impor padrão

Uso short curto sim, e não entendo o motivo da palhaçada
Porque se um boy se interessar por mim na balada
Ele não tá bebado
E a visão não está embasada
Pois convenhamos, eu sou uma bixa bem gata
Eu não preciso da sua opinião
O teu conceito não altera minha visão
Foi tanto SIM que agora digo NÃO
Não tô louca
Não tô rouca
Não tô na brisa
Não vou mais tapar o sol com a peneira
Você acha que é brincadeira?
Passar a vida inteira sem se pertencer,
Sem saber se vai viver quando o dia amanhecer?
Então, tira esse sorrisinho da cara e encara
Pois se eu fechar os



FIQUE SABENDO!!

INGRESSAR
Curso Municipal Pré-Enem



Estão abertas até o próximo dia **09 de junho** as inscrições para o projeto Ingressar. A iniciativa da Prefeitura de Salvador, oferece 800 vagas para curso gratuito de preparação para o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem). O programa é voltado para jovens entre 16 e 29 anos de idade, residentes em Salvador, que estejam cursando ou concluído o 3º ano do ensino médio em instituições públicas ou bolsistas de unidades privadas de ensino, além de egressos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os interessados devem se inscrever através de <http://www.ingressar.salvador.ba.gov.br>.



Seguem abertas até o dia **07 de julho** as inscrições para os cursos técnicos do SENAI. A instituição oferece bolsas para candidatos que tiveram média superior a 550 pontos nas últimas edições do ENEM. Para quem deseja concorrer às bolsas o prazo termina no dia **18 de junho**. Acesse www.tecnicosenai.com.br para mais informações.

olhos agora
Muitos vão enxergar o que está acontecendo lá fora
Porque eu não vi ninguém militando
Nem por Fernando
Nem por Miguel
Nem por mim
Que levei três murros na cara
Que mesmo sendo vítima
Me declararam culpado
E quem me bateu estava fardado
Com a simples justificativa
“Pow ele era viado”
Meu amigo foi espancado, o outro foi baleado e nada disso foi engraçado
E me desculpem se pareci revoltado lá atrás
Pois a bixa que se calava morreu há 6 anos atrás
Eu sei que te incomoda se não entro no padrão
E se falo de JESÚS me chamam de discípulo do cão
Desculpem minha garganta clama por revolução
E não irei me calar
E pra você entender boy
Pra me ter, vai ter que me beijar

A VOZ DO BOLIVAR

Edição 04 - Salvador,
Junho/Julho 2019

EDITORIAL

A quarta edição do A Voz do Bolívar traz dois temas que são de suma importância serem discutidos em nossa sociedade. O primeiro deles é a sexualidade humana, um tabu cercado de preconceitos e desconhecimentos que geram uma série de violências (física, institucional, familiar, psicológica, sexual, intrafamiliar, patrimonial) contra aqueles e aquelas que não vivenciam a sexualidade dominante. A passagem do dia 28 de junho, que é um marco da luta por direitos para a comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) serviu de argumento para tratarmos do tema em nosso jornal. A data é celebrada como o Dia Internacional do Orgulho LGBT devido a uma série de manifestações de membros da comunidade LGBT contra uma invasão da polícia de Nova York que aconteceu nas primeiras horas da manhã de 28 de junho de 1969 no bar Stonewall Inn.

Outro assunto que discutimos nesta edição é a gravidez na adolescência. Segundo dados da ONU, o Brasil apresenta um alto índice de adolescentes, entre 15 e 19 anos, grávidas. A taxa nacional é de 62 adolescentes grávidas para cada grupo de mil jovens. A taxa mundial corresponde a 44 para cada grupo de mil jovens. O fenômeno acontece com maior incidência em jovens de baixa renda que, ao engravidar pode ter menos chances de concluir os estudos, o que compromete sua empregabilidade, mantendo-a presa num ciclo de pobreza. Além disso, uma gravidez precoce coloca em risco a saúde da mulher e também da criança. A prevenção deste problema requer que as jovens tenham conhecimento e acesso a métodos contraceptivos, uma missão que requer participação da família e da escola.

Esperamos que você aproveite a leitura do material que preparamos e faça circular a informação.

EXPEDIENTE

Editor: Ailton Sena

Repórteres: Teu Negrito, Rick Lima

Apoio: Colégio Estadual Bolívar Santana

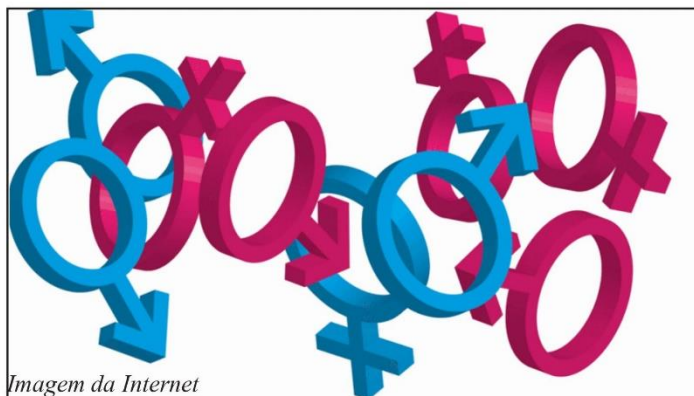


Imagem da Internet

SEXUALIDADES

Teu Negrito e Rick Lima física: rasgaram toda minha roupa e falaram que minha orientação sexual era falta de porrada”, conta.

Muitas pessoas acham que ao falar de sexualidade estamos falando de sexo, mas é importante entender que sexo se refere à diferenciação com base nos órgãos genitais (masculino ou feminino) e também pode ser compreendido como uma relação sexual, enquanto que o conceito de sexualidade está ligado a tudo aquilo que somos capazes de sentir e expressar. No entanto, nem todas as formas de expressar a sexualidade são igualmente respeitadas pela sociedade.

Staphanie Braga, que se assume bissexual, conta que enfrenta diversas dificuldades de aceitação na sociedade e na família. “Por muitas vezes, sofro com o preconceito quando se fala da minha orientação sexual. Para algumas pessoas, ser bissexual e estar indeciso consigo mesmo ou é um fetiche sexual”, denuncia. E continua: “quando me assumi para minha família, sofri muito, até mesmo violência

Gay, periférico e estudante de educação física, assim se identifica Rodrigo, 18 anos. Ele relata que assumiu ser homossexual aos 15 anos, depois de seu afastamento da igreja que frequentava. “Apesar das lutas constantes, ser gay para mim é resistir, prosseguir, ter fé em algo que acreditamos”, defende. Rodrigo conta ainda que a aceitação familiar não foi nada boa. Logo após conversar com os pais, foi expulso de casa e chegou a morar um tempo na rua por não ter para onde ir.



UMA GRAVIDEZ AOS 15 ANOS: CONHEÇA A HISTÓRIA DE BIANCA

O preconceito que enfrentou em casa, Rodrigo também enfrenta nas ruas. Ele conta que passou e passa por várias situações de homofobia e que sempre recorre a Deus. “Já prestei várias queixas e uma vez um dos agressores foi preso”, relata o jovem que sonha em ser professor de educação física e, acima de tudo, com um mundo onde todos possam ser o que são sem medo.

Enquanto pessoas da comunidade LGBT sofrem preconceito e discriminação, a heterossexualidade é vista como a única orientação sexual correta e obrigatória para todos. O conceito de heterossexualidade como uma identidade é algo muito recente. Mas a heterossexualidade não estava simplesmente presente desde sempre. E não há por que imaginar que sempre estará.

Para Raiane Brito, ser uma pessoa heterossexual é gostar das pessoas do sexo oposto e não ser mal-encarada por uma sociedade homofóbica. “Ser hetero não é uma escolha ou decisão, assim como não é ser uma pessoa LGBT, simplesmente nascemos assim”. Ela conta que embora saiba que não será vítima de represálias por demonstrar afeto em público, não se sente confortável em fazê-lo. “Penso em todas as pessoas LGBTs que, muitas vezes, não podem nem sair de mãos dadas desconfortável”, conta.

Durante o mês de agosto, o SIMM promove uma série de eventos de qualificação profissional. A programação inclui atividades como minicursos, palestras e treinamentos. Entre os destaques estão os minicursos de Operador de Telemarketing e Auxiliar de Logística. Os interessados devem se inscrever no SIMM-Comércio. Todas as atividades são gratuitas.



Teu Negrito

A adolescência, fase compreendida, segundo a Organização Mundial da Saúde, entre 10 e 19 anos, é uma época de várias descobertas, entre elas o início da vida sexual, que sem orientação adequada pode trazer riscos à saúde dos adolescentes. É grande a parcela da população jovem que ignora a existência de métodos contraceptivos ou, simplesmente conhece-os, mas não os adota.

Para Bianca Silva, que vive em Capim Grosso, uma pequena cidade do interior da Bahia, foi muito difícil a descoberta de sua primeira gravidez, com apenas 15 anos de idade. Ela conta que quando descobriu que estava carregando um bebê em sua barriga não sabia o que fazer. Passou dias na casa de sua amiga tentando entender a gravidez da família, mas isso acabou dando errado quando sua mãe descobriu e a expulsou de casa pois não aceitava a vida que ela iria levar adiante.

Bianca acabou indo morar com seu namorado e enfrentou dificuldades financeiras. Ela diz que passou muito dias chorando, se sentindo culpada por tudo que havia acontecendo em sua vida, mas a cada mês que sua barriga crescia ela sentia mais amor por seu bebezinho. Mas com 5 meses de gestação, a jovem acabou perdendo seu bebê e entrando em depressão.

Para a jovem, talvez Deus não tenha permitido a chegada de seu bebê e lhe dado a oportunidade de recomeçar sua vida. “Não que um bebê seja algo ruim, mas é um problema para uma adolescente sem dinheiro e sem aceitação da família”, justifica. Depois de tudo que aconteceu em sua vida, Bianca diz que vai cuidar da sua saúde, voltar a estudar para ter uma oportunidade no mercado de trabalho. Além disso, ela conta que pretende usar sua experiência para ajudar em campanhas contra a gravidez na adolescência e contribuir para que outras jovens se previnam contra gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis.

